OBRAS

DE

BERNARDIM RIBEIRO.

LISBOA.
ESCRIPTORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA,
Rua Augusta N.º 110.

1852

PROLOGO.

O nosso dialecto, derivado do romano adulterado pelo germano e arabe—effeito necessario das transformações sociaes porque passou o nosso sólo até o seculo XII, em que difinitivamente se constituiu o reino de Portugal — não é uma lingoa, como muitos pertendem, formada da castelhana. Erram os que lhe dão tal filiação. A differença é muita entre a pronunciação e construcção dellas. Menos pomposa, e por tanto mais simples e clara do que a hespanhola, presta-se melhor à conversação e á tradução rapida dos pensamentos, conservando na phrase a elegancia da cónstrucção arabe.

Apesar desta differença — bastante sensivel — os nossos poetas mais antigos escrevèram as suas obras em castelhano, ao passo que os historiadores, theologos, e jurisconsultos nos deixàram em

latim os seus escriptos! Para os nossos poetas compôrem as suas rimas naquelle idioma, sò achàmos a excusa — se a pode haver — de ter sido a nossa litteratura, ainda no berço, a irmã da litteratura hespanhola, e não se conhecerem então os nossos trovadores com forças sufficientes para largar as fachas, e soltar o passo.

Chegou, porem, o Seculo XV, que foi talvez a epocha de maior energia nacional. Os portuguezes rasgavam então os mares em demanda de novos climas e novas regiões; o braço do guerreiro, — que jà na patria não achava descridos com que batalhar, e que julgava pequeno, e por isso indigno delle, o terreno de Africa, — estendia-se até alcançar os habitadores de um novo mundo, para conquistar novos florões e desconhecidos tributarios á corôa de Portugal; o sacerdote, ardendo em zêlo pela religião do Christo, hia ousado rasgar as trevas da idolatria com a fè do Crucificado! em fim as artes renasciam, e a patria abundava em riquezas, accumuladas nella pelas descobertas e conquistas! Era o reinado de D. Manoel, a quem a Historia deu o epitheto de *Afortunado!*

A litteratura, seguindo o impulso da epocha, devia tambem erguer-se, e sahir dessa especie de dependencia, em que estava, da hespanhola. Assim succedeu; e então se fizeram celebres MACIAS, que hoje se coloca á frente dos poetas eroticos, e BERNARDIM RIBEIRO, que foi o introductor da egloga em a nossa poesia.

BERNARDIM RIBEIRO, victima, como diz a len-

da, de um amor misterioso e sem esperança, espalhou por todas as suas obras accentos de uma doce e terna melancolia; e as vozes dos personagens que nellas fez fallar, são antes a alma do poeta namorado, do que as vozes fingidas de um ente fantastico. Sentimentos tão intimos, magoas tão enternecidas, penas tão suaves, e affectos tão doces — nunca se criam; sentem-se — nunca se inventam; traduzem-se.

O nosso author foi prosador e poeta. Como poeta, è elegante e mimoso no seu estilo, e gracioso na frase: como prosador não tem menos direito á apreciação dos eruditos. Os amadores da nossa boa lingoagem teem-no em muito apreço.

Compoz elle um Livro, que intitulou MENINA E MOÇA, e só veio à estampa depois da sua morte. Ha quem diga que elle consta todo de allusões a amores do Paço, onde viveu. O certo è que foi prohibido no reinado de El-Rei D. João III, epocha do estabellecimento da Inquisição e da censura. A MENINA E MOÇA é por tanto a primeira obra com que se estreia a BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.

Têmos mais do mesmo author *cinco eglogas* que se encontram em todas as suas edições, e um romance que não achamos na primeira, e sim na de 1785, *Lisboa*, *Officina de Domingos Gonçalves.* Diogo Barbosa Machado, na sua BIBLIOTHECA LUSITANA, dá relação de outra egloga, que não vem nas edições das obras do nosso poeta, na qual são interlocutores *Egestio*, *Dalio*, e *Laureno*, e sahiu

impressa com as Rimas de Estevam Rodrigues (*Florencia* por *Zenobio Pignone*, 1623) marcada no fim com as iniciaes D. B. R. Tambem nos falla de uma excellente *Obra de Eccos*, que começa: « *Ecco pcis pelo meu mal*, » e que diz achou no *Cancioneiro* do *P. Pedro Ribeiro*, escripto no anno de 1577, que se conservava na Bibliotheca do Cardeal de Sousa.

Além destas obras de que falla *Machado* ha outras no *Cancioneiro* de *Résende*, e consta tambem que ainda ha mais alguma cousa inedita. Nesta collecção que estamos fazendo daremos tudo que podermos haver à mão.

O nosso distincto poeta, o Sr. José Maria da Costa e Silva, que actualmente está publicando o *Ensaio Biographico Critico sobre os melhores poetas portuguezes*, emittiu a seguinte opinião a respeito da MENINA E MOÇA de BERNARDIM RIBEIRO:

« E' quanto a mim, livro de cuja leitura os Poetas podem tirar muito proveito, porque nella depararão com abundancia muitos modos de dizer chistosos, energicos, e graciosos, grande copia de phrases pictorescas, e elegantes, muitos vocabulos que não merecem o desuso em que estam, tanto por sua clareza como por sua harmonia, muitos donaires de eloquoção, com que, usando-os a tempo, podem enriquecer o seu estylo. »

A MENINA E MOÇA pode ser classificada como um ensaio dos romances de cavallaria. Tracta de amores, como elles se practicavam, e delles

se escrevia nesses tempos cavalheirêscos, em que esta ordem tinha por obrigação defender as damas e desaffrontar os seus aggravos. Nesta parte a acção do romance é frouxa. Faltam-lhe peripecias e maravilhas surprehendentes. Se porem a MENINA E MOÇA como romance de cavallaria è frouxo na contextura, como obra de prosa portugueza é de immenso valor, por ser a primeira que se elevou até á expressão dos sentimentos apaixonados.

Deste escriptor poucas são as noticias que chegaram ao nosso conhecimento.

Nasceu Bernardim Ribeiro na Villa do Torrão, em Alemtejo. O dia e anno não nol-o sabemos, como tambem ignoramos o do seu fallecimento. Foi seu pai Luiz Esteves Ribeiro, que serviu de Thesoureiro do Infante D. Fernando, filho d'elrei D. Manoel.

Luiz Esteves deu ao moço Bernardim esmerada educação, como a havia naquelles tempos, mandando o estudar á Universidade, onde tomou gráos de curso juridico, e desde logo se distinguiu entre os condiscipulos pelas suas composições poeticas. Bernardim voltou a Lisboa ao cabo dos estudos, e entrou no serviço do Paço, na qualidade de Moço Fidalgo. Pouco tempo depois casou com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manoel de Menezes, Senhor de Cantanhede, e della houve uma sò filha, porque a morte lhe levou muito cedo a esposa.

Consta que Bernardim Ribeiro, além do seu

emprego no Paço, serviu com bom desempenho os cargos de Capitão Mòr da India, e de Governador da Fortaleza de S. Jorge da Mina. Tal foi o serviço que fez a elrei, que este o agraciou com a commenda da ordem militar de Christo, com bons rendimentos. E' quanto sabemos do nosso author. Agora concluirêmos este pequeno esboço biographico com o romance dos amores do nosso poeta, como elle vem narrado no citado livro do Sr. Costa e Silva. E' o seguinte:

«Bernardim Ribeiro, com uma liberdade mais que poetica, ousou amar nada menos que a Princeza D. Beatriz, filha d'ElRei D. Manoel, e dirigir-lhe as suas homenagens como á Senhora dos seus pensamentos.

«D. Beatriz, longe de escandalisar-se com o atrevimento do Trovador, em logar de desaprovar que elle tomasse um vôo demasiado alto, acceitou benevola os seus rendimentos, e correspondeu à sua paixão com uma paixão igual, havendo por grande ventura ser a Laura d'aquelle Petrarca. Elle a celebrava em suas cantigas, e adorava com um fogo, e uma idolatria, que é facil de suppôr.

«Gozavam os dous amantes tranquillamente as doçuras deste commercio, mais doce porque era secreto, quando chegaram a Lisboa Embaixadores do Duque de Saboia para destruir a sua ventura, pedindo para seu amo a mão de D. Beatriz.

«Pòde suppor-se a afflicção do Poeta, e da sua amante, as lagrimas, e suspiros que verteriam

com esta separação: as protestações, e juramentos de um e outro: mas o golpe era insuperavel: El-Rei D. Manoel acolheu benignamente a embaixada, julgou vantajosas as nupcias, depressa se concluiram, e ajustaram as condições, celebraram-se os desposorios, e a Princeza partiu.

«Bernardim Ribeiro ficou como doudo, e o caso não era para menos; do alto da Serra de Cintra viu confundir-se no horisonte o navio que fendendo os mares levava consigo D. Beatriz com a sua ventura, e as suas esperanças.

«O Poeta ficou por largas horas immovel, debulhado em lagrimas, e com a vista cravada no ponto longinquo em que, os mastros do baixel haviam cessado de apparecer a seus olhos. Tornado a si, mal disse furioso a sua desventura, chamou por Beatriz, e pela morte, porém nem Beatriz, nem a morte acudiram ao seu chamado.

«Desde então a vida se lhe tornou odiosa, fugiu da corte, e dos homens, passava os dias sepultado em uma gruta, meditando na sua desventura, ou deplorando-a nas suas Endeixas, e as noites vagueando pela Serra de Cintra, e chamando a brados pela sua amada, e entalhando seu nome para memoria nos troncos dos sobreiros.

«Accrescentam mais os engenhosos authores desta legenda romantica, que Bernardim Ribeiro, cançado um dia de fallar às arvores, e ás aves, e passear por cima de penedos, tomando o bordão, e as vieiras de peregrino, sahira de Portugal, e se fizera na volta de Saboia.

«Chegando alli depois dos trabalhos e perigos de tão longa jornada, indagou qual era a Igreja onde a Duqueza costumava ouvir Missa, e esperando-a na porta, lhe pediu esmolla quando passou. A Duqueza que logo o conheceu, apesar da differença do traje, e do transtorno que as magoas, e saudades haviam feito em suas feições, parou, e dando-lhe esmola, lhe disse baixo em portuguez: — Já lá vai o tempo dos antigos galanteios. —

«Bernardim Ribeiro, dando-se por mal despachado com esta resposta, e com maior magoa, que levara, pondo-se immediatamente a caminho voltou á Serra de Cintra, onde terminou em breve os seus dias.»

Terminarêmos este prologo, que só escrevèmos para dar noticia do nosso poeta, dizendo alguma cousa das edições que este seu livro teve, por qual nos guiàmos neste trabalho, e o motivo porque alteràmos a orthografia.

Na BIBLIOTHECA LUSITANA, de Machado, deparámos nòs com o seguinte:

«Por diligencia de seu parente Manoel da Silva Mascaranhas fidalgo da Casa d'el-rei, e Governador da Fortaleza de Outão, se imprimiu:

«Primeira parte de MENINA e MOÇA, *ou saudades de Bernardim Ribeiro*. Evora, por Andrè de Burgos 1557 — 8.º; e *ibid*, pelo dito Impressor, 1578; e Lisboa por Pedro Crasbeeck, 1645.»

Alem destas ha a de 1785, *Lisboa*, *Officina de Domingos Gonçalves*.

Tinhamos por esta indicação as datas precisas de quando este Livro viéra pela primeira vez à estampa. Só nos faltava encontrar um exemplar, o que sobre maneira seria difficil, não sò por ter sido prohibido no reinado de D. João III, mas tambem pela noticia que tinhamos de muito antes de nòs os amadores da nossa boa lingoagem o haverem procurado, e não o terem encontrado. Jà desanimavamos da empreza, e haviamos principiado a reimpressão servindo-nos da edição de 1785, que o Sr. José Maria da Costa e Silva nos dà como mais correcta que as precedentes, quando conseguimos haver à mão a primeira edição (1557). Achàmos, pela confrontação dellas tão truncada e alterada a de que nos serviamos, que julgàmos conveniente, e até mesmo um grande serviço às letras patrias, começar de novo a a sua impressão, regulando-nos unicamente pela primeira. Eis o motivo porque a BIBLIOTHECA PORTUGUEZA reimprimiu immediatamente este livro. Os nossos assignantes podem confrontar as duas edições, e acharão a primeira, tão cheia de erros, e por tal forma mutilada, que em varios sitios fica escuro o sentido e suspenso o leitor.

Procedendo de novo a este trabalho entendêmos tambem que seria muito conveniente abandonar a orthografia antiga, para tornar a obra mais intellegivel, conservando com tudo aquellas palavras antiquadas, que servem para lhe dar o cunho da epocha em que foi escripta. Reproduzir um livro, seguindo religiosamente até os pontos é

as virgulas da sua primeira edição, é um fanatismo tão louco, que em vez de se perpetuar a obra que se dá á estampa, e vulgarisal-a, serve unicamente para della arredar os leitores, e deixal-a por tanto no esquecimento a que se pretendia arrancal-a. Ainda mesmo ha outro motivo tambem muito forte para corroborar esta nossa opinião, e vem a ser que os antigos nas suas impressões eram muito incorrectos tanto na ortografia como na pontuação.

Os Editores da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA, dão por esta forma um testemunho solemne e honroso de que, nesta empreza, mais levam em mira o credito e a honra da litteratura nacional, do que o ganho ou interesse que podiam recolhêr, se unicamente se limitassem a mercadejar com as letras. Muitas obras raras, e de subido merecimento, temos nós esquecidas, porque aos emprehendedores faleceu o animo, pela mesquinhez do nosso mercado, de as evocar á luz publica; e outras de não menor valia, correm por ahi estragadas e adulteradas, porque os seus Editores, ou as não comprehenderam, ou lhes faleceu tambem esse amor do estudo que faz supperar as difficuldades à força de zêlo. A gloria, portanto, de sêrmos os primeiros que nos abalançàmos a uma emprêsa, tão nobre e tão honrada, já a BIBLIOTHECA PORTUGUEZA não pode perder. Agora está da nossa parte o conserval-a pela boa escolha das obras e originalidade do nosso trabalho.

Do desempenho aqui apresentâmos já uma pro-

va. A MENINA E MOÇA está reimpressa sobre a primeira edição que della se fêz.

LISBOA 15 DE JANEIRO DE 1852.

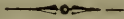
Os Editores.

MENINA E MOÇA

OU

SAUDADES

DE

BERNARDIM RIBEIRO.

PARTE I.

CAPITULO I.

Menina e moça me levaram de casa de meu pai pera longes terras: qual fosse então a causa daquella minha levada, era pequena não na soube. Agora não lhe ponho outra, senão que já então parece havia de ser o que depois foi. Vivi alli tanto tempo, quanto foi necessario pera não poder viver em outra parte. Muito contente fui eu naquella terra; mas coitada de mim, que em breve espaço se mudou tudo aquillo que longo tempo se buscou, e pera longo tempo se buscava. Gram desaventura foi a que me fez ser triste, ou que pola ventura me fez ser lèda. Mas depois que eu vi tantas cousas trocadas

per outras, e o prazer feito magoa maior, que a tanta paixão vim, que mais me pezava do bem que tive, que do mal que tinha. Escolhi pera meu contentamento (se antre tristezas e saudades ha algum) vir-me viver a este monte, onde o lugar e mingoa da conversação da gente fosse, como pera meu cuidado cumpria: porque grande erro fora depois de tantos nojos, quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanço, que elle nunca deu a ninguem. Estando eu aqui sò, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; donde não vejo senão serras de um cabo, que se não mudam nunca, e do outro aguas do mar, que nunca estão quedas; onde cuidava eu jà que esquecia á desaventura, porque ella, e depois eu, a todo poder que ambas pudemos, não leixamos em mim nada em que pudesse nova magoa ter lugar. Antes havia muito tempo que é povoada de tristezas, e com razão; mas parece que em desaventuras ha mudanças pera outras desaventuras: porque do bem não na havia pera outro bem; e foi assim, que por caso estranho fui levada em parte, onde me foram ante os meus olhos apresentadas em cousas alheias todas minhas angustias: e o meu sentido d'ouvir não ficou sem sua parte da dôr. Alli vi então na piedade que houve doutrem, camanha a devera ter de mim, se não fora tão demasiadamente mais amiga de minha dôr do que parece que foi de mim, que me é causa della: mas camanha é a razão porque sou triste, que nunca me veio mal nenhum, que eu não

andasse em busca delle. Daqui me vem a mim a parecer, que esta mudança, em que me eu vi, jà então começava a buscar, quando me esta terra, onde me ella aconteceu, aprouve mais que outra nenhuma, pera vir aqui acabar os poucos dias de vida, que eu cuidei que me sobejavam. Mas nisto, como em outras cousas muitas, me enganei eu. Agora ha já dous annos que estou aqui, e não sei ainda tão sòmente determinar pera quando me guarda a derradeira hora: não pode jà vir longe. Isto me poz em duvida de começar a escrever as cousas que vi, e ouvi. Mas depois cuidando comigo disse eu, que arrecear de não acabar de escrever o que vi, não era cousa pera o leixar de fazer: pois não havia de escrever pera ninguem, senão pera mim sò. Quanto mais que em cousas não acabadas, não havia de ser nova: que quando vi eu prazer acabado, ou mal que tivesse fim! Antes me pareceu que este tempo que heide estar aqui neste ermo (como a meu mal aprouve) não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse: pois Deos quiz, que assim minha vontade seja, se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leam, que por ventura parecendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto onde eu estivesse me doeria, porque assaz bastava eu nascer pera minhas magoas, e não ainda pera as d'outrem. Os tristes o poderão ler: mas ahi não os houve mais homens depois que nas mulheres

houve piedade: mulheres sim, porque sempre nos homens houve desamor: mas para ellas não no faço eu: que pois o seu mal he camanho, que se não pode confortar com outro nenhum pera as mais entristecer, sem razão seria, querer eu que o lessem ellas: mas antes lhes peço muito que fujam delle, e de todas as cousas de tristeza, que, ainda com isto poucos serão os dias que hão-de poder ser ledas: porque assim está ordenado pela desaventura com que ellas nascem. Pera uma sò pessoa podia elle ser; mas desta não soube eu mais parte delle, pois que as suas desditas, e as minhas, o levaram pera longes terras estranhas; onde bem sei eu, que vivo ou morto, o possue a terra sem prazer nenhum. Meu amigo verdadeiro quem me a vós levou tão longe? Que vòs comigo, e eu com vosco sòs, sohiamos a passar nossos nojos grandes, (e tão pequenos pera os de depois.) A vòs contava eu todo: como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza: nem parece ainda senão que estava espreitando jà que vòs fosseis. E porque tudo mais me magoasse, tão sòmente me não foi leixado em vossa partida o conforto de saber pera que parte da terra ieis. Ca descansarão os meus olhos em levarem pera là a vista. Tudo me foi tirado no meu mal: remedio nem conforto nenhum houve ahi: pera morrer asinha me pudera isto aproveitar: mas pera isto não me aproveitou. Ainda com vosco uzou a vossa desaventura algum modo de piedade (das que não acostuma fazer com nenhuma pessoa) em vos alongar da vista desta

terra; que pois pera não sentirdes magoas não havia remedio, pera as não ouvirdes vol-o deu. Coitada de mim, que estou fallando, e não vejo eu ora que leva o vento as minhas palavras, e que me não pode ouvir a quem eu fallo! Bem sei eu que não era pera isto a que m'eu ora quero pôr, que o escrever alguma cousa pede muito repouzo: e a mim as minhas magoas ora me levam pera um cabo, ora pera outro: trazem-me assim, que me é forçado tomar as palavras que me ellas dão, porque não sou tão constrangida a servir o engano, como a minha dór. Destas culpas me acharão muitas neste livrinho: mas da minha ventura foram ellas. Ainda que, quem me manda a mim olhar por culpas, nem por desculpas? O livro ha-de ser do que vai escrito nelle. Das tristezas não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem ellas. Tambem per outra parte não me dá nada que o não leia ninguem; que eu o naõ faço senão pera um só, ou pera nenhum; pois delle, como disse, não sei parte tanto ha: mas se ainda me está guardado, pera me ser em algum tempo outorgado, que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos, muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assaz.

CAPITULO II.

EM QUE A DONZELLA VAI PROSEGUINDO SUA HISTORIA.

Neste monte mais alto de todos (que eu vim buscar pela suavidade differente dos outros que nelle achei) passava eu a minha vida como podia; ora em me ir polos fundos valles que os cingem derredor, ora em me pôr do mais alto delles olhar a terra como ia acabar ao mar; e depois o mar como se estendia logo apos ella, para acabar onde o ninguem visse. Mas quando vinha a noite acepta a meus pensamentos, que via as aves buscarem seus pouzos; umas chamarem as outras; parecendo que queria assossegar a terra mesma; então eu triste com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia pera a minha pobre casa (onde Deos me é boa testemunha de como as noites dormia) Assim passava eu o tempo, quando uma das passadas pouco ha, levantando-me eu vi a manhãa como se erguia fermosa, e se estendia graciosamente por antre os valles, e leixar inda os altos. Cá o sol, já levantado tè os peitos, vinha tomando posse dos outeiros, como quem se queria senhorear da terra. As doces aves batendo as azas andavam buscando umas às outras; os pastores tangendo as suas frautas, e rodeados dos seus gados, começavam àsso-

mar polas comiadas. Para todos parecia que vinha aquelle dia assim ledo: os meus cuidados sós vendo como vinha seu contrario (ao parecer poderoso) recolhiam-se a mim, pondo-me ante os meus olhos, pera quanto prazer e contentamento podera aquelle dia vir, se não fora tudo tão mudado; donde o que fazia alegre a todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste. E como os meus cuidados, pera o que tinha a ventura ordenado, me começassem de entrar pola lembrança de algum tempo, que foi, e que nunca fora, senhorearam-se assim de mim que me não podia já sofrer a pár de minha casa, e desejava ir-me por lugares sós, onde desabafasse em suspirar. E inda bem não foi alto dia quando eu (parece que assinte) determinei ir-me pera o pè deste monte, que d'arvoredos grandes, e verdes ervas, e deleitosas sombras é cheio; per onde corre um pequeno ribeiro de agua de todo o anno, que nas noutes calladas, o rogido delle faz no mais alto deste monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o sono; onde outras muitas vou eu lavar minhas lagrimas; e onde muitas infinitas as torno a beber. Começava então de querer cahir a calma: e no caminho com a pressa por fugir della, ou pola desaventura que me levava a mim, tres ou quatro vezes cahi alli: mas eu (que depois de triste cuidei que não tinha mais que temer) não olhei nada por aquello, em que parece que Deos me queria avizar da mudança que depois havia de vir. Chegando à borda do rio,

olhei pera onde havia melhores sombras: parece-ram-me as que estavam alem do rio: disse então que naquello se enxergava que era desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver: porque não se podia ir alem sem se passar a agua que corria alli mansa, e mais alta que na outra parte. Mas eu (que sempre folguei de buscar meu dano) passei alem, e fui-me assentar de sob a espessa sombra de um verde freixo, que pera baxo um pouco estava; algumas das ramas estendia per sima d'agua, que alli fazia tamalavez de corrente, e impedida de um penedo que no meio della estava, se partia pera um, e outro cabo, murmurando. Eu que os olhos levava alli postos, comecei a cuidar que tambem nas cousas que não tinham entendimento havia fazerem-se nojo umas às outras. Estava dalli aprendendo tomar algum conforto no meu mal: que assim aquelle penedo estava enojando aquella agua que queria ir seu caminho (como minhas desaventuras do outro tempo sohiam fazer a tudo o que eu mais queria, que jà agora não quero nada) e crecia-me daquello um pezar; porque a cabo do penedo tornava a agua a juntar-se, e ir seu caminho sem estrondo algum, mas antes parecia que corria alli mais depressa que pola outra parte: e dizia eu que seria aquello por se apartar mais azinha daquelle penedo, imigo de seu curso natural, que como por força alli estava: não tardou muito que estando eu assim cuidando, sobre um verde ramo que por sima da agua se estendia, se veio pousar um

roussinol. Começou a cantar tão docemente que de todo me levou apos si o meu sentido d'ouvir. E elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia, que como cansado, queria acabar; senão quando tornava como que começava. Então (triste da avezinha) que estando-se assim queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua. Cahindo por entre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella. Pareceu aquello sinal de pezar naquelle arvoredo de caso tão desestrado. Levava apos si a agua, e as folhas apos ella, e quizera-a eu ir tomar: mas pola corrente que alli fazia, e polo mato que d'alli pera baxo acerca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista. O coração me doeu tanto então em vèr tão asinha morto quem dantes tão pouco havia que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas. Certamente que por cousa do mundo, depois que perdi outra cousa, me não pareceu a mim que assim chorasse de vontade: mas em parte este meu cuidado não foi em vão; porque inda que a desaventura daquella avezinha fosse causa de minhas lagrimas, là ao sahir della foram juntas outras muitas lembranças tristes. Grande pedaço de tempo estive assim embargada dos meus olhos, antre os cuidados que muito havia que me tinham jà então, e ainda teraõ té que venha o tempo que alguma pessoa estranha de dò de mim com as suas mãos serre estes meus olhos, que nunca foram fartos de me mostrarem magoas de si. E estando assim olhando pera onde corria a agua, ouvi bulir o arvore-

do. Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo: mas olhando pera alli vi que vinha uma mulher; e pondo nella bem os olhos vi que era de corpo alto, desposição boa, e o rosto de dona, senhora do tempo antigo; vestida toda de preto; no seu manso andar, e meneos seguros do corpo, e do rosto, e do olhar parecia d'acatamento: vinha sò; na semelhança tão cuidadosa, que não apartava os ramos de si, senão quando lhe impediam o caminho, ou lhe feriam o rosto; os seus pés trazia per antre as frescas ervas, e parte do vestido estendido por ellas. E entre uns vagarosos passos que ella dava, de quando em quando colhia hum cançado folgo, como que lhe queria falecer a alma. Sendo acerca de mim, e me viu, ajuntando as mãos (à maneira de medo de mulher) um pouco, como que vira cousa desacostumada, ficou; e eu tambem assim estava; não do medo, que a sua boa sombra logo m'o não consentiu, mas da novidade daquello que ainda alli não vira, havendo muito que por meu mal tinha continuado aquelle lugar, e toda aquella ribeira. Mas não esteve ella muito, que parece conhecendo tambem como estava com uma boa sombra, começou a dizer (vindo contra mim) Maravilha é ver donzella em ermo; depois que a minha grande desaventura levou a todo o mundo o meu (e dahi a grande pedaço mesturado jà com lagrimas, disse) filho. Depois tirando um lenço começou àlimpar o rosto, e chegar-se pera onde eu estava. Alevantei-me eu então, fazen-

do-lhe aquella cortezia, que me ella com a sua, e comsigo mesma, obrigava. E ella: O descostume grande (me disse) que ha grande tempo que vivo neste ermo de ver pessoa alguma, me faz senhora desejar saber quem sois, e que fazeis aqui, ou que viestes a fazer, fermosa, e só. Eu que um pouco tardava em lhe responder, pola duvida em que estava do que lhe diria (parece-me qne entendendo-me ella) a mim podereis dizer tudo, me tornou, que eu sou mulher como vòs, e segundo vossa presença vos devo ainda ser muito conforme; porque me parece (agora que vos olho de mais perto) que deveis ser triste, que vossos olhos tem vossa fermosura desfeita, e ao longe não se enxergava. Pareceis vòs logo ao longe (respondi eu) o que sois ao perto: e não vos saberia negar cousa em que de mim vos servisseis, que os vossos trajos, e tudo o que vos eu olho, vem cheio de tristeza, cousa a que eu sou á muito tempo conforme: e porque posso mal encubrir o senhorio que eu mesma às longas magoas sobre mim tenho dado, não me quero rogar, mas antes vos devia ainda de agradecer quererdes saber de mim o que quereis, pera ser ao menos meu mal escuitado algum hora. Pois dizei-mo (me tornou ella) que ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é tambem de me obrigardes; mas assim me pareceis vòs, que de vos ser obrigada folgo muito ainda. Satisfazendolhe eu então, disse: Fui uma donzella que neste monte da banda d'alem deste ribeiro pouco ha

que vivo, e não posso viver muito; noutra terra nasci, noutra de muita gente me criei, donde vim fugindo pera esta despovoada de tudo, senão de sò as magoas que eu trouxe comigo. Este valle per onde correm estas aguas claras que vedes, os altos arvoredos de espessas sombras sobre a verde erva, e flores, que por aqui aparecem, e a seu prazer se estendem, ribeiras desta agua fria, doces moradas, e pouzos das sós deleitosas aves, são tão conformes a meus cuidados, que o mais do tempo (que o sol assegura a terra) passo aqui, que em que me vejais sò, acompanhada estou. Muito ha que tenho andado este caminho: nunca vi senão agora a vòs. A grande saudade deste valle, e de toda esta terra por aqui derredor, me faz ouzar vir assim mulher (fermosa bem vedes já que não) e pois não tenho armas pera ofender, pera me defender jà pera que me seriam necessarias? A toda parte posso já ir segura de tudo, senão só de meu cuidado, que não vou a nenhum cabo que elle não và apos mim. Agora dantes estava eu aqui só (olhando pera aquelle penedo) mas tirando eu então dalli, como estava anojando aquella agua (que queria ir seu caminho) ante os meus olhos sobre aquelle ramo que a cobre, se veio pòr um roussinol, docemente cantando; de quando em quando parecia que lhe respondia outro lá de muito longe. Estando elle assim no melhor do canto cahiu morto sobre aquella agua, que o levava tão asinha, que o não pude eu ir tomar. Ca-

manha magoa me cresceu disto, que me acordei de outras minhas, de que tambem grandes desastres causa foram, e levaram-me onde me eu tambem não podia ir tomar. A estas palavras se me arrasaram os olhos de agua, e fui com as mãos a elles. Isto senhora fazia quando vós aparecestes, e o faço as mais das vezes: porque sempre eu choro, ou estou pera chorar. Eu que lhe tinha já respondido, detive-me um pouco cuidando como lhe perguntaria outro tanto della: maiormente da causa que foi das suas lagrimas (quando não pode senão muito tarde dizer: filho). Ella cuidando que pola ventura eu não queria dizer mais, disse: Bem se vê nisso, senhora, que sois doutra parte, e ha pouco que estais nesta, pois dos desastres que neste ribeiro acontecem vos espantais. Cá uma historia muito fallada nesta terra por aqui derredor, muito ha que aconteceo; lembra-me menina, e ouvi-a já então contar a meu pai por historia; agora inda folgo de cuidar nella polos grandes acontecimentos e desaventuras que nella houve. E ainda que nenhum mal alheio possa confortar o proprio de cada um, parte de ajuda me é saber pera o sofrimento, que antigo é fazerem-se as cousas sem razão, e contra razão. De boa vontade, pois parece ainda que a não ouvistes, vola contarei; que segundo entendo devem-vos dar prazer as cousas tristes, como me vós a mim dizeis. O sol (lhe respondi eu) vai alto, e eu folgaria muito de a ouvir, pola ouvir a vòs, e depois por saber co-

mo não busquei embalde esta terra pera minhas tristezas, pois tanto ha que se custumam nella. Outra cousa senhora vos quizera eu agora perguntar; mas fique pera depois, que pera tudo haverá tempo, ainda que pois a historia dizeis que é de tristezas, não poderá durar tão pouco como o dia. Os dias são agora grandes (me tornou ella) e não poderão elles nunca ser tão pequenos, que vos eu a todo meu poder não fizesse a vontade nelles; assim sou senhora pagada de vós: mas olhai o que quereis antes. Porque é cousa em que vòs folgais ainda agora de cuidar (lhe respondi eu) não pode ser pouco pera desejar d'ouvir: fique o que eu dantes quizera pera depois, ou pera sempre; que só de o eu querer lhe deve vir isto. Não tomeis de aqui, que eu não folgarei de ouvir a historia, porque esto podera ser se não fora de tristezas pera que eu vou achando já agora o tempo curto, tanto folgo com ella; por isso contai-a senhora, contai-a, pois é de tristezas; gastaremos o tempo naquello pera que me parece que vol-o deram, a vós, e amim.

CAPITULO III.

DA CONTA QUE A DONA DÀ À DONZELLA DE SUA VINDA ÀQUELLA TERRA.

Coitada de mim (começou ella) que pera me magoar busco ainda desaventuras alheias, como que as

minhas não abastassem; que são tantas, que muitas vezes neste despovoado eu mesma ando espantada de mim como as posso sofrer: por isso vos não parecia sem causa triste, que assim o sou eu, que se o soubesseis, ainda muito mais vol-o pareceria do que cuido que parecerei na presença: porque da longa dôr que ha jà muito tempo que eu passo, tem o cansado deste meu corpo tão costumado a sofrel-a, que já agora vive nella. Este é um dos queixumes grandes que eu tenho do corpo, que não ha cousa pera que elle por longo costume não seja; que assim ha já muitos annos que eu não vivo pera mim, e que vim pera estes ermos fugindo das gentes, pera quem sò anoiteceu e amanheceu. Muito m'aprouve achar-vos tambem conforme á minha tristeza; porque nos consolaremos ambas desconsoladas: que isto vai assim como quem é doente de alguma peçonha, e se cura com outra. E quando vos eu da primeira vi, em o apartamento de toda a gente (que nesta terra ha muito) e o muito que tambem ha que eu não vi nella cousa com que fallasse, me moveu a alteração, e não puz em vós os olhos tanto como depois que vos fallei; e quanto mais vos olho mais acho que vos olhar. As passadas palavras vossas me dizem, que deveis de ter o coração altamente agravado. Nas magoas que as lagrimas tem feitas no vosso rosto (que pera esse efeito parece que não foi dado) entendo eu quam dada deveis ser aos cuidados, que não soem elles fazerem-se debalde. Vejo-vos moça; ainda creis pera viver no

mundo: mal haja a desaventura que tão cedo começou em vós, e tão tarde acaba em mim. Muito folgaria de me contardes vossa tristeza, uma, e uma, que assim como vola eu ouvi, não me abastou mais que pera me magoar. Mas pois vós senhora assim fostes servida, eu sou contente, e por outra parte folgo pelo vosso. Cà pois não podestes escusar desaventuras, menos é virdes ter mal que folgueis ter encuberto, que o pesar a este bem; inda que não aproveite pera elle doermo-nos, aproveital-o quero pera se sofrer melhor. Isto é assaz pera as tristezas das mulheres, que não tem remedios pera o mal que os homens tem: porque nesse pouco tempo que ha que eu vivo, tenho aprendido que não ha tristezas nos homens; sò as mulheres saõ tristes: que as tristezas quando viram que os homens andavam de um cabo pera outro, e, como as mais das cousas, com as continuas mudanças ora se espalhavam, ora se perdiam, e que as muitas ocupações lhe tolhiam o mais do tempo, tornaram-se ás coitadas das mulheres; ou porque aborreceram as mudanças, ou porque ellas naõ tinham pera onde lhe fugir. Cà certamente, segundo as desaventuras são desarresoadas, e graves, aos homens se haviam de fazer: mas quando com elles naõ poderam tornaram-se a nòs, como à parte mais fraqua. Assim que padecemos dous males, um que sofremos, e outro que se não fez pera nós. Os homens cuidam outra cousa, mais do que das mulheres não cuidam. Logo costumaram ter em pouco as suas tristezas.

Mas se elles por isso tem razão de serem mais tristes, sabel-o ha quem souber, que magoa é manter verdade desconhecida. A isto naõ pude eu ter hum cansado sospiro de dentro d'alma; e ella sentindo-o (com quanto o encubri) estendeu a sua direita mão, e tomando a minha, com dissimulação suspeitosa, tornou a fallar pera mim dizendo: Quando eu éra da vossa idade, e estava em casa de meu pai, nos longos serões das espaçosas noites do inverno, antre as outras mulheres de casa, dellas fiando, e outras devando, muitas vezes pera enganarmos o trabalho ordenavamos que alguma de nós contasse historias, que naõ leixassem parecer o seraõ longo; e uma mulher de casa jà velha, que vira muito, e ouvira muitas cousas, por mais anciaã, dizia sempre que a ella pertencia aquelle oficio: e então contava historias de cavalleiros andantes. E verdadeiramente as afrontas, e grandes aventuras que ella contava a que se elles punham pelas donzellas, me faziam a mim haver dò delles. Que cuidava eu, que um cavalleiro apostamente armado sobre seu fermoso cavallo pola ribeira de um rio, de gracioso campo passeando, podia ir tão triste como uma delicada donzella em alto aposento, encostada a seu estrado, antre paredes só podia estar, vendo-se de altos muros cercada, e tantas guardas (feitas pera tão pequena força) mas pera lhe tolherem as vontades fizeram grandes defezas e pera lhe entrar o nojo muito pequenas. Mais maneiras tem os cavalleiros pera se mostra-

rem mais tristes do que são: e mui menos tem as donzellas pera se mostrarem mais tristes do que parecem aos homens. Ao menos se eu depois que soube muitas cousas pudera tornar atraz, menos-me houveram de magoar do que me magoaram. Que tambem se deve esperar da dôr aquello pera que cada um a tem: de outra maneira não se devia ella ter. Digo isto senhora porque polo lugar onde suspirou vosso coração (que vòs de mim quanto podieis vos quizereis encobrir) sospeito eu que d'alguma grande sem razão deveis trazer o cuidado magoado: porque a vossa idade não era pera matos. Se os homens não acostumaram agravar donzellas muito fora de sentir; mas das cousas costumadas quem se deve de agravar. Muito bem vos posso dizer isto (ainda que o conhecimento dantre nòs seja pouco) porque sou mais velha que vòs, e porque é verdade pera que se-não deve esperar tempo como pera as outras cousas. Quantas donzellas comeu já a terra com a saudade que lhe leixaram cavalleiros, que come outra terra com outras saudades? Cheios são os livros de historias de donzellas que ficaram chorando por cavalleiros que se iam, e se lembravam ainda de dar d'esporas a seus cavallos, porque não eram tão desamorosos como elles. Neste conto não entram sòs os dous amigos, de que é a historia que vos eu dantes prometi. Nelles sò cuido que se encerrou a fé que em todo los outros se perdeu: e creio que por isso ordenaram outros homens de os matarem à traição mámente, porque se não parecia

com elles. Cá o mal não tão sòmente avorreceu o bem, mas não quizera ainda que o houvera ahi. Lembra-me que quando meu pai contava a vileza da maneira que tiveram os falsos cavalleiros pera matarem os dous amigos, dizia que mui folgara de a não ouvir pola não saber, pois não viera em tempo pera leixar d'ir á terra magoado, que já geração delles não havia ahi. Mas se muito pera sentir foi a morte dos dous; muito mais pera sentir foi a das tristes duas donzellas, que a desaventura trouxe a tanta estreita, que não sòmente conveio aos dous amigos tomarem a morte por ellas, mas ainda conveio ellas tomarem-na per si mesmas. Os dous amigos no que fizeram satisfizeram a ellas, e a si mesmos a que eram tidos pola cavallaria que mantinham: ellas sós satisfizeram com elles, o que eu creio, que é de maior estima; porque ellas por outros não fizeram aquillo, e elles por outras deveram-no de fazer. Assim que como de pessoas que fizeram mais, se deve tambem a morte de sentir mais: mas ainda que a mim igualmente me doem umas e outras; ellas porque eram mulheres, e elles porque eram homens. Isto digo eu pera vós, e pera mim, porque meu filho tambem era homem como elles.

CAPITULO IV.

DAS PALAVRAS QUE A DONA COM A DONZELLA PASSOU.

Com estas palavras começaram as lagrimas a correr polas suas faces abaxo, e ella soltando a falla, seguiu dizendo: Perdoarme-eis, senhora, que por minha idade bem vos posso chamar filha, se muitas vezes me virdes fazer isto, ainda que a vòs não vos devem lagrimas ser estranhas, pois tanto folgastes de buscar lugares sós como estes donde estais, que já em outro tempo dizem que foram cheios de mui nobres cavalleiros, e fermosas donzellas; e ainda agora por aqui a lugares acham moças que guardam gado, pedaços d'armas, e joias de grande valia, o que parece que faz este valle de mais triste sombra que outro nenhum. Não sei este desconcerto do mundo onde hade hir ter: um tempo foram estes valles muito povoados, e agora muito desertos: sohiam gentes andar nelles, agora andam alimarias feras: uns leixam o que outros tomam! pera que eram tantas mudanças em huma sô terra? Mas parece que tambem a terra se muda como as cousas della: e esta porque passou o tempo de quando foi leda, veio este de quando havia de ser triste. De muito povoada, e de edificios reaes nobrecidos, tornou-se de altos arvoredos (como os a natureza produzia) a povo-

ar. Ainda em alguns cabos deste valle estaõ algumas antiguas arvores, que polo muito discurso de tempo, e de costume de como foram criadas, parece jà doutra pomagem diferente daquella que deviam ser quando, ajudadas de pumareiras mãos, ellas produziam seu perfeito fruto. Tudo quanto ha neste valle é cheio de uma lembrança triste, pera quem tiver ouvido o que dizem que aconteceu nelle, e o que foi jà em outro tempo; que pareceria então que não era pera vir a este de agora. Mas tudo é assim. Em fim fazem-se umas cousas pera outras, pera que se não faziam. Mal cuidariam os dous amigos, quando aceitaram a empresa de guardar as aventuras deste valle (pera sò aprazer ás fermosas duas donzellas) que era pera tanto seu desprazer dellas. E tambem mal cuidaram ellas, quando aquelle dia (da grande desaventura) se vestiram, e concertaram ricamente, pera verem os dous cavalleiros amigos; que era pera os não verem mais. Trazem-nos os nossos fados não sei que ante os olhos, que temos as cousas diante, e não as vemos. Tudo anda trocado que não se entende; e assim nos vem tomar as magoas quando estamos mais assegurados dellas, que nos doem a um mesmo tempo, o bem que perdemos, e o mal que depois cobramos. Aqui deu ella um grande suspiro, e esteve como que quizera dizer outra cousa: e tornou dizendo: Mas tempo é de cumprir o que vos prometti. Cà bem vejo muito ha hoje que me leva minha dôr apos si.

CAPITULO V.

DO QUE LAMENTOR PASSOU NAQUELLA PARTE ONDE FOI APORTAR COM A SUA NÁO, E DA BATALHA QUE TEVE COM O CAVALLEIRO DA PONTE, E DO QUE MAIS LHE SUCEDEU.

De reinos estranhos dizem que veio n'um tempo passado ter a estas partes um nobre e famoso cavalleiro. Aportou cerca daqui em uma náo grande carregada de muita riqueza, e sobre tudo de duas fermosas irmãas, e uma a que elle mais que a si queria. E porque ella não sentisse a saudade de sua terra, trouxeram outra irmãa donzella, mais pequena que aquella por quem elle vinha buscar terras estranhas. Cà contam que ellas eram filhas de um alto homem, como se depois por tempo suspeitou, polos muitos cavalleiros andantes que polo mundo foram espalhados naquella sazão. Mas esta historia serà longa. Aportando Lamentor (que assim se chamava) nestas partes, como digo: havida inteira informação da terra, e da gente della; como elle viesse da maneira que vinha, naõ queria fazer seu assento em nenhum lugar muito povoado; e saindo um dia pola manhãa da náo com todas suas riquezas, começou caminhar por este valle a riba (que pera tudo tinham jà seus criados o concerto necessario). Em umas ricas andas, que Lamentor na náo

trouxera, iam as duas irmãas; porque a maior vinha prenhe de dias. E a manhaã era graciosa (porque assim parecia que se acertou pera lhe a terra mais contentar) e o anno no mez de Abril quando florecem as arvores; e as aves (que tè então estiveram calladas) começavam andar fazendo as querellas do outro anno: polo que per antre o arvoredo deste valle (bem podeis cuidar quejando seria então, pois agora é tanto) estavam ellas tomando solàz n'uma cousa, ora em outra. Cà tudo buscava Lamentor pera que sua senhora, e a donzella sua irmãa, em alguma maneira perdessem a saudade de sua terra, e o nojo do mar. Sendo elles acerca de uma ponte que ahi logo ainda está, e querendo-a passar, lhe disse um escudeiro que no começo della estava: Senhor cavalleiro, se quereis passar convem que façais uma de duas: ou que confesseis que o cavalleiro que mantem este passo quer bem com mais razão que ninguem; ou o determinará a justa. Muitas cousas havia mister de saber (lhe respondeu Lamentor) quem houvesse de responder a essa pergunta; e como se pode saber se quer elle bem com mais razão, sem ouvir primeiro onde, ou como o quer? Mas por agora disso eu não me curo: porque a mim basta-me saber, que por mais razão com que elle queira, eu o quero mais que elle, e que todos os do mundo. Isto, que sei certo de mim, me escusa saber mais delle: e a condição com que elle guarda esta ponte, e a razão que tem pera isso, guarde-a pera si; que po-

derá ser que parecêra a mór do mundo. Deveis, bom escudeiro, dizer-lhe que faria bem leixar-nos passar, antes que o julgue a justa. O escudeiro que já olhara pera as andas, e nunca cousa tão bem lhe parecera, lhe tornou: E' escusado pera elle esta embaixada; porque está tão ufano, que não pode agora ninguem com elle; (e na verdade tem causa) porque fará daqui a oito dias tres annos que elle mantem este passo, sem achar cavalleiro que o vencesse; sendo o mais continuado delles, que por toda esta terra ha; E então se acaba o prazo, que lhe foi dado per uma donzella mais fermosa que nestas partes se sabe; filha do senhor daquelle castello, que alli parece; em que lhe ella prometeu seu amor, sendo esta ponte por elle guardada com a dita condição. Mas se elle fosse sabedor da companhia que vós trazeis, com razão devia temer agora mais que nunca: mas eu não lho posso ir dizer, que já outras vezes lhe levei assim embaixadas, e elle tornava-me má resposta: e sucedendo depois á sua vontade, m'o deitava em rosto, como que minha tenção ficasse polo seu acontecimento culpada. Ora pois determine-o a justa, disse Lamentor, olhando já pera as andas; e tirando d'um tiracolo o escudo tocou uma corneta. E dahi a um pouco leixou-se sahir d'um espesso arvoredo, que alem da ponte estava, um cavalleiro bem armado a cavallo, e vindo-se direito pera a ponte, alli houveram ambos justa, em que meu pai contava muitas cousas de gran-

de esforço e valentia, que vos eu não contarei: porque inda que as mulheres folguem muito de ouvir cavallarias, não lhe està bem contaremnas; nem ellas parecem nas suas bocas como nas dos homens que as fazem. Mas contudo disseravo-las eu se me lembraram inteiramente: porém não me lembram, senão que contava meu pai que romperam tres lanças, e á quarta cahiu o cavalleiro da ponte; e com a queda grande do encontro (que tambem foi grande) ficara sem se poder levantar um pouco. Lamentor se apeou rijo: e, quando chegou, o achou sem falla; e descobrindo-o lhe pareceu como mortal. Mas dahi a um pouco acordou todo mudado na côr, e levantando os olhos pera Lamentor, que sò com elle estava, com um suspiro: Ai, ai, cavalleiro, lhe disse; quem vos nunca vira prouvera a Deos, ou que ao menos vos não tornàra a ver! Lamentor houve delle dó, maiormente de suas lagrimas que lhe viu; e tomando-o polo braço o ajudou a erguer, dizendo: Do amor, senhor cavalleiro, vos podeis queixar com razão: que assim como vos elle a vós fez aqui guardar este passo, me fez a mim fazer-vos nojo: de vol-o ter feito me peza como homem; que fazer-vo-lo foi como namorado. Noutra alguma cousa de vosso contentamento vo-lo emendarei quando mandardes. O cavalleiro da ponte que assim o viu mesurado, bem lhe pareceu razão de lhe agradecer aquella vontade; mas camanha era a dôr que tinha no coração, que não pode acabar de forçar a sua. Com tudo,

porque era de alta criação e amor demasiado, lhe disse (como desculpando-se): Não vivo em terra de razão, mas eu irei tomar vingança delle noutras alongadas desta, onde não veja cousa com que os meus olhos descansem: ainda que esta vingança bem me pesa, porque hade ser de mim, e de meu cuidado. E assim se virou pera outro cabo, e deu a andar pelo valle abaxo: e como elle da queda grande que dera ficasse mal tratado, e (segundo depois pareceu) quebrasse alguma cousa de dentro, não foi muito pelo valle abaxo, que acabando um seu escudeiro de tomar o cavallo, começando d'ir apos elle, o alcançou perto dalli: e achando-o já lançado no chão de bruços foi pera o erguer, e viu que elle era em estado de morte. Começou a choral-o feramente; e Lamentor que o ouviu, deu a correr pera lá; e vendo como estava o escudeiro com seu senhor como mortal nos braços, desceu-se prestesmente, e foi-se pera elle; e vendo-o no derradeiro termo de sua vida, e como esmaiado: Qu'é isto senhor cavalleiro (lhe começou a dizer) esforçai, que este é o passo verdadeiro pera que tomastes a ordem de cavallaria. E elle acordando pôz os olhos em Lamentor, e estendeu-lhe vagarosamente a mão direita, como em sinal que parecia de paz. Com uma voz cansada no esforço: Se me elle podera valer (disse) perdoara eu tudo, e pois me falece agora aqui quem me a mim tanto cumpre de vêr. . . E com a força que se fez pera dizer isto (como homem

que tinha alguma dôr grande de dentro) foi-se-lhe o folgo, e serrando os seus olhos ficou como passado deste mundo: mas dahi a um pouco os tornou a abrir, e fazendo menção com o rosto pera aquella parte donde estava o castello da donzella por quem guardava o passo, e que todo aquelle valle descubria, levando pera la os olhos, parece que lembrando-lhe que não tinha já mais que oito dias pera acabar o prazo que lhe fora assinado, e como cousa que lhe mais magoava, ainda disse estas derradeiras palavras: O' castello, quão perto agora antes estava de vós? e com isto leixaram-se-lhe os seus olhos ir cansadamente serrando pera sẽpre.

CAPITULO VI.

EM QUE SE DIZ A RAZÃO PORQUE O CAVALLEIRO DA PONTE SOSTINHA AQUELLE PASSO, E DE COMO SUA IRMAÃ ALLI VEIO TER.

Chegadas eram jà alli as andas com as duas irmãas e toda a outra gente, e vendo como o cavalleiro da ponte (que desarmado jà o rosto tinha) era de fermosura, e presença estremada, e ainda mancebo, todos ficaram muito tristes de camanho desastre. Lamentor que via como o escudeiro estava lançado aos pès de seu senhor tristemente chorando, havendo delle compaixão, que, assim na pratica que com elle tivera de antes na

ponte, como naquello, lhe parecera de boa maneira e discrição, foi-se pera o consolar; e tirando-o fòra dalli donde estava chorando, lhe disse: tè nas cousas proveitosas a temperança é muito louvada: os choros naõ aproveitam pera nada; por isso é muito mais necessaria nelles, nem se devem de ter senão como cousa que se não pode escusar. Vosso senhor falleceu como cavalleiro: e ainda vos digo que as pessoas que lhe bem queriam não devem ser tristes, antes se devem alegrar muito, que foi de tão alto coração, que não pode soportar ser vencido; que sel-o, ou não, està na ventura. Desta desaventura minha, sò (disse o escudeiro chorando) pois fico, não me peza tanto a mim senhor, como por ser tomada por quem é. Os cavalleiros por amores, tornou Lamentor, (dezejando saber o que esto era) tudo lhes està bem fazer. Em lugar, lhe respondeu o escudeiro, que lhe seja agradecido: mas meu senhor sobre todas as cousas do mundo queria bem a uma donzella, que não tinha pera elle mais armas que a fermosura; porque a vontade (segundo ella mostrou) nunca foi delle: mas antes disseram algumas pessoas de sua casa, que o dia, que ella concedeu o prazo, chorou muitas lagrimas; e que nunca o concedera se não fòra por seu pai, que lhe era tão afeiçoado a meu senhor (e com razão) que acabo de longo tempo alcançou isto de sua filha; e ainda à hora de sua morte. Todos ficaram espantados d'ouvir isto; porque o cavalleiro da ponte era fermoso, e o fizera na justa grandemente. Lamen-

tor a quem disto pesou muito polo esforço que elle na justa lhe vira (com gram menencoria) disse: Consolai-vos que amor nunca perdeu desamor: tarde ou cedo vereis vingança. O escudeiro chorando, tornando-se lançar aos pès de seu senhor: Ai senhor cavalleiro, disse, pera a morte não ha ahi vingança. Lamentor o tornou a erguer dizendo-lhe: Que pera o chorar haveria tempo: que por então curasse de entender no que havia de fazer. O escudeiro lhe disse que iria dahi a uma jornada donde estava uma fortaleza de seu senhor, em que vivia uma sua irmaã viuva, a quem o elle dera pera lhe comer as rendas em tanto que elle seguia as aventuras: e dahi viria o concerto pera o levarem ao jazigo de seus antecessores: e que por então leixasse Lamentor um seu escudeiro que o guardasse. O sol hia jà declinando, e era tempo de repouzar; mormente quem do mar sahia. E porque naõ muito longe daquelle lugar e da ponte, estava um assento gracioso d'arvoredo, e corria per antre elle agua, ordenou Lamentor d'alli jantai: e assim o fez. Depois dizendo ao escudeiro que queria ir repouzar naquelle lugar, que lhe daria as andas em que o levassem, e que se lhe mais cumprisse que de boamente o faria, o escudeiro tendo-lho em mercê, disse-lhe: Que assim fosse. E começando-se a ordenar tudo, foi assim ser acaso que a irmaã do cavalleiro da ponte; porque sabia que não havia mais que oito dias pera se acabar o prazo em que seu irmão (que ella muito queria) todo o seu conten-

mento tinha posto, determinara de vir ahi o dia de antes com grandes concertos e atavios, como aquella que lhe devia, por amor e obrigação, acompanha-lo até fim. Cà havia ella por certo que a acabaria com grande honra; pois tanto tempo mantivera sua aventura, que não havia já cavalleiro em toda essa parte que por alli não tivesse passado. E acertou então de vir: e vendo aquelle ajuntamento e as andas, não soube que dizer: mas logo lhe deu o coração uma volta, e chegando-se rijo viu o escudeiro, que ella bem conhecia, andar correndo: perguntou-lhe que cousa era aquella? olhou e viu o irmão jazêr já sobre uns panos ricos (que Lamentor lhe mandara pôr) e apeando-se apressadamente, foi correndo pera elle, e lançando os seus toucados em terra, começou ir carpindo-se cruelmente os seus cabellos (que longos eram) pera onde o corpo de seu irmão morto jazia, dizendo: Pera a dòr grande não se fizeram leis. Isto dizia ella, porque era costume muito guardado naquella terra, que ficara d'outro tempo, sob grandes penas prohibido, não se pôr mulher nenhuma em cabello senão por seu marido. Chegando a elle o abraçou muitas vezes, e o beijou, dizendo: Irmão meu que morte foi esta, que assim vos levou tam azinha que vos não pude fallar? Quão enganada me trouxe até aqui do vosso castello a desaventura? Que desconcertos da fortuna são estes? Pera verdes outrem tomaveis vòs esta empreza: e eu pera ver a vòs parti de casa: e tudo era pera não ver-mos o que desejavamos. Tris-

te de mim, que quando me vòs com outro rosto fostes correndo abraçar-me, dizendo: Daqui a tres annos, senhora irmaã, haverei a cousa do mundo mais dezejada, e de vossa licença, que mais quero; logo me deu n'alma, e disse-vos: Que largo prazo esse pera quem o recebe: cá quem o põe parece que o não põe pera al. Mas vòs que pera isto quizestes este bem, como que não folgaveis de o haver, me tornastes: O grande amor assegura esta demanda. Inda mal muitas vezes, porque foi tão grande: mas não me comerá a mim a terra com esta dôr, sem fazer, todo meu poder que custe o largo prazo, alguma cousa áquella que tanto custou a vòs, e a mim. As duas irmaãs, que já dantes eram descidas pera darem as andas, se foram pera ella, e tomando-a antre si começaram a agazalha-la, á maneira de a quererem consolar, que a linguagem daquella terra não a sabiam. Ella com alta voz disse: Leixai-me, senhoras, chorar meu irmão, pois não tem outrem que o chore. Chegou-se Lamentor que sabia a falla, e andara todas as partidas, e disse: Os cavalleiros, senhora, que em feitos d'armas acabam como vosso irmão, não devem ser chorados como os outros homens: cá elles acham o que buscam. Vòs, senhora, posto que muitas cousas tenhais pera ser triste, pola perda que perdestes nelle, que era o melhor cavalleiro desta terra toda, tendes tambem muita razão de louvar a Deos por elle ser tal: leixai o pranto, e vêde o que mandais que faça; que parece, senhora, escandalo curardes

mais de vossa dôr que de vosso irmão, em quanto o tendes diante. Nisto chamou o escudeiro, que lhe dissesse como estava dantes ordenado. E ella o houve por bem, e fez-se assim. E puzeram o cavalleiro da ponte sobre as andas em ricos panos: e a irmaã, chorando, pediu que a mettessem com elle. Lamentor a tomou polo braço, e a donzella polo outro (que a irmaã naõ podia) e puzeram-na dentro. E querendo Lamentor soltar os paramentos das andas, como cousa de tanto dò, se chegou mais pera ella, e disse estas palavras: Ainda que o tempo, senhora, seja pera outra cousa, porque não sei quando vos tornarei a vêr, de mim sabei certo que podeis fazer a vosso serviço: o mais sabereis do escudeiro. E ella não tornou resposta, que hia cuberta toda, lançada jà sobre o rosto de seu irmão, chorando. Elle soltou os paramentos assim: e foram-se.

CAPITULO VII.

COMO DEPOIS DE PARTIDA A IRMAÃ DO CAVALLEIRO DA PONTE, POR APRAZER AQUELLE LUGAR A LAMENTOR, ORDENARA FAZER ALLI SEU ASSENTO.

TRISTES ficaram todos por aquella desaventura; mas Lamentor, que não esquecia quem trazia consigo, alimpando os olhos das lagrimas que lhe aquella partida assim fazia, veio-se pera onde sua

senhora com a irmaã estava, com estas palavras: Ora nós podemos, senhora, ir; que na mortalha alheia não temos mais que fazer: e, tomando-as cada uma per sua mão, mandou os seus pera aquelle lugar que dantes lhe parecera bem, dizendolhes o que haviam de fazer entrementes. Foramse então todos pôr sobre a ribeira deste rio, olhando pera elle. Falando em outras cousas estiveram alli um pouco, porque o mais azinha, que ser podia, foi armada uma rica tenda, e concertado de comer, que todo vinha em grande abastança. Repouzaram até bem tarde que as andas tornaram. E por não serem já horas pera caminhar se leixaram ficar alli aquella noite (que a fortuna tinha já ordenado que fosse pera sempre.) Belisa (que assim se chamava aquella senhora que vinha prenhe) em mentes alli estiveram, antes que as andas viessem, adormeceu-se: e acordando um pouco agastada, viu apar de si Lamentor, e lançando-lhe amorosamente os braços sobre o pescoço, esteve assim cuidadosa um pouco. E elle vendo que sonhara, polo desacordo com que acordara, lhe perguntou: Que cousa senhora foi essa? Sonhava senhor (lhe respondeu ella) que estavamos, vòs e eu, ambos prezos de um fio; e eu cortava-o, e que vos não via mais. Lamentor não lhe pareceu senão que lhe atravessavam aquellas palavras o coração (como na verdade enfim o foram) e assim elle com isto que em si sentiu, se entristeceu grandemente. E adevinhava-lhe, parece, a alma seu mal; e não pôde tanto dissimular, que o não conhecesse ella,

e disse-lhe: Que é isto, senhor, que assim vos mudastes com o que vos disse? Mudando-lhe elle o preposito em cousa que tambem lho mudasse a ella, por lhe escusar alguma maginação polo perigo em que vinha da emprenhidão, lhe respondeu dizendo: Eivo-lo senhora de confessar, ainda que nisto force minha condição, que nem dizer-vo-lo, nem cuida-lo não quizera. Houve menencoria, perdoai-me (que de vós não se pode haver) mas como os sonhos não venham senão do que homem traz na fantezia, pareceu-me que porque me dissestes que sonhaveis que me não vieis mais, que era desconfiar do que vos quero, e de mim; sendo vós tão segura por ambas ellas, ou por cada uma. Ella com a boca cheia de riso que abastava pera o desagastar (se elle aquello cuidava) se chegou mais pera elle, dizendo-lhe: Bem longe viera eu buscar essa desconfiança; e vos perdôo: que parece que é este dia assim aziago, que tantos desastres acontecem nelle. Nisto, e em outras cousas, passaram aquelle dia, em quanto houve sol; o qual com mais prazer se havia de pôr do que amanheceu, polo que ouvireis.

CAPITULO VIII.

DE COMO A BELISA VIERAM EM CRESCIMENTO AS DORES DO PARTO: E PARINDO UMA CRIANÇA, FALECEU.

Vinda a noite, repouzando jà todos, Belisa se começou àgastar levemente; mas crescendo-lhe a dôr cada vez mais, houve de chamar por sua irmãa. Acordando ella, que perto em uma cama dormia, lhe contou Belisa de como a dòr lhe ia em crescimento. A senhora Aonia (que assim se chamava a irmaã) acordou as mulheres de casa, e uma dona honrada que de parteira sabia muito, e pera isso a trouxera Lamentor: porque quando jà partira Belisa era prenhe; e se não fôra porque se não podia já encobrir, não a trouxera elle assim a terras estranhas: mas na necessidade o amor não achou outro melhor remedio que desterro. Belisa, que Lamentor queria sobre todas as cousas do mundo, disse escontra as outras, que a ajudassem tirar do leito em que jazia pera a camilha de sua irmaã, polo não acordarem, que estava cansado do caminho. Assim se fez o mais manço que poderam. Gram parte da noite passaram em fazer remedios pera a dòr de Belisa: mas a senhora Aonia, que via sua irmaã cada vez com mais agastamentos: Quereis senhora irmaã, lhe disse, que chamemos meu irmão? Pera tomar pai-

xão (lhe disse ella) não o chameis vòs; que prazerá a Deos que se me irá esta dôr: e isto ao menos ganharemos della. Assim praza a Deos, fallou a dona honrada (d'acolá donde estava) porque não me parece nenhum sinal, senhora, de parirdes tão cedo; deve ser isto do caminho, ou mudança da terra. Porem era já manhaã quasi, e a dòr naõ amansava, antes se fazia maior: e começavam-lhe vir uns agastamentos e desmaios ao coração. A primeira vez que lhe isto veio, soportou-o ella; e a outra vez tambem: mas quando veio a terceira, em camanho crescimento lhe veio, que lhe tolheu a falla um pouco. Tornando ella em si, olhou pera sua irmãa, dizendo-lhe, que jà agora lhe pesara de o não chamarem. E porque nisto se começou a sentir melhor, tornou asinha escontra sua irmãa, que jà ia pera o chamar, dizendo: Mas não no chameis, que parece que me acho melhor. Um pedaço grande esteve então Belisa desagastada. E porque uma rica camisa que tinha vestida estava mal tratada dos remedios que sobre o coração lhe punham, escontra as mulheres disse: Vistam-me a mim outra camisa, que se morrer, não vá sequer assim. A senhora Aonia se poz a chorar com estas palavras. E olhando pera ella Belisa lhe vieram as lagrimas aos olhos: e querendo-lhe dizer alguma cousa, a dôr não a leixou, que então começou mais apertadamente que dantes. Aquella dona honrada, que a via mais agastada que nunca, disse que seria bom erguerem-na de todo: e querendo-a sua irmãa

tomar per um cabo, se viron Belisa a ella dizendo-lhe: Não sei que ha de ser isto. Mas camanhos foram os agastamentos, e tão apressados, que não houve ahi acordo pera a erguerem de todo, e ficou como assentada: E enfim foi assim a desaventura que em breve espaço a poz no extremo da morte, e que jà a ella lhe ia falecendo a falla, levantando os olhos pera sua irmaã, como forçadamente, disse: Chamem-no; chamem-no. Foi a senhora Aonia, rijo chorando, chamar Lamentor, que no mais alto somno dormia, dizendo-lhe: Acordai, senhor; acordai; que vos levam Belisa. Ergue-se apressadamente Lamentor, levando a mão a um terçado que apar da cabeceira tinha; mas vendo chorar todos derredor da cama de Aonia, e Belisa, a que tinham erguida atè os peitos, como passada deste mundo, abraçando-a se chegou pera ella, dizendo: Que cousa foi esta, senhora? E as lagrimas lhe enchiam com estas palavras todo o rosto seu e della. Levantou então Bellisa cauçadamente uma mão, com a manga da camiza tomada, pera lhe alimpar os olhos; mas não seguindo ella jà a vontade se lhe leixou tornar a cahir pera baxo. E ella pondo os olhos fitos nelle: Não mais, disse; pera sempre: e dahi os foi serrando vagarosamente, como que lhe pesava de o leixar assim. Lamentor, que isto não pode ver, cahiu doutro cabo como morto, e assim esteve hum gram pedaço. Neste meio tempo ouvindo a dona honrada chorar uma criança na cama, e, cuidando o que era, atentou; e achou uma menina nascida que chora-

va muito. E tomando-a então nos braços (com os olhos não enxutos) disse assim: O' coitadinha de vós, menina, que chorando vossa mãi nasceeis. Como vos criarei a vós, filha estrangeira, em terras estranhas? Mal và ao dia que assim sahimos do mar pera passar toda a tormenta na terra. Mas como sabia o que era, ordenou de a curar, tomando o negocio todo sobre si; que Lamentor, e a irmaã, bem via que outro mór carrego tinham. E assim mandou o que se havia de fazer, e proveu sobre tudo.

CAPITULO IX.

DO PRANTO QUE AONIA FEZ PELA MORTE DE SUA IRMAÃ BELISA.

A SENHORA Aonia (lembrando-lhe do que vira fazer á dona viuva sobre o corpo de seu morto irmaõ, que o devido costume ao tempo do luto lhe parecia então, posto que em sua terra se naõ uzasse) pondo-se sobre o corpo de sua irmaã, rasgando os toucados dos seus fermosos cabellos, que longos eram á maravilha, a cobriu toda, e tambem Lamentor (que ella tambem cuidou que era falecido, que pelo grande bem que elle queria a sua irmaã, leve lhe foi isto de crer, vendo-o da maneira que via). Depois de muito cançada, em alta e dorida voz, começou per estas palavras: Triste de mim donzella, de pouco tempo desemparada em terra alheia, sem parente, e sem

ninguem, e sem prazer. Como vós, senhora irmaã, me podestes leixar sò, tão longe, em tal lugar? Pera vos tirar a saudade me dizieis vòs que vinha eu cá: e vòs pera ma dar a mim vinheis: malaventurada de mim: pera outras fadas cuidava eu que me criava a mim minha mãi, e ella foi a enganada, e eu a que heide pagar agora o engano. Que sem razão camanha, senhor cavalleiro, me é feita diante de vòs: e de quantas donzellas de vòs foram já emparadas, eu sò estava pera o não ser! Coitada de mim que farei, onde me irei? E assim se lançou sobre o corpo de sua irmaã. Mas ao montar do cavalleiro que ella fez, Lamentor a ouviu como per sonhos; e tornando em si, que viu diante tantas magoas, ficou sem falla hum pouco; e vendo logo como se matava toda a senhòra Aonia, esforçou-se pera a ir ajudar, que tão cruelmente se não matasse, dizendo: Esforçai senhora, pois a fortuna quiz que um tão desconsolado vos console. E foi-a a erguer; e querendo-lhe fallar; lhe faleçeu a falla. Alli houveram ambos mui triste pranto, e antre si se diziam um ao outro palavras de muita magoa, começadas pola dòr, rotas polo pranto. E era jà manhaã clara. E acertou assim que áquella hora chegava um cavalleiro á ponte, e vinha de longes terras buscar aquella aventura per mandado de uma senhora que lhe queria bem a elle: mas elle a ella devia-lhe mais do que lhe queria. Não achando ninguem na ponte, e ouvindo perto dalli tão gram pranto, pareceu-lhe algum misterio, ou cousa alguma

de dôr: deu a andar pera onde era: e vendo uma rica tenda, e ouvindo muita gente dentro e fòra chorando, perguntou a um servidor que topou, que cousa era aquella: e elle lho contou. E apeando-se elle então (mandando primeiro diante ao escudeiro de Lamentor) muito mesurado e humilmente entrou apòs elle. E entrando, que viu a senhora Aonia, que em grande extremo era fermosa, soltos os seus longos cabellos que toda a cobriam, e parte delles molhados em lagrimas, que o seu rosto per alguma parte descobriam, foi logo trespassado do amor della, sem haver quem por parte doutrem fizesse defeza alguma: que como o amor viesse juntamente com a piedade, parecia que vinha sò; mas tanto que se descobriu, eram já conhecidas tantas razões por parte da senhora Aonia, que não tão sòmente lhe esqueceu a outra, mas não lhe lembrou mais, senão pera lhe pesar do tempo que gastara em seu serviço. Nesta materia foi elle preso do amor da senhora Aonia: e depois veio morrer por ella. Este foi um dos dous amigos de que é a nossa historia. E por isto sohia meu pai dizer, que tornara o amor deste cavalleiro a morrer na paixão onde se levantara. Mas pera isto seu tempo lhe virá.

CAPITULO X.

DE COMO NARBINDEL VINDO-SE COMBATER COM O CAVALLEIRO DA PONTE, VENDO O PRANTO QUE SE FAZIA NA TENDA DE LAMENTOR, ENTROU DENTRO A O CONSOLAR.

Dito era jà a Lamentor como o cavalleiro entrara: mas elle não n'o viu senão quando jà o achou apar de si dizendo-lhe palavras de consolação. Lamentor as recebeu delle o melhor que pode, mais por lhe não dar causa de se deter muito, que por estar pera isso. Mas depois de estarem um pouco, vendo Lamentor como elle não fazia menção de se ir, forçadamente lhe disse: Senhor cavalleiro, a vossa visitação vos tenho em mercê; prazerà a Deos que em outra mais alegre vol-a pague. Nòs vimos de caminho como sabereis: as pouzadas não são mòres do que vedes: nam ha hi outra casa senão esta, pequena pera a tristeza, e pera nós. Deveis-vos senhor, ir pera onde ieis; não tomareis ao menos parte de tanto nojo, porque as magoas alheias tambem doem a quem as vè. Perdoai-me que não tenho agora outra cousa em que vos sirva vossa boa vontade. O cavalleiro, passando, pôz os olhos na senhora Aonia (eu não tenho donde ir daqui lhe disse;) e parece que lembrando-lhe que a havia de leixar, cahiram-lhe umas ralas lagrimas polos peitos. Mas como elle visse que alli não tinham mais daquella tenda, e outra pe-

quena, bem lhe parec eu que não podia caber naquelle tempo alli gente estrangeira, ainda que elle no seu coração já o não era. Erguendo-se então, seguiu sua falla dizendo: Deste nojo, senhor, não me pode a mim caber jà pequena parte por onde quer que và; de boamente vol-o ajudára a passar: mas emfim vós, senhor, cavalleiro sois: e mais pois vindes de longe terra (como soube de um servidor vosso) não deve ser este o primeiro que tendes visto: porque, nas suas mesmas terras, os que nunca se mudam dellas, não se podem escusar de ver nojo cada dia, e cada hora do dia. Dizendo-lhe mais que visse o que lhe mandava; e despedido delle com os olhos postos na senhora Aonia; e assim foi hum pouquichinho, que a tenda não lhe deu mais lugar: mas quando se houve de virar todo, com muita dòr sua, os arrancou dalli. Assim se sahiu da tenda; e assim o leixaremos pera seu tempo.

CAPITULO XI.

DE COMO SE DEU SEPULTURA AO CORPO DE BELISA, E DO PRANTO QUE COM ELLE FEZ LAMENTOR.

LAMENTOR se tornou a seu pranto (que muita causa tinha elle pera elle). Mas estando elle, e a irmãa, assim per um grande espaço de tempo, que ia já o

Sol contra o meio dia, a dona honrada (que ama se chamou depois pela criação da menina) como era jà de dias, era de muito saber, e chegandose pera onde ambos estavam no seu pranto: Senhores (começou a dizer) pera o pranto muito tempo nos ficarà, que a desaventura parece que é nesta terra como na nossa. Leixai as lagrimas que não é agora tempo pera vos, senhor, não parecerdes cavalleiro; nem vos, senhora, pera parecerdes tanto mulher: lembre-vos que a tristeza é de todos: que camanho mal foi o nosso que naõ tão somente o hemos de ter, mas ainda nos havemos de consolar uns aos outros. E pois temos a dòr pera sempre, doa-mo-nos se quer como de nòs que ficamos vivos. A sepultura é devida aos mortos, hão-se de fazer as cousas necessarias: olhai que é o derradeiro dom da vida. Termos o corpo da senhora Belisa mais sobre a terra, parecerà fasermos-lhe força no mais pouco de sua partida: e pola ventura se deve ella anojar negarmos-lhe o seu, quando não nos hade pedir mais em outra cousa. Acabadas estas palavras, que não foram ditas sem muita dòr de todos, tomou ella a senhora Aonia como sobraçada, e a levou pera a tenda pequena, que chegada àquelle estava: e dahi tornou per Lamentor, e tambem o ajudou a ir pera lá: e depois entendeu em concertar o necessario. Mas Lamentor não quiz que levassem o corpo de Belisa pera outra parte, antes mandou que alli, onde fallecera, fosse a sua sepultura; porque logo assentara em sua vontade de nunca mais, em quanto vivesse, se mudar daquelle lugar. E assim o fez.

E por que nos reinos donde elles vinham se costumava, antes que mandassem os corpos mortos à terra, virem todos os parentes a beijarem-nos nas faces, e os familiares nos pés, e o parente mais chegado por derradeiro de todos (parece que faziam aquello como saudação, por que aquella transmigração fosse como em boa hora) como tudo foi acabado, a ama veio chamar a Lamentor e a senhora Aonia, que foi rijo lançar-se sobre as faces de sua irmaã; e beijando-a muitas vezes levantou a voz dizendo: Noutra terra muitas tivereis vòs que fizeram isto mais que nesta. E aqui começou a rasgar o seu fermoso rosto. E todas alevantaram um triste pranto à maravilha. Cada um lembrava a sua dòr, e assim a iam a beijar nos pés. Lamentor, a que mais doia onde inda nunca outra cousa lhe doera, depois de muitos suspiros arrancados d'alma, olhando polo que devia fazer polo costume, desta maneira disse: Senhora Belisa, como vos hei-de saudar eu? Por mim leixastes vòs vossa mãi, vossa terra, vossos amigos e parentes; quem vos pode apartar de mim em terras estranhas pera me fazerdes tão triste? Não me quereis vòs a mim camanho bem? Como me leixastes sò? Mas alguma desaventura me houve inveja, que o que me vòs fazieis pera ser o mais ledo cavalleiro do mundo, pera eu ser o mais enojado o fazeis vòs. Malaventurado cavalleiro, que pera vòs senhora estava ordenado uma sepultura em terra alheia, e pera minha vida duas: mas a vossa, terá o corpo; e a minha, vida e alma. Não era mais rijo senhora o fio que nos a nós tinha ambas?

como o cortastes vòs sem mim? Não vos lembrou que era eu o que vos não havia de ver mais? Mas pedistes senhora (me disseram) que vos levassem de apár de mim por me não tirarem do repouzo; e outrem tirava-m'o estando a surto de vòs. Não abastou a minha desaventura haver de ser a mais triste do mundo, mas ainda a maneira de como me veio o havia tambem de ser? Não me chamaram senão pera vos não ver: e ainda então vos doestes de mim, que quizereis alimpar-me as lagrimas; e a minha desaventura não queria: faleceu-vos a mão como que vos leixava sendo jà senhora da vontade a morte, e com os olhos derradeiros postos em mim me fostes mostrando, que com a alma se vos ia tambem a vontade. Mais devidos eram os meus annos a este vosso caminho; mas mais o era eu ás tristezas. E pois fico pera ellas, o melhor é ficar sem vòs. E com isto compriu o costume. Mas a ama, que via não haver ahi outrem sobre quem carregasse o cuidado das horas derradeiras senão nella, arredando a Lamentor e a senhora Aonia, tomou uma rica tualha nas mãos, e lançando-a por cima do rosto de Belisa: Agora jàmais, disse, vos cumpre olhar pera o ceo onde ella bemaventuradamente està, que isto é terra. Quem a amar, pois jà ella a leixou, parece que errará ao bem que lhe quizer. Palavras eram estas de muita consolação, se soubera a dòr prezente consolar-se. Mas assim a enterraram. Leixemos aqui as cousas do Lamentor (que foram muitas e extremadas que el le fez, polo muito que a Belisa queria); porque como este conto seja dos dous amigos, agravo se

lhe farà ao muito que delles ha pera dizer, gastar-se noutrem parte alguma do tempo.

CAPITULO XIII.

DO QUE SUCEDEU AO CAVALLEIRO QUE SAHIU DA TENDA, VENCIDO DO PARECER E FERMOSURA DA SENHORA AONIA.

Torno-vos ao cavalleiro que sahiu da tenda tão triste, que não pode alongar-se muito dalli: e apeando-se, assentou-se ao pé de um freixo que acerca daquelle ribeiro e da ponte estava; e por cuidar mais à sua vontade mandou ao seu escudeiro arredado dalli, que desse de comer ao seu cavallo ribeira daquelle rio: que logo se temeu de o elle ver assim, e cahir em alguma suspeita que fosse contar a Cruelsia (que era aquella por quem viera alli, como ouvistes) porque muito lhe eram todos os seus afeiçoados; que como ella quizesse a elle muito grande bem, a elles não se podia ter que lho não mostrasse tudo em as obras; donde nascia irem-lhe elles a dizer, e contar tudo o que elle passava. assim que o que elle fazia por bem, lhe sahia ás vezes em mal; que pera camanho bem lho ella queria, não podia leixar de ouvir polo tempo cousas que a magoassem: nem tambem elle não as podia leixar de faser, polo pouco que lho queria. Como de feito assim por derradeiro lhe foi isto causa a elle de triste fim. Mas assentado o ca-

valleiro ao pé do freixo, esteve per longo espaço revolvendo muitas cousas na fantesia. E quando se lembrava do que a Cruelsia devia, parecia-lhe sem razão leixal-a: per outra parte lembrando-se de quão bem lhe parecêra. Aonia, parecia-lhe desamor não lhe querer bem. Tinham-no assim entr'ambas, fermosura e obrigação, a vêr quem o levaria: mas per derradeiro pode mais o de mais perto. Sohia dizer meu pai que fora vencida a obrigação, como cousa que lhe não vinha de direito o pago no amor: e vencera a fermosura, como de quem de sò o amor se pagava.

CAPITULO XIII.

EM QUE SE DIZ QUEM FOSSE CRUELSIA, E DO QUE O CAVALLEIRO PASSOU COM SEU ESCUDEIRO.

Era Cruelsia uma de duas filhas a quem sua mãi mais que a si queria, e de boa fermosura: mas obrigou tanto este cavalleiro com cousas que fez por elle, que o endividou todo nas obras; não lhe leixou nada tão sò, pera que lhe devesse a fermosura: parece que lhe quiz camanho bem, que não sofreu a tardança de o ir obrigando pouco a pouco: deu-se-lhe logo toda: obrigou-lho assim, mas não no namorou. Coitadas das mulheres, que porque veem que as namoram os homens com obras, cuidam que assim se devem elles tambem de namorar: e é muito polo

contrario, que aos homens namoram-nos desdens, e presunções: após uma brandura de olhos, asperesa muita de obras. Isto de seu natural lhes deve vir; porque são tão rijos, que parece não terem em muito senão o que trabalham muito. Nós outras, brandas de nosso nascimento, fazemos outra cousa: porem se elles comnosco entrassem a juizo, que razão mostrariam per si? Ca o amor que é, senão vontade? Ella não se dá, nem se toma per força. Mas como quer que seja, ou pola desaventura das mulheres, ou pola ventura dos homens, sentença é dada em contrario; que a elles vençam-nos esquivanças; e boas obras a ellas. Esta sò maneira poderam ter pera os namorados, se não foram namoradas delles. Mas ao amor quem lhe porà ley? Porem este desagradecimento dos homens, que é o seu nome verdadeiro, trouxe muitos desaventurados fins, como vereis neste cavalleiro em que fallamos. E não foram vãos os rogos que Cruelsia fez, com as mãos erguidas ao Ceo, pedindo delle vingança. Comtudo assentou elle per derradeiro de a leixar; porque alem de lhe parecer a senhora Aonia a mais fermosa cousa que vira, pareceu-lhe tambem que por vir de longes terras, e ser naquella estrangeira, que mais asinha haveria seu amor. Esta esperança, ainda que bem visse elle que era de longe, com tudo grande ajuda foi então pera acabar de assentar e confirmar, ou de fazer muito grande, o bem que lhe queria: porque isto vai assim, como quando algum emparo tolhe o sol: se o toma em cheio, é muito maior a sombra que o emparo

que a faz. Assim os que bem querem, porque as esperanças por pequenas que sejam tomam sempre em cheio, ou parece que tomam os estorvos que tolhe a causa bem quista, fazem o amor muito maior do que ellas são: donde vem depois os cuidados que com morte, ou longa tristeza, se possuem: como foi neste cavalleiro que já não cuidava senão como se apartaria do seu escudeiro, de maneira que depois de apartado lhe não causasse suspeita alguma d'aquelle lugar, pera elle mais à sua vontade gozar dello. Desejava tanto este apartamento, porque bem sabia elle que havia de sofrer mal, ver-lhe leixar Cruelsia. Cà era de criação della, e lh'o dera pera o acompanhar, e nunca lhe a elle dizia, senão que havia de tomar em matrimonio, porque era de alto sangue, e herdava terras onde podia repouzar os derradeiros dias da vida, que não leixam tomar armas com honra. Mas emfim, cuidando o que determinou, o chamou, e fazendo-lhe um arrosoamento largo, entre outras cousas lhe disse, que lhe não parecia bem ser elle mesmo que levasse á senhora Cruelsia a nova da ventura que não achára vindo por amor della; mas que seria bem levar-lha elle, e dizer-lhe que de sua mofina quizera elle que fosse outrem o portador, que pera ella não podia elle ir em companhia de novas tristes: e que o esperaria no castello, que perto dalli estava, té tornar a trazer-lhe recado se queria ella pôlo n'outra aventura, pois aquella assim se não podera acabar.

CAPITULO XIV.

DE COMO PARTIDO O ESCUDEIRO DO CAVALLEIRO DA TENDA, ENTROU EM PENSAMENTOS DE COMO SE APARTARIA DELLE, E MUDARIA O NOME.

Partindo-se o Escudeiro com o recado, enganado elle, e pera quem o levava, ficou o cavalleiro só, e começou a entrar em pensamentos de que maneira mudaria o nome pera que não fosse sabido onde estava, nem se podesse saber pera onde ia; que tanto se senhoreou naquelle pouco tempo o amor delle, que a si mesmo queria ja em parte leixar. Mas lembrando-lhe nisto que noutro tempo lhe dissera um advinhador que, quando elle mudasse a vida e o nome, seria pera sempre triste, ficou um pouco mais cuidoso: mas tornando logo fazer menos conta daquellas cousas, como incertas; e comtudo não querendo ir de todo contra ellas, por outras muitas que tinha ouvidas, cuidou em trocar as letras de seu nome. De maneira que assim o não mudaria nem tentaria os fados. Mas elle não viu que isto era engano tambem dos fados. Estando elle assim neste pensamento, acertou-se a caso que um mateiro vinha do mato polo caminho que hia ter á ponte; e vinha em sima de sua besta como deitado e mal cuberto com um enxalmo. E parece

que andando elle despido cortando a lenha, ateàra-se algum fogo perto de seu vestido, e queimàra-lho: e então o mateiro, por lhe querer acudir, descuidàra-se de si, e o fogo fizera-lhe algum nojo por partes de seu corpo. E direito do cavalleiro topou com outro mateiro, que pera o mato ia, que lhe perguntou: Queimado? Fallando-lhe Gallego, respondeu estas sòs palavras: «Bim'n'arder» Olhou o cavalleiro polo barbarismo das letras mudadas na pronunciação de B por V e R por M, e pareceu-lhe misterio; porque elle era aquelle que tambem se fòra arder, e quiz-se chamar assim dalli avante.

CAPITULO XV.

DE COMO BIMNARDER SOUBE DE UM SERVIDOR DE LAMENTOR COMO ORDENAVA FAZER ALLI UNS PAÇOS, E DO MAIS QUE LHE ACONTECEU COM A SOMBRA QUE LHE APARECEU.

Não passou muito que por aquelle lugar não veio um dos servidores de Lamentor, que atravessava pera o castello; quando Bimnarder soube delle como Lamentor tinha ordenado fazer alli uns paços grandes, e morar nelles toda sua vida. Algum repouso mais deu isto a Bimnarder, que dantes, a pouca certeza que tinha da estada de Aonia naquella terra, lhe dava grande fadiga ao pensamento. Mas afroxado da parte deste cuidado

entrou noutro, do que faria de si, e pera onde se iria; no qual esteve té noute, sem poder assentar nada comsigo. Cá ir-se d'alli pera outra parte, lhe era já grave; ficar, parécia-lhe impossivel cousa, poder-se esconder de seu escudeiro. Combatido assim de uma cousa e de outra (inda porem sem determinação nenhuma) ergueu-se como forçado da noite mais que da vontade. Buscando seu cavallo onde o leixara o escudeiro, não no achou. Tornando-se então pera o freixo onde dantes estivera, pera dalli olhar se fora beber a este rio, mas não o vendo, nem sentindo em nenhum cabo, encostou-se então assim ao freixo, cuidando a primeira no cavallo: mas não tardou que logo não tornasse ao seu verdadeiro cuidado, imaginando, parece, a senhora Aonia na fantasia; afigurando vê-la da maneira que a vira: e de piedade amorosa, lhe estavam vindo as lagrimas aos olhos. Estando elle assim todo ocupado daquella doce tristeza; sentiu como alguem a par de si. Olhando com o luar, que então fazia, viu uma sombra de homem de estatura desproporcionada (de nosso costume) estar perto delle. A supita novidade o comoveu a alteração: mas como esforçado que era, lançando mão á sua espada, cobrou ousadia de lhe perguntar quem era: e vendo que, comtudo, se calava, se poz em se mover pera elle, já com a espada arrancada, dizendo: Ou me dirás quem és, ou o saberei eu. Está quedo Bimnarder (chamando-o assim por seu nome) lhe disse a sombra:

que inda agora foste vencido de uma donzella. Chorando deteve Bimnarder o passo, espantado daquello que inda então cuidava elle que o não sabia ninguem: mas tornando logo a querer-lhe perguntar de donde o sabia, a meia palavra olhou, e viu aquella sombra que, virando-se pera umas moutas grandes que hi cerca estavam, se ia metendo per antre ellas, pouco a pouco. E assim se encobriu, e desappareceu.

CAPITULO XVI.

DE COMO ESTANDO BIMNARDER MUITO CUIDOSO NO QUE FARIA, VIU DE SUPITO VIR O SEU CAVALLO FUGINDO DE UNS LOBOS QUE O QUERIAM MATAR.

Ficando Bimnarder com o pensamento cheio do que aquello seria, começou de ouvir um estrondo grande, que vinha pelo mato escontra onde elle estava. E inda o não ouvia quando, correndo per ante si, viu passar o seu cavallo; e uns lobos apòs elle, e apòs elles de longe vinham correndo uns cães com grande gasnada. E ao saltar deste ribeiro cahiu nelle o cavallo, e chegando os lobos começaram a ferral-o por todas as partes, de maneira que, com quão prestemente Bimnarder acodiu, jà elle era morto. E não tardou nada que uns pastores, que perto dalli tinham a malhada do seu gado, ao litar dos cães, vieram ali ter; afigurando-se-lhes ser

morta alguma rês: e achando Bimnarder assim agastado, começaram-no a querer consolar com palavras e modos rusticos, oferecendo-lhe pousada por aquella noite. Aceitou elle, ainda que não desejava então companhia; mas polas horas o fez; e tambem porque logo cuidou que como os pastores fossem no seu fato, não lhe haviam mais de tolher o tempo ao cuidar: que pera elles não se fizera a noite senão pera dormir. Foram assim ao fato de uma grande manada de vacas, (que todas estavam alevantadas com o alvoroço dos cães, e medo dos lobos) metendo-se os pastores, e Bimnarder por entre ellas, que lhe iam fazendo lugar, e escornando umas ás outras. Assim, sahindo d'antre ellas, estava uma fogueira grande a pár de uma choupana de eeves, cortiçada por sima. E junto d'outra, ao fogo, jazia deitado sobre rama verde espalhada, um pastor jà de todo branco, que maioral era do fato; e tinha sua cabeça sobre um tronco de madeira encostada, e uns rafeiros ainda pequenos lançados, parte por sima do velho pastor, outros com as cabeças grandes sòs estendidas sobre elle. E em os pastores chegando, ergueu elle a cabeça um pouco, e como homem que era avisado em semelhantes casos, descansadamente começou a perguntar polo que passava. Contando-lhe elles que não era nenhuma rês morta; tambem lhe contaram do cavàlleiro que traziam. Ergue-se elle então assuntado, e fazendo-lhe lugar na rama de sua cama, lhe rogou que se fosse assentar. E assentado Bimnarder, e assentados todos derredor daquella fogueira, pediu o velho maioral a Bimnarder que lhe con-

tasse como aquelle desastre acontecêra. Contou-lh'o elle brevemente por lhe satisfazer: como andando o seu cavallo pascendo vieram aquelles lobos, e mataram-lh'o primeiro que lhe podesse valer. Ao que começou com uma falla retumbada fallar o pastor, como que o queria consolar em aquella mofina, dizendo: Os desastres que acontecem com as alimarias feras neste valle, é cousa espantosa, e pera quem o souber mais leves de sofrer (se a companhia em isto dà consolação): que à meia noite de inverno escura, sendo eu mais mancebo que agora, diante os meus olhos me tomaram a minha vaca bragada (mãi dest'outras bragadas, que tenho inda agora) e mataram-na. Pois tinha eu então a par de mim o rafeiro malhado, e a rafeira branca sua mãi, armados os pescoços ambos, que nunca me achei com elles em lugar tão ermo, nem noite tão fazendeira, que não estivesse seguro como na metade do dia; mas então pouco aproveitavam elles a mim, que bradava a coitada da vaca, e bramia tão doridamente que, em breve espaço, ajuntou quanto gado tinha, que estava, a la fé, bom pedaço dalli: e já me (aqui onde agora estou) vieram no claro dia matar quantos bezerrinhos tinha, que inda não eram pera andarem com as mãis. Pois porque estás logo aqui pastor honrado? (lhe disse Bimnarder) Nunca vistes tal, lhe disse o pastor: não ha o haver senão onde ha o perder. A terra é abastada de pastos: e assim como cria o bom, cria o máo: e já ouvi dizer a um grande homem que era dado ás cousas do outro mundo, fallando na povoação

desta terra (que ainda que a vedes assim por partes metida a mato, é de pastores em muita maneira povoada) que esto era uma das maravilhas da natureza, de uma terra mesma nascerem duas tão contrarias uma á outra: e que isto não era so nas alimarias, mas nos homens: que não ha maos senão onde ha os bons; e não ha ladroẽs senão onde ha que furtar. Mas quanto eu não sei qual é peor pera nòs outros pastores: na terra que é de pouca ervagem perece-nos o gado à fome: e cá nest'outra, matam-no-lo. Assim que em toda a parte nos vai mal. Mas nòs outros somos, emfim, como dizem que são todos os outros homens (lá vòs, senhor cavalleiro, o sabereis) podemos melhor sofrer o mal que nos faz outrem, que o que nòs fazemos a nòs outros mesmos. Os donos da terra fraqua, porque é em nosso poder sahirmo-nos della, não nos podemos sofrer: os da outra, que não é em nòs vedarmol-os, sofremol-os como podemos. Assim tambem digo eu, senhor cavalleiro, no vosso caso: não esteis agastado; descansai, e tomai tudo á culpa da terra. Estas palavras a Bimnarder parecêram bem; e se não fôra porque era contar ao pastor a verdade de sua vida, cuidara elle que não eram estas palavras de pastor: mas o que cada um passa ligeiramente o sabe bem contar; e por isso não lhe tornou resposta mais que umas palavras em signal de agradecimento daquelle bom conforto, fazendo menção de querer repousar. O que vendo o velho pastor, mandou a todos que se calassem, e que dormissem. E foi feito assim. E começaram em

breve espaço os pastores a roncar, estirando seus rusticos membros, uns pera cá, outros pera lá, como ao somno aprasia. Sò Bimnarder não podia repousar, tendo no seu coração a quem elle não doía. E quando a todos a escura claridade das estrellas amoestava somno, delle o tinham desterrado os seus cuidados. Antes com os olhos postos pera aquella parte donde viera (segundo parecia, com o corpo sò) a senhora Aonia ausente, elle a ouvia chorar. E em a longa noite esteve assim, té que aquelle cansado corpo adormeceu aquella parte dos sentidos, sobre que tinham algum poder: e sonhós e fantasias occuparam a outra. Mas depois de um pouco somno, acordou elle todo banhado em lagrimas, que sonhava chorando que o levava dalli per força a sombra que vira dantes. E correndo-lhe por isto muitas cousas polo pensamento, assentou comsigo de se não ír daquella terra, tè ver o podia ser delle naquelle cuidado, que o assim tomara, e assim o seguia. Desta maneira cuidava elle que não iria contra aquello que porventura lhe adevinhava o somno se o fizesse. Camanho desejo tinha de se não ir nunca dalli, que tudo lhe parecia que lho amoestava: e de muitas maneiras que cuidou nesta, assentou, por derradeiro, despedir-se cêdo daquelle velho maioral, e ir-se a algum lugar perto dalli, onde mudasse os trajos, e tornasse a assentar vivenda com elle, que grande fato lhe parecia que trazia. E ainda que muitos mancebos lhe visse, a pouquidade da soldada lhe faria que lhe não fosse sobejo qualquer pastor. E assim o fez.

CAPITULO XVII.

DE COMO BINARDER ASSENTOU VIVENDA COM O MAIORAL DO GADO, E DO QUE A DONZELLA PASSOU COM A DONA EM SUA HISTORIA.

Eis Bimnarder pastor de vacas, que não houve ahi nada impossivel ao amor grande. Muito tempo passou elle naquella vida com maos dias, e pobres noites: porque Lamentor, no começo logo de seu assentamento, mandou fazer primeiro umas casas pera recolhimento no mais: e a muita gente que era vinda pera as obras, pela negociação grande que tinha (a causa da grande pressa que Lamentor dava a ellas) tolhia a sahida das mulheres, per onde Aonia não pareceu um grande tempo, pera Bimnarder ao menos levar aquelle contentamento que a vista dos olhos dá áquelles que do mais carecem. Conheciam-no porem já todos os de casa, e chamavam-lhe o pastor da frauta; porque elle acostumava trazel-a sempre: cá pera remedio da sua dôr a escolhêra, depois de se desconhecer. Tambem assim muitas vezes, ora pola ribeira deste rio, e outras horas por aquestas altas assomadas (que fazem como vedes mais gracioso este valle) andava tangendo, e cantando em palavras pastoris. Cá este só contentamento lhe era algum conforto pera o seu mal, e pera desabafar o seu coração, que tão occupado de profundos e muito penosos pensamen-

tos trazia. Muitas cousas sabia meu pai suas, que arremedavam pastor, e tinham as cousas de alto engenho, ou mais verdadeiramente de alta dôr, postas e semeadas tão docemente per outras palavras rusticas, que quem bem olhasse ligeiramente entenderia como foram feitos. E assim tinha mais outra cousa, a meu fraquo juizo e parecer, que o bom pastor, naquella baixeza de estylo, pola impressão da presumpção que punha, e de si mostrava, como via mais asinha haver delle compaixão todas as pessoas que o ouviam (tanto pode a imaginação em todalas cousas.) Mas de todas uma só me vem á memoria, e lembra que dizia meu pai que elle cantara, e ouvira-lha a ama da menina. Por certo parece que assim o ordenou a ventura pera que Aonia fosse sabedor de seu cuidado, já quando elle de todo andava desesperado; e não se podendo d'ali apartar ordenava andando desvairadas cousas de si, que desvariadamente o atormentavam. Tambem, porque tudo fosse como compria à desaventura que estava ordenada, aconteceu-se que a velha ama era natural desta terra, e n'outro tempo, quando era moça, parece, um mercador muito rico e gentil homem (que viera daquellas partes donde Lamentor) por azos e vizinhança houvera o seu amor: e com dadivas grandes, e promessas maiores, a levaram de sua terra de casa de seu pai, que a tinha muito estimada e guardada, mais ainda do que a seu estado convinha: mas tudo pola sua fermosura della era bem empregado. Era ensinada a livros de historias, polo que era já

entonces sabida, e depois quando velha o foi muito mais. E dizem que chegando ambos á terra do mercador, por grandes desaventuras o veio ella a perder, ainda quando moça e fermosa. Mas ficando assim em terras estranhas, e movida de compaixão a mãi de Belisa a recolhera pera sua casa: donde ainda lhe estava ordenado estoutro desterro pera sua terra. E de como a levou elle, e o ella perdeu, se conta um grande conto. Leixa-lo-hei agora, porque tenho outro caminho tomado, inda que lá antre os homens todos os contos vão ter a fim de mulheres: mas pois morais nesta terra, outra hora nos veremos, e contarvo-lo-hei então, se pola ventura vos ficar desejos de ouvil-a. Ainda senhora (me não pude eu ter que lhe não dissesse) que eu tinha jà posto em minha vontade de nunca ter desejo nenhum, este quero eu ter, que tanto podem as cousas vossas comigo: e mais pois é conto de mulher, não pode leixar de ser triste: e desta maneira tambem em parte não irei contra meu proposito; porque desejando de ouvir tristesas, não se pode verdadeiramente chamar desejo, que sò o desejo deve vir daquello com que se haja de folgar. E se tambem acontece o contrario, será porque tambem o desejo engana muitas vezes, como los outros sentidos. Nòs outras tristes (me tornou ella então) chamaremos logo a este desejo nosso; porque não se deve de espantar ninguem dellas ver mudadas as palavras, ou o entendimento, nas pessoas em que se mudaram tambem muitas outras cousas, que não dissera, nem

cuidara ninguem que se podiam mudar. E tambem, filha, ainda que me vôs vejais assim ja em idade, que as tristezas passadas não deviam ser-me causa de mais que de haver tudo por nada, julgai o presente polo passado: emfim estimal-o-hei senhora assim. Comtudo camanhas foram as causas que me fizeram triste, que o sofrimento dellas e o longo tempo não me fez sentil-as menos. Cuidando nisto muitas vezes, digo eu, que não pode ser, senão que quando a fortuna ordenou anojar-me, porque a vida não sobejasse à dôr, as compassou parece ambas assim que não fosse uma mòr que a outra; e vou a entender nisto, que não se acrescenta mais a minha dôr que a vida. E perdoai-me ir-vos assim saltar em fallar em mim, tendo ainda por cumprir o que vos prometi; que sua dôr traz a cada um; assim tambem os meus feitos; indo pera fazer uma cousa, faço outra. E a mim muitas vezes desta maneira me sou eu mesma em vergonha. Não podeis vòs ja senhora fazer cousa ante mim, que haja mister perdão de mim; antes quanto mais vossas cousas olho, me vai parecendo que não viestes aqui senão pera vos eu ouvir; que té agora me sohia eu andar espantada de mim comigo, como podia durar tanto uma dôr, depois d'acabada a causa della, e como a não gastava o tempo, como as outras cousas que nelle ha. E porque eu não via isto na minha magoa, tornava dando a culpa disto a outrem, porque pola ventura me era forçado tornar a dar a mim maior pena. Ou que digo eu

pola ventura? . . . . E aqui, indo eu pera dizer outra cousa mais, se me poz diante o pouco conhecimento dantre nòs ambos, e calei-me assim como que me não quizera callar. Ella docemente dissimulando pola ventura (segundo no fim de sua falla pareceu) seguiu dizendo: Das culpas que alguem dà a quem bem quer, sempre lhe ficám as penas dellas: e traz razão, que não vos quereria eu a vòs bem, se vos eu o peor desse: mas antes me espanto ainda de quem quer bem como pode culpar a quem o quer; senão que torno a dizer eu que pola pena que lhes fica, que a ella tomam elles, como por vingança da força que se fazem nisto a si mesmos. Tambem senhora fui moça como vòs; culpei ja alguem contra minha vontade. Causa de grandes nojos me foi muitas vezes não me poder eu escusar a mim mesma sò de culpar outrem. Foram desvarios de amor. Ha isto nelle, como ha outras sem razões infindas; soffridas como elle quiz, que té neste nosso sofrimento poz tambem cousas, que se não soffrem senão pola ventura. E a esta palavra tirou os olhos de mim, como que queria dizer que não me entendia, pois lh'o eu queria encobrir. E a mim que me pareceu mào ensino a uma senhora dona, e triste, que me tanto dava de si, negar-lhe parte de minhas tristezas, pois lh'as ja dantes quizera significar, disse eu entonces: Cuidai de mim senhora o que quizerdes, que assim me parece que sois anojada; qu'esta maneira é melhor que todas pera saber-des a verdade de minha vida, em

que toda longa querel-a é. Fazeis bem, me tornou ella, que essa maneira é tambem a melhor pera vol-o eu não ousar de perguntar, que tão bem afeiçoada vos são ja. E pois hade ser tão triste, não na quero antes ouvir: por isso tornemos ao conto. Elle acabado farão de nòs as nossas tristezas à vontade, que tambem desejam contadas como os prazeres. Mas o conto foi assim como agora direi.

CAPITULO XVIII.

EM COMO A AMA DÁ RAZÃO Á DONZELLA DA CANTIGA DE BIMNARDER.

Disse (se vos lembra) que uma sò cantiga me lembrava: dizia que meu pai que lhe ouvira a ama, e foi desta maneira. Começava a cahir a calma, e havia pedaço que o pastor da frauta estava sentado á beira deste ribeiro, sobre um torrão olhando pera a parte contraria, donde a ama acertou acaso de ouvir. Estava tangendo mançosinho a frauta antre si. Estando elle nisto, leixara-se vir um rebanho de vacas correndo, apressadas da mosca: passando por elle se foram meter n'agoa té os peitos, e leixando elle então de tanger, ficou como cuidoso um pouco, porem sem tirar a frauta donde a dantes tinha como transportado. Olhou pera isto a ama, e quizera-lhe dizer que tangesse, que bem lhe parecera dantes. Mas estando pera lho dizer, começou elle

então tocar a frauta docemente, de maneira que fez detença a ama. Parecendo-lhe cousa triste, e mais que de pastor, deu-se toda a ouvil-o, senão quando elle, depois de um pedaço grande, soltou a frauta, e começou assim:

Pera todos houve hi remedio,
Pera mim sò não no houve ahi,
Inda mal que o soube assi.

Fogem as vacas pera a agoa
Quando a mosca as vai seguir;
Eu sò triste em minha magoa
Não tenho a donde fugir:
Daqui não me posso eu ir;
Estar não me cumpre aqui,
Que o qu'eu quero não no ha hi.

Em mentes a calma dura,
Tem esta fatiga o gado,
A manhãa pasce em verdura,
A tarde em o sêco prado
Dorme a noite sem cuidado;
Ca tudo achou pera si:
Descanço eu sò o perdi.

A mim, nem quando o Sol sahe,
Nem depois que se vai pôr,
Nem quando a calma mór cae,
Não me deixa a minha dôr;

Dôr, e outra cousa mór,
Com vosco hoje amanheci;
Com vosco hontem anoiteci.

Crendo que assim acabaria,
Dei-me todo ao que padeço:
Um dia levou outro dia,
Por um mal outro conheço.
Se o fim responde começo,
Ai quão mal que me provi,
Que no começo o fim vi.

Se nasci por meu mal vêr,
E não por vel-o acabado,
Melhor fòra não nascer
Que ver-me desesperado;
E pois que neste cuidado
Me traz tão cego após si,
Inda mal que o soube assi.

Fim.

Antre lagrimas, e pranto
Nasceu o meu pensamento;
Cresceu, em tão pouco, tanto
Que é mais alto que tormento;
Passa o que passo ao que sento,
Mal faz quem m'esquece assim,
Que apòs mim não ha outro mim.

CAPITULO XIX.

DE COMO CONTA A AMA Á SENHORA AONIA O QUE VIRA FAZER AO PASTOR, ACABADA A CANTIGA.

E EM dizendo este derradeiro verso, parece que não podendo elle já soffrer as suas lagrimas, calou-se como estorvado dellas: em que o entendeu a ama polo soltar da frauta, e tomar da aba pera alimpar-se: e a camanha paixão a comoveu, que não pôde ter as suas lá onde estava, e sempre lhe fallara, se não fôra que vinham chamal-a jà de casa. Foi forçado a levantar-se ella, e foi-se ocupada toda a fantesia daquelle pastor (cá algum grande misterio lhe pareceu) e como o que está ordenado de ser, logo traga azos comsigo, entrando a ama em casa, topando Aonia sò, á boa fé, sem mao engano se poz, a contar-lhe tudo, e jurar-lhe, e tresjurar-lhe, que não podia ser pastor. E porque jà Aonia entendia a linguagem desta terra muito bem, lhe disse a ama a cantiga: e quando lhe veio a contar de como o pastor com aquellas derradeiras palavras, leixára cahir a frauta no chão, e com a aba do gabão (que de burel era) se alimpara das lagrimas que com ellas lhe vieram; e acabando de alimpar-se, olhara pera a aba, que com ambas as mãos tinha, e (como parece) lembrando-lhe do que elle era, ou não sabia, porque encostara o rosto a ella: e assim antre as mãos

como estava: e após um grande suspiro se leixara estar assim: e assim ficara quando se ella viera, que pola chamarem neste meio, se tornàra tão triste, como havia muito tempo que o não fôra per cousa alheia. E encheram-se-lhe à velha ama os olhos d'agua, em dizendo cousa alheia. E assim se virou pera outro cabo, e foi-se fazer cousas de casa. A senhora Aonia (que ainda então era donzella dantre treze, ou quatorze annos) sem saber que cousa era bem querer, de umas lagrimas piedosas regou as suas fermosas faces, e sobre ellas, os sentidos primeiro lhe inclinou; tanto podem as suas cousas, ouvindo-as; e se não fôra que era ella moça, ligeiramente o entendera logo; mas não no entendendo, mil vezes naquelle dia lhe tornou a pedir lhe dissesse, ora a cantiga, e ora como estava. E por acerto perguntando-lhe uma vez de que feições era, lhe disse a ama: Eu ja outras vezes o vi, de bom corpo, e de boa disposição: a barba um pouco espessa, e um pouco crescida que a elle tras, parece que é aquella a primeira ainda. Os olhos brancos, de um branco um pouco nublado, na presença logo se enxerga que alguma alta tristeza lhe sogiga o coração. Lembrou a Aonia só tornar-lhe a perguntar quando fôra as outras vezes que o vira. Disse-lhe então de como aquelle pastor se vinha pòr derredor daquellas casas sempre, e às vezes se punha a fallar com os officiaes, e outros andavam defronte (ribeira daquelle rio) pastorando o seu gado: e este era o pastor a que todos chamavam o da frau-

ta, que conhecido era de todos. Não no conhecia Aonia; porque nunca sahira fòra: mas como então logo poz na sua vontade de olhar por elle, e de buscar maneira pera isso, camanho dò lhe fez ouvir delle o seu canto, enganada assim daquella falsa sombra de piedade, que toda aquella noite seguinte, não pôde dormir: mas não que ainda fosse declarada comsigo, nem debaixo daquelle desejo, determinasse nada, porem ardia em fogos de dentro de si. E porque de todo ponto se acabasse isto de confirmar de todo, ainda bem não era manhãa, saindo a ama da menina a uma varanda à maneira de eirado (que sobre uma parte das casas estava, e fòra feito logo no começo pera despejo) viu o pastor estar sò sobre a borda deste rio, não muito longe do lugar onde o ella vira o dia dantes; que alli estava o freixo onde se elle poz a primeira vez que saira da tenda: onde tambem viu a sombra, como vos disse; e ali foi onde depois veio morrer.

CAPITULO XX.

DA PELEJA QUE O TOURO DO PASTOR TEVE COM OUTRO ALHEIO, E DE COMO O MATOU; A QUAL AONIA ESTAVA VENDO DO EIRADO.

E como assim o viu, foi logo dizel-o a Aonia. Camanha pressa dava já a fortuna ao desastre, ou era vinda a hora que se não podia alongar. E

como lho houve dito, occupou-se em negocíos de casa. Levantou-se Aonia, e deitando sò uma roupa grande sobre si (que em camisa estava ainda na cama) se foi ao eirado, e viu-o estar virado pera aquella mesma parte. Mas vendo-se Aonia no eirado, e vendo-o, lembrou-se logo que ía toucada de um arrodilhado sò, como se erguera: e, ou por não parecer que se erguera então, ou jà por não parecer mal, lançou a uma manga da camisa sobre a cabeça, e se leixou estar assim. E nisto começaram as vacas parecendo rodeal-o naquelle lugar onde elle estava: que era uma maneira de outeiro pequeno: e andando pascendo ellas, umas pera cà, e outras pera là, leixou-se de outra manada vir um touro grande e medonho, urrando, e lançando de quando em quando a terra sobre as ancas: e doutras vezes parecia que a queria comer, meneando a cabeça pera uma e outra parte, e chegando às suas vacas começou tão feramente a peleijar com outro seu, que espanto fazia a ella là onde segura estava delles no mais. E andando assim, começaram de se ir chegando com grande peleija, pera o lugar aonde elle estava: mas vendo ella que não se mudava elle, nem tirava os olhos daquella parte onde elle olhava; antes parecia (segundo estava seguro) que os não via, senão que isto não era pera crêr. Mas quando ella de todo em todo viu que os touros se iam chegando a elle, ficou esmorecida; e tornando em sí olhou, e com o espaço que se metia em meio, tolhendo-lhe os tou-

ros a vista delle, parecendo-lhe que o tomavam debaxo, cahiu do outro cabo como morta. Vendo Bimnarder aquello (que pera outro cabo não olhava) deu-lhe logo no coração o que era; e inda que elle tivesse muitas razões pera o duvidar, ou não o haver por certo, pois de sua vontade Aonia não era sabedor que elle soubesse, com tudo creu: porque assim o quiz o bem querer grande, que todas as cousas duvidosas fossem mais certas, ou por mais certas se crêssem. E cobrando força da menencoria que houvera polo que suspeitou, com um cajado grande, que tinha na mão, tirou ao touro alheio, que já o melhor do seu levava: e quiz a sua dita que lhe quebrou uma perna: e lançando-se rijo, e acordadamente pera elle, o levou por um dos cornos: e como Bimnarder fosse de muito grandes forças, e com ajuda do seu touro, que por instinto natural conheceu o socorro (que lhe tambem começou per sua maneira de ajudar) prestamente deu com o outro em terra: e virando-lhe a cabeça pera o ar o leixou, que se não pode bulir. Viram isto todos os de casa, que ao estrondo grande, e urros dos touros acudiram, e foram todos espantados do esforço grande do pastor, e não falavam em al. A ama que tambem o viu foi-se em busca de Aonia pera lho contar; mas não na achando na camara, lembrou-se que seria no eirado. Indo là a achou deitada. Chegando-se a ella a viu como passada deste mundo, e dando um ai grande lançou a mão ao seu ros-

to: mas ao brado acordou Aonia como cançada. E parece como trazia o pensamento ocupado do pastor, foi-se a figurar o que receava: que cuidou que o que fazia a ama, seria com dò do pastor, que assim tambem chorava ella quando lhe contara o que fizera o dia d'antes: e a primeira palavra que lhe disse foi: E o pastor? Descansou a ama com isto que lhe ouviu, parecendo-lhe que esmoreceria ella de vêr a afronta camanha em que se pozera o pastor (como é costume das mulheres): mas ella era outra cousa maior, que estava muito havia d'antes tão longe de poder ser, como ella de o poder então cuidar. Mas tudo jà pode ser; ao longo tempo não é nenhuma cousa nova. Contou-lhe então a velha ama tudo o que passara o pastor. E tornada em suas forças se ergueu Aonia, e puzeram-se ambas um pouco a olhar pera o touro que no chão jazia. Estava ahi muita gente dos officiaes das obras, e de casa; e se não fôra pola vergonha que havia Aonia de a verem, que era em extremo bem acostumada, não se fôra ella dalli: mas com tudo foi-se jà um pouco tão declaradamente contra sua vontade, que o entendeu ella; porem como era aquelle o primeiro cuidado, não lhe pareceu de todo o que foi, senão que jà consentia ella a si mesma cuidar, que se elle não fosse pastor logo lhe quereria bem. Recolheu-se Aonia pera a camara a vestir-se; e em se recolhendo, acertou de vir de fòra uma mulher de casa, que tambem parece saira a ver a peleija dos touros: e

entrando na casa aonde ficara a ama, começou um pouco alto fallar-lhe, dizendo: Quereis vòs senhora ama saber? Aqui calou-se como muito maravilhada. A esta palavra que Aonia ouviu, se poz a escuitar detraz da guardaporta da camara. Que, o pastor? lhe tornou a ama. E' uma maravilha grande, lhe respondeu a mulher. Deveis de saber (não sei se vos lembra) que este pastor é um cavalleiro, que aquella antemanhaã (que a Deos prouve levar Belisa pera si) chegou aqui, e fallou a Lamentor. Eu me acertei então ahi, e o vi sahir da tenda com os olhos cheios da senhora Aonia, e d'agua; e todo o tempo que ahi estivera d'antes, sempre a olhou de uma maneira como que não podia al fazer, e que não desejava fazer al: Que vos heide dizer! Verdadeiramente me pareceu que se hia elle então como que lhe ficava ahi o coração. E por isto que entendi, sahi logo apòs elle por vêr onde ia: e elle foi-se assentar a par de um freixo grande que alli está, aonde foi a peleija dos touros. Eu não olhei mais o que elle fizera (nem o tempo era pera isto disposto) senão agora que fui vêr aquello que elle fez, e em lhe pondo os olhos deume logo a sombra delle, e tomei eu isto por mais misterio; porque quanto então estava eu bem fòra de cuidar nelle, por esta maginação supita que me veiu, tornei a tentar mais nelle, e vi que não podia tirar os olhos de cá: e quando vòs vos fostes do cirado ficou triste mais que d'antes. Quanto pera mim abastou aquello pera confirmar

minha presumpção; porque elle era aquelle como Deos é Deos. Era esta mulher um poucochinho lambareira, e porem era avisada se o alguem era. Mas pola outra tacha que tinha quiz-se a ama encobrir-se della; e posto que aquelle todo logo se lhe assentasse n'alma, polo desfazer, disse-lhe, que se fosse dahi, que ella conhecia aquelle pastor; e por lhe ver um dia tanger uma frauta bem, perguntara por elle, e disseram-lhe que era filho de um maioral de uma grande manada de vacas e gado que neste valle anda. E assim se despediu della: porem a velha ama ficou crendo, que bem sabia ella que os acertos em todalas cousas podiam muito, e no querer bem mais que em todas ellas.

CAPITULO XXI.

DE QUE MANEIRA BIMNARDER SE VIU COM AONIA.

Aonia que estava escuitando, ouviu toda esta pratica: e com quanto a ama contradissera o da outra, ella creu; e não fora isto nada, senão que apòs a crença foram todas as outras cousas (que as crenças nestes casos soem trazer apòs si) que logo teve desejos, cuidos ao querer bem; e jà não havia o dia, nem hora, que lhe fosse certo de sua vontade, pera que se não apartasse dalli per algum desastre, que ella começou a re-

cear, porque o verdadeiro bem querer, não póde estar muito sem receio. Vedes aqui como se namorou esta donzella de Bimnarder, que pareceu cousa feita assinte; porque ambos se começaram a querer bem sob uma sombra de piedade; e haviam de acabar ambos de uma maneira, começaram assim tambem ambos de dous de uma. Aonia que se determinou comsigo, não pôde mais descansar. E como elle tivesse em costume vir sempre por derredor daquelles paços (que sumptuosos se faziam á maravilha) por uma fresta alta, que na cama onde ella dormia fôra feita só pera lume, se subiu Aonia, sabendo como elle andava ahi. E como o viu, com os desejos que tinha de o ver, e com o que comsigo tinha assentado, pareceu-lhe não tão sò assim como elle era, mas como ella queria que fosse. Depois de o ella estar olhando um pouco bem á sua vontade, porque elle ainda que contra a fresta com o rosto acertasse então de estar, acertou-se tambem de estar olhando pera o chão, cuidoso como sohia, teve ella tempo pera o ver bem. Mas depois de um pedaço bom, não soportando ser vista delle, fez que fallava com alguma pessoa de casa. A isto olhou Bimnarder, e conhecendo-a transportou-se, e lhe cahiu o cajado no chão. Levou Aonia contentamento d'aquelle desacordo, que bem o viu. E esteve assim mais um pouco; mas não pôde tanto forçar-se que a vergonha natural de donzella (ainda tão moça, e tão guardada como ella era) não pudesse mais que o seu desejo; e

tirou-se asinha da fresta. Porem não sendo ainda bem em baxo tornou a espreitar se se fôra elle , e tornou-se logo a tirar. Tambem quizera ella tornar outra vez, e outras , mas não pôde tantas vezes acabar consigo a fazer o que não devia. Veio-se a noite aquelle dia mais cedo pera Aonia do que nunca outra viera. Deos sabe como ella aquella tarde passou: mas não quero aqui contar muitas cousas, que, por querer bem, se fazem de maneira que se não podem dizer. A velha honrada da ama, que com o que sospeitou, entendeu o desasocego de Aonia, que differente foi logo pera que atentasse nisso, andava triste, e anojada, em parte de si, polo que lhe contara delle: e por isso o sentia muito mais; e àquella cea não pôde comer. Mas recolhidas que ellas foram àquella camara da fresta, onde dormiam, e pondo-se a ama a pensar a menina sua criada como sohia, como pessoa agastada de alguma nova dôr, se quiz tornar às cantigas; e começou ella então contra a menina que estava pensando , cantar-lhe um cantar à maneira de solào, que era o que nas cousas tristes se acostumava nestas partes, e dizia assim:

ROMANCE.

Pensando-vos estou filha,
 Vossa mãi me está lembrando,

Enchem-se-me os olhos d'agoa
Nella vos estou lavando.

Nascestes filha entre magoa,
Pera bem inda vos seja,
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes,
Vossa mãi era finada,
Nós outros eramos tristes.

Nada em dôr, em dôr criada,
Não sei onde isto hade ir ter,
Vejo-vos filha fermosa
Com olhos verdes crescer.

Não era esta graça vossa
Pera nascer em desterro;
Mal haja a desaventura
Que poz mais nisto que o erro.

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãi, e magoa a nós;
Não ereis vós filha, não,
Pera morrerem por vós.

Não houve em fados razão,
Nem se consentem rogar;

De vosso pai hei mòr dôr,
Que de si se hade queixar.

Eu vos ouvi a vòs sò
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vòs, se eu não fòra;
Não sei se fiz mal, se bem:

Mas não pode ser, senhora,
Pera mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes.

Conforto mais duvidoso
Me é este que tomo assi,
Deos vos dê melhor ventura
Do que tivestes té aqui.

A dita, e a fermosura
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia
Sendo dantes muito amigas.

Muitos hão que é fantesia;
Eu que vi tempos e annos,
Nenhuma cousa duvido
Como ella è azo de damnos.

Nem nenhum mal não é crido;
O bem só é esperado:

E na crença, e na esperança
Em ambas ha hi cuidado;
Em ambas ha hi mudança.

CAPITULO XXII.

DE COMO BIMNARDER ESTANDO NA FRESTA DA CAMARA DE AONIA SE POZ DEVAGAR A OUVIR A AMA.

O Pastor da frauta (que não era pastor) teve aquella noite maneira como com um páo que co lheu arribou à fresta: e já estava nella, quando começaram o solão. Bem conheceu na limpeza das palavras, e na pronunciação d'ellas, que era natural desta terra, e avisada, per onde logo receou que, se não tivesse nella ajuda, que teria grande estorvo. Encommendou-se à sorte. Acabou a ama de pensar a criada, que não foi pensada sem muitas lagrimas d'ambas della e de Aonia, que penteando-se esteve em mentes, segundo sentiu Bimnarder, que elle nada de dentro podia bem devisar polo impedimento de um pano que diante da fresta estava pera amparo della. Acabada a menina de pensar, apagando o lume, se deitaram ellas: e porque a ama tinha sua suspeita, fez que dormia, pera espreitar a Aonia; e Aonia, porque tinha seu cuidado, não podia dormir, e ora se revolvia pera uma parte, e ora pera

outra; e outras vezes apòs um assossego de um pouco (colhendo folego) dava um baxo suspiro longo, á maneira de cansado de aquillo que acabara de cuidar. Esteve tudo a ama notando por um grande pedaço. E já Bimnarder estava pera se descer, cuidando que era outrem a que fazia aquello, senão quando a ama começou assim a fallar escontra Aonia.

CAPITULO XXIII.

DO SINGULAR CONSELHO QUE DEU A AMA Á SENHORA AONIA PELO QUE SUSPEITOU DE SEUS AMORES.

Não dormis, senhora Aonia? E que serà, senhora, senão podeis dormir? Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui pera desastres foi, e não mais: mas assim de longe os ordena elles a ventura, que logo ao começo se não podem conhecer. Mal cuidara eu o que havia de acontecer à senhora Belisa, quando aquella noite, depois de dormirem todos, nos alevantamos nós sòs, caladamente, e polo laranjal do jardim (que com a espessura do arvoredo fazia então maior escuro) passamos cheias de medo: e vòs pegada a mim toda tremendo, fomos sahir pola portinha falsa que acolà no mais escuro lugar delle estava, onde achàmos a Lamentor aguardando-nos jà havia

pedaço, todo cheio de esperanças tão longas, que enfim haviam de vir a ser assim esperanças no mais. Por isso cumpre a todalas pessoas (e às donas senhora muito mais cumpre, pois são as que aventuram mais) que ao principio das cousas olhem onde ellas podem ir parar: que não ha nenhuma camanha, que no começo della se não possa resistir, ou leixar sem trabalho: que muitos rios grandes ha ahi que onde nasçem se podiam impedir com um pé, ou levar pera outro cabo; e no meio delles, ou depois que colhem forças, todo o mundo junto os não poderão tolher, ou mudar: chama uma agoa a outras aguas: e um erro a muitos erros. Em pequeno espaço crescem de maneira que se não podem depois leixar. Gravemente, e com muita prudencia, devia cada um cuidar se o que faz, ou o que determina fazer, é cousa honesta e que convenha; que se lhe sahe bem, todos lho tem a bem, e se não, ainda que o mundo lho tenha a mal (o que muitas vezes acontece) porque mal pecado já as cousas não são julgadas senão polas sahidas dellas, não tem ao menos de que se queixar comsigo. E grande bem é a meu ver escusar a pessoa as imisades antre si, pois não ha lugar cà neste mundo que defenda ninguem de si mesmo. Pode-se tolher imigo e imiga, frio, e chuva; cuidado pode-se tomar, e tolher, não. Já quem faz o que deve, sahindolhe como não deve, não quero afirmar que lhe não dará paixão, que a perda de qualquer pre-

posito [ainda que seja desarresoado] a dà. Mas assim digo que se lhe der paixão da-lhe sofrimento pera ella. Bemaventurado se pode chamar nesta vida quem tem dôr que se suporte; pois segundo parece não se pode viver sem ella, assim, ou assim. Nos amores cuidarà alguem que não é isto necessario, e que não é acostumado: cuido eu que não podera ser mais necessario. Cá em todalas cousas se deve haver respeito ao como e quando, e ao pera que se fazem por não errarem: maiormente se deve ter este respeito nos amores, pois são tão sujeitos aos erros, que mais mal contado seria ao caminhante rico, se fosse desapercebido polo lugar que de ladrões é seguido, que per outro que o não fosse: que naquelle, se lhe acontecesse algum desastre, culparia a ventura; mas naquell'outro culparia a si, que são culpas mais graves de perdoar. Por isso senhora, vos peço que aprendais de mim, que vi culpas e os danos dellas, que assim como toda a pessoa no bem é mais amiga de si que doutrem, assim tambem no mal [quando acontece que haja algum desvario consigo] è mais amiga de si que de ninguem. Isto não é pera espantar que é imigo de casa como dizem. Ainda mal muitas vezes que me foi necessario que volo dissesse, porque o soube pera volo dizer. Querer antes senhora não ser contente que arrependida. E aqui fazendo a ama uma pausa, não pera acabar, senão pera descansar [que em vontade tinha jà de lhe dizer tudo] sentiu dormir Aonia. E cui-

dando que fosse fingido, esteve hum pedaço espreitando-a, e por derradeiro pondo-lhe a mão, e bolindo-a, se certificou que dormia. Parece que cansada do trabalho não acostumado, adormeceu. Ella era moça, e nunca se vira noutra. A ama, ainda que isto lhe fizesse duvidar do passado, com tudo polo que passara ja por ella, pareceu-lhe o que era. Cà não ha cousa que traga mais certo o somno às moças, que a dôr grande: e às velhas, tira-lho. E com esta fautesia em que se a ama afirmou, adormeceu tambem.

CAPITULO XXIV.

EM QUE CONTA O MAIS QUE A AMA PASSOU COM A SENHORA AONIA ÀCERCA DE BIMNARDER.

Bimnarder, que todo aquelle tempo passou como Deos sabe, vendo que assim se calaram, não soube que se determinar; que tão cortado ficou das palavras da ama, polo damno que temeu de lhe fazerem, que se lhe tornou o juizo, e não soube dar sahida nenhuma àquelle callar: e assim enleado acerca do que seria esteve, até que a manhãa o levou d'alli, bem contra sua vontade. E porem não se pôde ir logo d'alli. Da magoa d'elle não vos quero contar; era homem, poderia com ella: mas da coitada de Aonia (que as boas palavras da ama não aproveitaram mais

que pera se guardar d'ella) vos contarei. Ergueram-se pola manhãa, e posto que a ama tentasse a Aonia, dizendo-lhe se ouvira ella a noite d'antes o que ella contára; ella dissimulou altamente, e pola saudade, e polo amor de criação que lhe a ama tinha, creu logo de todo, e polo assossego de Aonia feito assinte o acabou de confirmar, e houve o passado por nada: e pareceu-lhe que seria o desassocego de moças: que às vezes por mocidade fazem cousas que, não fariam em outra idade; ainda que n'isso fosse todo seu desejo. Assentando a ama n'isso metteu-se na occupação de casa (que era grande) porque sobre ella carregava tudo: polo que a Aonia ficou lugar e tempo, que bastava. pera cuidar mais á sua vontade, e pera fazer como Bimnarder fosse certo d'ella: e pondo cofres sobre cofres, fechando a porta da camara, primeiro dissimulando fazer alguma cousa, se sobiu à fresta. E ainda bem não era n'ella, viu Bimnarder que não estava longe d'alli, nem tão perto que a conhecesse logo; polo que se leixou estar um pouco pera se afirmar melhor. Ella que não supportou já aquella tardança, lançando uma manga da camiza fòra da fresta, fez que o chamava. Chegou elle asinha que vendo-a ficou assim sem lhe poder dizer nada. Mas Aonia que estava ja determinada comsigo, ousou fallar-lhe primeiro, mas não o que ella quizera que não pôde tanto comsigo. E mudando o proposito n'aquelle que se acertou, lhe disse: Aqui andava pastor cada dia

sempre. Essa fresta, lhe respondeu elle, não está ahi, senhora, de noite tambem? Aonia que o entendeu, muito manso lhe tornou: Está, ajudando a palavra com o abaxar dos olhos, que de todo então ao dizer d'aquelle poz n'elle. E não o entendera Bimnarder se não fôra por isso, mas não lhe tornou elle a resposta. Cà ella n'isto desceu-se, porque se lhé afigurou que bulliam na porta da camara, e tornando os cofres a seu lugar se foi abril-a: e não, achando ninguem, quizera tornar, senão quando n'isto eis vem a ama com outras mulheres de casa. De maneira que todo aquelle dia não teve outro tempo; mas logo n'aquellas palavras que lhe o pastor dissera, entendeu que eram pera que tambem olhasse de noite por elle: e com esta esperança que se deu a si mesma, passou aquelle dia, que tambem Bimnarder passou com sua esperança que tomou d'aquella palavra derradeira que lhe ella fallou, com os olhos mais que com outra cousa. Mas não cuidára elle, me parece a mim (dizia meu pai) que havia de ser pera tanto como lhe sahiu, polo pouco que antre ambos era passado. E porem por isso estava mais certo, me tornou a mim a parecer (dizia meu pai) porque como a ventura venha mais em todalas cousas que tudo quem sò a tiver não ha mister mais.

CAPITULO XXV.

DE COMO BIMNARDER PELA FRESTA DO APOSENTO DE AONIA LHE FALLOU.

Como aconteceu a Bimnarder que, vindo a noite, pondo-se á fresta, como as passadas fizera, sentiu-as deitar, e dahi a um grande pedaço já (que estava desesperádo) ouviu pola casa andar mançosinho, e pôrem, como alguma cousa, escontra a fresta. Estando com o sentido prompto n'isto, sentiu que subia alguem, e não crendo que fosse tanto (como acontece na vista das cousas muito desejadas, e esperadas muito) antes receando que fosse algum desastre, abaxou-se prestes, e leixou-se estar ao pé da fresta. Aonia levantou o pano, e com o escuro que fazia não viu ninguem. Comtudo leixou-se assim estar um pouco, e não sentindo nada, duvidou de todo, e indo pera se descer disse: Parece que foram palavras. Conheceu-a na falla Bimnarder. Dizendo: Não foram, nem serão — subiu asinha á fresta. E ella tambem o conheceu, e subindo, chegando elle e querendo-lhe fallar, disse ella muito passosinho: Que me perdoeis. N'isto começou a chorar a menina, e acordando a ama se poz a embalal-a cantando-lhe; mas não se querendo ella acalentar se ergueu a ama, dizendo: Não sei se acharei lume, que esta creança sente alguma cousa. E dês que

abriu a porta da camara se foi lá á outra casa das mulheres a catar lume. Aonia que viu não haver remedio, querendo-se asinha descer, chegou o rosto muito á fresta dizendo: Hide-vos embora, que não pode ser mais. De vòs, lhe respondeu elle, me não posso eu ir assim: e isto tremendo-lhe a falla. E ella que houve dó d'elle, querendo voltar o pano emparo da fresta, não se pôde ter, que lhe não desse de si alguma presença; e disse-lhe: Polo que fiz por vòs julgai o que tinha pera vos dizer, e perdoai-me que não posso pagar em mais o soltar d'este pano. E assim o voltou descendo-se muito asinha, e concertando tudo. Quando já tornou a ama achou deitada.

CAPITULO XXVI.

DE COMO BIMNARDER ESTANDO NA FRESTA DE AONIA ADORMECEU, E LHE FORAM PER SONHO OS PÉS, E CAHIU.

Leixou-se Bimnarder ficar á fresta, e esteve té pola manhãa (que tão occupado lhe ficou o pensamento d'aquellas palavras que lhe Aonia dissera em se indo, e da maneira com que lhas dissera, que uma cousa e outra não lhe dava a mais vagar, nem tão só pera se acordar de fugir ao tempo, mas como elle não tivesse a noite d'antes dormido, nem o dia que se seguiu) entonces

como descansando de alguma parte de seus cuidados: não já pera os ter menos; mas como se acontece que quem traz alguma cousa que muito deseja, anda, em mentes aquelle desejo o traz, não pode repousar; mas depois que alguguma segurança lhe vem de o ter cumprido, repousa e dorme, como se o alcançára. E não podemos dizer que seja então menos desejo, que antes por rasão deve ser mór. Assim foi Bimnarder, que parte de cansado, e parte de contente, transportou-se parece tanto em seu cuidado, que se lhe foram per sonhos os pés e as mãos, e cahiu no chão com o páo após si. E no cahir lavou toda em sangue aquella parte do seu rosto que daquella banda da parede parece que levou, de que muitos dias esteve mal depois. Mas nenhumas cousas grandes se acabaram, senão por meios de grandes desastres, como aqui vereis: porque esta queda foi causa de Bimnarder vêr o que pola ventura nunca vira:

CAPITULO XXVII.

DE COMO A AMA SENTINDO DE NOITE O ESTRONDO DA QUEDA, O QUE SOBRE ISTO FEZ COMO FOI MANHÃA.

Mas diz o conto qne a ama, que a menina não a leixara mais dormir, sentiu todo aquelle estron-

do. E Aonia, que não dormia, tambem o ouviu, e cuidòu logo o que temeu: porem dissimulou graudemente, porque ja se guardava da ama. Mas ella que ja tambem estava descuidada de Aonia, foi suspeitar outra cousa: que seria alguem daquellas obras, porque muita gente andava ahi, e pola ventura viria espreitar por aquelle lugar o que ellas de noite faziam, que bem sabia ella que os homens tudo ousavam fazer de noite. E ainda bem não foi manhãa, foi derredor da casa, e achou signaes por onde confirmou sua suspeita: e logo a mandou tapar de pedra e cal, contando tudo da maneira que o ella cuidou primeiro a Aonia; que lh'o ouviu com camanha magoa, que mòr trabalho cuido eu que levaria em lh'o encobrir que em a soffrer comsigo: porque o soffrer faz-se por vontade, e a outra contra ella. Mas este remedio tolhido, Aonia deu-lhe causa pera buscar outro maior; e chamando a uma mulher de casa, que Enis se chamava, avisada, e de quem se podiam bem fiar grandes cousas; e assegurada no segredo, polas melhores maneiras que pôde, contando-lhe seu coração, lhe disse que fosse ver se andava pola ribeira daquelle rio o pastor da frauta; e se o não visse que perguntasse a algum outro pastor por elle. Fe-lo ella assim; e soube que jazia doente em um monte perto dalli, onde morava a mulher e filhos do maioral do fato em que elle andava. E tomando ella em sua companhia um homem de casa, determinou de ir lá; porque camanha vontade conhecia

em Aonia que não pôde fazer menos. Chegou asinha ao monte, e perguntando polo pastor da frauta, lh'o foram mostrar lá em uma casa palhaça detraz das outras, donde elle estava; e ficando elles ambos sós, que assim buscou ella maneira, lhe descobriu inteiramente ao que ia: Bimnarder, que logo a creu porque era mulher, sobre a cabeceira, onde pobremente estava encostado, se lhe leixaram cahir umas ralas lagrimas cansadas, dantre contentamento e muita dôr, que de ambas as duas soem ellas ás vezes vir, as quaes fizeram certo a Enis do grande bem que elle a Aonia queria; e não lh'esqueceu ella contal-o depois. Ali estiveram ambos um grande espaço de tempo, e Bimnarder contando-lhe tudo do começo: e detiveram-se tanto que foram suspeitando mal da tardança, se fôra em outro lugar:. mas a vida do monte, não cria suspeitas, como não cria de quem suspeite mal. Mas comtudo detiveram-se ainda ambos nesta pratica muito menos do que ambos quizeram, polo homem que Enis trouxera. Tornada ella onde Aonia estava, lhe contou tudo; cousa por cousa, que não ficou nada.

CAPITULO XXVIII.

DE COMO ESTANDO DA QUEDA BIMNARDER MUITO DOENTE, AONIA BUSCOU MANEIRA PER ONDE O FOSSE VISITAR.

Veio assim acerto que perto dalli havia uma casa d'uma Santa de grande romagem, e era então o outro dia a vespora de seu dia; e a ama e as mulheres de casa ordenaram de ir là; e havida licença de Lamentor pera Aonia, e postos no caminho (que a pé podiam bem andar) ao passar pelo monte se chegou Enis a Aonia, e disse-lhe que ali era, porque assim iam jà concertadas. Nisto fez Aonia que cansava. A ama disse logo que repousasse um pouco. Mas desta vez não teve ella maneira pera ir onde Bimnarder estava. Foi là Enis. E da tornada fizeram ali grande detença. Buscando achaque de querer là ir pera detraz das casas, levando Enis comsigo houve tempo pera Aonia entrar onde elle estava então deitado escontra a outra parte da parede, chorando porque não vira Aonia ao passar, que bem se podera elle erguer. E com isto cuidava tambem que havia de perder a tornada: porque um mal nunca lhe viera sem outro: polo qual estava no maior pranto do mundo, antre si. Entrada Aonia deteve-se um pouco, e sentiu que chorava, e suspirava baixo: de maneira que como naquello se for-

çava a si mesmo, ella por ver se poderia saber o porque, que tudo desejava saber delle, deteve-se ainda mais; mas elle com pensamentos muitos que sobrevinham ao choro, mais acrescentava do que o diminuia. Assentando-se então Aonia na borda daquella sua pobre cama lhe poz a mão, e quizera-lhe dizer alguma cousa, mas não pôde que lhe faleceu o espirito. Virando-se Bimnarder, e vendo-a, tambem lhe faleceu o seu. Estiveram assim ambos um grande pedaço sem se dizerem nada um ao outro: e elle com os olhos postos em Aonia, e Aonia postos os seus no chão, que em se virando Bimnarder tomou vergonha; levando-os assim à terra cobriu-se-lhe o seu fermoso rostro de uma tamalavez de côr alem da natural: e sohia dizer meu pai, que em parte desta historia em seu tempo se soubera, que não parecia senão que viera aquella côr como por ajudar ainda Aonia escontra Bimnarder, tão fermosa a ella fermosa fizera. Mas estando assim nisto elles ambos, e não estando elles ambos ali, chegou Enis muito rijo à porta dizendo que se queriam jà ir, e que a mandavam chamar. Assim for forçada levantar-se Aonia e ir-se, e Bimnarder ver tudo e ficar. Mas Aonia que bem via os olhos de Bimnarder como ficavam, tomou uma manga de sua camisa, e rompendo-a, pera remedio de suas lagrimas lh'a deu, significando na maneira sò de como lh'a deu o pera que lh'a dava. Cà parece que a dôr grande que sentia, não lh'o leixou dizer palavra, mas em lh'a dando poz os olhos nos

seus, dizendo-lhe sò assim: Peza-me, pois a minha ventura, ou desaventura, não quiz que vos eu leixasse de magoar com o que eu não quizera. E estas palavras lhe disse jà fora da porta: e com ellas, e com o que sentiu ao dizer dellas, duas e duas lhe começavam as lagrimas a correr dos seus fermosos olhos; e polas suas faces fermosas abaixo lhe iam fazendo carreiras per onde iam: que Bimnarder a tanto pranto convidou quanto era a razão delle, pois perdia a vista. Foi tanto o choro que não lhe abastavam os seus olhos às suas lagrimas, polo que lhe não pôde então dizer nada. Mas Enis apressando Aonia com a falla, e com as mãos quasi empuxando-a, e levando-a já, virou-se pera elle Aonia, dizendo: Levam-me. E leixando-se ficar toda com os olhos, se foi assim enlevada, até que com a parede das outras casas trespoz. Apartada que ella foi de Bimnarder; elle não se pôde ter que pola outra banda da sua casa, se não saisse escontra aquella parte donde se podia ver o caminho que ellas levavam: e alli esteve olhando em mentes a terra lhe deu lugar, e depois um gram pedaço, em quanto poderiam bem chegar a casa. Cà parece folgam tambem os olhos com a presumpção, e descansam de olhar pera aquella parte donde està, ou vai, aquello que podiam ver, senão fora a fraqueza delles, ou o impedimento d'alguma cousa: mas como lhe pareceu que seria em casa lembrou-se logo do lugar donde ella estivera na sua cama assentada, e a grande pressa se tornou pera là. E entrando foi-se alli pôr onde estivera

dantes. Comsigo estava fantaseando Aonia; ora lembrando-lhe como aquello fizera, ora como aquel loutro. Depois tomando aquella parte da manga, que lhe leixara, se punha a chorar com ella a volta de palavras tristes, como que houvesse de entender. Nisto passou aquella doença, em que grandemente foi visitado de Enis, e sarou asinha. E daqui até que lhe aconteceu a desaventura que vos contarei, se passaram tempos e outras cousas: por que os paços de Lamentor acabaram-se e polo apartamento do lugar onde elles estavam, Aonia, e a ama com outras mulheres de casa, iam passar tempo ribeira deste rio, onde Bimnarder sempre andava. Mas nenhuma cousa ha neste mundo em que se deva ninguem muito de fiar; que aquella grande segurança em que Bimnarder estava em lugar tão ermo, lhe não pôde durar, como agora vereis.

CAPITULO XXIX.

DE COMO LAMENTOR CASOU AONIA COM O FILHO DE UM CAVALLEIRO SEU COMARCÃO, E DO QUE ENIS ACONSELHOU A AONIA QUE FIZESSE.

E FOI assim que a donzella, por quem morreu o cavalleiro da ponte (como vos hei contado) veio tristemente acabar por azo da viuva irmaã que o levou nas andas. E sucedeu no castello um filho de um cavalleiro muito valido, e rico nesta ter-

ra, que por meio de visinhos desejou a Aonia por mulher: o que foi asinha acabado pola igualança d'ambos, naquello em que a quizeram aquelles em que estava o prasmo do casamento. Mas polo nojo de Lamentor, e polo apartamento de sua vida, não no soube Aonia senão o dia d'antes que a havia de levar pera o castello; qu'em sua casa não queria Lamentor ver prazeres: e bem lhe pareceu que se não descontentaria Aonia do esposo; porque era bem aposto cavalleiro, e dos bens do mundo abastado; e por isso tambem escusava dizer-lho então. Mas não foi assim: que Aonia toda aquella noite passou em um grito. Se não fòra por Enis, que do seu segredo era sabedor, morrêra; ou se fôra por esse mundo: mas ella a consolou; e com muitas esperanças que lhe deu, não tão sòmente a susteve, que não fizesse de si nada; mas antes ainda lhe fez ser contente daquella vida, e dezejal-a: porque lhe dizia que segundo os casamentos occupavam aos homens, poderia ella ter a liberdade que quizesse; e com o resguardo faria o que sua vontade fosse, o que não poderia na casa onde estava. Este conselho foi tomado sem Bimnarder; porque a brevidade do tempo não deu lugar pera isso: mas concertaram-se ambas, que ficasse Enis pera lho dizer ao outro dia: e depois mandaria por ella, porque logo determinou pedil-a a Lamentor. E veio aqueloutro dia; e como Bimnarder não guardasse outro gado, ainda bem não era manhãa, já elle andava ribeira deste rio: e viu vir gente de cavallo muita, e passar a ponte

escontra os paços de Lamentor. Mas não teve então a quem perguntar o que seria aquello. Com tudo não se tirou dalli, porque logo se lhe revelou o pensamento, e inclinou a vontade a querel-o saber: que pola maior parte, o que ha de ser, dà primeiro sempre n'alma; e se andassemos sobre aviso ligeiramente entenderiamos tudo, ou parte do que nos està pera vir.

CAPITULO XXX.

DE COMO FILENO O MARIDO DE AONIA, DEZEJOSO DE A TER EM SEU PODER, A LEVOU DE CASA DE LAMENTOR MUITO ACOMPANHADA.

Descidos os de cavallo, estiveram per grande espaço com Lamentor; e depois começaram uns contra outros sahindo, fazendo maneiras de prazer. E n'isto viu Bimnarder donas a cavallo, e viu o fio da gente escontra a ponte: per onde teve rasão de perguntar a um pagem que cousa era aquella. Disse-lho elle, passando seu caminho: mas Bimnarder não no acabou de crêr, camanho abalo fez no seu cuidado. E porem em olhando viu a Aonia, e com ella da outra parte esquerda o seu esposo, que conhecido ia nos trajos e na comunicação da pratica que antre ambos levava, porque, como derradeira cousa, olhava Bimnarder. E n'isto bem a viu; e Aonia nun-

ca se virou pera aquella sua banda; que continuada sempre d'elle era: mas antes porque ia inclinada pera aquella parte onde o esposo ia, pareceu-lhe a elle que o ia muito mais do que ella inda ia, e que o fazia assinte. Cá isto é natural quando vos uma pessoa cáe n'um erro: todalas cousas que depois faz, tomais á peior parte, como aqui aconteceu. Ficou Bimnardet tão cortado, que d'ahi a mais de uma hora não cuidou nada. E acabo d'ella, virando-se pera outra parte, se foi; e não no viram mais. Aquelle dia à tarde veio Enis buscal-o; e não no achando, perguntou por elle: e disse-lhe outro pastor (que a caso acertara então de estar perto d'elle olhando tambem a gente) que depois d'ella passada, estivera elle um grande pedaço sem se mudar do lugar d'onde estava, e sem tirar os olhos do chão, como homem cuidoso em sua maneira. E tanto, que elle mesmo olhara pera isso, e quizera-lhe fallar; senão quando elle n'isto virara pera outro cabo, e pela ribeira dando a andar rijo desaparecêra, e nunca mais o vira. E jà elle mesmo fôra ao monte de seu amo perguntar por elle, pera que viesse pastorar seu gado que andava desmandado; e não n'o acharam: e que do monte tambem o foram buscar por todo este mato; e pareceu a todos que seria ido, porque elle nunca tal costumou: e jà outrem andava com seu gado. Ficou Enis toda fora de si: e logo cuidou que lhe não cumpria ir ver Aonia, nem viver com ella, pois sahira

tão mal seu conselho. E tornada pera casa, ordenou dilatar sua ida per alguns dias, pera ver se sabia novas de Bimnarder. Entre tanto não sabendo nenhumas, e apressando-a Aonia que lhas levasse, determinou com tudo de ir: porque por outra via cuidou antre si, que com pouco trabalho se lhe tiraria por então Bimnarder do pensamento; que os casamentos, á primeira, parecem outra cousa: e senhoras, que d'antes foram prezas de amor, logo aos primeiros dias esqueceram todo o passado: mas depois per cousas e desgostos, que nascem da culpa do longo tempo, ou conversação que traz menospreso, tomaram muitas vezes as lembranças do primeiro. Porque n'isto que comsigo cuidou quiz obedecer a Lamentor, que jà, a pedido de Aonia, mandava que a levassem. Que vos heide dizer? Ainda bem não chegavam, apartou-se Aonia com ella: mas sabido o que passava, chorou muitas lagrimas, e mal disse o dia em que nascera. E Enis que era avisada, e via que pois o mal se não podia curar que se devia dilatar, lhe fez uma falla d'esta maneira: Leixemos, senhora, o pranto; que d'elle não se vos pòde seguir senão dous males muito grandes. Um é, que matais a vòs com choro: quando pola ventura vier Bimnarder não vos quereria achar assim; e serà esta então maior offensa pera elle, porque estoutra tem desculpa, e esta não a terá pera elle, se não se lhe quizerdes dizer que desconfiaveis d'elle: que monta tanto como cuidardes d'elle mal. Hora vol-o vede là senhora com

vosco, se podereis dar a culpa a quem quereis camanho bem. Pois afóra isto tendes ainda outro mal : que correis risco de o saberem vossos parentes: e como elles sejam tomados em tempo de bodas, não se poderá leixar suspeitar d'elles mal. E por aqui tolher-se-vos-ha pola ventura o que pode ser em algum tempo ; o que eu espero: porque as lagrimas de Bimnarder não podiam ser sem vos elle querer muito grande bem, e não vos podia elle querer muito grande bem que lhe não doesse muito o que fizestes: porque o bem querer grande, faz sentir muito os escandalos recebidos; e crêl-os na parte, quanto abaste, pera o sentimento ser maior do que pode ser. Mas (porem sempre leixa uma duvida lá na crença, pera experimentar n'algum tempo tarde ou cedo, segundo a dôr grande, ou pequena lhe dá lugar: não pode ser qne aquillo que vòs, senhora, sabeis não faça duvidar Bimnarder o que fizestes, de se elle desenganar per si mesmo. Ou se isto não é assim, não ha verdade no mundo, nem nos homens.

CAPITULO XXXI.

EM QUE SE DIZ DA GRANDE DOR QUE SENTIU AONIA EM SEU CASAMENTO.

ESTAS palavras desagastaram a senhora Aonia algum pouco, mas não de todo; que na verdade

se leixaram estar sò, e ter tempo pera preseverar n'este cuidado, não creio eu que ella podera durar muito. Mas era esposada d'então, e umas cousas, e outras não n'a leixaram nunca só: espalhavam-se os cuidados. Assim ella pouco a pouco foi-se avezando a viver d'outra maneira; que as occupações da casa, e a desconfiança, ou d'esesperança que foi tendo de Bimnarder, lhe fizeram indo nas cousas passadas uma sombra desquecimento, em que ella podera viver todalas horas de sua vida descansada, ou menos cansada, se em alguma cousa d'este mundo houvera segurança. Mas não na ha; que mudança possue tudo.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

PARTE II.

Da historia das saudades de Bernardim Ribeiro, a qual é declaração da primeira parte deste Livro.

CAPITULO I.

COMO SABIDO POR ELREI DA FERMOSURA DA SENHORA ARIMA, A PEDIRA A LAMENTOR, PERA NA CORTE SERVIR A RAINHA.

ARIMA (que assim se chamava a menina, a criada da ama) neste meio tempo fez-se a mais fermosa cousa do mundo. E sobre tudo que ella tinha estremadamente sobre todas, era-lhe natural uma honestidade, que a muitas, feita ainda à mão parece muito bem. A sua mansidão nos seus ditos, e nos seus feitos, não era cousa natural. A sua falla, e tom della, soava d'outra maneira que voz humana.. Que vos hei de dizer? Não parece senão que se ajuntaram alli todas as perfeições

com que senão haviam de ajuntar mais nunca. Era ella um só amor a seu pai; que grandes haveres tinha pera ella guardados, se a ventura a não tivera guardada pera outros. Dentro neste nosso mar Oceano, que aqui logo perto entra este rio, contam que havia naquelle tempo uma ilha tão abondosa, e camanha em terras, rica em cavallos, que dalli todo mundo casi senhoreava. Fallavam della maravilhas grandes. Mas o nosso conto não é agora este. Nella dizem que havia um Rei naquella sezão, que sustinha corte no mais alto estado que podia. Mantinha-se uzança, que todalas donzellas filhas dalgo, como eram em idade pera isso, se levavam á Corte da Rainha, e dahi sahiam honradamente casadas. Tinham assim em preço grande naquella terra, e em todalas que derredor sogigavam: Lamentor, que por fama já era delRei conhecido, e aceito a elle, pola sua maneira differente de todos, e pola sua nobreza de sangue, e feito d'armas; de que era sabedor por muitos cavalleiros andantes de sua corte, que bem o conheciam. Polo que foi mandado polo Rei que quizesse honrar sua corte com Arima; porque tendo-a lá a ella, lhe pareceria que o tinha a elle; e pola ventura se ordenariam cousas per onde em algum tempo o visse (que elle tanto desejava.) Cuidava o Rei que o casamento de sua filha lhe poderia mudar o preposito. Lamentor, que bem sabia que os pedidos do Rei, mandados eram, não lho póde negar. Concertado tudo o que era necessario pera aquella ida (vindo

muitos parentes seus, jà por parte do casamento de Aonia; vestida Arima ainda de dò; porque dado que muito houvesse que era falecida sua mãi na casa de seu pai não no parecia: e tambem porque por costume naquella casa nenhum outro vestido parecia melhor), e Arima jà que se queria partir, apartando-se da outra gente, foi-se só áquella camara onde seu pai sohia sempre de estar depois da morte de Belisa (porque alli tambem pera sempre estaria ella) a qual era feita tambem á maneira pera uma contemplação triste. E entrando ella, e indo-se pera pôr em joelhos e beijar-lhe a mão, a tomou elle amorosamente; e abraçando-a, e assentando-a apar de sí, tomando-lhe suas fermosas mãos antre as suas delle, lhe começou a fallar desta maneira.

CAPITULO II.

DA GRANDE MAGOA QUE SENTIU LAMENTOR, POR SE HAVER DE APARTAR DE SUA FILHA ARIMA.

Pera algum conforto das magoas que me ficaram, parecia-me a mim, filha e senhora, que me vos leixava a vós vossa mãi. Agora sou constrangido de nova dôr, quando não tenho novo lugar em que a receba. Aqui parece lhe corriam jà as lagrimas polas suas honradas barbas abaxo. A Arima tambem foram causa d'outras. Tornou elle, es-

forçando-se como cavalleiro que era, alimpando asinha seus olhos, dizendo-lhe a ella pola desagastar: Não choreis, filha, que vos fareis nojo dessa maneira ao vosso coração. Não convêm lagrimas tantas á fermosura: que ainda assim não nas podereis deter tanto, que sem ellas, ella não vá primeiro que vòs muito queirais: que o tempo bom não aguarda por ninguem. His pera a Corte, onde se não costuma senão prazeres, ou verdadeiros ou fingidos. Leixai a vosso pai os nojos, pois que pera elles nasceu, que vós pera outra cousa deveis nascer: que vos não foi dada a fermosura debalde. Melhores fadas vos cubram a vós, filha: e se al està ordenado no Ceo, primeiro que o eu veja, me possua a mim esta terra; que a melhor parte de mim, sem mim, ha tanto tempo que tem jà. E assim o rogo eu a Deos. Muitas cousas me lembram a mim pera vos dizer nesta partida; mas quero agora, quanto em mim for, escusar-vos magoas, que pois as não vistes, não foram feitas parece pera vòs. Mas de muitas, esta sò vos lembrarei. Sois estrangeira nesta terra: tudo se ha de olhar em vòs, e ha-se de esperar tudo de vòs: e não tão sòmente sois obrigada à vossa boa tenção, mas ainda à presumpção que outrem hade ter della. Culpas dadas mal se tiram ellas às donzellas. O acerto de tudo està em muito pouco: porque as pequenas são em as que se poem os olhos: que as grandes, quando se jà fazem, esperadas vem; e mais não se fazem senão uma vez na vida. Guardai-vos, filha, de cousas pe-

quenas, que de ahi se fazem as grandes: a fóra que das pequenas nascem as presumpções, ou suspeitas, que são peores no dar das culpas, que as esperanças mesmas. A boa fama é a melhor herança que ha no mundo. Riquezas e estados, de vosso Rei cumpre que os hajais; e ella, sò de vòs mesma: menos trabalho parece que haveis mister, mas o fructo é certamente maior. E em tòdaslas cousas não fieis de vós; e nas dos homens, nem d'outrem. Cà isso sò que vos agora direi, vos lembre filha que vol-o disse eu. Tudo é sospeito; e pouco seguro, pera as mulheres; até o serem santas e virtuosas: porque esto è causa às vezes pera os cavalleiros serem mais perdidos por ellas; e fazerem cousas camanhas que lhe fazem ellas crêr, o que não é; se não for no desejo. E' este um engano grande pera vòs outras senhoras: de quem deseja com mà tenção, ou de quem deseja com boa, d'ambos são as obras iguaes. Cà este desejo é o que obriga cada um a fazer extremos. A boa tenção, ou mà, é fora desta culpa: mas não se vê, senão por derradeiro, quando alguem queria não na vêr. Mas é forçado que seja lei em que se não pode revogar: pois Deos sò o conhecimento das tenções dos homens guardou pera si; pera conhecerem a quem os fez de tão desvairadas tenções. E encomendo-vos, filha, meu amor. Adeos, e olhai por vòs.

CAPITULO III.

EM QUE PROSIGUE LAMENTOR, SUA FALLA COM ARIMA.

Após estas palavras lhe deu um abraço grande. Tomando-lhe ella a sua direita mão, e beijando-lha, deitou-lhe sua benção, alevantando-a. Que tudo já era concertado, e estavam cavalleiros esperando por ella, como forçado virando os olhos pera outro cabo, tambem como que não podia ver aquello, a levou tè á porta daquella camara onde se espediram ambos, ficando elle, e ella indo-se. Mas já que eram apartados, tornou Lamentor chamal-a amorosamente, a voltas de uma tristeza cheia de saudade: Que me esquecia, filha lhe disse, mandaime filha senhora, e muitas novas de vòs, que não tenho outrem de quem já neste mundo as espere. E aqui tornaram outra vez renovar o choro Mas os cavalleiros que eram já alli, foram causa de se espedirem mais asinha do que o pranto de suas derradeiras tristezas demandava. Ficou Lamentor com suas tristezas: Arima partiu com as suas, a qual ligeiramente com o caminho esqueceu, senão era naturalmente triste de uma tristeza lá em si branda, que escassamente se podia desenxergar de honestidade. Cá ambas ella tinha, e antre ambas sua fermosura que parecia

melhor. Soube-o quem no ouviu, e sò o sentiu quem o viu ou crêu. Frà elle conhecido do pai de Arima quando andava polo mundo seguindo aventuras, e ainda amigos grandes, pera que aquello que havia de vir acontecer, sem se cuidar, tivesse nascimento de longe não cuidando, e parecesse o feito com a causa delle, e sobre tudo pera que Avalor fosse singular em ambas. Mas em chegando elle, foi-se pera elle o marido de Aonia, e polo dar a conhecer tambem polo seu que muito estimava. Este é senhora (lhe disse) Avalor, em que já ouvireis fallar ao senhor vosso pai; que muito se preza um do outro: o mais delle, quero-volo eu leixar de dizer, porque é em tudo tão acabado, que cumpriria, pera o crerdes, saber delle de quem não tivesse tanta razão com elle como eu. Por me fazer mercê que seja sempre honrado de vós.

CAPITULO IV.

COMO FAZENDO ARIMA SEU CAMINHO PERA A CORTE, NELLE TEVE PRINCIPIO OS AMORES DE AVALOR COM ELLA.

Arima (que ia então tão fermosa como o ella era) e pera o que ella não cuidava, dizendo escassamente um sim, alevantou como de boamente a estas palavras a vista contra Avalor, á maneira de acrescentando o desejo ao pedido, que muitas ve-

zes ouvira já fallar bem delle; e o olhou de seus olhos: e depois dahi a um pouco os abaxou, com aquelle modo de mansidão que a ella sò por dom especial foi dado. Cà aconteceu que té a estar, e dar, em fim em todos outros autos, a tinha tão suavemente posta, que bem parecia que naquelle lugar estava só: per onde aquello, e a maneira daquello, tudo assim como passava, ficou logo escrito na metade d'alma a Avalor. Parece-me havia de ser, e foi: posto que toda aquella tarde, que ficou a parte do serão, Avalor se andasse pondo em lugares que a podesse ver; com tudo nunca a pode tornar a ver, e assim se foi pera a pousada onde, depois de deitarse, a noite que seguiu, com aquelle cuidado, não podia dormir. E porque ainda elle não tinha determinado comsigo querer a Arima bem damor, querendo-lho já sem o ter determinado, como anojando-se de si consigo, muitas vezes fazia por dormir; que não cria elle que uma sò vez que vira Arima lhe podia occupar tanto o tempo, e tanto o cuidado, que lhe tolhesse o somno. Mas não era assim como elle queria. Camanho poder sobre elle sò foi dado, a um sò pôr dos olhos e abaxar. Porem escontra a manhãa adormeceu, e por sonhos parecia-lhe que estava fallando comsigo, dizendo, que como o não leixava dormir aquelle pensamento se elle nam podia querer bem a Arima, pois era então preso damor em outro lugar!

CAPITULO V.

EM QUE DÁ CONTA QUEM FOSSE A SENHORA DESHERDADA A QUEM AVALOR SEGUIA D'AMORES, E DO MAIS QUE LHE SUCCEDEU.

Era assim que na Corte andava naquelle tempo uma senhora, a quem por morte de seu pai tomaram terras que ella devia de herdar; e viera alli pedir ajuda a cavalleiros pera escontra quem camanho mal lhe tinha feito. Avalor a servia encuberta, e muito secretamente, que pola honra que lhe o Rei fazia, parecia caso de menos acatamento querel-a servir damores cavalleiro que fosse vassallo seu. E era esta senhora mais fermosa pera antre homens, que pera antre mulheres: de umas feições grandes naquella grandeza bem posta: porem sobrava na graça do seu ar, que derramava per tudo que ella fazia, ou dizia, de maneira que a quem a visse, mal que lhe pez, lhe havia de aprazer. Mas estando alli Avalor no seu somno, representou-se-lhe ver uma donzella vir tão delicada, que parecia não poder viver muito. Ella chegando-se pera elle a passos vagarosos, e tomando-o pela mão, lhe dizia (apertando-lha): Cavalleiro, sabereis que ha ahi vontade dada per força d'amor, outra por amor forçado: podia ser isto assim, se um castello cercado se desse ao conquistador, por mais não poder fazer: outro se desse

sò por se querer dar. Não diriamos que não tinham ambos vontade de dar-se: porem diriamos que o primeiro foi o querer forçado; que deu a vontade ao outro. O querer forçou a vontade que deu. E esta differença ha no que estaveis cuidando sem se declarar, pondo grandes cousas per pequenas. A outra tomou-te Arima; tu te lhe deste. Tinha-te uma preso o corpo; e a outra, que queiras; e que não queiras, ha de ter o corpo e alma pera sempre. Por sò te dizer isto parti donde parti. Mas porque estás guardado pera sempre seres triste, te não quero leixar sem um contentamento grande em tua tristeza. Parecia-lhe a Avalor, ir-lhe perguntar de que estava assim magra: cà de dò della não se podera acordar de outra cousa. E ella. Não devêras querer saber (lhe disse) a causa, porque não has de ser mais ledo quando a souberes: em nossos espiritos somos criados com a vontade de cujos havemos de ser: e porque me perguntas, sabe que Arima alta determinação possue em sua vontade. Isto te não quizera dizer, nem per sonhos: cà em tal hora sei que te foi dado este cuidado pera te fazer dôr. Sonhos, verdades te parecêram. E assim lhe desappareceu com um ai grande.

CAPITULO VI.

EM QUE AVALOR PROSIGUE NO CONTO DO QUE DORMINDO SONHÁRA QUE VIRA.

Aqui acordou Avalor, e vendo manhãa clara, achou toda a cama banhada em lagrimas, que chorava do dò que houvera daquella donzella do sonho; que assim delicada como vinha, tinha lá aquelle desfalecimento de carnes posto em uma sombra de fermosura, que não parecia senão que ficára alli, d'outras muitas infindas cousas, que se lhe foram. E inda assim acordado, cuidando nella se lhe estavam os olhos enchendo de agoa; mas depois de infindo tempo o magoou isto verdadeiramente. Cà então occupou-lhe sò o cuidado, maravilhandose muito daquello que lhe dissera ácerca do amor: porque quanto mais cuidava nisso, mais lhe parecia. Assim estando muito metido por este pensamento, em uma cousa só acabou de confirmar de todo, porque aquella senhora desherdada, que assim se chamava, nunca lhe lembrava senão porque desejava de a ver: e não cuidava nella senão porque a não podia esquecer, e não era outro seu cuidado senão como a veria. Porem com tudo, porque lhe tinha embaraçada a fantesia, não podia cuidar comsigo de todo ainda então que poderia leixal-a per outrem; mas na verdade ella sò era a que o não leixava perder: e por isso durou tão pouco ce-

mo durou. Cá quem qner per bem a alguma pessoa porque lho ella quer, ou porque ella faz que lho queira, logo leixa de lho querer como falecem os meios per onde: mas quem o quer, por sò querer ou sò porque o quer, a este não pode falecer o querer de todo: e ainda que o contrario pareça, alongar-se, mas não se tira nnuca nenhum amor. Porem com tudo, como comecei de dizer, abastou o que Avalor queria á senhora desherdada pera então não cuidar que poderia leixal-a: e por isto vendo-se da outra parte perseguido da lembrança de Arima, como menencorio de si, determinou de não ir ao paço tão asinha; que cuidava elle que assim se poderia esta reserta partir.

CAPITULO VII.

COMO ESTANDO AVALOR MUITO CUIDADOSO EM SEU CUIDADO, VIERA COM ELLE TER UM CAVALLEIRO SEU AMIGO: E DO QUE AMBOS PASSARAM.

Nesta determinação passou aquelle dia, e outro: mas estando ao outro ainda na cama, cuidando tambem no que não podia leixar de cuidar nunca, entrou pola porta da camara um cavalleiro seu amigo, dizendo-lhe que se alevantasse asinha, e que iriam ao Paço; que partia elrei e a rainha, com toda sua Côrte pera uma cidade do sertão. Já era quasi concertado tudo pera a partida. E então se ergueu A-

valor, e querendo-se aperceber pera o caminho, vieram a grande pressa chamal-o, que partiam jà. Foi forçado Avalor ir assim por entonces sò até sahir fora da cidade, e tornar-se ataviar de caminho, e acabar algumas cousas que tinha ainda pera fazer. Mas esta sua determinação sahiu-lhe d'outra maneira. Com tudo porem elle chegando, a senhora Arima estava jà de mulla: e ainda elle não aparecia acolà, o via ella dalli onde estava, e com as maneiras della, o começava agasalhar. Chegando-se Avalor pera ella com grande acatamento, ella o recebeu gasalhosamente, começando-lhe dizer que sabia jà muitas cousas. Respondeu-lhe Avalor, que delle não poderiam ellas já ser, pois eram muitas. Abalou a rainha nisto, e começaram a caminhar. Aqui passaram muitas cousas que a mim não lembram, senão que enfim lhe viera Arima a descubrir que eram cousas da senhora desherdada; e Avalor não lho negou, que té aquello lhe não podia jà negar fazendo ella muito da sua banda. Cà havendo dò delle, lhe prometteu que o que nella fosse faria de boamente; que polo vêr contente tudo lhe seria leve fazer. Estes offerecimentos lhe fa ia ella, e dizia, com aquella graça, e com aquelle ar, que sò no seu tempo se viu nella. Mas pera uma cousa os fazia ella, e pera outra se faziam elles: que Avalor tudo via, e olhando-a com os olhos que lhe punham todo n'alma, e no coração: e acabando de dizer-lhe ella uma cousa, ficava-se elle logo lembrando como lha dissera: tornava ella dizer outra; tornava-se a lembrar d'aquelloutro. Assim foi

todo aquelle caminho: e assim foram ambos de dois namorando a elle só della sò: e donde iá pera no mais que até sahir da Cidade foi té sahir de si, e não se precatou quando se achou com a jornada acabada, vendo que se queria Arima despedir delle, que n'outra cousa o não conheceu. Mas ella que tambem o viu sò, então olhou como elle não vinha nos trajos pera tão longo caminho. Parece Avalor (lhe disse) que não vinheis pera tão longe. Senhora não cuidei que vinha, lhe respondeu elle, que não sahi com tenção de vir mais que té fora da cidade um pouco, ainda que tambem assim não sahi fòra de minha tenção: porque té aqui bem pouco me pareceu. Pouco (lhe tornou ella indo-se jà pera descêr.) tambem m'o parecèra a mim, se não viera comvosco. E assim se acabou de descer. E Avalor per isso não teve tempo de lhe responder, nem ficou pera isso ainda que o tivera; tão embaraçado o leixou aquella resposta, que escassamente se lembrara espedir-se della, se se ella não espedira delle. Cá por ser jà de noite, foi vedado aos cavalleiros apearem-se. Tornou-se Avalor, mas não per onde fora: cá perdeu o caminho, ao tornar com a noite escura que fazia. Cuido eu verdadeiramente que lhe foi aquello remedio pera cuidar menos. Com aquella occupação chegou pera onde tornava, que se viera polo caminho direito, ou chegara, ou não. Mas elle na perda do caminho não se lembrava senão da perda dos lugares que houvera de ir vendo polo caminho; e ia-os figurando comsigo, per aquelle per onde ia: e alguns lhe pareciam outros, alguns des-

quecido de si: e de per onde ia muitas vezes assim enganado, ou transportado, se detinha nelles: polo qual não chegou donde partiu senão ao outro alto dia com quanto andou toda a noite. Cá mais levava perdido o caminho.

CAPITULO VIII.

DA PRATICA QUE AVALOR TEVE COM A SENHORA ARIMA, QUANDO TORNOU À CORTE.

Quando elle jà tornou, estava a Côrte aposentada naquell'outra Cidade: mas chegou um dia, e outro foi ao Paço. E porque o não levavam lá outros desejos, ainda bem não foi tempo na entrada do aposentamento da Princesa, jà elle lá era. E querendo-se pôr a Princesa à mesa, vieram todas aquellas senhoras donzellas suas, que dalto sangue e estado eram, que a filha muito prezada era do Rei. E depois dellas todas vindas, cada uma como mais azinha pôde, viu Avalor dahi a um bom pedaço sòmente, derradeira de todos, vir Arima tão de vagar, que parecia que inda então vinha muito cedo; senão que isto não podia parecer a elle só. E como o ella abrangeu bem dos olhos, veio pôr-se acerca delle, recebendo-o com umas acolhenças, como que o não vira tempos havia. E depois de estar assim acerca delle, a meia vista, perguntando mançosinho: Donde tardastes, Avalor, tanto, que todo este caminho vim

olhos longos por vós? Quando vos leixei, senhora, lhe respondeu elle, perdi o caminho ao tornar. Folgo muito, lhe disse ella, que cuidei que eu era a que perdera em me leixardes. Estas palavras, que ella a boa parte dizia, ensoberbeceram, ou enlevaram, tanto a Avalor, que o pozeram em condição de lhe descobrir logo sua vontade: e se não fora polo lugar, pareceu-lhe que lh'o descobrira. Mas polo que depois aconteceu mostrou ser isto, como dizem, coração de pouzada. Ergueu-se a mesa, e veio pera elles outra senhora amiga grande de Avalor E naquelle meio tempo de se recolherem, que não foi muito pouco, passaram todas tres noutras cousas: pola qual parte quasi foi elle dalli tão carregado, como nunca ainda se achara; porque depois de lhe aquel'outras palavras ter dito Arima, viu que fallava em tudo, o que fallava tão posta naquello que parecia que estava toda alli, ou que ao menos não estava noutra parte com o pensamento: o que lhe fez sospeitar a elle que lhe dissera não se via senão da grandeza da perfeição sua. Tão acabada, e tão gentil dama era em tudo o que ella queria ser, como não era nunca dantes: porque se o dissera na tenção que o elle queria tomar, cuidava Avalor estando comsigo, que trabalhara ella polo descobrir em algumas outras cousas, depois daquell'outra senhora vir. Cá bem sabia elle já que os desejos, começados a declarar, muito mal soffriam a dissimulação depois. E porem comtudo não querendo, nem podendo leixar já de se enganar a si mes-

mo, com aquella ocasião daquellas palavras que por si tinha, ou por si entendia, determinou dizer-lh'o como a visse. E com esta determinação tornou aquella noite ao Paço, e não na viu. Mas ao outro dia tornou lá: viu-a vir daquella mesma maneira que da outra vez: e parecendo-lhe então tão nova cousa aquella mansidão de vir, espos a tanta pressa das outras, como se nunca a vira vir assim. Que isto tinha ella, que inda não ouvi dizer que o tivesse outra: uma cousa posto que muitas vezes a fizesse, cada vez que lha viam fazer, parecia, a quem lha via, que era a primeira. E com aquellas suas acolhenças, que nunca mais sahiram da memoria a Avalor, se veio tambem pera junto delle; mas daquello tudo, que elle determinava, tão pouco lho disse nada, posto que espaço grande de tempo com elle estivesse então; senão que a ella lhe pareceu tão pequeno, que foi dalli cuidando comsigo, que pola mingoa do tempo lh'o não dissera. Mas não era por isso, porque outras muitas vezes tornou a fallar com ella, e tambem nunca lho disse. Ora lhe parecia que se aquello não fora que lho dissera; Ora que senão fora aquel'outro. E quando não achava a quem se tornar, nunca lhe leixava de parecer senão que lhe falecia o tempo. E a verdade era que lhes ia falecendo, mas não da maneira que elle cuidava; que depois sucederam cousas que té tempo pera perder não teve. Então conheceu mingoas passadas quando conhecel-as lhe não podia prestar pera mais que pera o magoar. Mas

assim parece que havia de ser, que por derradeiro com achaque disto, e daquello, andou um anno de dia a dia, que lhe não parecia outra cousa, nem lhe fallou em nada do quanto determinou : e sempre lhe pareceu que não ficava por elle, senão que não podia mais ser. E já quando veio escontra o cabo do anno, mais diligencia punha em buscar desculpas pera comsigo, sò per onde culpasse que não pudera ser, do que punha em buscar outra cousa. Entre tanta duvida o traziam amor, e temor. Mas uma cousa contavam delle maravilhosa: que lhe queria camanho bem, que nunca se entendeu; que lho leixava de dizer com receio que tivesse de dizer-lho; que no querer bem antigo e velho, é o receio em todalas cousas, mormente nesta, em que se teme anojar a pessoa bem querida. Cà como seja novo, daquella a quem dezejais em cabo dàr prazer, receai-o mais; pois é o primeiro passo entre dous que se bem querem, em que se mostra temor; e por isso parece maior, ou é como em cousa primeira. Mas elle isto não no entendeu, ou queria, parece, tanto a Arima, que de tudo quanto havia no seu bem querer, não parecia senão a elle sò o receio. Obrava o que havia de obrar, e o querer grande tornava tudo aquillo a outros achaques. E sabeis quanto lhe podia ir de o não entender a entendel-o; que se o entendera, buscara maneira pera saber se perderia o temor de anojal-a se lho dissesse. Cà ella tinha amigas grandes, que eram senhoras tambem grandes d'Avalor, e mal pecca-

do jà então seria descuberto aos homens o que as mulheres là entre si fallavam. Tudo isto ouvi eu fallar muitas vezes a meu pai, que em camanho grào alçava o amor deste cavalleiro, que jurava em sua fé nunca ouvir, nem ver, outro tão estremado em bem querer. Cà morreu por Arima, e por lho não dizer: mas suspeitou-se que o soubera ella, polo que fez depois de o saber. Pode, e não pode ser; como podereis julgar depois.

CAPITULO IX.

DO GENTIL PASSO QUE TEVE UMA DAMA, AMIGA GRANDE DE AVALOR, ACERCA DE UMA QUEDA QUE DEU NA SALA DA PRINCESA.

Agora tornemos a Avalor, que com tanta fadiga esteve consigo posto naquelle estremo em que andava do anno; donde dantes sempre achava cousas em que fallar com Arima, jà então havia grande tempo, que como se via, com ella tudo lhe falecia; e como a via transportava-se. Foi certo que uma vez estando a Princeza na salla com todas suas donzellas e muitos cavalleiros, com cousa de prazer, e elle se acertou entonces, de estar a um cabo lá della só, com os olhos postos naquella parte por onde havia de vir Arima; se viesse, que elle não perdia a esperança nunca por tarde (quando se ellas costumam perder) antes então á ti-

nha mòr. Era differente do bem dós outros cavalleiros o que elle queria; e assim parece lhe eram dadas as esperanças differentes das que se costumam ter. Mas estando elle assim todo encostado a um ras, viu vir Arima; e desacordando-se da força, ou não podendo sustentar a carga dos seus olhos (como dizem que elle disse depois) cahiu. E como elle fosse mais alto de corpo do que havia então cavalleiro seu igual, deu camanha queda, que toda a sala abalou. Algumas pessoas houve ahi que suspeitaram a verdade: mas as mais estavam tambem ocupadas em seus pensamentos, o que se suspeitou não se ateou: porém não tardou muito que dalli não nasceu todo o pezar, e todo o damno de Avalor. E porque não ha ahi mal que não ache caminho por onde venha, a quem elle está por vir, aconteceu por acerto estar então com uma senhora amiga d'Avalor um cavalleiro dalto sangue, (mas de baxos pensamentos) de que teve nascimento todo o damno. Depois, aquella senhora, como fosse amiga grande de Avalor, e acostumasse sempre festejal-o com recados, lhe mandou então por um pagem perguntar, que lhe mandasse dizer de que tão alto cahira, que camanho estrondo fizera. Respondeu-lhe Avalor: Que do seu cuidado. Affirmou então o cavalleiro por verdade sua suspeita: e dahi a tempo disse, que Avalor servia em secreto a Arima, e amisade grande era dissimulada. E isto foi dito em parte que o veio saber a Arima: mas como ella de sua tenção estivesse segura, e,

da outra, de Avalor não soubesse nada, não poz mentes de todo naquello, antes o teve por mexerico. Mas com tudo como a suspeita que entra uma vez em alguem nunca de todo se perde, ainda que se não creia, ficou a Arima sò uma lembrança d'olhar mais polos feitos, e polos ditos de Avalor, que estavam bem claros pera quem olhasse por elles, como deffeito olhando ella, via folgar de estar com ella Avalor callando seu perder das cousas em que fallavam, e noutras no perder delle, e nunca saber-se espedir, ou tirar os olhos della, e pol-os a furto: e queixar-se della nunca parecer; e de fora parte, o seu andar sò, e o seu cuidar sempre, o seu fallar espedaçado, fallando antre muitas, e logo o seu tresportado silencio. Viu tambem que assim tinha Avalor notadas todas suas cousas, que a nenhuma parte havia de ir a Princesa, que elle jà não estivesse naquelle lugar, pera onde a condição sua della o havia de enclinar, e que sempre se havia pôr de maneira assim no estar, como nas idas dos caminhos que se fizessem, acertado com ella; fazendo isto de força tão segura, que muitas vezes ella mesma olhava por isso, a metia em duvida de cuidar se seria aquello d'acerto, se por querer ordenado. Mas elle fazia-o sempre, e por isso o não podia parecer d'acerto. Sobre tudo attentou no afloxar da fama da senhora desherdada, que tão acesa em seus amores sohia andar, que não murmuravam as gentes dalli: e que ás vezes de tarde em tarde se punha em lu-

gares descubertos, naquella opinião como quem queria sustentar presumpções falsas que se perdiam, pera com isto cubrir outras verdadeiras. E pareceu daqui a Arima, que seria elle tambem sabedor do que lhe a elle disseram, ácerca de servil-a encubertamente: e que por isso o fazia assim: mas elle não o sabia na verdade. Todas estas cousas, e outras, que não são escritas neste livro, trouxeram a Arima grande tempo em muitas e diversas duvidas. Cá tambem a ella era caro o partir daquella amisade (tanto pode o amor em tudo) e por derradeiro, estando ella uma vez de dentro a uma janella acerca rasa, acertou Avalor passar por uma varanda sobre que ella cabia, e vendo-a só, assim estar virada pera aquella banda delle, deteve o passo, e sem fazer outra cousa se poz todo a olhal-a; e cuidava elle que polo ella não ver, que furtava assim aquelle tempo pera vel-a melhor; porque d'outras vezes que a sabendas a vira, não podia fartar os olhos della como desejava, sempre se espedia com tantas cousas por lhe olhar, que lhe parecia indo que a não vira. E isto alem de ser assim, porque é assim, era tambem porque com desejo as cousas muito desejadas, ainda que se alcancem, assim o satisfazem, que as accrescentam: não é como vontade, que satisfazendo se tira. Mas Arima, que muito bem o vira vir, dissimulando fez que não o via, pera ver em que parava aquello. E determinou parar-se assim sem fallar, que as cousas de Avalor juntas naquelle segredo a traziam

tão desejosa de o saber como isto: E depois de se leixar estar assim um muito grande pedaço, o sentiu muito prompto, e muito contente em olhar; calando-se confirmou o que era: porque bem sabia ella que não podia hi haver amizade tão calada. E virando a elle o seu rosto, a maneira d'encendido, como uma delicada flama, a foro de menencoria, esteve um pouco toda posta, e os olhos postos nelle: e assim virando-se com a vista, com o seu bem aposto corpo, indo-se-lhe disse: Ou me vós tendes errado Avalor, ou andais pera me errar. E carregando estas palavras com uma graveza de presença agravada, serrou de todo a janella, indo-se seu passo quedo. Verdadeira no andar pareceu ella a Avalor, que ficou como podeis cuidar: dizer-vo-lo não poderei eu. E pera o magoar, ainda mais fartou os olhos d'aquelle ir assim. Mas tão cortado ficou d'aquellas palavras que o tomou alli a noite. E mais acontecera, senão fôra por um seu amigo, que passando o saudou, e acordou do cuidado em que estava. E vendo elle o lugar, e que poderia nascer alguma sospeita, que trouxesse damno a Arima, que de si lhe não dava nada, se foi pera uma pousada onde esteve muitos dias sem tornar ao Paço. Depois, mandando-o chamar afincadamente uma senhora amiga sua grande foi elle lá, e ella, tomando-o á parte, lhe disse: Promettei-me segredo, e dirvos-hei cousas em que vos vai muito a vós, e a outrem, de quem vos ha mais de pezar. O segredo, lhe respondeu elle, é devido

a todalas cousas vossas: e por isso sobejo serià promettervol-o eu, em al me podeis mandar de novo. Avalor, tornou ella, eu fui em tudo segura: de vosso segrêdo não desconfiei agora, mas quiz-vo-lo lembrar. Não me negueis que quereis bem á senhora Arima, que nem eu quero que mo confesseis, pois determinastes encobril-o: mas fique entre vós isto assim assentàdo: e não quero sabel-o de vòs por não offender vossa determinação: a vòs vos não peze de o eu ter sabido, por não offenderdes a confiança que eu em vós tênho posta: nem cureis, negando-mo agora, fazer-me as vossas obras duvidosas, porque o eu tenho muito ha, querido. Querer bem, e não verdadeiro, podé-se dissimular, e fingir: mas dissimular, ou encubrir bem querer algum, nunca ninguem o soubé fazer que o quizesse verdadeiramente. Passo por aqui que não quizéra dizer isto pera mais. Eu desejo tanto vosso contentamento como vós mesmo; e não me peza de quererdes seguir preposito d'esta feição; senão porque não posso tomar armas por vòs; ainda que assim encubertamente vos sirvo alguma hora, como em algum tempo sabereis, que ainda d'estas duas pouca esperança devemos ambos de ter, segundo a aspera empresa qne tomastes, em que arreccio eu muito de não aproveitar nada, e vòs de acabardes primeiro a vida que a ella. Cà polo que tenho aprendido da longa e mui estreita conversação da senhora Arima, (em que vós sois, ou não sois, culpado, não digo nada) vim eu a

saber que não senhorêa vontade nenhuma: nunca tão livre cousa vi. Muito ha que vos eu tinha afigurado pera camanha opinião, porque vòs e as vossas cousas de infindo tempo ha que a grandes desastres vos obrigam. Sempre nos vossos feitos vos presastes de não ir por onde os outros; e assim emfim vos namorastes. Verdade é que ella é fermosa, e muito acabada; mais é tanto do outro mundo, que não é pera ninguem se namorar d'ella, que o querer bem ou nasce das esperanças, ou com ellas. A vós sò aprouve entrar em guerra desesperada: e não mo negueis, que bem parece que sem esperança lhe quizestes bem: pois todo vosso trabalho não foi senão encobril-o ao mundo, e a ella mesma; o que eu não crêra se o não vira com os meus olhos. Não vos espanteis d'isto que digo, porque dos homens foram todolos pensamentos descubertos às mulheres por segredo especial.

CAPITULO X.

DO MAIS QUE AVALOR PASSOU NA PRÁTICA COM AQUELLA SENHORA AMIGA SUA.

Aqui se não pòde Avalòr tèr que lhe não fallasse, dizendo: Perdoai-me, senhora, que não é em mim leixar-vos acabar isso, que não sei que hieis pera dizer: não quero, nem tão sois ofender meu cuidado, com presumpção que de sò callar me pode ficar-vos. Não fallemos mais nisto, se n'alguma cou-

sa estimais. Tomando-lhe ella então a mão com as suas, amigavelmente: O que vos a vós cumpre, lhe tornou, não posso eu leixar de dizer-vos; ainda que vos disto peze: porque esta sò diferença tem esta nossa amisade das outras, olhar eu mais o que vos cumpre que o que vos apraz. Isto que vòs agora quereis negar, sabem-no já cá todas estas senhoras; e por isso vos perdo-o eu sò quererdes-vos encubrir de mim, pois assim o quizestes, ou não quizestes ter em segredo: mas isto ainda não é nada pera o que vos eu quero dizer. Contam que então se chegou ella á orelha de Avalor, e o que lhe disse, ou não disse, não se soube então: mas dahi a poucos dias o que elle por isto fez, ouvi eu dizer, que não deve ser contado entre donzellas, por se não arrependerem de seus contentamentos, ou ao menos não haver inveja destroutro. Abasta a senhora Arima foi sò a quem as fadas com os olhos cheios olharam: porque não sòmente foi acabada em si, mas em quem a desejou. E se a ventura quizera fazer alguma boa obra, ou leixara fazer cousa alguma perfeita, em a qual vem a desigualança, ou das vontades, ou dos tempos; podera ter nunca lugar, fora sentir que a senhora Arima se servira se quer do pensamento de Avalor.

CAPITULO XI.

DE COMO O PAI DE ARIMA A MANDOU LEVAR DA CORTE, E HIDA ELLA, AVALOR DESAPARECEU.

Soou-se (e foi certo depois naquelles que tinham rezão de o saber) que posto que assim fosse aquelle grande feito, que tudo tornasse em louvor da senhora Arima. Com tudo, porque se deu causa que se fallasse nella, o sentiu tanto, que muitos dias infindos chorou muitas lagrimas: e senão fora por não abrir caminhos a más presumpções, ella cahira em cama: mas assim penadamente se susteve o melhor que pôde, e peor que podia ser. E afirma-se que de uma das cousas, e doutras nasceu um avorrecimento á senhora Arima, de uns modos que hi ha no Paço, que é desejar outra vida mui desviada, a foi inclinando muito. E de sua longa determinação se fallou, e se leixou depois de fallar: porque o bom velho de seu pai depois de a ter em casa, a foi fazendo ao que quiz. Mas de sua hida e como Avalor tambem apos ella se foi, não se soube então inteiramente mais que per um cantar Romance, que daquelle tempo ficou, que diz assim:

ROMANCE DE AVALOR.

Pola ribeira de um rio,
Que leva as agoas ao mar,
Vai o triste de Avalòr,
Não sabe se ha de tornar.

As agoas levam seu bem,
Elle leva o seu pezar,
E sò vai sem companhia,
Que os seus fora elle leixar.

Cá quem não leva descanso,
Descansa em sò caminhar:
Descontra donde ia a barca
Se ia o Sol a baxar.

Indo-se abaxando o Sol,
Escurecia-se o ar:
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.

Da barca levantam remo,
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Do barco este cantar:

Que frias eram as agoas,
  Quem as haverà de passar?
  Dos outros barcos respondem:
  Quem as haverá de passar?

Senão quem a vontade pôz
  Onde a não pode tirar,
  Trala barca levam olhos
  Quanto o dia dá lugar.

Não durou muito; que o bem
  Não pode muito durar.
  Vendo o Sol posto contr'elle
  Soltou redeas ao cavallo.
  Da beira do rio andar.

A noite era callada,
  Pera mais o magoar,
  Que ao compasso dos remos
  Era o seu suspirar.

Querer contar suas magoas
  Seria arêas contar,
  Quanto mais se alongando
  Se ia alongando o soar.

Dos seus ouvidos aos olhos
  A tristeza foi igualar:
  Assim como ia a cavallo
  Foi pela agoa dentro entrar.

E dando um longo suspiro,
Ouvia longe fallar,
Onde magoas levam alma
Vão tambem corpo levar.

Mas indo assim por acerto,
Foi c'um barco n'agoa dar,
Que estava amarrado á terra,
E seu dono era a folgar.

Saltou assim como ia dentro,
E foi a amarra cortar;
A corrente, e a maré
Acertaram-no a ajudar.

Não sabem mais que foi delle,
Nem novas se podem achar,
Suspeitou-se que era morto,
Mas não é pera afirmar.

Que o embarcou ventura
Pera só isso guardar,
Mas mais são as magoas do mar
Do que se podem curar.

CAPITULO XII.

DA GRANDE AVENTURA QUE SUCEDEU A AVALOR EM SUA PARTIDA EMBARCANDO-SE NAQUELLE BARCO TÃO INCERTO DONDE PODERIA IR PARAR.

DEPOIS, pera vós verdes como cousa nenhuma é incuberta ao longo tempo, se soube a historia delle, e juntamente della: e foi desta maneira. Parece que a sua desaventura de Avalor (que assim lhe chamava eu) deu com elle pera aquella banda pera onde era levada a senhora Arima, que esta nossa seria então: e onde sobre o mar se impinava um erguido rochedo, veio, naquelle pequeno barco, aportar a manhãa do outro dia, antes de romper a alva: e ao rugido grande das ondas que o mar com furioso impeto quebrava na penedia daquella alta rocha, se acordou Avalor se seria aquillo terra: e attentando pera bem se afirmar, ouviu uma voz dorida como de donzella, que dantre aquelles penedos parecia sahir, dizendo: Mesquinha, coitada, triste de mim! Afirmou-se elle com isto, que era terra; e posto que logo aquella voz o movera á paixão, com tudo porque elle trazia comsigo outra mór, que o havia mister por então, mas foi-se-lhe afigurar que era aquella terra donde saíra; e dispondo-se o melhor que pôde, como menencorio de si, e de sua ven-

tura, tornou a tomar os remos com aquellas mãos, que já naquella viagem eram feitas em empolas muitas vezes, outras tantas as empolas desfeitas em vivo sangue; mas por muito que Avalor trabalhou nunca pôde vingar as ondas, que o chamavam a terra, e eram já quando se elle acordou apoderadas do barco; e não o vendo elle, pola occupação que comsigo, e com os remos, trazia, não se precatou senão quando uma alta onda, que a elle, e ao barco todo de escumas encheu, e deu com elle ao travez de uns penedos que em diversas partes o espedaçaram. Santa Maria, vale-me, dizia elle: e acordadamente lançou mão de um penedo, que ao mar sobejava com um tamalavez. E a agoa fazendo um estrondo medonho se espalhou indo per antre aquella penedia; e parte della quebrando naquella alta rocha as aguas do mar lançou pera o Ceo; e da força, ou reverberação do ar, ou do que quer que era, se faziam candeas; e nisto em breve espaço se tornou a recolher aquella agua pera o mar que a esperava, vindo já de lá do pego encarapelando-se, como quem se armava pera se vingar daquelles penedos que lhe faziam estorvo ás suas agoas. Mas posto que já rompia a alva, e luz e tempo tivesse Avalor pera ver tudo e guardar-se, elle não no fez assim; nem se alembrou tão só de o fazer, que era ainda mais: antes como a agua o desoccupou, virando os olhos descontra o longo mar, que com a claridade da luz os podia bem estender quanto podia com a vista ennevoa-

da, dizem que disse assim: E de tanto mar cansado, tanto sobeja ainda do mar? E aqui occupado ainda da paixão, desejando parece acabar já, vendo as ondas outra vez comsigo, soltou as mãos do penedo, dizendo: Pois o corpo é sem ventura não quero que tolha mais o caminho á alma? E assim se entregou todo ás aguas do mar, donde Avalor cuidára morrer; e agua deu prestamente com elle por um enseio que por uma parte daquelle rochedo se fazia, e espraiava logo com a maré: e recolhidas que foram as aguas, se ficou elle ahi deitado naquelle areal per um grande espaço havendo-se por morto: porque com a descente da maré, que já então era, não tornou mais chegar o mar a elle. Contando elle isto a um seu grande amigo, dizem que lhe dizia, que nunca tão contente se achára, parecendo-lhe que andava lá com a senhora Arima, ouvindo-lhe fallar aquellas fallas, que parecia dizerem-se pera sempre, e via-lhe aquelle mover de sua boca, que só aos olhos delle n'outro tempo fizeram presumpção de serem tão mortaes: e ahi olhava os seus della, como docemente se estavam á sombra daquellas sobrancelhas, onde parecia só que descansando-se estava o amor. Mas estando elle nesta deleitosa maginação, tornou a ouvir aquellas palavras doridas que dantes ouvira: e a ellas abrindo os olhos, viu como estava já o mar arredado d'elle, e achou-se vivo: polo que disse mal muitas vezes a quem lhe houvera inveja a descanso camanho. Não podia cuidar que seria aquel-

lo, porque sobre ser tão sem ventura, inda havia maneira por onde podesse viver; e olhando os penedos donde viera, ou onde o trouxeram, muito mais se maravilhava, que era longe. Cercado assim desta fantasia, ouviu como alguem fallar-lhe de dentro dos ouvidos, dizendo: E não te acordas Avalor, que o mar não suporta nenhuma cousa morta? Olhou elle então se via a quem lhe aquello dizia tão pegado á orelha: e não vendo ninguem lhe tornou outra vez fallar assim: Que queres? embalde com os olhos trabalharás por me ver. Se eu não quizesse queria-te perguntar que é isso que me disseste, que de não sêr assim como dizes me peza a mim. Quem sou, lhe respondeu, seria detença grande pera ti, que tens muito pera andar, que pera mais longe vas do que cuidas: o que te disse é verdade, porque não viver, ser morto é.

CAPITULO XIII.

DO QUE PASSOU AVALOR COM A SOMBRA QUE LHE FALLOU, E DA RESPOSTA QUE LHE DEU.

Satisfez tanto esta resposta a Avalor, que lhe dobrou muito mais o desejo de saber quem era, e disse-lhe assim: Se alguma cousa te pode contentar, por ella te rogo me queiras dizer quem és. Podera, respondeu elle, na significação de outro tempo contentar, e não quiz mais; mas per-

doai-me que dizendo-vos quem sou offenderia assim o grande bem que quiz, e ainda quero, pois do estado em que sou aqui, ao que eu quizera ser n'outra parte, não ha outra cousa senão culpa daquella a quem eu a não queria dar, nem assim contando-vol-o. E aqui dando um grande ái, logo se foi, dizendo: Triste de quem se não pode enganar já.

CAPITULO XIV.

COMO APORTANDO AVALOR NAQUELLA TERRA ONDE PER GRANDE VENTURA FOI TER, INDO CUIDANDO NA ASPEREZA DELLA, ACHOU UMA DONZELLA ATADA AO PÉ DE UMA ARVORE, E A LIVROU.

Ficou Avalor assim tão atonito por aquello que ouviu, e por aquellas derradeiras palavras, que o muito magoaram, porque nellas, quem quer que elle era namorado lhe pareceu. Tornou outra vez ouvir muito doridamente aquella voz: Mesquinha, coitada, triste de mim: e com o sol que já então era fóra de sua pousada occidental, atinou pera donde seria: e determinando ir lá, se orgueu indo: mas com os olhos no mar foi assim té que cumpriu occupar as mãos e vista na aspereza do caminho que per aquelle róchedo lhe conveio fazer, pera ir onde ouvira aquella voz, a qual tornou, indo assim muito afinçadamente ouvir. E sendo elle a-

cerca de uns arvoredos grandes, que sobre aquella rocha muito mais alto estavam, inda olhou, e viu estar ao pé de uma antiga arvore, com as mãos atadas, uma donzella, segundo pareceu nos cabellos que soltos tinha, e toda a cobriam. Mas não se affirmou logo se o era, porque os cabellos lhe cobriam o seu rosto; mas chegando elle a ella, então apartando-lhos viu a fermosura no seu rosto fermoso banhado todo em lagrimas piedosas, que dos seus olhos verdes, e grandes, ainda as carreiras polas suas fermosas faces abaxo mostravam: e nisto pondo ella os seus fermosos olhos nelle lhe disse: Valei-me senhor, que assim vos valha quem mais quereis. Isso, senhora, farei eu de mui boamente: e a voltas destas palavras, levando de sua espada, cortou a sua grossa atadura com que atadas as mãos tinha: e querendo-se ella erguer, de fraca não se pode ter, e foi pera cahir: e elle acudiu prestemente, e tomando a nos braços mansamente, se assentou n'um verde prado, que antre aquellas arvores se fazia, de que se descubria o largo mar: e cortando-lhe ramos daquelle arvoredo, lhos pôz sobre a cabeça, dizendo: Melhor vos quizera eu servida senhora; mas não sois vós só a malaventurada. E com estas palavras, que Avalor dissera com a vista já no mar, que daquelle lugar se divisava longe, não se pôde ter que nos olhos se lhe não descubrisse o senhorio que a lembrança sobre elle trazia d'outra parte, no que conheceu aquella donzella, que namorado devia ser. E tomando boa esperança do que já em si cuidava pedir-lhe (porque logo lhe pare

ceu cavalleiro, inda que armas, nem cavallo trouxesse) lhe disse assim: Ainda que minhas magoas foram camanhas, que me não leixaram lugar: nem tão só pera cuidar no remedio della; com tudo boa esperança tomo eu em vossa vinda ser aqui pera valer-me; pois foi já quando por muito pouco que tardareis me não podereis valer. E após estas palavras, que ja começava banhár-se em lagrimas, acrescentou mais: Mesquinha de mim, que assim morrêra eu, e estivera já fóra agora de tantos cuidados. E aqui com um choro grande acabou. Avalor, ainda que bem tinha que acudir a si, foi-se a ella, dizendo: Leixai senhora por mercê as lagrimas, se me haveis mister pera algum serviço; que eu, das tristezas que padeço, aprendi soccorrer os tristes; por isso não havieis mister mais pera comigo que o meu mal. Esforçando os espiritos a esta palavra cansada; assim como pôde, lhe respondeu: O dom recebo-o em mercê, que bem mister o hei pera a coitada a que desastres grandes me trouxeram. Aqui dando um suspiro quizera fallar adiante, mas Avalor, que a viu tão cansada que escaçamente podia colher folego, lhe pediu que descançasse um pouco. Fel-o ella assim. E nesto meio tempo olhou pera Avalor, e o viu tambem triste, não já mais que d'antes, mas mais agastadamente. E na verdade era assim; porque alembrando-se elle da empreza em que ia, pesava-lhe, estando, ter-lhe promettido seu serviço. Mas vendo-o ella assim, não se póde ter que lhe não dissesse, e perguntasse porque estava da-

quella maneira. Respondeu-lhe elle outra cousa da que cuidava; e disse que estava cuidando que terra seria aquella em que estava, porque elle nunca viera por alli, senão então que aos seus brados acudira de longe. Disse-lhe ella: Creo-o; porque daquelle alto bem vira já que estava em terra firme: polo que forçado do desejo de ver a senhora Arima, tornou-se escontra a donzella, por ver se poderia fazer mais curto o tempo que o ella havia de impedir, e disse-lhe desta maneira: Tão cortada, e magoada vos vejo, senhora, que se eu posso servir-vos sem tornar-vos magoar, contando-me vós vosso nojo, muito folgaria: porque assim fariamos menos o tempo da dôr, e pola ventura d'ambos. Rendeu-lhe ella suas graças, e lhe disse: Não leixarei, senhor, de vos contar minhas desaventuras; que pera o que haveis de fazer por mim cumpre muito: que se é a demanda justa, ajuda ao esforço de quem a sustem. Mas serei nella breve, pois pera ambos, como me dizeis, releva.

CAPITULO XV.

EM QUE A DONZELLA PROSEGUE SUA PRATICA, DANDO A AVALOR RAZÃO DA CAUZA DE SUA PRIZÃO.

Acerca de uma ribeira grande, que dizem que nasce nas Manchas de Aragão, nasci eu em um

castello, que de toda as partes derredor de que se vê de longe, parece estando senhor. Fui eu criada, em esperanças grandes, com outras minhas irmãas, pera que ellas não mais foram criadas; porque de todas eu sendo a mais pequena e não menos fermosa, fui escolhida pera servir a Diana deosa da castidade, antre estas serras altas, onde ella honradamente é guardada de Nimphas. Mas naquello que se faz contra vontade de quem o fez, parece que se offende algum Deos, porque sempre depois nascem desvios que tolhem o fim devido; como aconteceu em mim, que andando um dia á caça por antre estas brenhas, acertei a caso a ir dár com um cavalleiro, que, demudado dos trajos de caçador, andava tambem por aqui; e por minha causa, segundo elle, então, enganosamente me fez crer. E como eu com elle desse de supito, quizera tornar o passo a traz, fugindo. E assim verdadeiramente o comecei fazer. Mas elle, que mais corria, lançando-se asinha apos mim, me alcançou não muito longe daqui, onde nós agora estamos. E fallando-me palavras d'amor, com afagos e mimos, me assegurou, dizendo-me; Eu não sou pola ventura quem vós cuidais, senhora. E a voltas destas palavras, leixando cahir umas ralas lagrimas pola sua bem posta barba abaxo, me contou, estando, quem era; e como lhe chamavam, e como havia muito tempo que por aqui andava feito caçador, esperando só de hi poder tornar a ver-me: fazendo-me crer que noutra

parte já me vira, e que dentão, até entonces, nunca mais uma hora lhe podèra sàhir da memoria, E assim me disse enganosamante palavras enganosas, que inda que eu fora feia não lhas podera leixar então de crer, como triste de mim cri. Que vos hei emfim de dizer? Eu fui contente de tudo o que elle mostrou que lhe apprazia. Em aquelle grande amor passámos nós ambos todos aquelles quatro annos inteiros, que em nós pareceram dias então. Agora acabados elles, e em começo da minha desaventura, uma outra Nimpha tambem d'estes bosques lhe veio, segundo parece, a apprazer; e a furto de mim se seguiam um ao outro. Mas eu, não mais segura que receosa, logo os enganos senti (que quem poderá enganar a pessoa namorada) e pera me mais ainda magoar, eu tambem de meu damno enganosa, tantos meios busquei, que um dia vindo eu da caça bem acompanhada, e farta dos cuidados d'elle, pondo-me á meza, me vieram mostrar diante destes tristes olhos, uns penhores d'amor, que por minha causa foram manhosamente furtados a ella. E não me podendo eu suportar (como fera Tigre, que cansada, vindo de longes terras com mantimentos pera seus pequenos filhos, achando-os levados, solta a presa da boca: e esquecendo todo cansaço, corre pera uns, e outros cabos) assim fiz eu. Testemunhas verdadeiras me sejam todos estes matos: não cessei atè que o vim achar á sombra d'este arvoredo, que descançando, dizia elle, que estava da calma que cahia então, e do trabalho do coração que tinha por n'aquelle

dia a não ter visto. Mas não era assim, que, vindo eu, vira ir a ella per uma assomada passar apartadamente, áquella que por meu mal veio aqui. E se me eu não enganei, ella não ia a outra parte; e por isso, e por mais, lançando eu as mãos irosas aos meus cabellos, todo este chão cubri d'elles como vedes. E querendo-me elle com palavras falsas, e lisongeiras, valer, abraçando-me, o arredei de mim, contando-lhe tudo meudamente, pedindo vingança a Deos d'elle, e sobre os seus enganos. E tornando-me por derradeiro a mim com minhas mãos, como que inda assim, triste de mim, me vingasse d'elle, e elle então, tirando do seu seio uma rede de caça que lhe eu com minhas mãos n'outro tempo fizera, (quando com tea me consolava, estando as horas que o não podia ver) e estirando-a elle, me amostrou as letras que n'ella estavam com toda arte artificiosa feitas por mim. E vendo-as eu, não sei como fiquei atada com minhas mãos. Negando-me elle muita vezes, que não era assim o que lhe eu dissera, e afirmando-me com juras grandes, mas não no crendo eu, tornou elle muitas vezes pedir-me por sua vida e minha: e por derradeiro, quando viu que nenhum remedio pera o eu crer havia, tomando Deos por testemunha, se virou pera aquella parte onde nasce o Sol, dizendo só estas palavras: Pois me não quereis crer quando vos peze, eu farei que me creaes, quando vos não possa leixar de pezar: e assim se virou, e de todo se foi, e a minha alma me convidou logo ir me traz

elle: mais a menencoria então tinha maior poder sobre mim, que o juizo. E assim se foi. Nem lhe disse que me desatasse, o que lhe alembrou, ou não alembrou; abasta que não tornou mais. Quizera bradar logo pera que alguem me valesse; mas a vergonha de me verem assim atadas as mãos, me tolheu fazel-o, senão agora que a noite, e a fraqueza de todos meus espiritos, em que conhecia certos sinaes de não poder viver muito, me fizeram dár gritos, que parece quiz a ventura que fosse pera me vós ouvirdes. Vêdes aqui em tão pouco espaço contado todo meu pezar que passei então: porque o que está por passar não pode ser senão triste; porque quem me assim pode leixar, já por outrem me tinha leixado. O dom que de vós aceitei, não é pera que me vingueis d'elle, que lhe não quiz ainda tão pouco bem que lhe possa querer este pequeno mal; mas quero-o pera que me vingueis d'ella.

CAPITULO XVI.

DE COMO AVALOR NÃO QUIZERA QUE A DONZELLA LHE PEDIRA AQUELLE DOM PELO NÃO DESVIAR DE SEU CAMINHO, E DO MAIS QUE AVALOR DELLA QUIZ SABER PERA VER A RAZÃO QUE TINHA PERA POR ELLA HAVER BATALHA.

Avalor ficou tão embaraçado com este pedido que não tão somente soube tornar resposta, antes deu causa a ella presumir d'elle mal; e não se podendo suportar, dizia meu pai, que como mulher lhe disse: Parece senhor, cavalleiro, que duvidais n'alguma cousa: sei que vos esquece que isso não podeis fazer senão antes do prometimento. Não duvido, lhe tornou elle, mas estou-me espantando de quão mofino fui. Em que? lhe perguntou ella. Eu vo lo direi, lhe respondeu elle. Meu pai quando inda moço pequeno era: por grandes semrazões da ventura foi levado da sua terra natural pera outras muito alongadas d'ella onde depois de homem feito, por nobres e grandes feitos d'armas, mereceu não menos estado na terra estranha do que na sua lhe era devido pola nobreza de sangue d'onde descendia: e antre outros muitos feitos d'armas que elle fizera, tambem contava um, que me muito contentou, sendo eu pequeno ainda. Que indo elle uma vez só por um caminho que an-

tre umas altas e fragosas serras se fazia, acerca de uma fonte que de um penedo n'aquella serra nascia, sob uma arvore saudosa, achara uma donzella ricamente vestida dormindo; e olhando-a elle bem, vira-lhe aquella parte do seu rosto que descuberto tinha, rasgado como de mãos irosas: e feitas umas carreiras de sangue por elle. E apeando-se então do cavallo pola ver melhor, e tambem por saber se d'elle lhe cumpria algum serviço, que aquella estada assim em ermo o convidou logo sem tardança a haver piedade d'ella. Mas elle descido, acordára logo. E ella pondo os olhos n'elle lhe dissera: Pera que descestes, cavalleiro, que as donzellas tristes não são pera ver? São logo pera servir, lhe respondeu elle: mas se alguma fadiga tendes, senhora, pera que vos não cumpra ajuda, tornar-me-hei ir, que do dó que houve de vos ver assim antre estas penhas, me fez descer pera saber se mandais alguma cousa de mim que vos cumprisse; que esta obrigação me pareceu que era devida ao acertar de vir eu por aqui. Pera que vos heide dizer, tornou ella então, o que hei mister na desaventura em que ando; pois ainda que ma vós outorgueis não me podia prestar. Quem vos anojou assim, esse vosso fermoso rosto, lhe dissera elle, não pode ser de nenhum feito grande d'armas. Assim, senhor cavalleiro, acudira ella a estas palavras que lhe pareceram ditas de bom coração: eu me fiz assim a mim este máo pezar todo que vedes por outro; e outros maiores que outrem a quem os eu não merecia, me tem feito

n'alma, e na vida, que se não podem ver senão em longo tempo. E aqui levando as mãos aos seus longos cabellos, que já de antes pareciam, estando, que não foram poupados só pera então, os começava magoadamente carpir: senão que meu pai acudiu pedindo-lhe por mercê. Dizia que a fizera estar queda, dizendo-lhe que a todo seu poder ella seria contente, ou elle morreria na demanda; e que lhe dissese o que havia. E contando-lho entonces lhe dissera estas palavras.

CAPITULO XVIII.

DE COMO AVALOR SE PARTIU COM A DONZELLA PERA O CASTELLO ONDE HAVIA DE SER A BATALHA.

Não muito longe d'aquella serra está um castello mui forte em si, em o qual mora um tio, e dous sobrinhos que comsigo ahi tem, e o guarda por um senhor de toda esta terra, que com outro seu comarcão traz agora guerra. Um d'estes sobrinhos me tirou a mim de casa de minha mãi, que pai muito havia que perdera, pera que parece fosse mais desamparada. Agora, e depois que muito tempo me teve n'aquelle castello a seu prazer, por uma mulher que parecia fermosa (mas enganosa) que por ahi acertara a passar com um outro cavalleiro, a quem elles cruelmente mataram por lha tomarem, me leixou; e

me lançou desamoravelmente pola porta do castello fóra, aquelle dia que recolhêr aquell'-outra pera si. E ainda pera mais a obrigar me mandou, d'antes que isso fosse, vestir, e ataviar ricamente; o que eu logo fiz, cuidando que era pera que d'outra maneira acontecesse. O civel d'elle, depois de me ter mandado pôr fòra da fortaleza, fechada a porta d'ella, se poz em um miradouro alto a olhar, dizendo: Vós só, senhora, sois a por quem eu aquello leixo, e pude, e folgo de leixar. Em galardão de aquellas palavras lhe lançava ella os braços polo pescoço, e o beijava muitas vezes. E quando eu tão desarrezoadamente vi possuido d'outrem o que me a mim só era devido, como anojando-me da vida, me vim por estas serras, por ver se toparia alguma fera que fartasse sua ira e a minha em mim; onde me parece que ha mil annos que ando, sò d'hoje pela manhãa, não mais, andar aqui. E de cansada, mais do cuidado que do corpo, me adormeci pouco ha, e prouvera a Deos que não acordára mais. Mas meu pai, que em extremo piedade houvera d'ella, dizia, que lhe dissera, alevantando-a, que por mercê lhe mostrasse o castello. Subindo elle em seu cavallo a tomára nas ancas; mas por muito rijo que caminhara, não chegára lá senão alta noite ao castello. E elle logo se arreceou de lhe não quererem abrir a porta, nem querer tomar campo com elle; porque de quem faz vileza a damas se devem esperar todas as outras: agasalhou-se mançamente

debaixo de um balcão sobre que se fazia a porta do castello, e cahia uma ponte levadiça. E abrindo um servidor a porta pola manhãa; antes que o sentissem foi assim a pé, armado como toda aquella noite estivera, ameaçando o porteiro, e lançando-o da ponte abaixo o fez callar. N'isto disse á donzella, que azinha trouxesse o cavallo. Fel-o ella assim. Subido que foi n'elle, entrando polo terreiro grande que no meio do castello se fazia, disse escontra a donzella que á porta ficava: Agora, senhora, é este castello vosso, e tudo o que n'elle está. Já a estas palavras, e rugido do cavallo, eram os do castello polas janellas. E a donzella, que dentro estava, vestida com uma roupa grande, e não se pode ter que, com um desdem da manga da camisa, não dissesse: De tudo o que està n'elle: inda que pode ser, não sahirá nenhum da vontade de meu senhor; que esta é a minha, e será sempre. Meu pai olhando pera cima, e vendo mulher, calou-se. Mas logo se foi á porta do castello, e fechando-a com as chaves que tomara ao porteiro, e entregando-as á donzella que com elle vinha, lhe disse: Tomai, senhora, vossas chaves, que a vós pertencem, e não a outrem. E d'ahi foi-se pera um cabo d'aquelle terreiro com a sua lança em coxa. Não esteve alli assim muito, que por outra parte d'outro pateo que mais dentro se fazia, não visse vir um cavalleiro grande, e ao parecer de muito esforço, fermosamente armado em um fermoso cavallo, e com sua lança na mão, e um escudo em-

braçado, a ponto de haver batalha. E chegando onde meu pai estava, dizia elle, que com desmasiada ira disse escontra a donzella que alli o trouxera, estas palavras:

CAPITULO XVIII.

DAS PALAVRAS QUE AVALOR TEVE COM A DONZELLA QUE O ALLI TROUXERA.

Não sei, senhora, pois merecendo vós tanto por vossa pessoa e fermosura, como consentistes em vosso coração querer bem tão demasiadamente a quem nenhuma mostra deu de vol-o querer: que certo isto só que nelle vêdes, basta pera vos não lembrarem cousas deste cavalleiro. Que ainda agora, vendo tão perto de si a vingança que delle vindes tomar, nenhum arrependimento traz de vosso desamor; tendo tantas razões contra si, e tão poucas que o escuzem de camanha culpa: porque está claro que a donzella por quem folgou de vos leixar, nenhuma ventagem vos faz, e vós a ella muitas. São cruezas d'amor, que como as tem em costume, não são muito de estranhar. Mas já que me vós aqui trazeis pera vos desagravar de camanha força; sem razão seria querer eu que vós ficasseis com maior tristeza; mas, quanto em mim fosse trabalhar, não tão sómente pola diminuir, mas ainda acrescentar tanto, em vosso contentamento, quanto baste pera

de todo serdes contente. Polo que, senhora, vos peço que leixado todo nojo, não entre em vós desconfiardes da vitoria; porque della muita segurança me dá a justa causa que tendes, pera não arrecear fazel-a por vossa parte: do que deveis muito folgar em ser tão justa; porque quando o ella é tanto, o vencel-a não póde ser duvidoso. Desde agora fazei conta que sois restituida a tudo o que desejaveis alcançar, porque eu a todo meu poder farei com que façais vossa vontade, ou morrerei na demanda (que eu por tão vencida tenho) pois è de nossa parte justiça; que nenhuma teve que ella mesma o não fizesse vencer: porque crêde, senhora, que a razão com que se as cousas justas commetem è a que vence; e quem só a tiver, não ha mister mais. E por isso vêde, senhora, se com morte de ambos sereis satisfeita, ou que vingança quereis que d'elles se tome. A que d'elle quero, disse ella, é pôrdel-o em meu poder com essa má mulher, pera que em sua presença me vingue n'ella das muitas sem razões que me, por sua causa, foram feitas: porque a elle não lhe posso eu querer tanto mal, que não fosse sempre maior o bem que lhe quiz, pera que agora lhe não deseje a vida, que seria caminho de perder eu a minha mais asinha. Dizia meu pai, que tomára tanta paixão por ver tão triste a donzella, e sentir n'ella a muita fé que lhe tinha, que como menencorio de si lhe dissera: Passai-vos, senhora, a um cabo d'esse pateo: vereis a vingança que vos dou de tanta sem-

razão: e porque vos prometti receber elle de mim o menos damno que poder ser, antes que o vejais, verei: se com se render em vosso poder, posso escusar fazer-lhe nojo: porque já podéra ser que não será em minha mão. E porque o cavalleiro do castello estava já a ponto de haver batalha, se fôra onde elle estava: e com palavras de muita cortesia lhe dissera:

CAPITULO XIX.

DA PRATICA QUE AVALOR TEVE COM O CAVALLEIRO DO CASTELLO.

Tão mal creio eu, cavalleiro, que vós cumpris a ordem de cavallaria, como cuido que a guardais nos amores. Dada vos foi pera socorrer donzellas agravadas, e segundo me parece não trabalhareis muito polas defender de quem alguma força lhes quizer fazer: mas de vós a recebêram. Vejo vossa presença tão desviada de vossas obras, que por sima de ser de mim sabida a verdade, me faz duvidar della; e já póde ser que pois vos faltou favor pera donzellas, que vos sobeje cortezia com cavalleiros (pera que verdadeiramente se devem tomar armas; e não pera agravar damas.) Esta que aqui me traz, se queixa com demasiada razão de vós, que a leixastes, sendo ella pera por sua causa se fazerem grandes extremos; e tomastes outra, tanto pera ninguem se aventurar por

ella, que sois por isso digno de muita culpa. Uma cousa só vos queria pedir antes que começassemos nessa batalha, que concedendo-ma poder-se-hia escusar. Folgara muito, respondeu elle, que sem essas razões a fizeramos: mas porque folgo de vos ouvir, me deterei algum tanto, e vós dizei o que quizerdes. Ao que meu pai respondeu: Agora, senhor cavalleiro, acabo de crêr nessa mostra, que mais cometestes essa offensa por força de amor, que por vontade que terieis de o fazer, e não vos dou tanta culpa: porque do que já experimentei sei que ha isso nelle, como ha outras sem razões infindas. Estimaria tanto ver-vos conforme com esta donzella, que toda a vida, que por passar me fica, poria em vos servir. Esta senhora, dizer-vos eu quanto vos merece, seria erro; pois que vós o sabeis melhor. Seus merecimentos são tão grandes polo que fez por vós, que nenhuma outra satisfação podem ter, senão restituir d'ella a suas honras primeiras, e pòrdes ess'outra á sua cortezia, que é verdadeiramente tal que nenhum perigo se póde seguir nisso: porque onde ha tanta nobreza e amor, não se fará senão cousa que seja digna delle. Polo que deveis, bom cavalleiro, consentil-o, e escusar esta batalha, e entrardes n'outra que será mais de vosso contentamento. Ao que elle, com mostras de demasiado amor, respondèra: Senhor cavalleiro, quem quer que vós sejais, d'alto sangue e feitos d'armas deveis ser, que vossas obras o affirmam muito: vós me fizestes uma

tão sinalada mercê, e tão digna de agradecimento, que não irei contra o que me pedis: porque inda que batalha fizéramos, e a vencêra, eu fôra o vencido: tão arrependido sou já. Mas como as cousas desta qualidade com desamor se perdem, assim tambem a perda della se não sente senão por tempo. Muitas outras palavras de cortezia dizia meu pai que lhe dissera; mas não me lembram pera vol-o dizer: basta, que tinha elle razão pera vencer, e quiz antes tental-o com sua cortezia, que sem ella alcançar vitoria: porque com estas armas muitas vezes se vê mais asinha vencerem-se maiores cousas, como aqui aconteceu; que estando tão posto em se defender, tiverão com elle mais força palavras brandas do que poderam ter ferocidade de cavalleiros. Polo que consentiu em tudo aquello que meu pai mostrou que lhe apprazia. Concedido que foi polo cavalleiro, se lhe entregou pera que delle fizesse tudo o que sua vontade fosse: pedindo-lhe muito que quizesse acabar, com ella que a donzella que no castello tinha lhe não fosse feito nenhum nojo; mas antes a leixasse ir livremente. O que lhe meu pai promettêra; e ella, por lhe comprazer, lho outorgou, bem contra sua vontade: mas o grande amor assegura tudo: porque posto que a auzencia a trouxesse tão apartada delle, e elle o não estava no bem que lhe queria, que este podemos dizer que o fez render-se. E dizia meu pai que depois vivêram ambos muito a seu gosto, ficando ella senhora do castello, e delle. As-

sim tambem vos digo eu, senhora, que podera suceder no vosso caso, sendo tão justo como me vós a mim dizeis: e por isso caminhêmos, que a ventura fará em tudo seu officio.

CAPITULO XX.

DE COMO AVALOR, E A DONZELLA FIZERAM SEU CAMINHO PERA O CASTELLO, E DA BATALHA QUE ELLE, E DONANFER TIVERAM.

Começaram ambos caminhar via do castello o mais apressadamente que poderam, por lhe dizer um pastor que o senhor delle ia naquelles dias vêr uma sua irmãa, que por se casar, lhe ordenavam grandes festas. E como elle tinha causa pera se achar presente, se fazia prestes, e levava comsigo muito ataviada aquella que elle tanto mostrava querer. Sabida por Avalor esta nova, porque muito desejava restituir esta donzella a seu estado e honra (porque verdadeiramente se escreve delle que era de muito boa inclinação e virtude, e que em as armas precedia a todolos cavalleiros daquellas partes; e era elle tal que vulgarmente se afirmava que se Lamentor fora sabedor, ou sentira por via alguma que Avalor desejava casar com Arima, que o fizera; tão affeiçoado era a suas cousas, que elle sempre teve por tão acabadas: mas elle quiz antes soffrer-se em desgosto, que descobrir seu desejo; camanho era o bem que lhe queria, que de

si mesmo o encubria. E' esta uma certeza grande entre dous que se bem querem; encubrirem sempre o que desejam mais ser sabido), andaram tanto que chegaram ao proprio dia que o cavalleiro do castello estava pera se partir. E como alguns vassallos seus, por lhe comprazer, se ajuntassem alli pera o acompanharem, teve Avalor lugar pera entrar sem suspeita das guardas, que pola negociação da festa a tinham perdida, e não defendiam a entrada a nenhum que viesse, polos muitos que acodiam pera o seguirem naquelle caminho. Tanto que entrou disse á donzella, que alli o trouxera: Agora, senhora, me parece que a fortuna quer favorecer vosso direito. E pois estais neste lugar, havei-o por vosso: porque eu me não partirei delle, té que verdadeiramente o não seja com vos ficar em poder a cousa do mundo, que mais desejais. Agradeceu-lho ella então aquellas palavras com outras de muita cortezia. E porque o tempo se não gastasse nellas, e se fizesse nelle o que convinha a ambos, mandou Avalor por um servidor do senhor daquelle castello, dizer-lhe, que se espantava muito delle, tendo em sua casa seu proprio inimigo, como podia andar tão seguro: que soubesse certo, que sua irmãa teria hoje mais necessidade de quem a consolasse que de a festejarem; que a grande pressa se armasse, e não mostrasse camanho descuido em cousa que tanto se aventurava sua fama. E em quanto o mensageiro foi, Avalor, soltou a cadea de uma porta falsa que por de fóra cahia, e defendia a entrada do castello.

Não póde elle fazer isto tão presto, que o cavalleiro não descesse ao terreiro grande que se alli fazia, com muita furia armado, e cavalgasse: o que tudo fez tão ligeiramente que Avalor teve em muito sua presteza. Tanto que foi a cavallo, se veio pera onde Avalor o estava esperando, e sem querer mais saber que o que lhe o seu servidor dissera, inclinando a vista pera as janellas de seu aposento, com voz alta disse: Senhora Olania, sahi a ver-me, se quereis ver o muito que faço por vosso serviço. E dizendo isto, sem mais esperarem, remeteram um contra o outro com tanto impeto, que o do castello foi polas ancas do cavallo fóra; e Avalor perdeu as estriveiras sem receber nenhum damno. Vendo no chão seu contrario, se deceu prestemente, e tirou-lhe o elmo, e como da queda, e da ferida (que foram grandes) ficasse desfallecido de todas suas forças, parecia mortal. E tanto que o ar o conversou, tornou em si. E quando diante de si viu Avalor, e elle a seus pés, disse, com palavras de muita dôr (parecendo-lhe que por ventura queria levar ávante sua victoria): Que mais vingança quereis, cavalleiro, do triste de mim sem ventura, que perdel-o em o fim que cuidou ver-vos: e pois ao que viestes acabastes com honra, não leveis ao cabo o vencimento: baste-vos pôrdes-me em estado de fazerdes de mim o que quizerdes ordenar. Ao que Avalor respondeu: Não deveis, bom cavalleiro, estranhar estes acontecimentos, que muitos tereis visto mais desarresoados. Nenhum

outro nojo recebereis de mim; e se vol-o fiz, vossa sem razão o permittiu. O que agora quero que por mim façais é, que esta senhora (chamando-a então pera allí pera onde jazia deitado em terra, com o troço da lança atravessado ainda) d'aqui em diante (vivendo vós) a tenhais tão venerada como vos merece pessoa que tantas mostras deu do muito que vos queria: e que essa por quem a engeitastes, lhe entregueis em seu poder, pera que della faça o que quizer; e a sostenhais em tanto amor como cumpre a tão nobre e generosa senhora; e como o alto tronco donde procedeis vos obriga: porque posto que té agora tívesseis differente tenção, esta é a verdadeira que pera vossa vida convem. Com as quaes palavras vieram ao cavalleiro do castello as lagrímas aos olhos: e estando-lhas límpando a donzella, muí amorosamente, com a manga de sua camisa, lhe veio tão supito accídente que de todos foi carpido, e chorado por morto: o que vendo Avalor os começou a consolar (como aquelle que de só tristezas vivia) e deitando-lhe agoa por cima do seu bem aposto rosto, tornou em sí, e foi logo curado por uma sua sobrínha que consigo tinha no castello, que naquelle mister, era assaz experímentada. Acabado que foi de curar, mandou Zicelia aposentar Avalor em uma camara junto da sua, e servil-o o melhor que pôde, e que então podia ser, mandando logo pôr a recado a outra por quem ella tantos desgostos havia soffrido, porque determinava depois delle ser são, em sua presença, tomar della

vingança (ainda que mulher) porque tambem o ella era. Mas este desejo não houve effeito, que sabido por Avalor determinou logo buscar maneira per onde lhe podesse desviar aquelle odio, que tão certo é nas mulheres: porque por mui pequenas offensas querem tomar grandes vinganças; e segundo são amigas de novidades, assaz força se lhe faz quando as mudaes de suas vontades, porque nenhuma outra sentem mais, nem entre ellas se tem por maior; mas Avalor não fez pouco em a livrar daquelle furioso impeto de Zicelia. E porque vos eu amiga, e senhora desejo muito fazer certa das cousas deste cavalleiro, e seus acontecimentos, que muitos, e mui grandes foram, como ouvireis, me levai em conta se nellas me detiver mais do que quizera: porque no muito que delle tenho que vos dizer, não vos seguirá senão muito gosto: porque suas cousas o offerecem a quem as ouvir. E por isto perdoai-me de tardar em vol-as contar; mas elle fez tanto nisso, como adiante se vos dirá.

CAPITULO XXI.

DE COMO AVALOR PEDIU Á SENHORA ZICELIA QUE NÃO QUIZESSE TOMAR VINGANÇA DE OLANIA, MAS QUE LIVREMENTE A LEIXASSE ÍR.

Como naturalmente a inclinação de Avalor fosse soccorrer grandes necessidades, e elle visse a muita em que Olania estava, fez com a senhora Zicelia que, esquecida de todo o nojo que della mostrava ter, polo seu delle, a soltasse daquella prisão em que a tinha, e livremente a leixasse ir onde sua ventura a guiasse; e não quizesse de tão mimosa, e delicada donzella maior vingança, que vêl-a camiminhar sò, e a pé, estrangeira em terras estranhas, porque este só tormento havia de sentir mais, que toda a mais pena que della pudera receber. O que Zicelia, por lhe comprazer como aquella que lhe tanto devia por amor e obrigação, o consentiu, tanto já contra sua vontade, que tão claramente se enxergou nella o desejo de vingança, que Avalor a estava antre si culpando de muito cruel. Mas posto que deste pedido ficasse triste, o houve de conceder. E porque em alguma parte se visse satisfeita, pediu a Avalor que antes de a despedir lha mostrasse, porque muito a desejava ver: o que elle fez, posto que Olania o houvesse por muito grave cousa. Trazida ella, e posta em sua presença (ten-

do-a assaz mudada) por se vêr diante de Donanfer, que bem via a não mandavam chamar, senão pera lhe darem nisso alguma paixão grande, de que lhe podesse nascer maior tristeza, como verdadeiramente sentiu quando viu Zicelia estar em uma camilha igual ao leito onde elle deitado estava, e lançar-lhe os braços ao pescoço, e beija-lo muitas veses ; cousa que a ella tão devida foi em outro tempo fazer. Mas em nenhuma cousa deste mundo ha segurança, nem se deve ter, porque mudanças senhoream tudo ; e na verdade não se póde ella ter das cousas de cá, por quão sem firmeza são. Assim que umas e outras a tinham tão embaraçada, que não sabia que dizer. E vendo Zicelia o sentimento que mostrava, não se pôde ter, que não dissesse : Deste camanho descanço fostes vós, Olania, muita causa de me apartar, sendo este contentamento de direito meu ; e em galardão de camanha offensa como me nesse tempo fizestes, vos dou vêrdes agora o que já podéra ser que não cuidastes ver. E agora vos podeis partir quando quizerdes : e em ser tão livremente, conhececi que ficais ao senhor Avalor nessa obrigação : porque a elle verdadeiramente se deve. A Olanía com estas palavras se lhe arrazaram os olhos d'agua : e por muitas vezes esteve em lhe responder, por fartar sua ira : e a dôr grande lho não consentiu : porque isto parece tem a pessoa muito magoada, impedir-lhe sempre a paixão, o que a vontade mais pede fazer ; e serram-se-lhe os espiritos, e não pôde di-

zer o que deseja; e esta magoa desfaz toda em lagrimas. Neste extremo se viu a triste donzella tão estrangeira no que tinha por natureza. Donanfer, posto que o amor de Zicelia lhe não consentisse usar com Olania de piedade, não leixou de sentir muito aquelle apartamento: e sempre a seguira, se não fôra por Avalor lho não estranhar. E como as tristezas se não possam encobrir, nem a dôr grande dissimular, lhe fizeram vir ao rosto aquella côr tanto sobre a natural, que parecia mais divina que humana: e parece que lhe acudiu aquella formosura a tal tempo polo mais embaraçar, e accrescentar nelle seu amor, porque em algum tempo não perdesse esperança de a poder vêr; e d'aqui nasceu a Donanfer um aborrecimento tamanho a Zicelia, que logo pôz em seu pensamento, que como o tempo lhe désse lugar, buscar Olania; a qual se partia tão triste polo que leixava, como incerta do que lhe podia succeder.

CAPITULO XXIII.

COMO DESPEDIDO AVALOR DE CASA DO CAVALLEIRO VENCIDO, SENDO APARTADO DO SEU CASTELLO, AO PÉ DE UMA FONTE AONDE DESCANÇANDO ESTAVA, LHE FALLOU DE DENTRO DA AGOA ARIMA, E DO MUITO QUE SUAS PALAVRAS O ENTRISTECERAM.

Depois que Avalor entregou o castello á donzella, se deteve nelle alguns dias (por o ella assim pedir) em quanto o cavalleiro vencido se curava de suas feridas, consolando-o em seu desgosto: porque verdadeiramente o sentimento de o elle ser foi camanho, que por muitas vezes se desconfiou de poder viver (tanto póde o nojo em tudo). E começando a convalescer, indo já pera melhor, determinou Avalor tornar a seu caminho, e seguir sua aventura (que té então tão mal lhe succedia), e havida licença se partiu. E sendo já do castello duas jornadas, se metteu por antre uns espessos arvoredos que alli estavam de mui graciosas sombras, e correntes agoas; e pondo-se ao pé de uma fonte com o pensamento todo occupado naquella agoa, se lhe afigurou que víra nella um vulto de mulher, tão proprio ao parecer de Arima, que lhe vieram as lagrimas aos olhos. Chorando esteve a maior parte daquelle dia, sem poder determinar que po-

deria significar aquelle mysterio (que tão grande lhe pareceu). Estando elle assim embaraçado naquella visão, correndo polo pensamento cousas passadas que renovadas o faziam tão triste como nunca fôra por causa nenhuma, desejando saber o fim do que vira, ouviu fallar-lhe de dentro d'agoa, como mulher, dizendo: Não sei que buscas Avalor aqui? Busco, disse elle, o que minha ventura me nega tanto tempo ha. Mas muito te peço, pola cousa do mundo que mais estimas, que me queiras dizer quem és a que me fallas: porque verdadeiramente dês que te ouvi, comecei a confirmar minha suspeita por verdadeira. Se és Arima não no negues. Acabando elle de dizer isto, tornou a pôr os olhos naquella parte onde d'antes a vira (polos ter postos no chão) e não a vendo, se assentou, começando-lhe a correr de seus olhos fontes de agoa, chorando tão cruelmente que era magoa ouvil-o, dizendo: Triste, coitado de ti Avalor, que tão grande foi tua desaventura que tudo aquello que mais desejaste, viste menos acabado; e o que te podia dár contentamento, se te converteu em maior tristeza. Senhora Arima, como podestes acabar comvosco negardes-me ver-vos eu, sendo vós a cousa do mundo que mais ver desejo: mas se vos eu n'isto offendo, aqui me tendes; executai vossa furia em mim: e não querais, senhora, que n'um tão sem ventura se enserrem tantas magoas secretas. Erros de amor são dinos de perdoar; e se vingança maior vos mereço, cumpri em minha

vida vossa vontade, que tão offerecida está ao que d'ella quizerdes ordenar. Havei por bem mostrar-vos, a quem só vive na esperança de ver-vos: e não queirais encobrir-vos de quem vos tanto merece servir. Embalde trabalhas, respondeu ella, que só na vontade me poderás ver; e porque tarde ou nunca me tornarás a vêr n'este lugar te digo isto: porque de tua perda me peza assás. Ficou Avalor tão cortado d'aquellas palavras, que não teve que responder, nem ficou de maneira que o podesse fazer. E com a dòr grande do que n'ellas sentiu, se entristeceu tanto que, não se podendo soster, cahiu e esteve por grande espaço sem falla, tornado que foi em suas forças, determinou logo comsigo mesmo partir-se d'aquelle lugar (que tanto pera seu cuidado cumpria) Dizia meu pai, que quando ouvia fallar nas cousas de Avalor, lhe crescia em as ouvindo camanha magoa, que verdadeiramente lhe parecia ser elle mesmo que as passava: porque tinham em si uma tão nova maneira de sentimento, que se não podiam leixar de sentir muito suas tristezas; e que assáz de endurecido devia ter o coração quem, ouvindo-as, o não desfizesse todo em lagrimas. E dizia elle que de só cuidar n'isso o fizera muitas vezes (tanta dòr faz o ouvir magoas alheias) Mas eu direi o que lhe succedeu, porque vejais quanto as tristezas se querem com quem as favorece.

CAPITULO XXIII.

DE COMO PARTIDO AVALOR DO LUGAR DA FONTE, INDO CUIDANDO EM SUAS TRISTEZAS, ANTRE UNS ARVOREDOS ACHOU UMA DONZELLA CARPINDO-SE, E A SOCCORREU EM SUA NECESSIDADE.

Des que Avalor se partíu daquelle lugar, onde aquella sombra lhe appareceu, nunca de seu pensamento lhe saíu, que aquello poderia ser Arima: antes lhe ficou tão assentado nelle que o era, que por muitas vezes determinou tornar ahi fazer sua habitação. Mas quem sua vida passa em tantos receios não póde ter tão livre juizo que tome cousigo determinação certa. Assim Avalor em suas tristezas não achou outro melhor remedio que seguir o que sua ventura lhe ordenasse, porque a que esperava não poderia sêr menos triste que a passada. Posto elle em seu caminho, tendo naquelles dias andado muita parte, veio ter já sobre tarde (quando as aves se começam a recolher, vindo a seus costumados pouzos) a um valle de mui grandes, e frescos arvoredos, e assaz deleitosos pera quem o cuidado trouxera menos magoado: vendo-se naquelle lugar, parece que por fazer menos o trabalho, ou mais verdadeiramente a dôr, se assentou ao pé de uma alta e verde faya, por desejar

ouvir socegadamente uns roussinoes, que já de muito antes á entrada do valle ouvíra estar cantando. Estando elle assim enlevado naquella melodia, lhe parecia que em sua maneira de tanto lhe annunciavam vir-lhe naquelle dia algum contentamento, que o fizesse menos cansado, do que seus cuidados o traziam. E como a elle nenhum bem lhe durasse muito, parece que a este pequeno descanço lhe houve a fortuna ainda inveja, ou não quiz consentir que o elle tivesse, polas muitas desaventuras que inda tinha por passar. Não se tardou muito que no mais baixo do valle não ouvisse uns grandes e doridos gritos. Espantado elle por em lugar tão apartado de conversação de gente ouvir gritos de pessoa racional, não sabia que se dizer; e por mais se certificar no que seria se levantou, e pôz o sentido prompto nisso (tendo-o elle bem longe d'alli) por vêr se tornaria a ouvir aquelles gritos; senão quando ouviu dizer mais brandamente: Desemparada, triste, coitada de mim, que desaventurada foi hora a minha que a tal desterro me trouxe. Achando isto calou-se, chorando, e gemendo tão doridamente que movia a quem a ouvia a sentir sua tristeza. Foi rijo pera aquella parte, o mais apressadamente que ser podia, por lhe poder valer em sua necessidade: porque logo lhe pareceu que sua ajuda seria necessaria. Chegado que foi a ella, e vendo-a mulher, e assaz bem parecida, lhe disse (como espantado de tamanha novidade): Que ventura foi esta, senhora,

que vos trouxe em parte tão só: mal haja a desaventura que tão mal soube repartir com vossa fermosura, que vós pera outra cousa devieis nascer: mas eu não sei verdadeiramente onde estes desconcertos do mundo hão de ir ter. Vejo-vos moça, merecedora de viver acompanhada, e servida. Ella com grande prazer que sentiu naquelle soccorro, não lhe pode responder; e tambem o modo de mulher lho tolheu; nem a fraqueza sua lho consentia, inda que muito o quizera fazer. E vendo Avalor o extremo em que era posta, se chegou a ella: tomando-a em seus braços a assentou naquella fresca e verde herva, pedindo-lhe muito quizesse esforçar, que Deos lhe daria remedio pois lho mandára a tal tempo: accrescentando mais: E se alguma cousa que vos de mim cumpra vos pode fazer léda (disse elle) não sinto nenhuma que não faça por vos servir. Rendeu-lhe ella as graças por camanha mercê, dizendo: Ainda que veja, senhor cavalleiro, que ordem de cavalleria vos obrigue a soccorrer muitas tristezas, tambem conheço que pera alcançar eu de vós o dom que vos hei de pedir, o muito que fallece pera vol-o merecer. Mas eu terei nisso mais respeito a vossa muita virtude e nobreza, que a meu pouco merecimento; porque não poderá elle nunca ser tanto, que maior não seja a razão porque o fazer. Lá eu, senhora, (disse Avalor) não poderei leixar de conceder tudo; mas se é pordes a risco cousa em que vos vá vosso contentamento, não sei quão acertado seria con-

sentir eu que em mim o leixasseis; porque pessoa tão sem ventura mal póde nenhuma outra acabar com honra. Por isso vos quiz dar antes este aviso de mim; porque depois, se a fortuna me não leixar cumprir com vossa vontade, e com o que tenho de vos servir, vos queixeis della mais que de mim. E não vos pareça que o tomo por escusa, porque eu das tristezas aprendi soccorrer a ellas. Por isso peço-vos muito que das vossas me digaes, e quem foi causa d'aqui virdes ter; porque essa fermosura não era pera possuirem serras. Ainda que minha fraqueza (disse ella) me defenda não vos dar de mim tão larga conta como quizera, vos direi alguma parte de minha triste vida, pera que saibais quanta razão tive pera me não achardes viva: porque verdadeiramente, segundo as cousas della são desarrezoadas e graves, me faz ainda parecer que a fortuna quiz usar comigo algum modo de piedade, em não querer que eu assim a perdesse. Porque, posto que de tão triste fim recebesse contentamento, conheço que se não hade ter respeito a proveito donde se fica perigo pera algumas; e pois a Deos lhe aprouve trazer-vos a tempo que me podesseis valer a camanha perda, sem razão seria não conhecer eu o muito que vos por isso deva. E portanto me não quero deter; mas dizer-vos brevemente o que me pedis.

CAPITULO XXIV.

DO MAIS QUE AVALOR COM A DONZELLA PASSOU EM SEU CAMINHO.

Satisfizeram tanto estas palavras a Avalor, que inda que elle tanta parte nellas fosse, desejava podel-a servir em cousa de muito seu contentamento. Mas como ella o já tivesse perdido das do mundo, e elle a visse taõ posta nisso, naõ curou de a querer desviar de sua tençaõ: mas leixou-a contar suas tristezas, porque não recebe pequeno gosto em as ouvir quem nellas vive. Começou ella entaõ a dizer: Haveis, senhor, de saber, que eu fui filha de um alto homem, taõ rico de vassallos como dotado de bens da fortuna; e sendo elle tal, era com isto muito aceito do Rei, de que infindas veses se servia. E sendo por elle mandado a uma fronteira, foi lá morto em uma batalha: que té nisso foi a fortuna contra mim, porque ficasse mais desemparada. A este desemparo acodiu um irmão meu, que outro não tive nunca. Nelle cuidei que me ficava pai, e elle o foi muito tempo: mas depois que polo discurso delle viesse conversar um nobre e famoso cavalleiro, que a estas partes viera ter, com duas fermosas irmaãs: por uma, a que elle muito queria, falecer, ordenou Lamentor, que assim se chamava, casar a outra com meu irmaõ. E como ella tivesse

muitas partes de fermosa, o aceitou elle; tanto por seu parecer della, como por confirmar tão boa amisade. Ordenado isto, determinou meter-me n'um mosteiro, que perto daqui està, pera servir nelle, com outras Ninphas, Diana: fazendo-me crer que dalli sahiria tão honradamente casada, como a seu estado convinha; o que eu, triste de mim, cri; e houve-o de consentir. E provera a Deos que nunca fora; porque agora me não vira tão magoada. Que vos heide dizer do meu triste fado? Estando alli depositada pera alguma ventura grande, veio ahi ter Donanfer, Senhor de um castello que do alto destas serras parece. Vendo-me, e eu a elle, nos seguimos um ao outro; de maneira que houve de fazer tudo o que elle mostrou que lhe apprazia. Levou-me consigo, e me teve a seu prazer quatro annos inteiros, fazendo-me sempre crer ser eu o primeiro amor a elle sò (mas a quem de enganos vive, mal se lhe podem nunca conhecer.) E como em pouco tempo faça elle muita mudança, um dia, estando nòs apercebidos pera fazermos um caminho em que recebiamos assaz contentamento, me veio delle tirar uma outra donzella, que, segundo se soube, de muito antes lhe tinha dado seu amor: e um cavalleiro que com ella vinha, fez campo com Donanfer: e vencido lhe entregou toda a terra, e a mim pòz em aspera prisão. Se ainda não fôra pola compaixão que de mim houve o mesmo cavalleiro, nella fenecera; e fora-me melhor, porque ao menos não tornàra a ter nova magoa comigo. Isto é o em que minha de-

saventura me traz, e o que de mim vos sei dizer. O dom que vos peço não é pera que me vingueis, senão pera que me acompanheis tè me pôr no mostero donde sahi, e me façais nelle recolher; porque o mesmo quero eu fazer de minha vida, de mim. Ao que Avalor respondeu: E' tão pouco o que me pedis, em comparação do muito a que me vossas lagrimas obrigam, que erro grande seria não o consentir: e ainda que o não pedireis, parecia justo não vos leixar senão em parte onde minha companhia se podesse escuzar. E por isso, senhora, caminhemos; que por longe que seja o não poderá a mim nunca parecer, tão contente sou de vos poder servir. E porque a seu tempo se vos dirá muita parte de seus acontecimentos, que muitos e grandes foram, que vos eu agora não digo, por não ser este conto nosso, e tambem porque tenho bem que vos dizer no caminho, que hemos tomado.

CAPITULO XXV.

DO QUE A DONA NO PROSEGUIMENTO DE SUA HISTORIA PASSOU COM A DONZELLA NAQUELLE APARTAMENTO QUE ESTAVAM.

Bem vejo filha, e senhora, que prometer-vos eu historia tão larga e triste, foi pera mim a maior novidade que de minha tristeza se podéra esperar. E verdadeiramente, por muitas vezes estive em

vos pedir que a não quizesseis ouvir de mim: porque ao menos vos não tornaria a magoar em vossas tristezas, contando-vos tantos desastres, como nesta terra dizem que aconteceram aos dous amigos, de que é a nossa historia, que vos já por muitas vezes comecei contar, e saltava noutras mui differentes. Mas já que sei que tanto folgais de a ouvir, cumprirei nisso mais com vosso desejo, que com a vontade que posso ter de de vo-la encubrir. Não digo isto porque a não tenha assaz de vos fazer certa das cousas desta terra, já que mais vos não posso satisfa er em vossas tristezas. Mas diz o conto: que partidos os dous amigos ao castello da mãi de Cruelsia, e que estiveram nelle alguns dias, em quanto seu companheiro Jenao foi em uma aventura onde o levaram: e tambem começando vos a dizer esta historia, disse que muito bem sentia aqui o cuidado alheio em me lembrar o meu. Quero que me entendais de todo; vindo por este valle, assim com minha paixão, topei com uma dona em tempo que eu era donzella triste, assim como vós: e ella, que ja de minha dôr passara, se tornou a lembrar, assim como eu agora com as vossas me alembro. Então ambas estivemos dando culpa destas cousas a quem por ventura a não tinha; e como dona honrada, e mais velha, a folguei de escutar. E tambem, ouvindo-a, desabafava o coração, por ser cousa que neste caso e lugar, é muito pera saber; porque diz o conto:

CAPITULO XXVI.

E COMO ESTANDO NARBINDEL, E SEU AMIGO TASBIÃO, NO CASTELLO DA DONA, LHES VEIO PEDIR SOCORRO O PAI DE BELISA CONTRA O CAVALLEIRO QUE A FURTÁRA: E DO MAIS QUE PASSOU NA VIAGEM, TÉ CHEGAR ONDE LAMENTOR ESTAVA.

Estando Narbindel, e seu companheiro Tasbião, no castello da Dona, veio tarde, horas de vespora, um cavalleiro velho que parecia anojado em sua barba e vestido: e apeando-se, perguntou se estavam alli dous cavalleiros de que muito se fallava naquella terra, onde desfaziam muitos agravos? Tasbião, como mais solto do cuidado de seu companheiro, quiz tomar o do velho cavalleiro, que em sua presença mostrava que alguma grande tristeza tinha. Assim com elle se partiu. Pedindo a Narbindel que alli o esperasse, se espediu de todos os de casa, que tambem já como irmão o tinham. Mas uma irmãa de Cruelsia tinha já grande amor a Tasbião: mas como moça, com a vista de cada dia não sentiu o que era, senão depois que partiu; porque a saudade das cousas muito desejadas muito se sentem. Assim conhecendo seu mal, viveu muito tempo, aguardando o que a ventura sempre lhe negou. E não lhe sahiu como elle, nem ella cuidou; e onde ia

bem fóra de seu cuidado. Assim caminhando com o velho cavalleiro, lhe perguntou e rogou que lhe dissesse o pera que o levava, se nisso não perdesse o contentamento de sua vingança. O velho lhe disse que aquella noite, onde repouzasse, lhe diria todo o caso; que grande era, pera se contar em tão pouco espaço. Bem pareceu a Tasbião o que o velho cavalleiro dizia, por ser já tarde; e disto fallando, e em outras cousas, se fez noite. Não quiz Tasbião andar mais, por a companhia não ser pera aquellas horas. Chegaram a um castello de um seu amigo, onde repouzaram. Perguntou Tasbião onde, ou porque o levava? Senhor cavalleiro, inda que me assim vejais, a idade me tirou as forças; que em meu tempo não buscava ninguem pera minha necessidade: mas já agora não posso com mais trabalho, que este em que me puz em vos buscar: e o caso é este. Eu tenho uma filha (ou, segundo minha ventura, tive) das fermosas que neste tempo nasceram; o que causou muita dôr á minha velhice, e sua mocidade; que um dia em que devêra morrer, a levei á Cidade de Boslia, a umas festas que se faziam: e como ella as nunca visse, mostrei-lhas pera a nunca mais ver. Um cavalleiro a viu. E porque breve diga minha desaventura, passou o rio, e veio a meu castello, dissimulado, com um seu amigo, ou sobrinho, em trajos de homens trabalhadores; tomaram minha filha em uma hora, e pola porta da cerca (que parece por mau recado, ou por alguma trai-

ção, estava aberta) a levaram a um batel que tinham prestes. E como era sobre tarde, e o rio largo como sabeis, primeiro que eu acudisse (que era longe) quando já cheguei os não vi. Mas bem sei onde está contra sua vontade. E por ouvir que vosso costume e virtude, é soccorrer as taes fortunas, vos busquei. E isto é o que se passa. E isto disse com muitas lagrimas. Tasbião o consolou, e lhe prometteu de pôr sua pessoa por elle até morrer; pois assim passava, que Deos o ajudaria. Perguntou-lhe como se chamava o cavalleiro. Chama-se Fabudarão, disse elle: E' valente, e de linhagem de gente soberba: eu sei que minha filha será morta, em seu poder. De morta, disse Tasbião, vos seguro eu; mas não sei se receberá outra força; e se elle é cavalheiro não cuido que o fará; ainda que o amor grande faz grandes erros. Por isso, disse o velho cavalleiro, cuido eu, que ella é morta por suas mãos, se é forçada. Esse cavalleiro, disse Tasbião, a tem já em seu poder; e se, com vossa honra e sua, vos quizesse satisfazer, pois di.eis que é pessoa poderosa e abastada, deveis de o querer. E isto não creais que o digo, por leixar de fazer o pera que me levais. A isto o honrado velho abaxou os olhos, como que cuidava um pouco, e disse: Bem dizeis, senhor cavalleiro; mas cuido que ella tem a vontade em outra parte, contente como o eu não sou, porque elle não hade querer segundo o meu contentamento; e essa desconfiança tenho eu da muita valia de sua pessoa;

o que minha filha não cuida; porque é criada sem mãi, nascida pera fadiga do triste velho de seu pai. E se elle aqui estivera, não creais que Fabudarão assim tenha minha filha; mas é em um soccorro, por mandado d'el-rei como sabeis: e este que digo é Lamentor, que já ouvireis nomear. Antes o conheço muito bem, disse Tasbião: e certo não escolhe vossa filha mal, se lhe sabisse bem: mas as duvidas nas cousas da honra de ventura saem bem, e mais nos casos das mulheres, quando tem algum desejo, por quanto são fracas de seu natural. Assim fallando chegaram ao castello do velho cavalleiro. E outra filha pequena, que elle tinha, (que na fermosura bem parecia a sua irmãa) veio chorando. Dizia que já Fabudarão levara Belisa pera outro castello. Certo que suas lagrimas, ainda que de dez annos, obrigava a vinte de serviço a quem a via; e por ella julgou Tasbião o que seria Belisa. O velho ficou tão triste, que por sua muita idade e fraqueza, pouco faltou de ser morto. Cá bem sabia elle que Fabudarão a havia de levar pera um forte castello, que tinha dalli trinta leguas; onde elle perdia toda a esperança, por aquella ser quasi toda a sua. E porem Tasbião o consolou, dizendo, que se sua filha se havia de livrar com poder de gente, tinha razão de se agastar; mas, de cavalleiro a cavalleiro, não montava mais castello forte que fraco: e que partissem logo per mar, pera mais asinha se ver com Fabudarão, e haver sua filha, se podesse; ou lhe ficar tempo

pera buscar outro remedio. E assim o fez o velho cavalleiro, que logo se metteram em uma caravella que perto do castello estava em o porto do rio, com sós seus escudeiros, e os marinheiros della. Partiram polo rio abaxo até dar ao mar. E aquella tarde deu uma tormenta nelles, que os lançou atravez da costa de Berberia: que ainda, té aqui, o amor quiz que Belisa fosse livre por mão de quem ella desejava. Correu tanto com a tormenta, que lhe conveio tomar terra ao outro dia, naquelle lugar onde Lamentor estava. O velho cavalleiro não quiz sahir fora; ainda que pera sua idade bem havia mister o repouso da terra; porque a Lamentor não parecesse que o vinha buscar; que sentia elle de si, que era cousa vergonhosa, ainda que o costumo fosse, buscar soccorro aos taes cavalleiros, pola suspeita d'antre elles. E Tasbião, tambem por esta razão, leixou de sahir até que da parte de Lamentor foi rogado, sem saber quem eram, que fossem a terra: e mais porque assim era necessario, polo costume e segurança della. Viu o cavalleiro que se não podia escusar, e rogou a Tasbião que sahisse, e não dissesse a Lamentor nada delle, que ficava na caravella: que só com elle queria tentar a ventura de sua filha; má ou boa, como lh'a Deos ordenasse. E porque as elle ordena ás vezes melhor do que as nós pedimos, foi assim que Lamentor, vendo a seu amigo Tasbião que em tempo de tanta fortuna não queria sahir fora, nem lhe fallar, logo lhe pareceu que alguma grande aventura ia buscar; e co-

mo eram amigos, e Tasbião não achasse certa descul-
pa pera lhe dar, e assim se encubrir delle, forçado
lhe disse tudo. Perdeu Lamentor a falla uma grande
hora, e encostou a cabeça sobre a mão esquerda;
e esteve até que no cabo, com um supito d'al-
ma, disse: Que cuido? em que gasto o tempo?
que conselho póde isto ter, ou que vingança?
Mais devo á tormenta que vos aqui trouxe, que
a vós que mo encobris. E não podia eu saber
uma tão má nova, senão com grande tormenta. E
bem me atormenta ella, pois não tem vingança,
nem satisfação camanha dòr. Tasbião, polo conso-
lar dizia que já não podia ser: que Fabudarão,
ainda que assim a levasse, nem por isso a força-
ria, que era bom cavalleiro. E que ainda que o
amor ao principio era sem culpa; teria aquelle
acatamento que os cavalleiros eram obrigados ás
donzellas: e no primeiro erro se Fabudarão não
sabia do bem que lhe elle queria, não tinha porque
o culpar, quando, sabendo-o, a restituisse a seu
pai. As mudanças (disse Lamentor) que me vós con-
tais que elle já fez com ella, me faz a mim ser tris-
te, e o serei toda minha vida, ainda que muita
seja, e muitas cousas me possam alegrar: e em
minhas magoas não quero fallar mais, que não são
estas as que desabafam fallando: nem aprovei-
ta conselho em caso de camanha injuria, senão
cuidar na vingança. E digo que vós, senhor Tas-
bião, me leixeis este trabalho com o mais que eu
tenho: e tambem quero que por mim tomeis ou-
tro, que é o cargo desta fronteira até minha tor-

nada: e se eu não vier, vós sois tal pessoa que dareis mui boa conta a quem eu a havia de dar. Aqui conveio a Tasbião dizer a Lamentor, que na caravella ficava seu pai de Belisa; por donde elle de sua promessa se não podia leixar, nem dar outrem por si: e mais que o cavalleiro não queria que elle soubesse que alli estava. Por isso disse Lamentor, lhe dizei vós a verdade, que o soube de vós por força: e que não podeis al fazer: pois este caso mais a mim que a outro toca: e polo encubrir não me dissestes nada que elle ficava na caravella: e como eu partir hi logo por elle. E assim o fez, que Lamentor não aguardou mais que naquella mesma tarde se partiu; e Tasbião foi polo velho cavalleiro, o qual depois que o soube não lhe pesou muito, porque Lamentor era bom cavalleiro; o que leixaremos por dizer o que aconteceu a Belisa com Fabudarão.

CAPITULO XXVIII.

DO QUE PASSOU BELISA EM PODER DE FABUDARÃO, E DO QUE LHE ACONTECEU FUGINDO SEU CASTELLO.

QUANDO Belisa assim se viu em poder de Fabudarão, que tanto aborrecia, polo muito que queria a Lamentor, vingando-se em sua pessoa (como é signal de fraqueza) se carpia, e chorava. Mas aqui o amor aconselhou tambem com

o primeiro supito das mulheres (que é grande), confiando que se Fabudarão soubesse que ella amava a Lamentor, quiçá a leixaria; ou ao menos que se haveria mais honestamente com ella. E assim ante seus parentes disse tudo a Fabudarão: de que elle ficou agastado, que com outro quizera antes a differença: mas como era, sobre camanho, prêzo de fermosura, tornou logo a fazer menos conta do que dizia pera a leixar. E comtudo pera estar com ella mais seguro, determinou ir-se pera aquelle seu castello, pera onde a mudára, porque era mais forte, e na terra mais aparentado: e porém todavia porque não sabia como poderia saír com camanha empresa, estava assim no meio antre amor e temor. E porque grande amor lhe tinha, com elle a queria obrigar: e pera isto tinha Fabudarão uma irmãa, donzella fermosa: e com ella a leixou alguns dias pera que lhe dissesse mal de Lamentor, que seu amor não seria pera mais que pera a leixar; o que seu irmão não faria nunca, antes mandaria logo recado a seu pai. Mas estas cousas não aproveitavam mais que accrescentar muito o amor de Belisa: a qual, depois de culpar Fabudarão pola assim tomar sem vontade de seu pai, dissimulou em algumas cousas com elle: porque bem sabia que como o Lamentor soubesse, ella seria livre, ou mais captiva delle. A Fabudarão parecia que já podia ser, porque seu estado, e certeza de sua honra, ella o queria: porque não cuidava que tanta razão tinha Lamentor

como a ahi havia. E que assim a iria obrigando pouco a pouco: e mais elle tinha mandado buscar seu pai; porque cuidava que lhe não pezasse de ter sua filha casada com elle; e estava esperando polo recado. A's vezes a ia vêr se inda lhe veria cousas de verdadeiro amor que ao outro tinha. Quando um dia andando Belisa dentro no castello, que sobre o mar estava, com sua irmãa de Fàbudarão, viram vir um cavalleiro de umas armas verdes e azues, semeadas nellas com barras d'ouro: e assim no proprio escudo uma grande aguia. E chegando ao pé do castello a irmã de Fabudarão o conheceu, que era quem ella muito queria: e por Fabudarão haver dias que não saíra do castello por amor da fermosa Belisa, não tinha elle tempo de a poder vêr nem fallar, senão então que o viu passar á vista d'outro seu castello, que ia á caça. E pelo vêr ir armado fóra do costume de caçadores, o vinha elle tambem; porque Fabudarão era em algumas cousas arrebatado, pera no primeiro impeto achar-se apercebido. Quando o ella assim viu, sem lhe lembrar o que seu irmão lhe encommendára, se desceu a uma porta de traição, onde ella sohia vir outras vezes: porque o cuidado e desejo proprio, faz perder o alheio; como foi nesta donzella, que com sua lembrança perdeu a de seu irmão. De maneira que Belisa, que viu o tempo que a donzella se detinha, encommendando-se à ventura, se saiu pola porta da cerca, sem a verem; e se foi, sem saber per onde ia. E porque ella do castello via

muitas vezes a terra, e lhe pareceu mais cuberta pola banda do mar, aquella seguiu. Mal acostumada, a pé, por antre aquellas rochas (que fragosas eram) ás vezes mettendo-se pola agoa, outras assentando-se de cansada, cuidava onde iria, e que faria de si: outras se arrependia de ser saída do castello por terra que não sabia, e mais tão despovoada. Quiz-se tornar; e pera nenhuma parte sabia o caminho. Assim andou até horas de noite; onde a leixaremos, por dizer da irmãa de Fabudarão, que, como a Belisa não achasse, esteve pera se matar, antes que seu irmão a matasse: porque bem sabia ella que, pera camanho bem lhe elle queria, era o menos que lhe havia de fazer: e depois, lembrando-lhe que perdia a vida que com aquelle cavalleiro seu amigo levava, quiz antes fugir pera elle. E assim, sem dizer nada aos do castello, se foi pera elle, que jà era ído; que ella, por ser da terra, sabia mui bem o caminho pera que nelle o não achasse. E Fabudarão, que lá onde andava não podia repousar, não se deteve muito na caça. E vindo com alguma, muito ledo, pera apresentar per si á fermosa Belisa, achou que os do castello a andavam buscando e a sua irmãa; que não sabiam pera onde foram. Quando Fabudarão ouviu isto, perguntou se ia outrem com ellas, ou se se foram folgar ao longo da praia. Disseram-lhe que já tudo era buscado, e que nenhum rasto, nem nova, achavam d'ellas. Não sabia Fabudarão que cuidasse, nem achava caminho onde seu pensa-

mento podesse descançar: porque cuidava que sua irmãa fòra com ella Perguntou quanto havia que as achavam menos. Disseram-lhe que poderia haver duas horas. Assim como desesperado começou de correr todos os caminhos, e perguntar aos que achava, sem achar nenhum recado, nem nova. Determinou partir se daquella terra, e não tornar mais a ella, té não cobrar o que com tanto trabalho alcançára, e com tanto descuido perdêra. Assim se foi, sem saber por onde iria. Deixemol-o ir agora seu caminho, e dir-vos-hei o que aconteceu a Lamentor por livrar a fermosa Belisa do poder de Fabudarão.

CAPITULO XXVIII.

DO QUE ACONTECEU NA VIAGEM A LAMENTOR INDO NO LIVRAMENTO DE BELISA, E DO QUE MAIS LHE SUCCEDEU.

Diz a historia, que Lamentor com aquella tão triste nova ficara tão embaraçado, que quasi se não sabia determinar no que faria pera remedio de tanta dôr: e esforçando-se, como cavalleiro que era, escolhêra por melhor pedir a Tasbião que, em quanto elle ía naquella viagem, quizesse elle ficar no cargo daquella fronteira; e havido prazo delle, sem mais esperar, se embarcára em uma caravella; e dando véla se partiu pera aquella parte, que dizia ser o castello de Fabudarão,

em que Lamentor tanto se desejava vêr, porque esperava alcançar a cousa do mundo que mais queria; e pera de camanha força tomar vingança, lhe parecia que aquella bonança de tempo com que partíra lhe ajudava neste desejo. Mas como as cousas nesta vida nunca tenham ser perfeito; e seja tão certo querer a fortuna em tudo mostrar o que pode: foi assim ser acaso, que indo elle neste contentamento, lhe sobreveio, já sobretarde, a tempo que queria afferrar terra, tão supita tempestade de ventos contrarios, que ensoberbecêram tanto as ondas do mar, que em mui pequeno espaço a perderam de vista: e como nos marinheiros não houvesse já esforço, nem forças pera soffrerem os trabalhos delle, os começou Lamentor, como cavalleiro que era, a esforçar mui amorosamente. E quiz assim, parece, a ventura, que indo elles bem fóra de poderem saber a que parte eram lançados, passada a furia daquella tormenta, que a maior parte da noite os seguíra, ámanhãa do outro dia se acharam dentro n'uma enseada, tão segura daquelles perigos como incertos tão pouco havia de lhe poderem escapar; e lançando ancora desembárcou Lamentor naquella praia, mandando aos marinheiros que té sua tornada o esperassem alli. Começou elle então a andar pera o sertão daquella terra, e sendo affastado do porto d'onde desembarcára quanto uma legoa, encontrou com um trabalhador a quem perguntou que terra era aquella: e dizendo-lhe ser a que elle de tão longe vinha buscar, lhe

cresceu mais o desejo de se vêr com Fabudarão. Perguntou-lhe mais se o ouvira já nomear, e se sabia elle o seu castello; e por o trabalhador lhe dizer que sim, e que era natural da terra, estimou muito Lamentor achal-o pera se informar de cousa que tanto desejava: ás quaes perguntas o villão respendêra: Haveis, senhor cavalleiro, de saber que hontem bem tarde achei nesta paragem um escudeiro com uma donzella, que faziam seu caminho pera um castello que lá adiante se vê algum tanto longe: delles soube como esse cavalleiro passára por elles com uma donzella ao parecer muito fermosa; e assaz descontente que ella ía por a levarem como forçada: e que lhes parecêra nas armas ser Fabudarão, e a que elle tambem lhe parecia que seria aquelle, porque se esperava naquella terra por elle. Lamentor lhe perguntou então polo caminho onde vira ir a donzella. Elle lh'o mostrou. Despediu-se Lamentor a grande pressa, polos alcançar; e chegando já quasi noite a uma aldeia, ao ladrar dos cães, acodiu gente. Perguntou elle polo que buscava, e não lhe deram nenhum recado. Lamentor aguardou alli a manhãa. O escudeiro com a donzella chegaram ao villão com que Lamentor topou; e das novas que lhe deu delle, que ía depressa, crendo que já o não poderiam alcançar, foram pouzar com elle á sua tenda. Lamentor se levantou antemanhãa, e de um sêrro viu longe um fermoso castello, e chegou a elle; e perguntando polo cavalleiro e donzella, disseram-lhe que aquella

noite pouzaram em uma casa que fóra da cèrca estava; que nisto presumiam que não quizeram fallar, por não verem a semrazão que fazia á donzella, ou por ser tarde; e que os não viram mais.

CAPITULO XXIX.

DE COMO INDO LAMENTOR NA DEMANDA DA SENHORA BELISA, ENCONTROU DOUS CAVALLEIROS COM UMA DONZELLA QUE FORÇADAMENTE LEVAVAM COMSIGO, E DA CRUA BATALHA QUE COM ELLES HOUVE.

Com esta pequena certeza partiu Lamentor, e andou até ás dez horas do dia, que os achou; que se queriam descer em um prado, que estava antre umas arvores, a descançar. A donzella de longe a conheceu Lamentor que não era Beliza, ainda que era fermosa; e com tudo não perdeu a vontade de lhe valer: e abaixou a lança contra o cavalleiro que de longe vinha apercebido: e do primeiro encontro foi o cavalleiro a terra, e o cavallo de Lamentor, de fraco do caminho, foi pera cahir: e Lamentor como bom cavalleiro saiu fòra d'elle, e deu sobre o cavalleiro, antes que se erguesse, por uma perna, de que se não pode levantar sobre ella. E outro seu companheiro, que com elle vinha, encontrou a Lamentor que lhe passou o escudo, e braço esquerdo, e o feriu

mal, e deu com elle no chão onde quebrou a lança: mas quando tornou sobre Lamentor, elle que já estava em pé, se afastou, e ao passar lhe decepou o cavallo. E como elle cahiu, e antes que se erguesse, Lamentor lhe deu duas feridas na cabeça: e o cavalleiro (que valente era) sahiu o melhor que pôde, e houveram grande batalha: e Lamentor andava mal ferido por não se poder aproveitar do escudo. E ao cavalleiro, das feridas da cabeça lhe sahiu tanto sangue que o cegava; de maneira que com outras, e muito sangue d'aquellas, cahiu. N'isto o outro que jazia da perna, o melhor que pôde pediu a Lamentor que não matasse aquelle cavalleiro, que se alguma culpa havia que elle a tinha, e a fermosura d'aquella donzella, e sua muita crueza. Lamentor como soube que mal este era, houve por mór o que d'elles recebera, e os leixou com tal condicção que leixassem ir a donzella por onde ella quizesse. N'isto, por acerto, chegaram a outra donzella e o seu escudeiro, e com ajuda do outro escudeiro dos cavalleiros, os desarmaram. E do dó que esta donzella houve d'elle e do que dizia; com ellas, e com ajuda de Lamentor; de maneira que o de tanto tempo desejado d'elle o veio alcançar por risco de sangue e vida, que é o verdadeiro preço de amor. Tanto que os Lamentor assim viu avindos, e quasi cada um com a sua, com maior dôr, que das feridas, os leixou, por tambem buscar a sua; e pediu-lhe perdão do passado, e de não poder

ir com elles. Atadas as feridas andou um grande pedaço; e a do braço o fez descer, e viu que dantre uns valles corria uma pouca agoa clara. E por comer alguma cousa foi por ella acima, e sentiu rinchar. Erguendo os olhos viu uma besta albardada, e um moço com ella como que a olhava: e uma mulher de monte com outro moço assentado junto da fonte ao pé de uma arvore. Vendo o cavalleiro, a mulher se alevantou, e mandou ao moço que lhe desse a besta; e o cavalleiro lhe disse: Mulher honrada, estai, e não vos vades polo meu, que eu não faço mal senão a mim. E n'isto se apeou, e a mulher, polo ver com as armas cheio de sangue o olhou, e não o conheceu. Lavou elle o rosto, e as mãos, e acabando disse: O' fortuna a que me podes mais chegar. E assim se lançou, e chamando seu escudeiro: Dai-me cá este habito de minha sepultura. O escudeire lh'o deu, dizendo: Senhor, não fazeis bem em tomar essa paixão agora sobre as feridas. Leixai-me morrer, disse Lamentor, pois não sei o que sua dona agora passa. E ella que os olhos tinha n'elle, ás palavras se afirmou tambem com o habito que conheceu; se foi rijo a elle, dizendo: Senhor, que feridas são estas? quem vol-as deu na minha alma? A esta palavra Lamentor virou o rosto com os olhos n'ella, e o cuidado fóra de tal cuidar; e com o prazer supito se lhe soltou o sangue das feridas, e perdeu muito d'elle com a falla; que o coração e prazer fizeram tanto,

que ficou fóra de si. Foram tantas as lagrimas que a fermosa Belisa lançava sobre o rosto de Lamentor, que escusaram outra agoa pera o tornarem. Tornando Lamentor á senhora Beliza, vendo-o assim, acorreu logo ao muito sangue que ainda corria: e depois de tomado com lagrimas de muita dôr, e praser d'ambos juntamente, não aguardando alli mais, se foram. E já Lamentor não levava ferida perigosa. Assim chegaram ao mosteiro que ella desejava. E Lamentor, que em nenhuma cousa queria enojar seu pai, a pôz n'elle, e mandou logo recado a seu pae onde estava, e como. Em quanto Lamentor se curou, chegou seu pai de Belisa, que não soube da filha como Lamentor a trouxera, nem das feridas; que o não viam senão os moços que com elle vinham. Assim o soube o pai, e a levou logo. Um dos moços do pescador levou todo o recado; e bem escolhia este, se lhe durara o bem, que é o que menos dura, N'este tempo era que Belisa esperava por seu pai, a ia ver Lamentor; da qual se espediu com assáz de paixão d'ambos, por mais poder fazer, e ir forçado polo carrego que tinha. Chegou onde leixara Tasbião com muito prazer de tudo acabar bem; e Tasbião se espediu de Lamentor que o leixou ir. E nós o leixaremos tambem, por dizer o que aconteceu a Fabudarão, e a sua irmãa.

CAPITULO XXX.

DA DETERMINAÇÃO QUE FABUDARÃO TOMOU, DEPOIS QUE BELISA DESAPPARECEU DO SEU CASTELLO.

Foi assim que passando muitos dias, correndo muita terra, desesperado Fabudarão, não quiz tornar a seu castello se já não sabia algum recado do que buscava; que sem elle não queria ir a nenhuma parte de descanço. E mandou um seu escudeiro ao saber, e veio sem o que elle tanto desejava. Então se tornou, já com determinação de não tornar nunca a vèr aquella terra. Assim o levava na vontade, ou lh'o dizia o que havia de ser. Lembrou-lhe o que já ouvíra dizer, que, em outras partes longe daquellas, havia um adevinhador. Logo determinou ser aquelle o primeiro caminho; que esta diligencia não quiz elle que lhe ficasse; ainda que ácerca dos homens não é de muita confiança. E em sua busca, e della, tardou muito; porque fazendo o caminho polo castello de seu pai de Belisa; della, nem delle, houve recado. Como nas cousas muito desejadas haja muita desconfiança, cuidou que nunca a veria; e assim se foi onde nunca a delle houveram, se não as derradeiras novas. E de muitas cousas que passou por donde andou, não vol-as saberei dizer, porque não são deste conto. E tornando ao que vos dizia da senhora Be-

lisa, e do valente e muito esforçado cavalleiro Lamentor, diz que o mais cedo, e prestesmente que pôde, leixou, e affastou o cuidado daquella fronteira, porque o da fermosa Belisa o não leixava seguro d'outro desastre do que pola ventura não saira tambem: e veio-se ao lugar onde Belisa estava, que por este azo de visinhança se vieram elles a conhecer. Muitas vezes se via com ella naquella horta onde Fabudarão a tomára. Tomavam muito prazer; que isto tem o nojo, o prazer dobrado quando vem tempo pera o poder tomar. E não se pôde encobrir ao velho de seu pai: e com a idade e paixão falleceu. Diz que antes, estando assim doente, escreveu a Lamentor a magoa com que morria, como que lho culpava; e lhe encommendava sua filha, porque já neste tempo Aonia ficava mór e muito fermosa: do que muito o pai levava outro novo cuidado. E por ficarem já nesse amparo de Lamentor, não lhe pareceu que se podiam perder, que elle por sua nobreza já como sós as havia de amparar. O que Lamentor sentiu tanto, que se a differença das pessoas não fôra tanta, logo viera a tudo o que ella desejava; nem estava muito fóra d'isso: e o leixou ao tempo, que por elle se fazem muitas cousas. Passando assim de contente, descontente, descançado, a fermosa Belisa agastava-se alli onde seu pai fallecêra, topando sempre em cousas pera chorar. Lamentor, receiando d'isso algum perigo, e tambem por se arredar de seus parentes, veio a este lugar que vos digo, com

determinação de fazer alli estes paços. Parece que a vontade desejava lugar saudoso e triste, pera passar o que lhe aconteceu; que não tardou muito que Belisa pariu uma filha, que Deos quiz que nascesse pera os apartar: que logo em nascendo, sua mãi falleceu. Muito anojado Lamentor, polo que queria a Belisa, estando em este lugar com Aonia, e uma ama que a menina criava, passou muito tempo: do qual agora leixarei de contar, porque vos quero dizer o que passou Narbinder com Cruelsia sua irmãa, sobre seu grande amigo Tasbião, que muito havia que esperava.

CAPITULO XXXI.

DA BATALHA QUE FABUDARÃO TEVE COM O CAVALLEIRO DAS AGUIAS SOBRE FARTESIA SUA IRMÃ.

Diz que a irmã de Cruelsia, que tanto tempo viu passar e que não vinha Tasbião, com muita saudade, e minguando a esperança, crescia o amor. Enxergando-se muito nella, veio-o a saber Cruelsia sua irmãa. Contando-o a Narbinder, não cuidou ella que fosse pera tanto como lhe depois saiu; daquella hora se começaram outras saudades de novo, e se tal parecêra a Cruelsia, leixara a sua irmãa passar sua dôr antes que sua camanha soubera: e rogou a Narbinder que o fosse buscar. E logo após isto lhe chegou outra de arrependimen-

to do que lhe tinha dito, e cuidou como o tornasse a deter, dizendo que, antes que partisse, ella queria mandar a casa de seu pai de Belisa, que já sabiam onde era: porque elle como chegou com sua filha, logo mandou recado ao castello de sua mãi de Cruelsia como Tasbião ficava são, e que cêdo tornaria. E por lhe Narbinder fazer a vontade, ainda que muita a tinha naquelle caminho, mandou um homem; que veio com as novas da morte de seu pai de Belisa; e como Lamentor se partiu com suas filhas sem saberem pera donde; nem onde Tasbião estava. Já Cruelsia quizera estorvar aquelle caminho pondo diante quão duvidoso era; e não pôde. E assim partiu Narbinder, deixando mòr saudade a Cruelsia do que elle levava, dizendo: que pois era por seu mandado, esperava de o achar, e tornar com elle pera descanço delles. E com isto ficaram muito consolados, té que ambos perderam sua consolação. Assim determinou chegar ao castello de Lamentor, e informando-se do que ia buscar, por lhe parecer que podia ser dissimulado o que lhe disseram por parte de Cruelsia. E leixemos-o ir por seu caminho, e dir-vos-hei de Fabudarão onde o trouxe seu cuidado. Cá parece que se vinham todos ajuntar em uma terra, ou lugar, que o cavalleiro das aguias que a irmã de Fabudarão tinha. Nesta terra vivia uma irmã, que pola ter mais á sua vontade sem arreceios de Fabudarão, assim por esta terra ser, como vêdes, viçosa e abastada, trouxe a folgar alguns dias aqui, ou pola ventura

os traziam já seus fados: e por amor della quiz guardar esta ponte aos cavalleiros, e mostrar como a mais namorasse: que o amor nunca se tem por seguro quando é grande; e sempre deseja fazer cousas, e haver aquellas pessoas que muito quer, com que seguros possam descançar: e ainda não vivem descançados. E assim guardando este passo; já tarde, estando o cavalleiro das aguias com sua senhora contente do que por seu amor fazia assim armado, ao longo desta ribeira, ambos ao pé, por ser como vèdes este lugar tão saudoso; de longe viram vir um cavalleiro armado contra a ponte, e ella lhe rogou que o leixasse passar, e aquelle dia não tomasse mais trabalho. Já o cavalleiro das aguias estava em o fazer, quando o outro chègou antre elles, esteve um pouco quedo, alevantando a vista do elmo, disse alto: O' Deos, é verdade o que vejo nesta terra, tão longe de meu descanço tanto tempo? E por se affirmar no que lhe parecia, tirou o elmo, e apeando-se, disse: Não sois vòs, Fartasia, minha irmã? Ella até alli o não conheceu por haver tres annos que o não víra, nem o descanço a elle; assim o desconheceu, que não era muito não o conhecer ella, que não estava mudada de contente pera a desconhecer. E pediu-lhe que se assentasse, e fallariam em tudo o que elle quizesse; e isso se faria. Diz que cuidou o cavalleiro das aguias, que Fabudarão perdèra a má vontade que tinha, sabendo que era sua mulher: mas a sua dôr (depois que foi certo que ella

não sabia nada de Belisa) foi tal crendo logo então que aquelle cavalleiro fôra causa de a elle perder, trazendo sua irmã. E assim dando credito á suspeita, pôz nelle os olhos, e viu o contentamento em que estavam: e a vida que elle levava tanto tempo havia, disse: Pois eu perdi meu descanço quiçá por vossa causa, agora perdereis o vosso. E pondo o elmo, o cavalleiro das aguias pôz tambem o seu. Fabudarão não curou delle, indo pera matar a irmã com maior odio que cavalleiro; como é natural da ira, quando nasce antre parentes, sogiga mais a razão que com os estranhos. Mas o cavalleiro das aguias se lhe pôz diante (quando o assim viu) pera guardar de sua senhora, que bem se podia aqui dizer que pelejava o amor com a ira; o que vendo Fabudarão, que levava a espada alta, deu ao cavalleiro das aguias por cima do elmo, que a cabeça lhe pôz nos peitos, com a grande ira e força, que tinha; mas o cavalleiro, ainda que não tinha tanta, era mais manhoso; no esforço não lhe levava Fabudarão a ventagem: deu-lhe assim baixo como estava, n'uma perna, que malamente o feriu. E Fabudarão, antes que o cavalleiro das aguias tornasse em si, lhe deu outra na cabeça, e resvelando a espada, o feriu mal em hum hombro esquerdo, que mal se ajudava do escudo. E Fabudarão tambem da perna não andava tanto á sua vontade. Fartasia olhava a todas partes se via alguem que os podesse apartar; esteve em se metter no meio, mas sa-

bia ella que estremaria a vontade de Fabudarão, mas não ao cavalleiro das aguias. Assim andavam em sua batalha tão cubertos de sangue, que mal pareciam as armas. Diz que quando ella assim viu duas cousas que mais queria, disse: Cavalleiros, por amor de mim que me ouçais, que eu vos darei remedio com que leixeis vossa batalha sem deshonra, e morte de ambos. Elles já cançados arredaram-se, e ella lhe disse: Cavalleiros, a batalha que fazeis, um por me tirar a vida, outro por m'a defender, me parece que a morte d'ambos não se póde escusar, e tambem a minha: pois fazei assim, quem em tudo foi o começo seja o meio entre vós; melhor é acabar uma vida que tres. E pôz-se de giolhos ante o cavalleiro das aguias, dizendo: Senhor cavalleiro, vos peço eu que consintais isto, quem meu irmão veio que não haverá nisto rogo. Estas palavras eram com tantas lagrimas, que o cavalleiro das aguias morrêra se a não houvera de defender: mas o medo da morte della lhe fazia não sentir a sua dôr, e disse: Senhora, se me vós quereis matar, ou que vosso irmão me mate, isto consentirei eu; mas a vossa vida não troco eu por nenhuma, que perdel-a em vos defender, a ganho eu; pois nos cavalleiros é ella obrigada ao serviço de qualquer estranha donzella, quanto mais.... A estas palavras se ergueu rijo Fabudarão, sem o comoverem as lagrimas da irmãa a nenhuma piedade, antes mór dôr lhe fazia do descanço que perdêra; que como os visse assim estar chorando, quem lhe não fôra

nada lhe perdoára tudo. O cavalleiro das aguias que os olhos tinha nelle, por segurar sua senhora, se poz diante sem fallarem-se; porque já a hora era chegada. Andaram grande pedaço até que Fabudarão não se podendo ter na perna com muito sangue que perdeu, caíu. O cavalleiro das aguias não quiz ir sobre elle: mas virando-se pera sua senhora que as costas tinha pera ella, guardando-a sempre, se poz de giolhos, dizendo: Senhora, perdoai-me; que pola minha vida não tomára armas contra vosso irmão, mas a vossa que eu mais.... E em querendo dizer mais, mal acabando, assim de giolhos como estava, caíu pera traz. A sem ventura Fartasia, que assim viu as duas cousas que mais queria, começou a rasgar os toucados, e não podendo soster as lagrimas caiu tambem entre elles. Mas vendo a triste Fartasia o muito perigo em que todos estavam, esforçando-os o melhor que pôde, apertando-lhe suas feridas, que muitas eram em demazia, e de que muito sangue lhe saía, os consolava mui amorosamente. E vendo-os tornar em si, ordenou leval-os á tenda de Florbam (que assim havia nome o marido de Fartasia) que perto estava; onde os ella curava mui amorosamente. Leixal-o-hemos porém agora ficar assim: e dir-vos-hei de Bimnarder.

CAPITULO XXXIII.

QUE TORNA DAR CONTA DO QUE PASSOU BIMNARDER DEPOIS QUE VIU IR AONIA EM PODER DE SEU MARIDO ORPHILENO.

Tomando a ribeira deste rio arriba, tanto andou sem descançar, que de cançado se sentou ao pé de um grande penêdo cuberto de arvores por cima, do qual corria um grande cano de agoa. E chegando-se pera beber (que comer não o fizera n'aquelle dia, que passado era) esteve grande parte da noite cuidando como Aonia fizera camanha mudança em tempo que lhe parecia não havia cousa que a mudasse. Alli lhe correu pola memoria como elle se mudara do amor de Cruelsia sendo homem; que não era muito mudar-se Aonia sendo mulher; e não podendo comsigo acabar de a culpar, cuidando que o faria por força; e d'outro cabo lembrando-lhe como passara sem olhar pera onde sabia que elle sohia d'andar, não sabia que dizer. Assim esteve um grande pedaço, ora culpando-a, ora assim sem se poder determinar: amor, e desamor o tinham em meio. Desejava saber a verdade receando o que cuidava; que este nas cousas de extremos, antes de sabidas, dá muita fadiga.

CAPITULO XXXIII.

DE COMO BIMNARDER OCCUPADO DO SOMNO SONHA QUE UM LEÃO MATAVA AONIA, E SE VIA COM ELLE EM BATALHA.

Algumas vezes esteve pera se matar, e por de todo se não perder, obrou o que estava certo; pagando por ambos com tantas lagrimas, que tantas de seus olhos corriam, que o cegavam; até que com fadiga (como no pezar está certo) adormeceu. E sonhava que se via em um campo fermoso, apár de uma agoa que corria, assentado á sombra de uma arvore, e pera se vir a senhora Aonia bradando que lhe acorresse d'um grande leão que a queria matar: e elle erguendo-se contra o leão com o cajado na mão. O leão chegava primeiro a Aonia, e lhe lançava uma mão pelas costas, que já estando abraçado com elle, dizia ella a derradeira palavra: Já me a fortuna não pode fazer tanto mal, que mór bem me não faça, em me dar a morte n'este lugar. E Bimnarder não podia dar ao leão com o cajado á sua vontade, polo impedimento que lhe fazia Aonia: com tudo fraquamente lhe dava uma pancada na cabeça: e o leão com a dôr o atravessava com suas unhas. E Bimnarder com a pressa de se guardar, parecendo-lhe que ambos morriam, acordou; e tão cançado, que um pedaço esteve sem

em mais entender que tomar folego. E jà que em si tornou, se pôz novamente a cuidar em o sonho, e quão longe era de ser assim, pois ella estava fora de seu poder, e cuidado.

CAPITULO XXXIV.

DE COMO ESTANDO BIMNARDER CUIDANDO EM SEU REMEDIO, VEIO ÀHI TER UM ERMITÃO.

Assim revolvendo mil cousas pola fantasia, que todas mais triste o faziam, se ergueu já quasi manhãa, e não sabia que fazer, se tornar a saber de Enis como passara aquello, pera ver se seu mal tinha remedio. D'outra parte duvidava delle, vendo o que passára. Assim posto antre estes estremos: já que se abaxava pera tomar o cajado, sentiu pelas suas costas um grande ruido de pedras que lhe vieram dar nos pés; e após ellas um ermitão muito velho, que com elle se encontrou, com um barril de couro. E da pancada cahiram ambos. Espantado Bimnarder de tal sobresalto (ainda que pera elle não havia cousa que espanto lhe puzesse, tão fora de seu juizo estava) se ergueram ambos: e perguntando ao ermitão que buscava por lugar tão ermo, e fóra de caminho. Busco, disse o ermitão, desta agoa, sem a qual mal se pode sustentar a vida. Essa daria eu por agora, por tão pouca cousa, disse Bimnarder, como a que vós buscais: e que a per-

desse da maneira que pouco ha sonhava, por me ver contente, e vingado, folgaria. Ainda que sonhos sejam vaidades, disse o ermitão, bem queria saber o que dahi tirarieis em se cumprir: que às vezes a paixão cega o juizo pera que haja homem por bem o mal; que eu, segundo em vós vejo, não me parece que della estais livre. Primeiro que vol-o eu diga, disse Bimnarder, quero que me digais, se quizerdes, quem sois? e como por tal maneira viestes? que já sei que morais perto, pois de tanta idade, e tão cedo aqui vindes por agoa. Tudo, ainda que fosse muito, disse o ermitão, vos direi. Sabereis que eu fui já cavalleiro em o tempo que menos não parecia no mundo em minhas obras e pessoa, do que agora vós pera isso pareceis, posto que em outros trajos venhais: que a virtude e riqueza onde estão não se escondem. E por amor de uma mulher a que não quiz mal, cuidando ella que m'o fazia, vim ter a esta vida que eu, louvores a Deos, tenho por bem empregada. As quaes palavras não foram bem pronunciadas, quando Bimnarder, com um desmaio como mortal na côr e no folego, disse: Que foi de mim? E não podendo mais fallar, deu comsigo no chão. O ermitão, que assim o viu, ficou mui cortado, e tomando da agoa lhe deitou tanta polo rosto, que dahi a pouco abrindo os olhos houve de tornar em si, mal tornado. E disse: Os cuidados alheios, em se contarem a quem tem outros, descançam; e a mim, polo contrario. E tornando a fallar ao ermitão lhe

disse: Senhor, peço-vos que me acabeis de contar o começado: e não vos faça envez o que vistes, que não é novo pera mim: O ermitão lhe disse: Pois assim o quereis; sabei que por esta causa me recolhi a uma ermida, que aqui perto tenho, aonde vivo: em a qual com um meu sobrinho que de pequeno criei, não tendo mais companhia, conformando-me com a vontade de Deos, que bem sei que esta é a fim de todas, passo esta miseravel vida, que nella não ha outro contentamento: e assim nos governamos ambos com as esmollas de algumas pessoas, que de arredor moram e nos sustemos de suas esmolas: e em especial com as de um nobre cavalleiro, que Lamentor se chama, que ribeira deste rio mora em uns paços que ora hi fez, que acaso hi veio ter, por se apartar das gentes, com uma nobre e fermosa senhora que trazia, que aqui lhe morreu: á qual queria tanto bem em sua vida, que na sua morte o mostrou, por nunca o verem menos de triste; e a enterrou nesta ermida (onde estou), de Nossa Senhora, até a tresladar á capella dos paços que faz; o que certo nelle é bem empregado, polo que dizem que lhe ella quiz até morte; que em poucas dura.

CAPITULO XXXV.

DO QUE BIMNARDER MAIS PASSOU COM O ERMITÃO, E DA CONTA QUE LHE DE SI DÁ.

Estas palavras que o ermitão dizia, Bimnarder estava tão cuidoso, em como tantas cousas pera o magoar se ajuntavam, que não sabia responder nem chorar, nem nenhuma mudança fez de tirar os olhos do chão. Parecendo ao ermitão que o fazia por dar lugar á sua falla, acabou dizendo: Por me mingoar agoa, vim por ella; e sendo em cima desta barreira pera descer, vi de supito sahir um lobo grande de uma mouta, d'antre os meus pés (que parece jazia dormindo). E eu com medo por me guardar, não pôde leixar de cahir, por aqui abaxo. E vão após elle dous cães grandes como de filhar, que tem meu sobrinho, com que passa seu tempo. E isto é o que vos sei dizer. Já a este tempo Bimnarder em si tornado, cuidando um pouco, como quasi cuidando se seria bem descubrir-se ao ermitão; porque fazendo-o, podia ser amigo de Lamentor, dar-lhe-hia conta do que era passado com Aonia: e que a teria em má posse, e elle a offenderia. E d'outro cabo, porque lh'o promettera de lh'o dizer, e não lho dizendo daria alguma suspeita de tomar aviso de sua falla: determinou fazel-o pola mais encuberta maneira que podesse, e disse: Sabei co-

mo em confissão, que por minha desaventura vim a ver uma donzella fermosa, que não muito longe daqui mora, ainda que o de mim esteja. Parece-me que dando-me de todo a ella, tambem se me deu. E por melhor passar a vida com dissimulação me mudei nestes trajos, que o lugar não soffria mais. Assim passei algum tempo, contente e descontente, até que hoje, indo eu bem fóra de tal cuidar pera a ver, a vi por meu mal em poder d'outrem, tão lêda como se eu nunca fôra nascido no mundo: de que agora faço pouca conta. A esta palavra deu Bimnarder um suspiro tão cançado, que de dentro do coração lhe sahia, acompanhado com camanha quantidade de lagrimas e soluços, que ao velho ermitão houveram de ter de si quasi por companheiro. Mas assossegado que foi, e tornado á falla, disse: E eu com esta magoa, vendo-me sem remedio, que este não espero já de ter, assentando-me adormeci. E mal dormindo, sonhava que me via em um campo assentado onde ella estava: que mui rijo bradava por mim que lhe acudisse a um leão que a queria matar; e querendo-a eu salvar condemnava a mim. E já fôra verdade, e sahira-me melhor; porque em mim o mal é tão acostumado, que quasi no corpo não faz envez em comparação do que sente a alma; com tudo me pareceu, que, emfim, tudo houve fim alli naquelle prado, inda mal que o não foi pera que agora me não ficára este sentimento, que quer da sombra de suas cousas tenha tanta magoa como tenho:

Eu cuido que tudo é juizo de Deus, porque me dou tanto a ellas, que qualquer cousa sua me aperta tanto como vêdes: pois algum conhecimento tivestes deste mal, que sempre fica fistola delle nos ossos. Bem sei que daqui se póde esperar algum castigo, porem que farei? O ermitão lhe respondeu: Por isso, filho, deveis dár graças a Deus, em vos chegar a tal conhecimento, e apartar de vós esse pensamento de pessoa que o está de vós, certo que se vós olhardes quão mudaveis são as mulheres, tereis pouco de que vos agravar. E nessa tal o podereis bem vêr, pois que querendo-lhe vós tanto bem, sendo o primeiro, que tão certo é; ella, mal olhando isso, não quiz crer, e tomar vosso amor que tanto val, errando em um e no outro, vá ao buscar se o achar, o que poucas vezes acontece. Que tudo isso assim seja, disse Bimnarder; não lhe posso negar que è seu, pois como digo não é razão. Já vejo disse o ermitão, que debalde trabalha quem dessa vontade vos quiser tirar: porem seja pera que não façais o que de tal pessoa se não espera: e a fantasia do leão não vos pareça nada, pois o é em ser sonho. E tambem a mim me parece que se cumpriu em vós com o lobo, que já a quéda podéra ser tal que matára a ambos. E ainda que o velho ermitão isto dizia pera o desviar do pensamento, não lhe leixou de ficar nelle, que algum misterio seria.

CAPITULO XXXVI.

DE COMO BIMNARDER ESCOLHEU PERA SEU REMEDIO A COMPANHIA DO ERMITÃO.

Alguma cousa desagastaram a Bimnarder as palavras do ermitão. Vendo que seu sonho com elle tinha alguma côr, lhe disse: Já vejo que meu mal não quer ter cabo, tendo tantos começos pera isso desvairados; bem sei que guarda pera que mais me dôa, o que não pode ser. Não vos enganeis, disse o ermitão, que nas maiores pressas é Deos: tende vós nelle esperança, que eu fico que vos não arrependais; que elle pera mostrar seu poder, faz as cousas ao parecer sem remedio, e dalho. Esse não vejo eu, nem como seja, disse Bimnarder: e ainda que o haja por tempo, esse é o que me falta, o que eu avorreço. Dizei vós o que quizerdes, disse o ermitão, que eu al creio: porem quero saber, que haveis de fazer de vós agora. Faço de mim tão pouca conta, disse Bimnarder, que me não sei determinar, nem cuido nisso, que o que eu queria é acabar esta má vida. A estas palavras pôz os olhos no chão tão cançados com o espirito, cahindo-lhe por elles, sem o elle sentir, umas lagrimas raras, camanhas, que no chão onde davam se faziam sentir. E o velho ermitão (que os seus tinha postos nelle) parecendo-lhe que se o leixasse que faria de si

algum máo recado com que perdesse a alma, quiz ver se lha poderia guardar, e disse: Pois em vós não ha lugar certo onde vades, neste podereis estar comigo. Muito refrigerio tomaria em o fazerdes. E pode ser que, vindo-vos o bem, vos ache mais perto; porque alguem vos veria vir, que vos venha buscar. E passareis o tempo no que eu, e meu sobrinho passamos. Bimnarder cuidando no lugar, e apartamento delle, e como Deos pera sua salvação lhe dera acerto com aquelle ermitão, ainda que tambem receasse vir alli ter Lamentor, e conhecel-o (mas bem lhe pareceu que se encobriria de maneira que o não conhecesse) assentou de ficar alli por então: e não pera que elle fizesse conta de poder ser o que lhe dizia: mas pera que neste tempo per alguma via podesse saber ao certo do negocio: que ainda que elle a viu polo olho, não podia acabar de culpar Aonia, polo que lhe queria, e que já não poderia ser mais nella: ou sendo, tomar o que a ventura ordenasse. E assim tomando agoa e cães, que já eram tornados á maneira de encarniçados, como que alcançáram a prêa, se foram pera a ermida que perto estava, debaxo de umas grandes arvores, e fermosas; de tão saudosas sombras, que pera o cuidado de Bimnarder era o que elle buscava. E não tardou muito que veio o sobrinho do ermitão (que mancebo era) o qual vendo a Bimnarder, e sabendo de seu tio a sua vinda, trabalhou quanto pôde, por o tirar de cuidado com algum desenfadamento de

caça, e pescaria; o que Bimnarder fazia, mais polo contentar, que por levar gosto. Onde entrando Bimnarder na ermida, que o mais do tempo andava fóra ás sombras daquelles arvoredos, pondo os olhos pola casa, víu estar em um esvão de uma aboboda bem lavrada, uma tumba cuberta com um pano de veludo negro, e uma cruz de setim branco em cima do quarto degrao (que té o chão cobria) diante de um devoto retavolo. E indo pera lá, lembrando-lhe que era a sepultura da fermosa Belisa, que tão certa fôra sempre em sua fé que com Lamentor pôz, e tão encontrada de sua irmãa, não merecendo elle menos por pessoa e serviço, tomou-lhe tanta dôr, que cahiu de bruços em sima. E assim esteve passante de uma hora sem o ver o ermitão, nem seu sobrinho, que andavam cortando lenha. Até que, já em si tornando, disse: Não faltava pera de todo me magoar, senão ver eu aquella que tanta fè teve com quem devia; seja que pois meu cuidado foi grande, seja grande a pena. Porem, senhora Aonia, devêra-vos de lembrar que ereis irmãa desta que está morta, que eu por viva tenho, pera que em vosso coração não coubera tal cuidado; e se a mim (por outro que melhor vos merecia) leixais, bem fôra não ser de todo que quando vos não merecera por marido, fôra pera o que de mim quizereis ordenar; e eu não perdera o nome que duas vezes perdi; e vós não cobráreis o que deveis ter por me matar sem causa. Mas seja como vós quizerdes, que por qual-

quer via que seja, eu sou tão contente; senão que pera mais me matardes me pozestes neste estremo de não saber determinar se vos sirvo com a morte, ou com a vida.

CAPITULO XXXVIII.

DE COMO BIMNARDER SE SAHIU DA CAPELLA DE BELISA, E SE FOI DEITAR DEBAIXO DE UNS ARVOREDOS QUE PERTO ESTAVAM.

Assim esteve Bimnarder, fallando só, como se tivera diante quem lhe respondera. E depois d'um grande pedaço que já começava de fallar e chorar, alimpando os olhos com a manga da camisa, que lhe ella dera, que como reliquia de sua victoria e memoria trazia, se sahiu, e ao pé de uma arvore se deitou cançado. Dormindo esteve sonhando mil desvairos e fantesias, que o não leixavam repousar, quando o chamou o ermitão pera cearem; o que fez com grande importunação, que alli não se comia mais que uma vez no dia, tarde; e elle não quizera nenhuma.

CAPITULO XXXVIII.

DE COMO ANDANDO GODIVO Á CAÇA, VEIO TER COM BIMNARDER Á SOMBRA DAQUELLES ARVOREDOS DA ERMIDA, ONDE ERA A SEPULTURA DE BELISA.

Passou aquelle dia, com outros muito, em suas magoas renovadas cada vez na lembrança do que passou, e do que tinha presente, que era a sepultura de Belisa, e a manga da camisa que esperava ser sua; até que um dia, sahindo o sobrinho do ermitão à caça com os cães e bésta, não andaram um tiro della, quando Godivo (que assim se chamava o sobrinho do ermitão) viu em cima de uma arvore estar um ninho de rola, e ella em cima sobre seus ovos; e junto estava o macho sobre um ramo, que Godivo matou á bésta; e levando-o, foram ter á sua caça. E não andaram muito que com os cães (que avesados eram) não tomassem muita; do que o velho ermitão, levou mais contentamento do que sohia, parecendo-lhe que com isto folgaria Bimnarder. Mas era polo contrario; que o que aos outros dava prazer, fazia a elle mais triste, como a todos os tristes acaéce,

CAPITULO XXXIX.

DO QUE PASSOU BIMNARDER NA CONTEMPLAÇÃO DAQUELLES ROUSSINÓES.

Sahiu um dia, passeando com seu cajado, cuidoso, correndo-lhe pola memoria seu verdadeiro amigo Tasbião; que ainda que seu cuidado fosse grande, não tirava a memoria do que não se devia esquecer. Assim foi, até que por acerto foi ter ao pé da arvore, onde Godivo matára a rôla, sobre a qual viu estar em um ramo secco a fèmea que ficára, encolhida e arrepiada, e gemendo de quando em quando. E olhando pera o chão viu jazer os ovos (que tres eram) quebrados com tres filhos mortos. Parece que a dôr do pai, deu a morte aos filhos. Estando assim Bimnarder olhando, viu que de longe vieram dous roussinóes a se pôr n'aquella arvore. E tanto que se poseram começaram a fazer uma melodia de canto mui suave: o que vendo a rôla se levantou rijo, e mui longe dalli se foi pôr em um cabeço, sobre um penedo, dando uns atitos fóra do seu costume, concertando com uns de um mocho, que áquelle cabo soava, que os sentidos de Bimnarder (que já assentado estava) eram tão discordes que não sabia se os occupasse no pesar de uns, ou na alegria de outros; sendo tudo pera mais accrescentar sua dôr, tanto que mil vezes se transportava. E não

lhe lembrando de se ir, nem por donde viera, nem o que fazia, pôz os cotovellos no chão, e as mãos nas faces, como de bruços; e esteve um camanho pedaço sem o sentir, que tinha feito uma grande poça de agoa entre os braços. E estando assim, sentiu uma traquinada entre as ramas, e olhando, viu vir um grande usso, que após d'um bezerro (que de algumas vacas se apartaria, que muitas por aquelle lugar andavam) vinham chegando perto donde Bimnarder estava. E sentindo que se erguia, largou o bezerro, (que se foi á sua ventura) e tomou pera Bimnarder, o qual com seu cajado na mão se foi pera elle: e o usso remetteu a elle pera o colher entre os braços. Bimnarder (que assim o viu vir furioso) disse: Não me valha Deos se nós ambos levamos esta gloria; tu em me matar, e eu em morrer a tuas mãos: que d'outro cabo me hade vir ella de que eu seja mais contente, e Aonia vingada do que lhe não fiz; ou com mais razão Cruelsia. E tomando o cajado com ambas as mãos, deu ao usso, que a elle vinha com as mãos altas, tal pancada antre as orelhas, que dando um grande urro cahiu no chão; ao qual veio o ermitão (que perto era a ermida) e alguma cousa suspeitou ser; por achar menos Bimnarder. E chegado alli, foi a tempo que já Bimnarder o tinha degolado com um manchil, que sempre comsigo trazia; e estava assentado a par delle. E o ermitão se pôz a par delle a espreitar o que fazia, tão espantado da fereza do usso como ledo de tão bem suc-

ceder a Bimnarder na batalha. E Bimnarder estava assim mesmo cuidando em sua ventura, como lhe era favoravel em lhe dar a fim, pola maneira que elle esperava.

CAPITULO XL.

DE COMO POR UM CERTO CASO SE QUIZERA BIMNARDER MATAR, SE NÃO FORA SOCORRIDO POLO ERMITÃO.

Quando tornou a pôr o sentido nas aves, achou que não eram já alli; que com o que passou com o usso se espantaram. E não tardou muito que veio a rôla a se pôr no chão, onde elle primeiro estivera deitado, e andar por cima dos filhos, que mortos jaziam. E por acerto foi ter com a agoa que estava no chão, que dos olhos de Bimnarder sahira; e bolindo-a com os pés, começou de beber. Quando Bimnarder viu o misterio d'esta ave, e como sentia sua dôr (que mais não podia fazer uma creatura que humana fosse) correu pola memoria quão differente era seu cuidado d'aquelle, que era como de branco a preto: pois comia e bebia do que lhe davam, sem aquellas cerimonias; buscando sombras, e lugares saudosos; o que a ave não fazia, antes tomava toda a má vida que podia pera acabar: foi camanha sua dôr com o mais que cuidou, que lhe veio um supito pera se matar: e disse; Já eu não poderei soffrer que mais

viva em meu desgosto, pois tudo é pera me magoar, as mãos me darão a paga do que os olhos fizeram. E lançando uma do manchil pera se matar, o ermitão, que perto estava, lhe acudiu, dizendo: Não queirá Deos que tal seja, que pera outra cousa vos creou elle. Quando Bimnarder viu que seu proposito não tinha fim, pera que seus males o tivessem, disse: Padre, que farei a este mal que não quer acabar comigo? Não digais isso, disse o ermitão, que quem Deos dotou de tal virtude; não no fez pera que se perdesse: fazei por vos tirar d'este cuidado, e se o aborrecerdes, elle se enfadará. Isso não está em mim, disse Bimnarder, que o tenho tão arreigado d'entro, ou a quem mo dá, que pera isso me queria matar pera mo tirarem. Não me pareceu, disse o ermitão, que alem do cuidado vos tranportasseis pera dizer desvarios. Vamos pera casa, que Deos será comvosco. Assim se foram. E d'alli por diante o ermitão, e Godivo, o não leixavam por se não matar: o qual não tinha outro refrigerio, senão em ver as cousas d'aquella triste ave, que seu pranto fazia, sendo elle bom companheiro. E assim passava sua dôr com a sua sepultura; e manga. E o ermitão tomou o usso, e o esfolou; e encheo de feno pera estar alli: D'esta maneira passava Bimnarder suas tristezas: onde o leixaremos, por contar do que aconteceu a Cruelsia com sua irmãa.

CAPITULO XLI.

DE COMO A DONZELLA PEDE MUITO Á DONA QUE QUEIRA PROSEQUIR EM SUA HISTORIA, E DO MAIS QUE CRUELSIA PASSOU COM ROMABISA SUA IRMÃA SOBRE SEUS AMORES.

A ESTE tempo haveria uma hora, que, ou de cansada, ou de algumas lembranças, esteve a honrada dona calada, quando a fermosa donzella, pondo os olhos nella com lagrimas piedosas, disse: Senhora, ainda que sei que de seu conto leva paixão, mercê me fará, pois me já poz neste desejo, de o acabar, que em todas as cousas é desejada a fim? A honrada dona, segura, e cortezmente a estas palavras tornou: Bem vejo, senhora, que não seria razão leixar-vos assim: mas este caso é camanho, que ha mister o descanço que nelle inda agora não sinto. E pois nisto me ajudais, acabalo-hei mais asinha. Tornando ao que vos disse, com quanta tristeza Bimnarder ficara: agora sabei que as duas irmaãs do castello, Cruelsia e Romabisa (que assim se chamava a outra) depois de partido Bimnarder de seu amigo Tasbião como lho rogara (de que Cruelsia foi tão arrependida) estiveram por elle algum tempo com tanta saudade, que nunca a fim mais fez, que esperança que lhe depois deu a morte. E um dia estando assim ambas tão agastadas, chegou o

escudeiro de Narbindel com o recado de seu senhor, que não achava o porque fôra; que visse o que mandava que fizesse. E Cruelsia, com grande pressa que lhe o coração já dava que o não acharia, mandou a Narbindel que logo se tornasse, que Tasbião era homem mansebo; que não leixava cuidado, nem o levava pera tornar, senão quando elle quizesse; e pera isso era melhor esperal-o onde o leixou, que buscal-o pera se não achar um ao outro. Isto tudo foi sem o saber Romabisa, porque não atalhasse seu proposito: que o amor não quer proveito alheio, quando cuida que pode aventurar o seu.

CAPITULO XLII.

COMO SE PARTIU O ESCUDEIRO POR MANDADO DE SUA SENHORA EM BUSCA DE NARBINDEL, E DA PARTIDA DE ROMABISA NA DEMANDA DE TASBIÃO.

PARTIDO assim o escudeiro, e tornando ao castello onde cuidava achar Narbindel, andou em sua busca com muito trabalho perdido. Parecendo-lhe que alguma aventura o levava, se tornou pera sua senhora; que sabendo este máo recado, fez muitos estrêmos com paixão, cuidando mil perigos, que o amor apresenta aos que bem querem. Mas Romabisa sua irmãa, que soube d'ambas as vindas do escudeiro, sem recado

Narbindel, em que ella tinha alguma esperança, a perdeu de todo. E como não tinha em sua dôr quem a aconselhasse, senão o grande amor que a Tasbião tinha, com elle e comsigo esteve cuidando em seu remedio: e por perdido tomou o que lhe melhor saiu: que um dia antemanhãa, estando sua mãi occupada em cousas de casa, desconhecida se pôz em um palafrem, encommendando-se á ventura pera que achasse Tasbião: onde indo por seu caminho, o que nelle passou se dirá adiante. E tornar-vos-hei a dizer de Cruelsia e de sua mãi, que com sua ida ficaram tristes e magoadas, pondo toda a diligencia pera a acharem: e não vendo remedio, fizeram seu pranto tão triste, como cousa que tanto doia.

CAPITULO XLIII.

DO QUE CRUELSIA FEZ POLA PARTIDA DE SUA IRMÃA, E DE COMO TORNOU A MANDAR O ESCUDEIRO EM BUSCA DE NARBINDEL.

Cruelsia, que viu o extremo que sua irmãa por Tasbião fazia, não tendo ainda delle mais que a primeira vontade que lhe nunca descubrira; espantava-se de si como o não fizera primeiro; e d'outro cabo confiava no amor de Narbindel, polo que lhe ella tinha, que a viria buscar. E assim ao longe a susteve a esperança, e

tornou a mandar outra vez, e outras, o escudeiro ao castello; e que trabalhasse, quanto nelle fosse, por saber recado de Narbindel. Este foi o tempo que elle passou em pastor, chamando-se Bimnarder, guardando vaccas ao longo desta ribeira; e d'aqui viu elle ir a senhora Aonia entregue a outro, quando se elle foi desesperado, como vos já contei.

CAPITULO XLIV.

COMO ANDANDO O ESCUDEIRO BUSCANDO SEU SENHOR, ENCONTROU COM ENIS CRIADA DE AONIA, E DO QUE AMBOS PASSARAM.

Andando assim o escudeiro, a quantos achava perguntava: dando signaes por onde o conheciam, até que chegando-se já a hora, foi ter com Enis, que de casa de Lamentor saía; e dando a sombra como que a víra já, perguntou-lhe se sabia que a casa de Lamentor viesse algum recado de Narbindel, ou de Tasbião, que ambos havia muito que buscava. Enis, cuidando que o escudeiro fallava mais certo, disse: De Tasbião o não soube eu nunca; mas de Bimnarder soube eu já, e agora o não sei; tudo com muita fadiga d'outrem e minha; que ambas deu, depois que aquelle dia (que agora tantos ha) saiu da tenda. O escudeiro que era muito avisado, vendo que tanto tempo era passado sem novas

de Narbindel, e que aquellas que lhe dava aquella mulher fazendo caso daquelle dia, em que o elle tambem vira cuidoso, logo creu que por ella estava encuberto, onde o poderiam achar. E com isto correu junto pola fantesia, e disse: Que fadiga podia elle dar a ninguem, que nunca fez mal senão a si. Ao menos nesta sua ida, disse Enis, foi com tão má razão, que me peza de o assim sentir quem lho não merece; que Aonia não teve culpa; antes lhe deve mais polo que fez. Isto disse ella, porque o escudeiro dissera, que assim fazia mal: parecendo-lhe que sabia parte do segredo de seu senhor. E quando o escudeiro isto ouviu, esteve affirmando sua suspeita, e veio-lhe á memoria uma irmã de Belisa, que Lamentor tinha em casa, donzella muito fermosa. E affirmóu-se mais polo nome, e nas palavras que com Enis passava. Quiz dissimuladamente tirar o caso em que ella fallava, tão segura: polo que cria delle em o vêr continuar, e fallar cousa tão secreta, que ella não cuidava que era acerto. Mas crendo que sabia elle tudo, disse: Se vós vindes, ou sabeis de Bimnarder, porque perguntais por elle? eu o quizera vêr pera o culpar com a culpa que elle cuida que outrem tem. O escudeiro que já outra vez vira nomear Bimnarder, não sendo aquelle seu nome, fel-o duvidar se não a vira fallar tão certo no passado; e a primeira porque o nome parecia todo um, cuidou que errava: e depois cuidou que elle o mudára como mudou o amor; e to-

davia, tomando o mesmo nome, porque ella não tomasse suspeita, disse: Que menos quereis vós que Bimnarder fizesse neste caso, que é tanto pera sentir que não sei que desculpa me vós deis? Dou-vos, disse Enis, que se ella contra sua vontade consentiu no casamento, era por parecer-lhe que assim viviria mais á sua vontade que em casa de Lamentor; e isto houvera elle de saber antes que de todo a culpára, não se fizera desconhecido: que certo ella passou, e passa na sua desconfiança tão má vida, como elle sabe que ella tem razão. E porem leixemos esta culpa pera a elles determinarem, se n'algum tempo se virem; e dizei-me como vos apartastes de Bimnarder, que assim o buscais agora? Ainda elle aqui ficava, disse o escudeiro, quando me eu fui a um caso que me elle mandou: e agora o não acho. Isso vos creio eu, disse Enis, porque em toda esta terra não ficou pastor a quem eu não perguntasse, assim de seus companheiros, como d'outros; e de nenhum soube mais que um só, que aqui estava com elle, quando levaram Aonia, que se elle foi por esta ribeira acima, sem mais saber novas delle. E com isto, e com o mais que de Enis tomou o escudeiro, caiu em tudo, o que neste caso d'ambos podia ser, e ficou espantado de tão grande mudança, e disse: Agora que sei por donde foi, me quero ir a buscal-o, ainda que duvido, pois nunca mais pareceu que o ache. Achareis, prazendo a Deos, disse Enis: e se o achar-

des, dizei-lhe a pouca culpa de que Aonia tem; e a vida que leva: e vir-me-heis dar recado, pera se dar ordem em sua vista. Assim o farei, disse elle.

CAPITULO XLV.

DE COMO ENIS DEPOIS DE SE APARTAR DO ESCUDEIRO DEU CONTA A AONIA DO QUE PASSARAM.

E PARTINDO-SE Enis do escudeiro se foi pera Aonia, e lhe disse quanto com elle passara. As lembranças de Bimnarder correram juntas a Aonia com tudo o que passara, e acendeu-se outra vez o fogo que debaixo da ausencia estava encoberto, como brasa que arredada do lume se cobre de uma cinza como morta, que assoprada parece o fogo que debaixo está. Assim foi Aonia que tinha sua dôr encoberta da ausencia, que lhe Enis tirou com as novas de Bimnarder que lhe deu o escudeiro; do qual vos contarei. Partiu-se cuidando muitas vezes se tornaria, ou se iria com tão máo recado á sua senhora. E por derradeiro assentou que melhor era dar-lhe o desengano, que trazel-a toda sua vida assim: que, como seu, lhe parecia que era obrigado a dizer-lhe a verdade, ainda que muito o sentisse. Pareceu-lhe tambem que desenganada tomaria alguma vida. E assim chegou ante Cruelsia, que em o vendo, começou de tre-

mer nas novas que em o rosto lhe conheceu: porque n'elle se conheciam. E o escudeiro que assim a viu não lho quizera dizer; mas mandado, e rogado por ella, lhe contou quanto passára com Enis; e que nunca achara outro recado, nem era necessario, pois tão mal o fizera. Camanho foi o supito e dôr de Cruelsia, quando ouviu a mudança de Narbindel, que se lhe serrou o coração, e sem responder nada perdeu a côr, e cahiu fechando as mãos. E estava como morta, sem poder fallar, nem tão pouco chorar: que parece isto ter o coração muito magoado, que na nova boa, ou má, de supito se serra: por que como seja membro principal, todos os outros membros acodem alli onde ha mais necessidade. Assim esteve por grande pedaço até que veio sua mãi, que quando assim a viu, trabalhou por muitos meios de a tornar a si. Tornada que foi, já que as partes tomavam seu quinhão de paixão, deram lugar ao coração pera dar um grande grito, tão apaixonado, que muita magoa deu a quem no ouvia; e trocendo as mãos uma com outra, correndo-lhe de seus olhos supitamente as lagrimas; começou dizer: Ah Narbindel! que o que me a mim advinhou o coração fizeste, e o que eu tanto desejava, não te podendo nunca d'isso estorvar, não sendo por quem me leixaste de mór merecimento. Então calou, e lançando as mãos aos peitos, rompendo-se se pegou sobre a cama, dizendo: Ai, ai coração. Com a qual palavra ficou como finada, que nunca a mãi a pôde valer até

que morta a choraram. E lembrando-lhe a perda de Romabisa, disse: Ai amor: por velha cuidei que me leixariam tuas cousas, e d'ellas me vejo mais apressada que ninguem. E cahiu d'outro cabo.

CAPITULO XLVI.

DOS GRANDES SOBRESALTOS QUE TEVE CRUELSIA E SUA MÃI, DAS COUSAS QUE DE NARBINDEL FORAM OUVINDO

Assim estiveram ambas esmorecidas, até que a velha mãi tornou em si com o que lhe fizeram os que estavam em casa. E tornada que foi, acudiu a sua filha (que disto tinha grande necessidade) e tanto trabalhou até que a acordou. E assentada emsima doutras almofadas, que as primeiras estavam que as troceriam de lagrimas, levantou as mãos, e disse: O'Bimnarder, Bimnarder, que não te poderei chamar o outro nome com que eras leal, senão o que com este perdeste, e te mudaste queimando a ti, e a mim em fogos de amor tão desvairados: rogo a Deos que tu, e por quem me leixaste, nelles sejais abrasados: e nisto venha a morte, que a vida me será. Não sei como te enganaste, pois em mim tinha esta fé, que bem me disseram a mim, que o amor de homem estrangeiro, estrangeiras eram suas obras. E com isto, e com outras muitas cousas que fazia, e dizia, pas-

sou Cruelsia aquelle dia sem cansar, e assim a noite. Quando pola manhãa chamando todas aquellas que a serviam, quando Narbindel com ella estava, lhes mandou que se fossem á sua ventura (pagando-lhes sua mãi seus serviços) que ella não queria ver em casa cousas que delle lhe trouxessem lembrança. Com as quaes se foi o escudeiro. E Cruelsia se meteu em um mosteiro de Monjas de Santa Monica, muito devoto, que duas legoas dalli estava, onde vivendo tão tristemente esteve, até que o escudeiro alli tornou.

CAPITULO XLVII.

COMO O ESCUDEIRO ACHOU BÌMNARDER, E DA BATALHA QUE ELLE, E GODIVO TIVERAM COM OS SALVAGENS.

Do qual o conto diz: que tanto andou por seu caminho até que chegou ao pé do freixo que vedes ao pé da fonte, e assentando-se, ahi esteve um grande pedaço, cuidando que faria. E determinou de hir por donde Enis lhe ensinára, a saber se podería achar Bimnarder, ou recado d'elle; que como era de sua criação queria-lhe tanto, que nenhum trabalho, nem fortuna, sentia em nada por o tirar a elle disto. Tomando ribeira pera sima, correu lugares e terras tanto, até que desesperado não sabia que fazer. Mas já que a ventura de Bimnarder se vinha chegando,

quiz que o achasse pera se acabar. E foi que indo um dia o escudeiro atravessando umas serras de grandes montes, que logo lhe deu n'alma, que pera o cuidado de Bimnarder tal lugar havia de buscar, que alli se aviva elle muito. Viu de sima antre uns valles mui compridos ir dous cães grandes, correndo trás um porco montez; e não corrêram elles muito, que o não alcançaram na fralda de uma grande serra cuberta de penedia; que de longe parecia inhabitavel: e aferrando nelle o mataram. Não tardou muito que de uma cova que ao pé da serra, ao gronhir do porco, sahiu um salvagem muito grande, com uma bisarma nas mãos, camanha como dez palmos; os tres de ferro, e os sete de páo, tão bem enxerida que mal se podia tirar. E veio onde estava o porco, e tanto que a elle chegou, o começou de desfazer com aquella arma. Já que o tinha quasi desfeito; ao fitar, e rastro que os cães trouxeram, acodiram dous homens, um delles com um dardo, e outro com um cajado, e chegando onde estava o porco, e achando o salvagem de posse, disse um delles: Homem de bem, esse porco é nosso; porque estes cães que o são, o mataram: A's quaes palavras respondeu com um atito tão grande que estrogiu todo aquelle valle, por onde em lugares furados andou a voz retumbando grão pedaço; o qual ouvindo-o, da mesma cova sahiu outro salvagem, com outra arma nas mãos como a do outro, que era macho, e esta era femea. E ajuntando-se a elle, se vieram com tão gran-

de impeto pera os dous homens, que Bimnarder, e Godivo eram: os quaes vendo sua determinação se pozeram em defesa, que bem lhes pareceu que aquella gente se não contentaria com o porco. E Godivo afilou os cães que em um salto foram com os salvageas, que com as bisarmas altas vinham a dar nos homens. Bimnarder se poz diante com o cajado alto, mostrando que queria aguardar a pancada, e um dos salvagens descargou nelle: Bimnarder furtou o corpo vendo descer o golpe, que deu no chão que todo o ferro nelle meteu. Bimnarder, antes que elle levantasse a bisarma, lhe deu com o cajado em um braço tão grande pancada com ambas as mãos, que um dos salvagens fez em pedaços: o qual com a outra mão tirou com a bisarma por detraz um revez, a um dos cães que por uma perna o tinha; e o cão, por fugir, veio a cahir no golpe do ferro, que lhe cortou todos os quatro pès cerceos sem ficar nada. Já a este tempo vinha Bimnarder com outra pancada alta, e vendo-o o salvagem, não podendo erguer a sua bisarma, tão manhosamente lhe tirou a Bimnarder uma estocada, que lhe passou as pernas ambas polas coxas por elle estar de ilharga com o golpe feito. E não pôde furtar o corpo, por estar no ar com o golpe que deu ao salvagem na cabeça, que sem nada estava: com que lha quebrou; e cahiu sem ter poder de tirar a bisarma que nas pernas de Bimnarder ficou metida, que elle logo tirou: e olhando pera Godivo viu que

com outro salvagem estava com o dardo atravessado pela barriga morto, e Godivo assentado com dôr de um braço, em que o salvagem o feriu, que pouco lhe minguara de o perder; mas parece que o primeiro tiro que fèz Godivo com o dardo, lhe deu por aquelle lugar, e a ferida que mortal era, fez desatinar o salvagem que lhe não deu em cheio, e por isso não feriu mais. E sentando-se Bimnarder apar delle, com o sangue muito que lhe sahira, pondo as mãos nas feridas: nisto chegou seu escudeiro que na outra banda do valle estava escondido vendo a batalha; e depois que a viu vencida polos homens, se foi a elles, e conhecendo Bimnarder se lançou a seus pés, chorando, e dizendo: Não sei, senhor, que ventura é a vossa, que assim vos traz mudado de vossa vida, porque a tomais tão má sem causa, e a dais sem culpa a quem cuidais que a tem. Bimnarder que pôz os olhos nelle o conheceu espantando, mas de todo não crêo aquellas palavras, por quem as elle dizia; mas tomando-as a outra fim, disse: Não falles agora nisso, ainda que me mais dôa que minhas feridas; mas acode-me a ellas, que quero guardar esta vida pera ver o cabo de meu mal. O escudeiro tomou o sangue com as mangas de sua camisa delle, e assim fez a Godivo, apertando-lhe as feridas o melhor que pôde, com muitas lagrimas de o ver assim mudado, como elle nunca cuidara. Punha os olhos nelle, que lhe não podia tambem fallar com dôr do tempo passa-

do, que o prezente lhe trazia todalas lembranças do descanço que tivera; e dissimulando esta dôr como melhor pôde, disse: Como soubeste que estava eu aqui, ou pera que me buscas? O escudeiro lhe disse: A ventura me trouxe, que eu não o sabia; e cheguei a tempo que vi toda a a batalha, e ao brado do salvagem vi que acudiu outro de uma cova, que alli está, com uma criança, que ao depois tornou a meter dentro, e sahiu com uma bisarma tão prestes como entrou. Esperei até ver o fim que vi em ambos, que de outra maneira não sahira, porque não cuidava que vós podieis ser. Vai (disse Bimnarder) vêr o que achas nessa cova, e traze a criança, e depois saberás de mim, e de minha ventura. Entrou o escudeiro nella, onde viu tanta diversidade de pelles de alimarias, que era cousa pera muito espantar. Nella viu jazer a criança, e tomando-a, se sahiu fóra pera Bimnarder, que só com o cão estava; que Godivo era ido á ermida dizer a seu tio que viesse por Bimnarder com seu asninho, que com as feridas das pernas não podia andar. Quando elle viu a criança ficou espantado, dizendo: Se fôra em outro tempo eu te criára pera ver se o costume mudava a natureza; mas quem não tem vida, a ninguem a pode dar. Isso não creio eu (disse o escudeiro) que vós crêdes de Aonia; e pois vos della heide dar novas, e heide leixar as que vós leixastes, sabei que está tão desejosa de vos ver, e com tão pouca culpa da força que lhe fizeram, que culpáreis a vós se sou-

besseis com quão pouca razão a leixastes. De muitas cousas, disse Bimnarder, era necessario fallar, agora quero calal-as, porque te apartei de mim; e de mim te digo, que nem de uma nem de outra te sei dar razão; vim com a ventura que viste, e sahi na que me a mim estava ordenada. Não me peças razão porque a não tenho, nem juizo pera me julgar. Mas pois alguma sabes de minha senhora Aonia, dize-me tudo o que sabes: pois que se não póde encubrir de ti ao principio, assim seja agora na fim. O escudeiro lhe disse tudo quanto com Enis passára: mas não o descançou nada vêl-o em poder alheio, e porém consolou-se saber que contra sua vontade casára; ainda que duvidasse no contentamento que lhe aquelle dia viu, crêo pola desculpa que agora sabia, e porque a queria dar por si, lançando só comsigo estas contas á maneira que teria pera poder ser. Chegou o ermitão espantado do que via; deu graças a Deus, dizendo: Filho, muitas graças lhe dou por vos livrar desta gente, que a muitos fazia mal, ha grande tempo. Subi aqui: levar-vos-hei á ermida onde vos contarei o que me acaéceu com elles. Com ajuda do escudeiro, e do ermitão, subiu Bimnarder; e elles pegados nelle, o levaram á ermida, onde foram agasalhados naquella pobre casa o melhor que o ermitão póde. Alli lhe contou o ermitão como aquelles salvagens eram pessoas racionaes, por que elle estivera á falla com elles; e que vieram áquella terra assim viver brutalmente; elle não

sabia donde; que já elle fallára em sua salvação com elles, e como os reprehendera, com palavras de Deus, de alguns agravos que por esta terra faziam; mas elles o não quizeram ouvir, por onde o não sabia determinar sua lei, nem que gente fosse. Assim estava Bimnarder desejando sua saude, como já em outro tempo desejára a morte, por se vêr com Aonia, e o que ella dizia do erro que fizera. E mandou-lhe que fosse em busca de Enis, e lhe desse conta da maneira que o achára, e o leixára, e a maneira que teria pera se vêr com Aonia. Enis, que sempre trouxe a fantesia no escudeiro depois que com elle fallou, olhava se o veria, que assim lh'o encomendára Aonia; e muitas vezes ia áquelle lugar onde o topára; e de uma o achou, a quem o escudeiro contou tudo como passára; de que Enis ficou tão contente como espantada; e logo foi dar o recado a Aonia, que tanto prazer foi o seu como virlhe de parte em que lhe ia a vida, não o pôde encubrir, e disse a Enis que dalli a quinze dias podia estar já são; e ella lhe disse que viesse Bimnarder ao caminho, que ia pera os paços de Lamentor, e que então iria ella lá, e dariam assento á sua vida. Este recado deu Enis ao escudeiro, com que se tornou a seu senhor; que delle foi tão ledo, que bem se enxergou em sua saude. E muito mais em Aonia, que comsigo (não podendo menos fazer) fez tantos extremos de alegria, que seu marido houve sentimento de tal novidade, e dalli por diante pôz os olhos em suas cousas,

CAPITULO XLVIII.

DE COMO AONIA SE VIU DEPOIS DE CASADA COM BIMNARDER, E DE COMO FORAM MORTOS POR SEU MARIDO ORPHILENO, QUE TAMBEM COM ELLES ACABOU SUA VIDA A MÃOS DE BIMEARDER.

Foi assim, que chegado o dia da desaventura de Bimnarder, com seu escudeiro partiu da ermida, e veio alli ao meio dia ter ao pé do freixo, onde já cançado se assentou; e lavando o rosto e as mãos na agoa (como d'antes sohia), não lhe esqueceu Aonia; que bem contados trazia os dias, e tomando comsigo a Enis e dous moços, por ser perto sua hora, e os passos de Lamentor (que fingiu ir vêr, como muitas vezes fazia) que elle de maravilha saía. E quando Aonia chegou ao lugar onde o seu Bimnarder estava, mandou os moços diante, e ella com Enis se saíu do caminho, e se foi pera o freixo, onde sabia Bimnarder estar. Quando seu marido (que cheio andava de suspeitas) dissimuladamente saiu por outro caminho, vindo sempre a olho della, a viu desviar pera aquelle cabo, e chegando a viu que estava abraçada com Bimnarder sobre a herva verde, debaixo daquelle freixo (que parece que pera sepultura d'ambos foi criado). Onde estando tão enlevados Bimnarder com Aonia nos braços,

em seu amor cada vez mais se acendia, trazendo pola memoria um ao outro quanta fadiga tinham passada sem causa; e sem se poderem de verdadeiro amor culpar, com o mais que com o tempo poderam, esperando de o lograr d'alli por diante, se sua morte lhe não estivera batendo á porta. Teve seu marido de Aonia lugar de chegar sobre elles; e vendo-os estar assim, lançou mão da espada, e deu uma ferida grande a Bimnarder na cabeça; que mui asinha foi em pé, levantando seu cajado pera defender mais a vida de Aonia que a sua. Mas em o tomando, o outro que vinha determinado no que havia de fazer, lançou a espada a Aonia pelos peitos (vendo-a descuberta) em lugar que não disse mais, que: O' amor! este foi teu galardão. Já Bimnarder descia com uma pancada de maior força com a dôr de Aonia do que ella era; e quiz a ventura (porque todos acabassem) que lhe acertou na cabeça, e por estar dasarmado veio o sangue com os miolos juntamente. Mas ao cair lhe deu elle com a espada um golpe já mortal, como desesperado, por cima de um hombro, que todo o abriu. E caíram todos tres quasi a um temp. E cuido eu que Aonia causou este derradeiro golpe de seu marido, porque ao caír parece que se abraçou com Bimnarder, que assim os acharam ambos. Esta foi sua fim, e as palavras da sombra, o agouro de seu cavalleiro, e outras cousas que viu neste lugar, que bem lhe diziam o mal que havia de ser. Tudo isto foi tão supi-

to, que Enis, nem o escudeiro não lhe poderam valer, quando já chegaram, com brados, e prantos da morte tão desestrada, que era pera fazer ainda mais extremos. Os moços que iam adiante tornaram aos tristes brados de Enis. Carpindo-se, leixando o caminho cuberto de lagrimas, e cabellos, foram dar esta nova a Lamentor (que pera sua tristeza era escusada, senão pera lha fazer maior, como lha fez) o qual como sesudo, e soffrido, mandou dar-lhes sepulturas: dando culpa a Bimnarder, porque lhe não descubrira sua vontade (digo eu que lho não disse, porque se não havia de escusar) Assim foram enterrados na ermida nova, que Lamentor mandou fazer; que foi estreada com corpos de pouca idade, tristes namorados. E dahi a pouco tempo mandou trazer os ossos de Belisa, e fez-lhe juntos solemnes officios, e os poz em honradas sepulturas, com letras que declaravam sua desaventura.

CAPITULO XLIX.

COMO SABIDA POLO ERMITÃO, E SEU SOBRINHO, A MORTE DE AONIA, E BIMNARDER, OS ACOMPANHARAM EM SUAS OBSEQUIAS.

O ermitão, e seu sobrinho, souberam dos que foram polos ossos de Belisa, da morte de Bimnarder, e de Aonia: de que foram muito tristes, e os ajudaram em suas obsequias. E a este tempo

morreu a criança salvagem. Os officios feitos, se foram: e o ermitão rogava a Deos por elle; e assim Lamentor: que de longe lhe vinham buscar as tristezas; com que o leixaremos, por dizer o que fez o escudeiro de Bimnarder.

CAPITULO L.

COMO O ESCUDEIRO LEVOU NOVA DA MORTE DE NARBINDEL A CRUELSIA SUA SENHORA AO MOSTEIRO ONDE ESTAVA.

Tanto que viu a fim de seu senhor, que elle sempre receou, partindo-se de casa de Lamentor tão triste polo que vira, como polo que esperava (que ainda o coração lhe não assegurava que com tão pouca fortuna se havia de contentar) se tornou áquelle caminho de tristes novas acompanhado, e foi-se ao mosteiro onde Cruelsia estava (porque nem alli parece estava ella segura do mal em que havia de acabar, ou por quem havia de morrer.) Tanto que chegou, espantada de o ver tornar espedindo-o como aos outros, disse: A que foi tua vinda a esta casa? Foi, disse o escudeiro, pera saberdes como achei a Narbindel. Esta nova, e o nome d'elle (em o ouvindo) fizeram camanho supito no amor de Cruelsia, que logo cuidou todo o que desejava pera seu descanço (e eu digo que pera o perder todo o cuidou ella assim) Disse ella: Qué delle? onde fica? mandou-te, ou vem com-

tigo? Cá parece cuidava ella, que arrependido, ou conhecendo a obrigação em que lhe era, o mandava assim diante. Mas elle choroso, e triste do que sabia, disse: Que monta, senhora, que o achei pera o ver matar ante meus os olhos, que mais o não verão; e estas serão as derradeiras novas que d'elle ouvireis: e já outras não vos dirão. Quando Cruelsia isto ouviu, tendo outra esperança do que ouvia, perdeu os sentidos, pondo uma mão na boca, dizendo esta só palavra: Morto é Narbindel! Ficou pasmada sem sentir mais nenhuma cousa (porque todas se ajuntaram pera aquella hora) e ficou tal, que nunca mais fallou outra nenhuma palavra, nem os sentidos lhe acordaram a nada que visse, nem ouvisse. Foi este mal sem remedio, com quanto lhe fizeram muitos. Não comeu mais, ainda que lho dessem; dentro na boca não bolia com ella, nem levava nada que lhe pozesse sustancia: e como cousa mortal que era, se foram gastando pouco a pouco os membros, que nenhum sentido tinha. A triste velha de sua mãi, sentindo isto muito polo que lhe queria mais que a nenhuma, fazia por ella grande pranto e por Romabisa, que com isto lhe renovou sua dôr. E a cabo de quinze dias, falecendo-lhe todo o sentido, e os espiritos, faleceu d'esta morte, tão magoada dos que a conheceram, e a viram morrer; que grande tempo as freiras a choraram: e lhe fizeram honradas obsequias; e consolavam sua mãi n'aquella tristeza em que sempre viveu, até que veio Romabisa, da qual vos quero contar. Cá parece que

teve melhor ventura que estas, que assim haviam tão tristemente de acabar suas fermosuras,

CAPITULO LI.

DE COMO ROMABISA ANDANDO EM BUSCA DE TASBIÃO, CHEGANDO A UM CASTELLO ACHOU DOUS CAVALLEIROS COMBATENDO-SE MUI RIJAMENTE Á PORTA DELLE, E DO MAIS QUE LHE ACAECEU.

Correndo Romabisa muitas terras, e partidas ás vezes mudando seu trajo, e outras nelle, perguntava por novas de Tasbião: Mas cançada jà a fortuna de a perseguir, ou porque lhe havia de dar melhor fim que a sua irmãa, a veio trazer áquellas partes onde Lamentor tinha sua morada. E passando um dia pola fralda de uma serra onde estava um fermoso castello, viu andar em uma grande batalha dous cavalleiros: um trazia umas armas azuis com uns melmequeres amarelos, e o escudo de campo azul com uma mão cheia delles, em um cavallo remendado. O outro trazia as armas pardilhas, todas cubertas d'abrolhos: e no escudo uma chama grande de fogo, que parecia ter dentro um vulto de pessoa rodeado de muitos abrolhos, em um fermoso cavallo fouveiro. E andavam tão travados, que espanto punham a Romabisa, e aos do castello que os olhavam. Andando assim, o cavalleiro dos mal-

mequeres deu ao dos abrolhos um grande golpe, e resvalando a espada polo escudo deu na cabeça do cavallo que lha fendeu, e foi cahir com o cavalleiro dos abrolhos, que os abriu tão bem, que se salvou de o não levar o cavallo debaixo. O dos malmequeres o quizera atropellar com o cavallo; mas o dos abrolhos, furtando o corpo, em passando o outro lhe decepou o cavallo, que logo caíu com seu senhor, do qual se saíu assim mesmo mui bem. Assim começaram a batalha a pé sem descançar, tanto que já não tinham escudos com que se defender; que em quanto os tiveram tolheram as espadas não chegarem ás carnes: e sem elles se feriram de tal maneira que se não podiam já ter. A esta hora o dos malmequeres começou a enfraquecer de maneira, que bem se mostrava não poder alurar ao dos abrolhos: e indo-se retirando pera a porta do castello, e sendo logo aberta, saíram de dentro seus peões com alabardas, e cercando o dos abrolhos, elles e o dos malmequeres pozeram ao dos abrolhos em tal aperto, que sendo ferido de muitas partes, desesperado de se vêr assim maltratar á traição, deu a um dos peões, que mais perto achou, tal ferida pola cabeça que lh'a fendeu. Os outros se chegaram mais a elle pera o aferrar: e ao que o dos abrolhos mais asinha pôde alcançar, deu outra ferida por um hombro que com o braço veio ao chão. Os outros o afferraram logo em quanto se occupou neste golpe; de sorte que se não pôde desembaraçar del-

les, que lhe não tomassem a espada, com a qual (antes de tomada) deu com a maçãa nos focinhos a um que lh'os esmiuçou. E comtudo lhe tiraram o elmo, e de feito o metteram dentro no castello; e fechando as portas, o metteram em uma escura prisão, que se as feridas que levava foram grandes, dellas morrèra por não ser curado.

CAPITULO LII.

COMO CONHECENDO ROMABISA SER TASBIÃO O CAVALLEIRO DOS ABROLHOS, QUE NA BATALHA POR TRAIÇÃO FORA PREZO, IA BUSCAR QUEM O LIVRASSE.

Romabisa, que á porta estava, e pôz os olhos polo cavalleiro preso que metteram dentro, logo conheceu que era Tasbião, que ella andava buscando; que como os trazia cheios de sua memoria, não a enganaram naquelle pouco tempo. E ficou como pasmada; e logo que tornou em si começou a fazer mui gram pranto, pedindo com piedosas lagrimas aos do castello que lhe dessem aquelle cavalleiro, pois delle se não podia tomar vingança mais que ser vencido. Isto dizia ella, parecendo-lhe que por al não fazia o senhor do castello batalha com os cavalleiros, que por uma fermosa donzella (que sua amiga devia ser) que estava de uma janella olhando. Mas era polo cou-

trario de seu pensamento. Não nos custou elle tão pouco, que o dessem por esse preço (disse um homem, que se assomou sobre uma torre) mas dar-vos-hia de conselho que vos fosseis embora, e não queirais que vos façam como a elle: que se o senhor do castello sabe que o fazer-vos mal lhe póde a elle dar paixão (como por vosso sentimento parece) na mão tereis não serdes tão cedo livre de mui triste prisão. Isto vos digo por serdes mulher, que d'outra maneira não vol-o dissera. Já me a mim d'isso daria mui pouco, disse Romabisa, se me vós fizesseis tanto que m'o amostrasseis. Isso não póde ser, disse o homem, que se vos cá Lamberteu colhe, não são estes os dez annos que vós, nem elle, saiaes. Quando Romabisa isto ouviu, cuidou em si que pouco aproveitava rogar a quem não queria ser rogado: determinou buscar algum remedio em o livramento de Tasbião, ainda que custasse a vida; que já, assim que assim, por elle tinha aventurada: e esteve fantasiando onde iria buscar tal cavalleiro, que naquella terra não havia quem de Lamberteu lhe fizesse justiça: pois trazer mais que um, não queria sair: e a um, parecendo-lhe que o venceria, sairia. Então lhe veio á memoria como Lamentor era grande amigo de Tasbião, e muito bom cavalleiro; que este com mais razão o devia fazer. E assim, por morar perto, logo tomou o caminho pera lá, não cessando de chorar o perigo de Tasbião, que ella mais que sua vida sentia.

CAPITULO LIII.

EM QUE DÁ CONTA QUEM FOSSE LAMBERTEU, E A RAZÃO PORQUE FAZIA BATALHA COM OS CAVALLEIROS QUE POR ALLI PASSAVAM.

Agora quero que saibais que este cavalleiro Lamberteu, que por suas manhas se chamava Bravo, andava d'amores com uma fermosa donzella, filha de uma dona viuva, que um castello tinha a par delle: e mandando commetter sua mãi de casamento; a mãi, com medo, já consentira; mas Loribaina (que assim se chamava a donzella por sua braveza, e especialmente porque queria bem a outro mais bem acostumado e gentil homem, que ahi perto tinha outro castello, que Jenao havia nome) o não quiz consentir. Sabendo este recado Lamberteu, depois de por muitas vezes experimentar sua dita e não a poder acabar, determinou de a haver em seu poder por qualquer via que podesse, ainda que fizesse força (que o amor não quer desvios). E como andava sobre isso tão aceso, que hora não tinha de descanço, foi assim que um dia andando Loribaina, com algumas mulheres, folgando por um muito fermoso pomar (tendo Lamberteu, com muita diligencia, lançado as suas espias, e sendo dellas avisado) se veio com muito bom apparelho, e entrando dentro no pomar (onde não havia

quem a defendesse) a levou pera seu castello, não aproveitando lagrimas de mâi, nem de mulheres, nem de Loribaina; que depois que em seu poder se viu, com grandes desmaios se amortecia, doestando-o de palavras, nomeando a seu amigo Jenao. Lamberteu trabalhava pola consolar, pondo-lhe diante o amor que lhe tinha; e como a não merecia menos que Jenao, que pouco aproveitava: de guisa que Lamberteu a quizera forçar muitas vezes; o que ella não quiz consentir, antes dizia que como forçada morreria: que não era gloria de cavalleiro, tendo uma donzella em seu poder, havel-a por força. A Lamberteu pareceu bem o que Loribaina dizia; e cessando destes accommettimentos, fez conta que, ou tarde ou cedo, ella viria ao que elle queria, quando já pera seu livramento não visse remedio; e determinou pola suspeita de Jenao senão d'alli por diante guardar seu castello muito bem, que bem lhe deu n'alma que como Jenao soubesse a iria buscar, e não recearia batalha; e fez aquelle costume de se combater com qualquer cavalleiro que alli viesse; e se o vencesse, prendel-o, pera vêr se podia por acerto haver a Jenao, e matal-o. E então trabalharia por todas as vias contentar Loribaina, até que lhe ganhasse a vontade. E com quanto elle lhe fazia, não levava seu caminho proposito; que de cada vez lhe queria peior. E porque entendeu que buscava a morte a Jenao, se punha sempre á janella, pera que, conhecendo-o, o avisasse do engano de que Lam-

berteu se aproveitava com os peões; que sempre crêo que sabendo Jenao sua desaventura, a viria buscar. Por esta via guardava Lamberteu aquelle costume, trazendo aquellas armas azues, que mostravam os ciumes que elle tinha de Jenao, com os malmequeres, que significavam o que ella queria.

CAPITULO LIV.

DE COMO ROMABISA FOI PEDIR SOCCORRO A LAMENTOR NO LIVRAMENTO DE TASBIÃO.

Romabisa, tão agastada que mais não podia ser, chegou aos passos de Lamentor; onde, entrada, lhe contou com muitas lagrimas (que por suas fermosas faces corriam) o que de Tasbião passára, pedindo-lhe, como quem era, que o soccorresse, ou que della, como donzella, se doesse; pois ordem de cavallaria o obrigava. Quando Lamentor ouviu tudo o que Romabisa dizia, certo que não mingou aquella nova pera de todo o o fazer magoado, mas comtudo não leixou de lhe dizer: Senhora Romabisa, bem sei que como tendes vosso cuidado posto em Tasbião meu verdadeiro amigo, a quem, de sua desaventura tanto pezasse como a mim, não poderieis buscar: e por isso não é muito virdes cá: mas crêde que já eu sei que buscastes mau remedio em mim: não porque me leixe de pôr a todo o perigo por el-

le, senão porque sou tão mofino, que tudo o que mais desejo o vejo ás véssas do que quero. E pera saberdes porque o digo, quero que saibais o que não sabeis, segundo o tempo mostra.

CAPITULO LV.

DO QUE LAMENTOR PASSOU COM ROMABISA NO QUE CONVINHA A SEU SOCORRO.

Eu me vim morar a esse logar onde buscava descanço. Achei-o tão fóra de me querer, como aquelle que logo de mim se apartou com me levar comsigo Belisa. Pois passando eu nesta saudade minha vida, veio aqui ter Narbindel a perguntar por Tasbião. De tudo isso, disse Romabisa, sou eu sabedor. Não no sereis logo, disse Lamentor, que se namorou de Aonia irmãa de Belisa, e não na quiz pedir por mulher (que lha não negára) mas mudando-se em trajos de pastor, andou aqui por tempo d'amores com ella, até que eu a casei com um cavalleiro que aqui perto morava; em o qual inda o amor os atou de tal maneira, que os achou a ambos ao pé de um freixo, e os matou, e elles a elle. E assim com este triste desastre não contente ainda a fortuna, foi disso sabedor vossa irmãa Cruelsia (que em Narbindel tinha posta sua esperança) que com tão triste nova sahiu fóra de seu juizo, que de todo se trasportou, até que de desfallecimen-

to dos membros morreu. Por aqui vereis quanta razão tenho de ser triste. Romabisa que como pasmada estava de tão desastrado caso (ainda que diante se lhe poz o amor de sua irmãa, chorando sua morte com a de Narbindel, que como irmão amava) nem por isso leixou de dizer: Senhor Lamentor, já vejo que estas cousas são taes, que a outrem era dado poder-vos consolar: e com tudo eu queria, se vós quizesseis, que fossemos pôr cobro na vida de Tasbião, que não sinto quem o não possa fazer senão vós. Não vos disse eu, disse Lamentor, isto, pera que por isso leixasse de fazer todo meu poder nesse caso; senão pera que, não sahindo como vós desejaveis, me não pozesseis culpa por vos não avisar de minha ventura. Seja como quer, disse Romabisa, que inda me dá n'alma que d'outro cabo não pode vir remedio a Tasbião senão de vós. Seja como mandardes, disse Lamentor, e vamos.

CAPITULO LVI.

COMO ROMABISA INDO PEDIR SOCORRO A LAMENTOR PERA O LIVRAMENTO DE TASBIÃO, FEZ BATALHA POR ELLA COM O CAVALLEIRO DOS MALMEQUERES.

Então tomando suas armas (que negras eram) e cavallo murzello, se poz ao caminho pera o castello de Lamberteu. Tanto andaram elle e Romabisa,

que chegaram lá ao outro dia; e albergaram em uma floresta (que se não quizeram mostrar) Ao outro dia foi Lamentor ao castello, e batendo á porta, sahiu Lamberteu armado de suas armas em cima de um bom cavallo. Lamentor que o viu, logo o conheceu polo sinal das armas que lhe Romabisa dera, e disse: Senhor cavalleiro, aqui ha ahi duas cousas, e se as fizerdes, alem de fazerdes o que a cavalleiro deveis, a mim fareis muita mercê: e não vol-o requerera, se não me parecêra que eram pera pedir, e fazer. Taes podem ser ellas, disse Lamberteu, que as faça: e por isso dizei o que quereis. A primeira, disse Lamentor, é que mandeis dar a esta donzella um cavalleiro que ella dirá, com tudo o que lhe tomaram. E a segunda que uma donzella que em vosso poder tendes, torneis a sua mãi, e não seja forçada; pois aos cavalleiros é dado as amparar, e não deshonrar. Isto soube Lamentor de um hospede onde elle pousou a primeira noite; e logo poz em sua vontade demandar-lhe tambem aquello; porque se Lamberteu o não consentisse (como elle cria que faria) teria mais razão e justiça, pera poder fazer a batalha, e Deos o ajudaria. Qualquer d'essas, disse Lamberteu, é camanha, que mais me deterei em vos responder o porque o não farei, que em me tirar d'isso, que cuido que começado cedo, havereis mister quem por vós rogue; então com vos largar me largareis da resposta. Lamentor, como de sua condicção não era passar com palavras, nem elle andava pera isso, e viu que havia mais necessidade

de obras, disse: Pois assim quereis, seja Deos juiz. Arredou-se quanto foi necessario, encontrando-se com as lanças tão fortemente, que Lamentor houve uma mortal ferida nos peitos, e foi pera cahir; mas o encontro que deu a Lamberteu foi tal que por as ancas do cavallo foi ao chão: porem logo foi em pé. Lamentor, inda que muito mal se achou da ferida, por não ter aventagem ao outro, se desceu; e começaram antre si uma brava batalha, desfazendo todos os escudos, e armas. Lamentor como era melhor cavalleiro que Lamberteu, lhe deu tanta pressa que o fez recolher, recuando, pera as portas do castello. A esta hora sahiram seis peões armados de alabardas, chuços, e cernilheiras, e cercaram-no. Lamentor que tal viu seu partido (que já tinha a morte por certa) determinou de a vender, e levantou a espada com ambas as mãos, pondo primeiro o escudo detraz das costas; e deu a Lamberteu tal golpe pola cabeça que lha fendeu, ficando tão esvanecido com a força que poz, e a ferida que trazia, que esteve pera cahir. Porem tornou em si com os botes que os peões lhe davam com os chuços, o que pouco aproveitara, se não fôra socorrido por um cavalleiro que sahiu da floresta correndo, dizendo: A elles, Senhor cavalleiro; não escape nenhum á vida, que tredores são. E apertando as pernas ao cavallo, abaixou a lança, e encontrou a um dos peões polos peitos com ella, de maneira que a pregou no chão da outra parte; com que foi quebrada. Os peões todos pozeram o tento n'elle, e lhe encontraram o cavallo com as alabar-

das, que como um touro o atravessaram, e foi dar de peitos em um dos peões, que ambos cahiram mortos. E o cavalleiro cahiu do outro cabo no chão apar de Lamentor; e da queda lhe saltou o elmo da cabeça: e vendo-o um dos quatro desarmado, foi pera lhe dar n'ella a tempo que Loribaina (que na janella estava) o conheceu (que al não atentava) ser Jenao seu amigo, e deu um brado dizendo: Guardai-vos. Lamentor poz os olhos pera aquelle cabo: e vendo vir o villão com o golpe, levantou a espada, e cortou ao villão ambas mãos. A este golpe carregarram os tres peões sobre Lamentor, que em grande aperto o pozeram, que elle estava pera cahir, e não podia dar passada. A este tempo teve lugar Jenao de pôr o elmo, e deu a um dos peões tal golpe por uma perna, que lha cortou: e indo pera cahir lhe deu uma estocada que o passou da outra banda. Os dous, quando tal cousa viram, se meteram fugindo pola porta dentro, e Jenao apos elles, porque não a fechassem. Os peões, vendo se não podiam valer, lhe pediram mercê das vidas. Esssas vos darei eu, disse Jenao, se me vós entregardes a Loribaina, que cá está. Isso não ha quem vol-o defenda, disseram elles, pois é já morto Lamberteu. E então Jenao tomando-lhe as armas, tornou por Lamentor (que assentado estava por se não poder ter da ferida dos peitos, e Romabisa com elle) e o levou dentro ao castello, onde foram recolhidos por Loribaina com muitas lagrimas amorosas que mostrava a seu amigo Jenao; que como soube que sua amiga Loribaina era to-

mada, lá onde andava (que desviadas terras eram) logo se veio; e Deos o trouxe ao tempo que ouvistes que d'elle tinha tanta necessidade Lamentor; e não pera sua vida (que já era chegada a hora) se não pera se desfazerem aquelles desaguisados,

CAPITULO LVIII.

COMO LAMENTOR FALLECEU DAS FERIDAS QUE HOUVE NA BATALHA QUE FEZ COM O CAVALLEIRO DOS MALMEQUERES.

Foi deitado Lamentor em uma cama, e curado de mão de Loribaina (que bem sabia d'aquella arte) com tão boa vontade, como aquelle que de tal fortuna a tirava. Pedindo elle por mercê a Jenao, que pois estava pera isso, fizesse buscar a Tasbião, que já Romalisa andava buscando com um d'aquelles homens, e o tinha achado; do que elle ficou espantado, que outra informação lhe deram de sua vida os que lhe davam de comer. Quem poderia dizer o prazer que ambos houveram em se vêr? A este tempo se não podiam fallar um ao outro com memorias passadas. Chegou Jenao, e disse a Tasbião: Senhor cavalleiro, andai por aqui que quem a tal lugar vos mandou, não vos queria tanto como o que morre por vós. Isto disse elle, porque bem sabia que Lamentor não podia escapar da ferida: e sem o Tasbião en-

tender, respondeu: Vamos, senhor, onde mandais que não posso fazer outro. Nisso não tenho eu mando, que como vos digo, a mim podem mandar, por a grande mercê que me fez. Assim chegaram à camara onde Lamentor estava com Loribaina. Quando Tasbião viu Lamentor tão mal ferido, e tão fraco, que os olhos não podia abrir, ainda que suas feridas muito lhe doessem (que não eram pequenas) tanta paixão lhe deu o que via, que esteve pera cahir. E tornando supito, disse: Bem sabia eu, senhor Lamentor, que me não podia a mim vir bem senão por vós. Lamentor se quiz levantar, e não podendo, se esforçou algum tanto, e disse: Vejo-vos, senhor Tasbião, por vossa verdadeira amiga a senhora Romabisa que ahi está, que tanta fortuna por vos achar, e livrar, tem levado. E querendo-lhe dizer mais lhe acudiu um desmaio, que tolheu a falla; ao que logo acudiram todos. Mas Jenao e Loribaina, sabendo elle Lamentor que tão estimado era por todas aquellas Comarcas, houveram muito nojo de o assim vêr. Passado que foi, fez uma maneira de adormecer. Loribaina disse que o leixassem dormir, que muito bom lhe era.

CAPITULO LVIII.

COMO DEPOIS DA MORTE DE LAMENTOR, SE CASÁRA TASBIÃO COM ROMABISA, E JENAO COM LORIBAINA.

Tiveram tempo Romabisa e Tasbião de se contar seus trabalhos, e Romabisa lhe contou a fortuna de Narbindel, e de sua irmãa Cruelsia, com muitas lagrimas, como o contára Lamentor; do que pesou tanto a Tasbião, que por um pouco esteve sem fallar, cuidando em tal fortuna. Mas vendo que era mal sem remedio, como sesudo, o dissimulou o melhor que pôde, agradecendo a Romabisa quanto por elle fizera; assentando em sua vontade, de a tomar por mulher, pois não podia achar outra que tanto, nem parte, lhe quizesse. Loribaina com seu amigo Jenao passaram palavras amorosas, e não de prazer; porque o tempo era pera isso. Passado algum, Lamentor tornou a recordar, e chamando pera junto de si aquelles dous cavalleiros, e suas amigas, lhe disse: Eu folgára, senhor Tasbião, que de mim soubereis algumas cousas, que ledo, ou triste, vos poderão fazer: pois não posso só; vos ponho diante as cousas deste mundo, de que vós tanta parte tendes sabido: e vos peço, como verdadeiro amigo, que á senhora Romabisa deis o galardão que sua tanta virtude merece: e seja com vos casar-

des ambos; e porque sei que o fareis, por quem ella é, e vos merece. Quero que olheis polos de minha casa; pagando-lhe seus serviços, recolhendo pera á vossa minha filha com sua ama, que se lhe Deos der vida, bem herdada fica pera a casardes: e senão seja vosso, que bem mereceis tudo o que vos fizerem. E a vós, senhor Jenáo, pera com vossa amiga Loribaina, não ha que rogar; sómente vos peço que seja da maneira que sua mãi seja. E querendo dizer mais não póde pronunciar palavra, que se lhe fechou a boca com um Credo, e levantando as mãos falleceu; não havendo pera mais tempo que pera lhe meterem uma vella aceza na mão, sendo d'antes confessado e comungado. E Tasbião e Romabisa, que morto viram Lamentor, fizeram por elle tal sentimento com Jenao e Loribaina, que espanto era de ver. Acabados de sua paixão, querendo Tasbião pór em obra o que lhe Lamentor encomendára (sendo já alli a mãi de Loribaina, a qual com o casamento della com Jenao foi mui contente, ficando ambos mui herdados com aquelles tres castellos) se foi com o corpo de Lamentor metido em uma mui honrada tumba pera seus paços, onde com muita solemnidade o enterraram a par de sua amiga Belisa: e por o elle assim mandar. E tomando comsigo a ama, e á Arima (que pouco havia que chegaram do mosteiro onde seu pai a mettêra) fazendo tudo o que lhe encomendara, se partiu pera o castello de sua irmã de Romabisa, que com os vêr, foi tão lêda

que mais não podia ser, tomando já por paga aquella de quantos nojos tinha passados: onde sendo casados Tasbião com Romabisa, fazendo da fazenda de Lamentor como da sua, viveu tão contente, por se escapar de tantos desastres que corrêra, e veio acertar em seus amigos, de que se houve por bem pago de tudo o que desejava.

EGLOGA I.

—

INTERLOCUTORES.

PERSIO, E FAUNO.

AUTOR.

Nas selvas, junto do mar,
Persio pastor costumava
Seus gados apascentar;
De nada se arreceava,
Não tinha que arrecear;
Na mesma selva nasceu,
Fez-se famoso pastor.
Tanto que veio do Ceu,
Fazer-lhe guerra o amor:
Era mais forte, e venceu.
Sendo livre, mui izento,
Viu dos olhos Catherina:
Cegou-o o entendimento,
E Catherina era dina
Pera dár pena e tormento.
Logo então começou
Seu gado a emmmagrecer;
Nunca mais delle curou,
Foi-se-lhe todo a perder,

Com o cuidado que cobrou.
Dias e noites velava,
Nenhum espaço dormia.
Catherina bem o olhava,
Cuidou per si o que valia;
Não valia o que cuidava:
Confiou no merecer,
Cuidou que a tinha de seu.
Veio alli outro pastor ter:
Com o que prometeu, ou deu,
Se leixou delle vencer.
Levada pera outra terra,
Vendo-se Persio sem ella,
Vencido da nova guerra,
Mandou a alma tras ella,
E o corpo ficou na serra.
Veio Fauno, outro pastor,
Que pera al vinha buscal-o,
Seu criado, e servidor,
Começou a consolal-o,
O conselho era peor.

FAUNO. Como descanças assi,
Persio, longe de teu gado?
Vejo-te jazer aqui,
Sem cuidado do coitado,
Menos cuidado de ti:
Por os matos sem pastor
Vão os cordeiros bramando
Sem pascer, porque o temor
De ver os lobos em bando
Lhes tira da erva o sabor.

Perdidas, e tracilhadas
As tuas ovelhas vejo,
Dellas morrem de cansadas;
E tu tens morto o desejo
D'acudires ás coitadas.
Andam fracos, desmaiados,
Os mastins, que as guardavam;
Desfeitos, e mal tratados,
Não ladram como ladravam,
Nem podem, de mal curados.
Qu'é do teu rabil prezado,
Teu cajado, e teu çurrão?
Tudo te vejo mudado;
Tinhas um cuidado então,
Tens agora outro cuidado;
Mal que não temias, creio,
Que te vejo; isto temo:
Tomou-te sem ter receio,
Então poz-se em tal estremo
Que te fez de ti alheio.
A' sombra dos arvoredos
Teu gado apascentavas;
E se os ventos eram quedos,
Mil villancetes cantavas
Conformes a teus segredos;
Então teu gado engordava,
Tinhas pasto todo o anno.
Todo pastor confessava
Seres tu o mais ufano
Qu'em toda esta serra andava.
Acorda, acorda, coitado,

Da-me conta de teu damno,
Porque a um desconsolado
Um conselho, ou um engano,
Tira ás vezes de cuidado:
Poderás julgar então,
Se quizeras razão ter,
O teu cuidado por vão;
Mas no grande bem querer
Poucas vezes ha razão.

PERSIO. Os males que são sem cura
Mal os pode outrem curar;
Nem na gram desaventura
Não ha mais que aventurar,
Que deixar tudo á ventura:
Não me digas que ha hi bem,
Que é maior mal pera mi;
Nem que ouviste a ninguem:
Que me vai lembrar dahi
Que perdi o que outrem tem.

Vi-me já preso; contente
A meu mal queria bem;
Agora fujo da gente,
Não vejo triste ninguem
Que viva mais descontente:
Té no pasto de meus gados
Tinha a condição ufana:
Mas aos malaventurados,
Crê, que tudo se lhes damna
Com a mudança dos cuidados.

Sentava-me em um penedo
Que no meio d'agoa estava;

Então alli só, e quedo,
A minha frauta tocava,
Bem fora de nenhum medo:
Muito livre de cautellas,
Os olhos nas mesmas agoas,
E o cuidado longe dellas,
Chorava alli minhas magoas
Folgando muito com ellas.
  Um pastor, que não temia,
De muito mais gado que eu,
Que longe dalli pascia,
Creio que, pelo mal meu,
Veio alli ter um dia.
Então vendo pasto tal,
Sem razão, ou com razão,
Fez-se logo maioral:
Senti eu meu mal então,
Mas depois senti mór mal.

FAUNO. Quem pena por cousa leve
Deve ser sempre penado;
Quem co'a vida não se atreve
Deve ser della privado,
Se a morte faz o que deve.
Mulher que a outrem se entrega,
Querer-lhe bem em extremo
Vem de andar a razão cega,
Ou do espirito ser pequeno;
E uma destas não se nega.

PERSIO. A gram dôr, quem a tiver,
Se com dòr ha de passal-a,
Em quanto lhe ella doer

Póde mal dissimulal-a;
Peior a póde esconder.
Se não lanço esta de mi
Não posso tanto comigo;
Leixa-me morrer assi:
Que a morte é menos perigo,
Que outros perigos que já vi.

FAUNO. Os fracos de coração
Obedecem á vontade,
E muito mais sem razão
E' perder a liberdade
Por algum cuidado vão.
Se desejas descançar
Deste que te traz cançado,
Lança-te, Persio, a cuidar
Que, ás vezes, o desejado
Alcançado dá pezar.

PERSIO. Conselho quero de ti,
Mas não já pera ter vida;
Se o póde haver ahi,
Pera a poder ter perdida,
Esse me dá tu a mi:
Que está mais certo o perigo
Onde a vida é triste, e tal.
Leixa-me acabar, te digo,
Que póde ser que meu mal
Se acabe tambem comigo.

FAUNO. Nas cousas que dão pezar,
Tristeza, pena, e tormento,
Nestas has tu de mostrar
Temperança e soffrimento,

Que o al não é de louvar:
Se agora padeces dôr,
Ella se te irá minguando,
Cada vez será menor;
Ir-se-ha o tempo gastando,
Leval-a-ha por onde fôr.

PERSIO. Bem vejo que peno em vão;
Mas quem será razoado
Em males tão sem razão,
Pois não ha modo temperado
No amor e na affeição:
Se dizes que é vaidade
Ter lembrança do perdido,
Vou sentindo que é verdade;
Mas quem viste tu esquecido
D'aquillo que dá saudade?

FAUNO. Nos extremos sinalados
Se conhece toda a gente;
No perigo, os esforçados;
Que em bonança ser valente
Não é de animos ousados.
Por isto quero de ti
Que te não leixes morrer,
Crê-me, Persio amigo, a mi,
Que não ha maior vencer
Que vencer-se homem a si

PERSIO. Mal póde ser esquecida
A cousa mui desejada;
Lembrança n'alma imprimida,
Não póde ser apartada
Se se não aparta a vida:

Em quanto me vires vivo,
Não me verás descançar.
Pergunto-te, Fauno amigo,
Como poderá repousar
Quem traz a morte comsigo?

FAUNO. Passa teus males com tento
Se lhe queres achar cura,
Põe em al o pensamento,
Que o que parece sem cura
A's vezes o cura o tempo:
Resistir graves paixões
Vem de esforço e valentia,
Porque aos fracos corações
Falta-lhe a ousadia,
Nas maiores afflicções.

PERSIO. Fallas, Fauno, como quem
Vive livre e descançado;
Crê-me, amigo, que ninguem
Póde mudar o cuidado,
Se não quer pequeno bem;
Nunca lho eu mereci
Desamar-me, e eu amal-a,
Ella me leixou assi,
E eu não posso leixal-a,
Que o amor pega de mi.

FAUNO. Parece que o seu amor
Era muito mais pequeno;
Persio, não ha maior dôr,
Que querer bem em extremo
A quem tu a ti quer menor:
Que os que em tal extremo vêm

Sua vida aventurada,
Tu, Persio, sentes mui bem
Quão cançada, ou descançada,
A terá quem na assim tem.

PERSIO. Não me aconselhes te digo,
Nem julgues a mim por ti,
Chora meus males comigo,
Que isto me convem a mi,
Falo-has se és meu amigo;
Nisto só está meu bem,
Em outro me não confio:
O' Fauno, que fará quem
Tem a alma posta no fio,
E não sabe em que se tem?

FAUNO. Bem vejo que teu tormento
É grande: por isso ouso
Fallar-te clara, e izento,
Que no animo sem repouso
Não ha claro entendimento;
Entregaste-te ao amor,
Cégaste todo á razão,
Queres bem á tua dôr;
Buscas-lhe a salvação
Onde o remedio é peor.

PERSIO. No tempo que eu mais penava
Dormia a noite ao sereno;
Sustinha-me o que esperava;
Sobre uma cama de feno
Muitas vezes repousava:
Agora em nenhum lugar
Acho descanço, nem vida,

Pera poder descançar;
Tenho a esperança perdida
Não me fica que esperar.

FAUNO. Não tenhas o perigo em nada,
E passalo-has melhor;
Que a virtude esforçada,
No grande medo e temor,
Se estima, e é estimada;
Não te espante esta mudança
Que o tempo traz comsigo;
Tras o mal está a bonança;
Folga de viver, te digo,
Que quem vive tudo alcança.

PERSIO. No campo sempre dormia,
Fugia do povoado;
Se alguma pena sentia,
Praticava-a com meu gado,
A ninguem outrem a dizia;
Desque me este mal chegou
Camanho me pareceu,
Que o campo me enfastiou,
E o gado me avorreceu.
Aqui verás qual estou.

FAUNO. Nenhum trabalho tão forte
Nesta vida é de sofrer,
Que o coração não suporte,
Nem ha mais certo morrer,
Que temer um homem a morte:
Isto, porque tu padeces,
Bem vejo que é vaidade,
Julga-o tu, se o conheces,

Pois sabes que á vontade,
E não a outrem, obedeces.

Persio. Buscava sempre ribeiros
D'agoa mui clara e fresca;
Alli antre os meus cordeiros
Sohia dormir a sesta,
A' sombra dos amieiros;
Se algum hora alli vou ter,
Que cuidas que me parece?
Lugar onde houve prazer
Não no posso agora ver;
Que por isto me avorrece.

Fauno. Não sintas tristeza tanta
Por tão pequeno cuidado;
Folga, pratica, e canta,
Que o coração esforçado
De poucas cousas se espanta;
Que se agora te alembrar
Tanto que te faça damno,
Leixa o tempo assim andar,
Que com a mudança do anno
Tu verás tudo mudar.

Persio. Se por palavras pudera
Aqueste meu mal contar,
Pouca tristeza tivera;
Que o poder desabafar
Algum descanço me dera:
Mas crê que não pode ser,
Que é tão grande meu damno
Que desejo já de ver
De meu mal o desangano,

E não no posso fazer.

FAUNO. Lança de ti, se te vem,
Aquesta lembrança tal,
Persio, que não ha ninguem,
Que possa soffrer um mal
Sem se alembrar d'algum bem;
Leixa, leixa este cuidado
De que te vez combatido,
E quando, mais atribulado,
Sê esforçado e sofrido,
Serás bem aventurado.

EGLOGA II.

INTERLOCUTORES.

JANO, E FRANCO.

Dizem que havia um pastor
Antre Tejo, e Odiana,
Que era perdido de amor
Por uma moça Joana:
Joana patas guardava
Pola ribeira do Tejo;
Seu pai acerca morava,
E o pastor, de Alemtejo
Era, e Jano se chamava.
Quando as fomes grandes foram,

Que Alemtejo foi perdido,
Da aldea que chamam Torrão
Foi este pastor fugido:
Levava um pouco de gado,
Que lhe ficou de outro muito
Que lhe morreu de cançado;
Que Alemtejo era enxuto
D'agoa, e mui secco de prado.
  Toda a terra foi perdida;
No campo do Tejo só
Achava o gado guarida;
Vêr Alemlejo era um dó;
E Jano pera salvar
O gado que lhe ficou,
Foi esta terra buscar;
E se um cuidado levou,
Outro foi elle lá achar.
  O dia que alli chegou
Com seu gado, e com seu fato,
Com tudo se agasalhou
Em uma bicada de um mato,
E levando-o a pascer,
O outro dia, á ribeira;
Joana acertou de ir vêr,
Que se andava pola ribeira
Do Tejo a flores colher.
  Vestido branco trazía;
Um pouco afrontada andava;
Fermosa bem parecia
Aos olhos de quem na olhava.
Jano em vendo-a foi pasmado;

Mas por vêr que ella fazia,
Escondeu-se entre um prado.
Joana flores colhia,
Jano colhia cuidado.
Depois que ella teve as flores
Já colhidas, e escolhidas
As desvariadas cores
Com rosas entremetidas,
Fez dellas uma capella,
E soltou os seus cabellos
Que eram tão longos como ella,
E de cada um a Jano em vel-os
Lhe nascia uma querella.
E em quanto aquesto fazia
Joana, o seu gado andava
Por dentro da agoa fria
Todo apos quem o guiava.
Um pato grande era guia,
E todo, junto em carreira,
Hora rio acima ia,
Hora, na mesma maneira,
O rio abaixo descia.
Joana como assentou
A capella, foi com a mão
A' cabeça, e attentou
Se estava em boa feição:
Não ficando satisfeita
Do que da mão presumia,
Partiu-se dalli direita
Pera onde o rio fazia
D'agoa uma mansa colheita.

Chegando á beira do rio
As patas logo vieram
Todas uma, e uma, em fio,
Que toda a agoa movèram:
De quando ella já folgou
Com aquestes gasalhados
Tanto entonces lhe pesou,
E com pedras, e com brados
D'alli longe as enxotou.
Depois que ellas foram idas
E que a agoa assossegou,
Joana as abas erguidas
Entrar pol'agoa ordenou;
E assentando-se, então
As çapatas descalçou,
E pondo-as sobre o chão
Por dentro d'agoa entrou,
E a Jano polo coração
Em quanto com passos quédos
Joana pola agoa ia,
Antre uns desejos e medos
Jano, onde estava, ardia;
Não sabia se falasse,
Se sahisse, se estivesse,
Que o amor mandava que ousasse,
E porque a não perdesse
Fazia que arreceasse
Dizem que naquesto meio
Se esteve Joana olhando,
E descobrindo o seu seio,
Olhou-se, e disse, um ai dando:

Eu guardo patas, coitada,
Não sei onde isto ha d'ir ter,
Mais era eu pera guardada,
Que concerto foi este ser
Fermosa e mal empregada!
  Em aquisto Jano ouvindo,
Não se pôde em si sofrer,
Que d'antre as ervas sahindo
Se não lançasse a correr:
Joana, quando sentiu
Os estrompidos de Jano,
E que se virou, e o viu,
Temor do presente damno
Lhe deu pés com que fugiu
  Mui perto estava o casal
Onde vivia o pai della,
Que fez ir mais longe o mal,
Que Jano teve de vêl-a:
Mas o medo que causou,
Joana partir-se assi,
Tanto as mãos lhe embaraçou,
Que a çapata esquerda, alli,
Com a pressa lhe ficou.
  Jano quando viu, e olhou
Que nenhum remedio havia
Pera o logar se tornou
Aonde ella n'agoa se via;
E vendo a çapata estar
No areal, á beira d'agoa,
Foi correndo a abraçar.
Tomando-a, cresceu-lhe a magoa

E começou de chorar.
Toda, a çapatar os peitos,
Em lagrimas se banharam.
Muitos foram os respeitos
Que tanto choro causaram.
Encostado ao seu cajado,
A çapata na outra mão,
Depois de um longo cuidado,
De dentro do coração
Começou falar, cançado:

JANO. Despojo da mais fermosa
Cousa, que viram meus olhos.
Pera elles sois uma rosa,
E pera o coração abrolhos:
Çapata, deixada aqui,
Pera mal de outro mór mal,
Quem te leixou, leva a mi:
Que troca tão desigual
Mas pois assim é, seja assi.

Agora hei vinte e um annos,
E nunca inda té agora
Me acorda de sentir damnos,
Os deste meu gado em fora:
Hoje, por caso estranho,
Não sei em que hora aqui vim,
Cobrei cuidado camanho,
Que aos outros todos pôz fim;
Eu mesmo a mim mesmo estranho.

Antes que este mal viesse,
Que me tantos vai mostrando,
Que alguns cuidados tivesse

Não me matavam cuidando:
Agora por meus peccados,
E segundo em mim vou vendo,
Não podem ser outros fados;
Meus cuidados não entendo,
Morro-me assim de cuidados.

Dentro de meu pensamento
Ha tanta contrariedade,
Que sento contra o que sento
Vontade, e contra vontade;
Estou em tanto desvairo,
Que não me entendo comigo.
Donde esperarei repairo?
Que vejo grande o perigo,
E muito mór o contrario.

Quem me trouxe a esta terra
Alheia, onde guardada
Me estava camanha guerra,
E a esperança levada?
Comigo me estou espantado
Como em tão pouco me dei,
Mas cuidando n'isto estando
Os olhos com que outrem olhei
De mim se estavam vingando.

E por meu mal ser mór inda
De mim tenho o agravo mór,
Que da minha magoa infinda
Eu fui parte, e causador;
Que se me não levantara
D'antre as ervas onde estava,
Mais dos meus olhos gosara,

E já que assim se ordenava
Isto ao menos me ficara.
  Desastres, cuidava eu já
Quando eu hontem aqui cheguei,
Que a vós, e á ventura má,
Ambos acabava; e errei:
Triste que me parecia,
Que o meu gado remediado
Comigo bem me haveria;
E estava-me ordenado
Est'outro mal que inda havia.
  O mal, não vos sabe a vós
Quem me vós a mim causou;
Tristes dos meus olhos sós,
Que trouxeram, aonde estou,
Olhos a certo lugar.
Ribeira, mór das ribeiras
Que levam as agoas ao mar,
Vós me sereis verdadeiras
Testimunhas do pezar.

AUTOR.

  E em dizendo isto, parece,
Transportou-se no seu mal,
E como a quem o ar falece
Cahiu n'aquelle areal:
Grande espaço se passou
Que esteve alli sem sentido;
E n'este meio chegou
Um pastor seu conhecido,
E que dormia cuidou.

Franco de Sandovir, era
O seu nome, e buscava
Uma frauta que perdêra,
Que elle mais que a si amava,
Este era aquelle pastor
A quem Celia muito amou;
Nimpha do maior primor
Que em Mondego se banhou,
E que cantava melhor.

E a frauta sua era aquella,
Que lhe Celia dera, quando
O desterraram por ella
Chorando elle, ella chorando:
Viera elle alli morar,
Porque achou aquellas terras
Mais conformes ao cuidar:
D'ambas partes cercam serras,
No meio campos pera olhar.

D'outro tempo conhecidos
Estes dous pastores eram,
D'estranhas terras nascidos,
Não no bem que se quizeram:
E por aquesta razão
Tornou Franco a lhe notar
Como jazia no chão;
E deu-lhe que suspeitar
O lugar, e a feição.

Muito esteve duvidando
O que aqui Franco faria;
Indo-se, e Jano leixando,
O coração lh'o dohia:

Tambem pera o acordar.
Não sabia se acertava,
Que Jano era no lugar,
Novo, e arreceava
Em cabo de o anojar.
N'aquesta duvida estando,
Jano estava emborcado,
Disse, um suspiro dando;
Ai cuidado, e mais cuidado!
Ouvindo-lhe isto dizer,
Franco ficou pasmado,
E tornando-o melhor vêr,
De sob seu esquerdo lado
Viu-lhe a çapata têr.
Suspeitou logo o que era
(Que era tambem namorado)
E no que Jano dissera
Se houve por certificado:
N'aquesto Jano acordou;
Quando viu Franco estar,
Sem falla um pouco ficou;
Franco, após o saudar,
Fallar-lhe assim começou.

FRANCO. Cuidava eu agora, Jano,
Que estavas em outra parte,
E polo teu aqueste anno
Me pesava ir por esta arte;
Desejava vêr-te aqui
Quando me contava alguem
A secca grande que ahi ha
Em Alemtejo, e porem

Não quizera eu ver-te assi.
Conta-me que mal foi este
Que tão demudado estás?
Ou que houveste? ou perdeste?
Se ha remedio, havel-o-has.
Faz Jano então por se erguer:
Não podendo de cançado,
Foi-lhe a mão Franco estender,
E a um freixo encostado
Lhe começou responder.

JANO. Vim a estes campos, que vejo,
Por dar vida a este meu gado:
Vi acabado um desejo,
Outro maior começado:
A's minhas vacas dei vida,
E a mim a fui tirar;
A profecia é cumprida
Que me Pierio foi dar
Vendo-me a barba pongida.

AUTOR.

De Pierio vai gram fama
(Disse Franco) antre os pastores
Todos por amigos chama,
E dizem que é dado a amores.

FRANCO. Rogo-te Jano me digas,
Pois te elle avisou primeiro,
Como cobraste fadigas?
Que ouço que é mui verdadeiro
Pera amigos, e amigas.

JANO. Tão cançado, respondeu,
D'um cuidado Franco me acho,
Que m'agora aqui nasceu,
Que até na voz tenho empacho;
Aos que hão-de acaécer
Não pode homem resistir,
Que o que hade ser, hade ser,
Não se lhe pode fugir,
Defender, nem esconder,
Mas porque, Franco, comtigo,
Desabafo eu em fallar,
Porque sei que és meu amigo
Tudo te quero contar:
Nem remedio, nem conforto
Não te hei Franco de pedir,
Que do mal em que estou posto
Não me espero de remir,
Senão depois que fôr morto.
Dia era de um gram vodo
Que a um santo se fazia,
Onde ia o povo todo
Por vêr, e por romaria;
Lembra-me que andava eu então
Vestido todo de novo,
Ao hombro um chapeirão
Que pasmava todo o povo,
Com um cajado na mão.
Tomando-me polo braço
Pierio, então me levou
D'alli um grande pedaço
Onde melhor sombra achou:

E mandando-me assentar,
Elle tambem se assentou,
E antes de começar
Pera mim um pouco olhou,
E a voltas de chorar.

PIERIO. Vejo-te (disse elle) Jano
Dos bens do mundo abastado,
Mas contando anno é anno
Fico de todo cortado!
Vejo-te cá pola idade
De uma nuvem negra cercado,
Vejo-te sem liberdade
De tua terra desterrado,
E mais de tua vontade.

Em terra que inda não viste,
Polo que nella hasde vêr
Vejo-te o coração triste
Pera em dias que viver;
Hasde morrer de uma dòr,
De que agora andas bem fòra,
Por isso vive em temor,
Que não sabe homem aquella hora
Em que lhe hade vir o amor.

Não póde já longe vir,
Jano, aquisto te digo,
Vejo-te a barba pungir
Olha como andas comtigo;
A terra estranha irás
Por teu gado não perderes,
Longos males passaràs
Por uns mui breves prazeres,

Que verás, ou não verás.
E dando um pouco á cabeça
A' maneira d'anojado,
Por tèu bem, porem te cresça
A barba (disse) de honrado:
Treslada-o no coração
Isto que te aqui direi,
Que ainda alguns tempos virão,
Jáno; que te alembrarei;
Mande Deos que seja em vão.
Por cobrares a fazenda
A ti mesmo perderás;
Perda que não tem emenda
Depois quando o saberás:
Nos campos de uma ribeira
Onde valles ha a lugares
Te està guardada a primeira
Causa destes teus pesares;
N'outra parte a derradeira.
Geitos em cousas pequenas,
Louros cabellos ondados,
Porão pera sempre em penas
A ti, e a teus cuidados,
Fallas cheias de desdem,
De presumpção cheias dellas,
Cousas que outras cousas tem
Te causarão as querellas
De que morrer te convem.

JANO. De todo o que te hei contado,
Todo quasi aconteceu,
Que o que ainda não é passado

Polo passado se crêo:
Agora dantes pouco ha
Viram meus olhos, que foram;
Quem m'os leva, após si, lá;
A alma e vida se me foram;
Despresáram-se de mim já:

AUTOR.

Um gram cão que Franco trazia
De grande faro, entrementes,
Deu com a frauta onde jazia,
E trouxe-a então entre os dentes;
Vendo-a Franco alvoroçou-se,
E foi correndo ao cão,
Que nos pés alevantou-se,
E deu-lhe a frauta na mão,
E apos aquillo espojou-se.
Escontra Jano, tornou
Então Franco assim dizendo:

FRANCO. Quem vê o que desejou
Não se lembra d'al em o vendo:
Fui-te a palavra cortar,
Mas daquisto dá tu a culpa
A quem a eu não posso dar,
Ou, Jano, por ti me desculpa,
Pois sabes que é desejar.

JANO. De cousa que muito queiras
Deve essa frauta de ser,
Disse Jano. São primeiras,
Lhe tornou Franco a dizer.
Quem te tal dom otorgou,

Lhe disse Jano, apos isto
A muito a ti te obrigou,
Alafé gram mestre nisto
Deves ser, se o cão não errou.
Canta, Franco, alguma cousa:
Ama a musica a tristeza;
Veremos se me repousa
Onde a magoa tem firmeza:
(Disse Franco) certamente
Cantarei pola vontade
Te fazer, como a doente,
Inda Jano, que, á verdade,
A minha é chorar sómente.

FRANCO. Quero-te cantar aquella
Que hontem depois que perdi
A frauta, cantei sem ella,
A' noite quando me vi
Cançado de não na achar,
Mais muito que de buscal-a
Me fui eu hontem lançar;
Mas, Jano, faço-te falla
Que não pude olho serrar.
Lá depois da noite meia,
Quando tudo se callava,
Comecei em falla cheia,
Um moucho me acompanhava:
De longe me aparecia,
Não sei se me enganava eu,
Que elle a mim me respondia,
Com um ai grande como o meu,
Mas o canto assim dizia:

CANTIGA.

Perdido, e desterrado,
Que farei? onde me irei?
Depois de desesperado
Outra mór magoa achei:
  Desconsolado de mim,
Em terra alheia alongado
Onde por remedio vim,
E reparo do meu gado.
Mas, ó malaventurado,
De mim sem consolação,
Temo que ha-de ser forçado,
Pois que fui tão mal fadado,
Matar-me com minha mão.
  Que conta darei eu agora
A quem não ma hade pedir,
Que desculpa porei ora
A quem não ma hade ouvir:
Frauta, dom da mais querida,
Que cobre esta noite escura,
Frauta minha sois perdida,
Façam-me uma sepultura,
Que muito ha que estou sem vida.
  E ponham na sepultura
Letras que digam desta arte:
A da alma está em outra parte.
Se aprouver aos longos annos
E aos tempos que hão de vir,

Que destes graves meus damnos
Venha Celia parte ouvir,
Lá onde triste estiver
Se ella comsigo apartãda
Lagrimas têr não poder,
Será minha alma pagada,
Ou o que então de mim houver.
Inda que não queira nada,
Tudo é menos de passar,
Que lá os olhos soem levar.
Fugiram contando os dias,
Fizeram-se as noites sós
Pera os tristes como nós.
Jano, esta è a cantiga,
Cá a derradeira eri que era;
E por sahir de fadiga
Confesso-te que o quizera;
Mas se a alma e entendimento
Não morrem com o corpo, a magoa
Me ficára. Vamo-nos que sento
Que é tempo do gado ir á agoa,
Tambem tem tempo o tormento

EGLOGA III.

—

INTERLOCUTORES.

SILVESTRE, E AMADOR.

AUTOR.

Um coitado de um pastor,
Triste, mal aventurado,
Vencido de grande dôr,
Ao derredor de seu gado
Se queixava do amor:
Com palavras mui cansadas,
Sem descanso, e sem cansar
A quantos via passar,
Com vozes desesperadas
Os fazia esperar.

Depois de fallar comsigo,
E com seu gado mesquinho,
Viu passar um seu amigo
Afastado do caminho,
Caminho de seu perigo,
Que tambem se ia queixando
Do grande mal que sentia;

E com elle se ajuntando
Estiveram todo um dia
Um ao outro consolando.
  Tristes praticas passavam,
Contavam grandes tristezas,
Gotas de sangue suavam
Ledos com suas firmezas,
Ellas mesmas os matavam:
Sentiam mui grande dòr
Cada um com seu marteiro,
Que nunca se viu maior.
Começa logo primeiro
Silvestre, sem Amador.

SILVESTRE. Triste de mim, que será,
O' coitado que farei,
Que não sei onde me và,
Com quem me consolarei?
Ou quem me consolará?
Ao longo das ribeiras,
Ao som das suas agoas,
Chorarei muitas canceiras,
Minhas magoas derradeiras,
Minhas derradeiras magoas.
  Todos fogem já de mim,
Todos me desampararam,
Meus males sós me ficaram
Pera me darem a fim
Com que nunca se acabáram.
De todo bem desespero,
Pois me desespera quem
Me quer mal que lhe não quero,

Nem lhe quero senão bem,
Bem que nunca della espero.
O' meus desditosos dias,
O' meus dias desditosos.
Como vos his saudosos,
Saudosos de alegrias,
D'alegrias desejozos:
Leixai-me já descançar,
Pois que eu vos faço tristes,
Tristes porque meu pesar
Me deu os males que vistes,
E muitos mais por passar,
Acceitei ser namorado,
Não tive meio em o ser;
Já sou mais que sepultado,
Sou certo de me perder,
Sem perder meu só cuidado:
Não sei polo que espero,
Nem o que espero de vêr,
Perco-me pelo que quero,
Nem me acabo de perder,
Porque mais perder espero.
I-vos, minhas cabras, i-vos,
Gado bemaventurado,
Em outro tempo passado;
Ficai-vos, ou despedi-vos
Despojo do meu cuidado:
Já vos não verei comer
Penduradas no penedo
Onde vos sohia vêr
Andar saltando sem medo,

Sem medo de me perder.
Já vos mais não cantarei
Nenhuns versos, nem cantigas,
Mas a todos contarei
As minhas tristres fadigas
Com que sempre vivirei:
Minhas cabras desditosas,
Já vos não verei roer
As saigueiras amargosas,
Que sohieis de pascer
Polas ribeiras fragosas.
Andarei de valle em valle,
E de lugar em lugar,
Não acharei quem me falle,
Nem com quem possa fallar,
Nem quem diga que me calle;
Subir-me-hei aos outeiros,
E deital-os-hei a giros
Polos pés dos sovereiros,
Meus suspiros derradeiros,
Meus derrádeiros suspiros.
E vir-me-hei assentar
A' sombra de uma asinheira
Que está fóra do lugar
Ao longo da ribeira
Onde eu sohia andar:
Verei a casa caída,
Sem parede, e sem telhado,
E verei meu mal dobrado,
Cuidado de minha vida,
O' vida de meu cuidado.

Ouvirei cantar os gallos
N'aldeia, e ladrar os cães,
E jazerei antre os pães,
Verei berrar antre os valles
Os novilhos polas mães:
Delles berrarão do fato,
Porque mór pena me dem
Chorarei meu desbarato,
Eu não sei porque me mato,
Mato-me não sei por quem.

Queixar-me-hei a grandes brados,
Mas que aproveita bradar,
Que trago os olhos quebrados,
Quebrados já de chorar
Todos os gostos passados:
Aquelle que vem bradando
Se se queixa ora d'alguem?
Ou com seu mal, ou seu bem,
Virá comsigo fallando
Sem se queixar de ninguem?

Se me elle quizesse ouvir,
Mas se me elle a mim ouvisse
Por grande mal que sentisse
Eu lhe faria sentir
O que eu lhe nunca visse:
Quero ver de que se aqueixa,
Ou se se aqueixa de si:
Leixar-me-hei estar aqui,
Mas minha dôr não me leixa,
Que em forte ponto a vi.

AMADOR. O' enganosa ventura,

Que queres deste pastor?
Leixa-me ir com minha dôr,
Que minha desaventura
Traz comsigo outra maior:
Leixa-me ir traz um desejo
De grande engano forçado,
Triste, malaventurado,
Que um cuidado sobejo
Me dá sobejo cuidado.
O' meus olhos saudosos,
Minha grande soidade,
Meus suspiros tão queixosos,
O' choros tão deleitosos,
Por deleite, e por vontade;
Quem suspirasse algum dia
Pera só desabafar;
Mas eu já não ousaria,
Porque um suspiro daria
Signal de quem mo faz dar.
Tudo o que vejo parece
Triste de minha tristeza,
E tudo mais me entristece:
Coitado de quem off'rece
A vida a quem lh'a despresa
Ando com a fantesia,
A meudo maginando,
Que a quantos vejo diria
Que é o que ando buscando;
Mas triste não ousaria.
Quem se podesse fiar
Do falso do pensamento,

Falso, foste-me enganar
Com falso contentamento,
Pera me logo engeitar:
Vinga-te agora de mim,
Que é razão pois te aborreço;
Mas uma cousa te peço,
Que dês a meus males fim
Pois que lhe déste o começo.

SILVESTRE. Como vens afadigado,
Amador, quem te afadiga?
Que vem sem ti, e sem gado,
Sem tento, como attentado,
Que não sei o qué te diga:
Desejava de te vêr;
Peza-me porque te vejo
Tão fóra de teu poder,
Foste lá em forte ensejo
Tão asinha a te perder.
  Agora aonde te vás,
Dize-me como te vai?

AMADOR. Eu to diria, mas al,
Minha vida aonde estás;
Quanta canseira me sál:
Já começo d'acabar,
Mas nenhuma cousa acabo,
Porque vim a começar
Em males que não tem cabo;
Nem lho posso desejar.
  Não perguntes o qué sento,
Vai-te, que ainda te vejas
Tão contente, e tão isento,

Que o mesmo contentamento
Sejas de quem tu desejas;
Não cuides que minha dôr
Me dá repouso em dizel-as,
Que quanto mais cuido nella
Tanto ella é maior,
E eu mais contente della.
  Leixai-me nestes extremos
Onde tudo me leixou,
Meu mal e eu ficaremos,
E nunca nos leixaremos,
Que este só bem me ficou:
Busca outra companhia;
Com que possas descançar,
Porque eu busco outro pesar,
Se ahi mór pesár havia,
Mas esse meu não tem par.
  Silvestre, pastor amigo,
Tempo é de me leixares,
Não posso fallar comtigo,
Que a mim peza-me comigo,
Comigo quero pezares:
Já os meus dias passaram,
E eu todos os passei,
Traz um engano andaram,
Delles me desesperaram,
E d'outros desesperei.
  As cousas que não tem cura,
Amador, não cures dellas;
E as que não tem ventura
Não te aventures por ellas,

Porque causam mór tristura;
Leixa-as ir por onde vão,
Não vás onde te levarem,
Que se umas se acabarem
Outras se começarão
Pera mais paixão te darem.
Não estês assim pasmado,
Que bem pasmado estou,
De te vêr mudo, e mudado,
O' Amador, quem cuidou,
Que fosses tão descuidado:
Não cuides o que farás,
Nem faças o que cuidares,
Olha bem onde te vás,
Se comtigo não acabares,
Crê que nunca acabarás.
Repousa hoje aqui;
Não te aproveita fugir,
Pois que comtigo ha de ir,
Quem te faz andar sem ti,
Sem comer, e sem dormir;
Ao longo deste prado
Fallar-te-hei, e fallar-me-has,
Cada um com seu cuidado;
Comigo descançarás,
Posto que venhas cançado.

AMADOR. O' que enganosa porfia,
O' que porfia de engano,
Que tanto tempo escondia
De um dia em outro dia,
De um anno em outro anno:

Meu mal eu t'o contaria,
Mas é mal que não tem conto,
Ditoso quem o sentia,
Que já teria um desconto,
Com que se satisfaria.

SILVESTRE. Se tu soubesses o meu
A osadas, Amador,
Que tu calasses o teu,
Que tanto é mór a dôr,
Quanto é mór quem na deu.
Por isto não te pareça,
Amador, que és tu só,
Que em que te a dita falleça,
A mim fallece-me o dó,
Pera que mais lh'aborreça.
Tua affeição te desculpa,
Que sei que és affeiçoado,
Magôas um magoado,
Em que não póde haver culpa,
Posto que anda culpado.
Prouvera a Deos que podéra
Ter meu mal comparação,
Este só bem me fizera,
Que este cuidado vão
Vãs esperanças me dera.

AMADOR. Busca outro companheiro,
Silvestre, e descançarás,
Fallar-te-ha, fallar-lhe-has;
Que este é o derradeiro
Lugar onde me verás;
O' que dòr, e que receios!

A culpa é de quem m'os deu:
A pena, tenho-a eu;
Os sentidos são alheios,
E o sentimento é meu.

SILVESTRE. Lembram-me cousas passadas,
E quantas passadas dei,
Horas bemaventuradas
Por quem chóro, e chorarei
Em quanto forem lembradas.
Uma vontade me engana,
Com lembrança do passado,
Tempo bemaventurado;
E outro me desengana,
Pera ser mais enganado.

A causa de meus cuidados
Foi buscar longos desterros,
Leva-me meus tristes fados,
De uns erros em outros erros,
Por erros mui enganados:
Os seus olhos me enganaram,
Mas elles o pagarão
Apesar do coração;
Porque elles começaram
O que nunca acabarão.

Leixou-me só nestes valles,
E fiquei acompanhado
De cuidados de um cuidado
Em que repousam meus males,
Porque viva mais cansado:
Mas cedo me irei buscar,
Pois me isto aconteceu,

Mas eu já não me hei de achar,
Que meu bem cá se perdeu
Pera nunca se cobrar.
  Com quanta mudança vejo,
Não me sei arrepender,
Desejo de me perder,
Perco-me polo desejo;
Que não lhe posso valer:
O' meus enganos cançados,
Cançai já de me enganar,
Devereis já de acabar,
Que os meus males passados
Todos estão por passar.

AMADOR. Peza-me; mas que aproveita
Esta vontade engeitar,
Quem o desengano engeita;
Por força se ha de enganar
D'outra vontade sugeita;
Não cures de te queixar;
Pois em teu mal não és só;
Que em te vêr agastar
Hei de ti camanho dó;
Que sinto meu mal dobrar:

SILVESTRE. Não te peze com meus damnos,
Pois que eu folgo com elles;
Leixa-me ir com meus enganos,
Que não sei viver sem elles
Pera esperar desenganos:
Não cuides que me arrependo
De me vêr andar perdido;
Mas ando triste, gemendo,

Porque me fica o sentido
Pera sentir o que entendo.

AMADOR. Não me posso andar detendo;
Leixa-me agora partir,
Minhas magoas te encommendo,
Vai-se-me o tempo perdendo,
Perdendo me quero ir:
Mas parece desamor
Apartar-me assim de ti;
Dize, que fazes aqui?
Uma dôr a outra dôr,
Que conta dará de si?

SILVESTRE. Ando por esta defesa
Como tu, Amador, vês,
Que ha passante de um mez
Que folgo com o que me peza;
E peza-me em que me pez;
Ora bravo, ora manso,
Cercado de mil temores,
Se cuido em minhas dôres,
As dôres me dão descanço,
E o descanço outras móres.

Ponho os olhos no chão
Quando me os cuidados vem;
Uns vem, e outros se vão,
E outros não vão, nem vem,
Mas comigo sempre estão:
Uns me leixam sem sentidos,
Outros me fazem sentir
Os males que estão por vir:
O' meus desejos perdidos

Quem vos podesse seguir!
  Vou de mudança em mudança,
Sem me vêr nunca mudado,
De uma em outra lembrança;
Fallece-me a esperança
Pera ser desesperado:
Trago desejo subido;
E ando fugindo delle,
Mas nunca me acho sem elle;
Nem o posso ver perdido.
Porque me perco por elle.
  Quando vem ao sol posto,
Que então sohia de ver
Aquelle fermoso rosto
Torno a ensandecer,
Porque perdi tanto gosto:
Que vinha sempre cantando
Tão desejoso de vêl-a,
E agora ando chorando,
Porque a achava fiando,
E porque me fiei della.
  Cada vez que anoutece
Cobre-se-me o coração
De uma grande escuridão:
Com ella passo o serão,
E com ella me amanhece:
Dobra-se-me a fantasia
Em mil castellos de vento,
Coitado do pensamento,
Que está, de noite e de dia,
Antre tormento e tormento.

Quando vem a madrugada,
Antes que o gado vá fóra;
Por vêr a casa em que mora
Subo-me em uma assomada:
O' quem visse sempre esta hora!
Alli me leixo estar,
E nunca d'alli me vou,
Sem que a veja passar.
Mas nunca passa o pesar,
Que me a mim della ficou.
Sóem os tristes pastores
De seu mal desabafar
Cada um em o contar;
E a mim as tuas dôres
Me fazem novo pesar;
Amador, tu não esperes
Nenhum consolo de mim,
Tristezas quantas quizeres,
Folga com ellas, que em fim
Este é o fim do que queres.

AMADOR. Não creias a fantasia;
Lisongeiros pensamentos,
Dôces enganos de um dia,
Que a quem os não contraria
Dão falsos contentamentos;
Leixa a vontade sobeja
Seguir sobejos extremos,
Que não sabe o que deseja;
E nós ambos nos iremos
Onde nos ninguem mais veja.

SILVESTRE. Onde queres que nos vamos,

Ou onde podemos ir,
Que um ao outro não vejamos
As mesmas dôres sentir,
De que nos não contentâmos?
Não aproveita andar
De uns valles em outros valles;
Que aproveita tal mudar,
Pois que mudando o lugar
Não são de mudar os malles?

AMADOR. Bem sei que tudo é engano
Ir-me eu, e tu ficar,
Mas eu quero-me enganar
Porque tanto desengano
Já não se pode fallar:
Vou-me; ficai-vos embora,
Desejos desesperados,
Pensamentos enganados,
Que não espero já agora
Outro fim de meus cuidados.

Não te alembre que me viste,
Pois nunca mais me has de ver;
Leixa-me a mim esquecer,
Que minha lembrança triste,
Mais triste te hade fazer:
Ir-me-hei comigo queixoso;
Sem me aqueixar do que sento
Em meus cuidados cuidoso:
O' quem fora tão ditoso
Que perdêra o pensamento!

Agora me leixareis,
Desejos desordenados,

Já cansareis, meus cuidados,
Já me não enganareis,
Enganos, tão desejados:
Sobejas desaventuras,
Contentes deveis de estar,
Não tenho que arrecear,
Que já vos tenho seguras;
Comvosco quero acabar.

SILVESTRE. Amador, pois que te vás
As boas horas vão comtigo,
Comigo fiquem as más,
Que não sei se as verás,
Que as não vejas comigo:
Deos te cumpra teu desejo;
E a mim tire o meu,
Ou me mostre quem m'o deu,
Que com quantos males vejo,
Sempre me heide chamar seu.
Tempo é de vos leixar,
Gado meu, meu pobre gado;
Não posso mais aguardar
Pois me não soube afastar
Do que me estava guardado:
Tudo se vai a perder,
Vai-se a vida após a vida;
Quem a mais deseja ter
A vê mais cedo perdida,
Ou se perde por a vêr.
Ficai embora, currais,
Riquezas de meus avôs,
Vou-me sem mim, e sem vós,

Eu me vou, e vós ficais
Desemparados, e sós:
Não verei vir passeando
Os novilhos furiosos,
Seus pescoços levantando,
Com seus passos vagarosos
Após as vacas bradando.
Agora me leixarão
Esperanças vagarosas;
Agora se acabarão
As vontades rigorosas,
Que tanta pena me dão:
Leixai-me, cuidados vãos,
Desejos desesperados;
Olhos malaventurados
Quanto me foreis mais sãos
Se vos tivera quebrados. (*)

(Aqui vai bradando, e responde-lhe um Ecco:)

Quem foi nunca tão sandeu?
Ecco. Eu.

(*) Em um impresso do anno de 1536, achámos esta Egloga III, tendo addicionados os versos que formam écco, e vão seguidos no texto: versos que não encontrámos nem na primeira edição de 1557, nem nas posteriores que nos vieram á mão. A data da impressão do referido folheto, nos faz suppôr que esta Egloga foi estampada ainda em vida do author, juntamente com outras poesias, de que Manoel da Silva Mascara-

Tu serás, pois me respondes;
E se o és, por que te escondes
De quem não pode ser seu?
Andas tu, ou vás fallando?

Ecco. Ando.

E eu por que te não vejo?
Sei que me cegas o desejo,
Per que ando desejando,
Quero m'ir pois se m'esconde.

Ecco. Onde?

Mas onde me fallas tu?
Que será isto, Jezu,
Que o não vejo! Reponde:
Quero m'ir del'outra banda.

Ecco. Anda.

nhas, compilador das obras do seu parente, como escrevêmos no Prologo deste livro, não teve conhecimento. O impresso a que nos referimos é em oitavo, e tem por frontispicio uma gravura tôsca imitando portico, com os dois pastores *Silvestre* e *Amador* em actitude de conversarem junto a uma ermida, que, collocada no centro dos interlocutores, os separa um do outro. Tem depois estampado o seguinte: «Trovas de dous pas-« toros. s. Silvestre e Amador. Feitas por Ber-« naldim Ribeiro. Novamente emprimidas com ou-« tros dous romãces com suas grosas que dizem: « O' belerma. E justa fue mi perdicion. E pas-« sando el mal Leandro.»

Estas obras de Bernardim Ribeiro vão addicionadas nesta edição, como em logar competente advertiremos.

Pois me não queres leixar
Ir minhas magoas contando,
Quero-me ora calar.
Irei comigo chorando
O que não posso falar.

EGLOGA IV.

—

CHAMADA JANO.

Um pastor, Jano chamado,
De amor da fermosa Dina,
Andava tão transportado,
Que por dita, nem mofina,
Nunca era outro seu cuidado.
Segundo o bem que queria
Tão pouco do mal se guardou,
Que vendo a Dina, um dia,
Logo da vista cegou,
Que d'antes d'alma não via.
De si ella o desterrou.
Pera longe terra estranha
Seu mal só o acompanhou;
Sobre uma magoa camanha
Camanha magoa ajuntou:
Vendo-se assim desterrado
Muitas vezes se subia

Pera um despovoado,
Onde ir ninguem podia
Senão desencaminhado.
  Alli triste se assentava;
Pascendo ao derredor;
Seu pobre gado o cercava,
E o coitado do pastor
Nunca uma hora repousava;
Encostado a uma mão,
Os olhos postos na terra,
E a Dina no coração,
Assim antre aquella serra
Se estava queixando em vão.
  Dina minha, ou, se me engano,
Ao menos muito querida,
E com tanto desengano,
Já me vós fostes a vida,
Agora me sois o damno:
Damnos meus, tão incubertos,
Aqui podereis sem medo
Ser agora descubertos;
Se ficou algum segredo
Al de menos nos desertos,
  A outro nenhum lugar,
Por minha desaventura,
Vos não posso já levar;
Levou-me tudo a ventura,
Leixou-me só o pesar:
Pesar nunca me leixou
Depois que por meu peccado,
Tudo me desamparou;

E eu mais desamparado
Fico com o que me ficou.
  Andem polos povoados
Os pastores, que não têm
Cuidados sobre cuidados,
Logrem seu mal, e seu bem,
Cansados, ou descansados:
Que pera mim não nasceram
Senão dôres, e pezares;
Pera os que dita tiveram
Se fizeram os lugares,
Que tanto mal me fizeram.
  Eu polo pé destas serras,
De uma em outra vaidade,
Sofro, andando, longas guerras,
Que me fazem soidade
Della, e de tão longas terras:
Com cuidados me anoutece
Um dia, e outro dia
Com cuidados me amanhece;
Traz um vem a fantezia,
Que tão longe me parece.
  Quem me metteu neste enleio,
Pois nunca mais sahi delle,
Tem-me cercado o receio.
Mal se me creio por elle,
Mal tambem se o não creio:
Certa está já minha fim,
Minha vida está em perigo,
De mim eu me desavim,
E pois eu me sou imigo

Quem me vingará de mim?
  Coitado, não sei que diga;
A nenhuma parte vou
Que lá não ache fadiga,
Que aquesta sò me ficou
De minha amiga, ou imiga:
O deserto, e povoado,
Todo é cheio de meus malles:
Vim a esta serra cansado,
Não ha lugar nestes valles,
Onde não tenha chorado.
  Donde vos começarei,
Magoas minhas, a contar?
Porque palavras direi
Do mal que soube buscar?
Queixar-me agora, não sei:
A lingoa, e o sentido
Tudo anda tão occupado,
Tão cansado, e destruido,
Que seria mal contado
Como foi mal merecido.
  Pola ribeira do Tejo
Guardando eu o meu gado,
Nunca inda vira desejo,
Quando me d'um vi levado,
Onde me agora não vejo:
E foi camanha a mudança,
Que quando já m'acordei
Achei ida a esperança;
E essa pouca que achei
Em outra maior balança.

Deste mal outros vieram,
Era parece ordenado,
Pouco, e pouco se pozeram
Onde elles tinham lançado
O bem que nunca me deram:
Fiseram-se assim tão senhores
De mim, ou não sei de que,
Que foram os causadores
D'eu tornar a pôr a fé
Em outros enganos maiores.
Não ficou cousa nenhuma
Desta vez pera ficar;
Se antes tinha pena alguma,
Agora por me matar
Mil se me faz cada uma;
Minha alma é desesperada,
Com o mal, que sempre sento;
Que triste em hora mingoada,
Um em tanto crescimento
Vi, que depois não vi nada.
Este Outubro fez um anno,
Quando eu na villa era,
Vi crear-se este damno,
Que agora, e então já era,
Tirar m'o podia engano:
E cuidando que o lugar
Fosse a causa principal
Houve-o emfim de leixar;
E o meu pera meu mal
Estava n'outro lugar.
Mudei terra, mudei vida,

Mudei paixão em paixão,
Vi a alma de mim partida,
Nunca de meu coração
Vi minha dôr despedida:
Antre camanhas mudanças
De um cabo minha suspeita,
E d'outro desconfianças,
Leixam-me em grande estreita,
E levam-me as esperanças.

Nesta triste companhia
Ando eu, que tão triste ando;
Já não sou quem ser sohia,
Os dias vivo chorando,
Ao noites mal as dormia:
Temo descanço tornado
Mal, que por meu mal o vi,
E eu malaventurado
Morro-me, andando assi
Antre cuidado, e cuidado.

Por me nada não ficar
Que não me fosse tentado,
Provei dar-me a trabalhar,
Mas nunca me achei cansado
Pera depois descançar:
Quando mais cançado estava,
Alli o meu mal então
A meu mal se apresentava;
E o corpo e o coração,
Ambos cansados levava.

Não sabendo onde me iria,
Que m'a mi lá não levasse,

Roguei a Deos; não só um dia,
Que da vida me tirasse,
Pois me dal-a não queria:
Mas com cuidados maiores:
Crê que Deos se não cura
Cà dos pobres pastores,
Como que elles por ventura
Não sentem lá suas dores.
  O' quão bemaventurado
Fôra, já se me matára
Minha dôr, ou meu cuidado!
Eu morrêra; e acabára,
E o meu mál fôra acabado:
Não vira tal perfeição,
De mim, e de tanta cousa
Perdido tudo em vão;
Porque uma paixão não repousa
Em outra maior paixão.
  Alafé, de culpa sou,
Que bem m'o disse Africano
Quando a Filippa fallou,
E lhe deu o desengano
Com que lh'a vida tirou;
Quantas vezes na ribeira,
Tendo à sesta nossas cabras,
Me disse desta maneira:
Eu ouvi bem as palavras,
Fil-o mal á derradeira.
  Sob a sombra deste freixo,
Lembre-te isto que te digo;
E pois vês que assim me aqueixo,

Saberás, Jano amigo,
Que o melhor de mim te leixo;
O peor eu ó levei,
Por isso olha que sigas
Sómente o que te direi;
Leixa-me a mim as fadigas;
Pois m'eu pera ellas leixei.

Faze por viver izento;
Que esta é toda a verdade,
Se te crêres polo vento
Perderás a liberdade,
E mais o contentamento:
Que em tão má hora nasceu,
Quem n'este mundo ruim
Por vaidades se creu,
Que nunca deram o fim,
Que ao começo prometeu.

Guarte do falso do amor,
Que vivirás sempre em medo,
Não te engane seu favor,
Podèlo-has fazer com cedo,
Porque tarde tudo é dôr:
Aos seus contentamentos
Não crêas, se tu me crères,
Que não são senão tormentos;
E não queiras seus prazeres
Por seus descontentamentos.

Quem me viu hoje ha dous annos!
O' Felipa, que fizeste?
Leixaras-me meus enganos,
E olha que não quizeste

Por me dár a mim mais damnos;
Quem havia de cuidar
De ver tamanhas mudanças!
Mas em fim tudo é pezár:
Traz as grandes esperanças
Está o desesperar.
  Olha, Jano, bem por ti,
E não te arrependas tarde,
Crê-me a mim, que sei, e vi
Cousas de que Deos te guarde;
Que ellas, e a mim perdi:
Comerás sem dôr teu pão
Dormirás teu somno cheio,
Se fores sem afeição;
Que faz homem de si alheio
Com razão; e sem razão.
  Em tudo espera o peor;
Que quando te o mal vier
Não te faça o mal maior;
Tudo é leve de perder
Onde esperança não for.
Aqui triste se calava,
Qu'a dôr grande que sentia,
Jà os seus olhos cégava;
Desta sorte me dizia,
Depois que um pouco assim estava.
  Outros muitos te dirão,
Que procures por riquezas,
Mas que te aproveitarão
Jano meu, se as tristezas
Te tiverem o coração?

Se a ti mesmo tiveres,
Pouco, ou nada has mister,
Pera contente viveres;
Por isso faz por te ter
Pera tanta dôr não teres.

Amores não guardam lei;
Quantas vezes o ouvi:
Fazel-o assim lhe fiquei.
Bem então lho prometi,
E mal depois o guardei;
Se eu em minha mocidade,
Por seus conselhos regêra,
Com camanha crueldade
Tão longe me não puzera
De mim a minha vontade.

Isto onde o mereci eu?
Ou a quem o mereci?
O' Dina, cuidado meu,
Quem me vos levou assi,
Que tantos nojos me deu?
O' meus olhos, e começo
Desta minha triste fim,
O' quantos males padeço!
Como me tendes de mim
Longe! e não volo mereço.

Longe em terras estranhas,
E de esperança alongado,
Polos campos, polas serras
Antre mim, e o meu cuidado
São apregoadas guerras:
O' desaventura minha,

Começada de tão longe,
Quanto me a mim mais convinha
Convinha deitar-me a longe
Eu com quantas cousas tinha.
  Onde me posso já ir?
Quem me será bom amigo?
Mal em estar, mal em fugir,
D'entro cá trago comigo
Quem me a mim ha d'estruir:
Remedio a tanto damno
Mal se poderá tomar:
Não foi tomado o engano
Quando pera o leixar
Aborreci o desengano.
  Olho, nenhum cabo vejo,
Onde me possa salvar;
Contra mim mesmo pelejo:
Já da parte do pezar
E' cansado o meu desejo:
A fim não pode tardar.
Coitado, gado, de ti,
Que sem dono has de ficar;
Inda que melhor è assi
Morrer eu, que te matar.
  Que esta dôr longa, que sigo,
Traz-me a mim tão transportado,
Que a mim mesmo mal digo,
Que bem fará a seu gado,
Quem tão mal o faz comsigo!
Quando me a mim melhor ia,
Que não sei se foi melhor,

Gordo, e farto té trazia
Agora é triste o pastor,
E triste o gado a que guia.

Já aquelle tempo é passado
Quando á beira do meu trigo.
Jano em te ver foi pasmado:
Tu te ficas sem abrigo,
E o pastor desabrigado;
Mesquinho pastor perdido,
Quanto melhor já te fôra
Não ser do mundo nascido,
Pois antre hora, e hora
Jaz tanto mal escondido!

Como se o bem passou,
E veio o mal tão asinha;
Cousa, e cousa se mudou.
A vãa esperança minha
Em que termos me leixou?
Foi-se assim tudo a perder;
Perdeu-se o gado, e pastor,
Cansado sou de viver;
Trouxe uma dôr outra dôr,
Prazer nunca outro prazer.

O' meu amigo Africano,
Agora vejo a verdade;
Que me tem levado o engano
Toda minha liberdade;
Leva o dia, leva o anno:
Mas pois que Deos assim quer,
Ou a minha triste sorte,
Vá tudo como quizer:

Que não ha mais de uma morte:
Tarde, ou cedo, hei de morrer.

EGLOGA V.

A QUAL DIZEM SER DO MESMO AUTOR.

INTERLOCUTORES.

RIBEIRO, E AGRESTES.

AUTOR.

Ribeiro, triste pastor,
De Ribeira namorado,
Vendo-se d'ella apartado;
Lamentava sua dôr,
Nascida de seu cuidado:
Ia-se polos vallados
Suspirando, e polos montes;
Os tempos que eram passados,
Seus olhos tornados fontes,
Todo cheio de cuidados.
  Não descansa com cuidar,
Nem sem cuidados descansa;
Tudo lhe dava pesar;
Com as cousas de folgar
Ribeiro, triste, mais cansa.

Dizem que se desterrou,
Bem contra sua vontade,
Que seu descanço mudou,
Porem não a soidade
Que firme sempre ficou.
  Conforme a seu penar
Aquella terra buscou
Pera de si se vingar,
Onde não pode leixar
De penar o que penou:
Era saudosa a terra:
De uma parte a cercam valles,
Da outra a cerca a serra:
Dalli via fazer guerra
Contra si todos os malles.
  Lagrimas lhe vão, e vem;
Com a tristeza sobeja,
Sobejo cuidado tem;
Elle ausente de seu bem
Outra vida não deseja:
Em choupana de afeição
Recolhia seu tormento,
A vida, tão sem razão,
Lançando do coração
Palavras muitas ao vento,
  Ia-se polas ribeiras,
Onde vão as claras agoas:
Alli crescem as canseiras;
Alli as magoas guerreiras,
Alli as guerreiras magoas:
Sentia elle por gloria

O que outros tem por pena;
Mas a vida é tão notoria,
Que bem mostra ter memoria
Do nome, que a condemna.
  Assim quando o sol sahia
Polos saudosos valles,
Em elles seu mal nascia;
E na força de seus malles
Seus males assim dizia:

RIBEIRO. Cuidava eu quando partia,
Posto já na derradeira,
Que mui cedo morreria;
Pois ausente cá me via
Da doce fresca ribeira.
  Onde sohia a passar
A gloria que è já perdida,
Perdida por me queixar
De quem só me quiz leixar
A vida pera tal vida:
Ribeira, que foi de ti?
Que foi de mim sem te vêr?
Perda foi, mas bem por mi,
Que lembrar-me que te vi
Será causa de viver.
  Minha vida vai assi
Ausente de meu querer,
Desejo perdido ser,
Mas tão perdido nasci,
Que me não posso perder;
Minha pena é tão crescida
Que se não póde encubrir;

Nella vou gastando a vida;
Desejei minha partida,
E não me pude partir.
  Ribeira de meu cuidado,
O' cuidado da Ribeira,
Ribeira do bem passado,
Pois de ti vivo apartado,
Comigo vive canseira:
Ando com a fantasia,
Trago uma tristeza tal,
Que morro com alegria:
Tão contente sou com o mal,
Que sempre mal ter queria.
  Vem tormento, e vai tormento,
Vem cuidado, e vai cuidado,
Queixo-me do pensamento
Que já tive bem isento,
E agora o tenho forçado:
Ando por estes outeiros
De um valle em outro valle,
Meus olhos polos ribeiros
Com suspiros verdadeiros,
Dizendo a meu mal que calle.
  De mim mesmo sou imigo;
De mim me quero guardar;
Que em tudo vejo perigo
Com o bem, porque o digo;
Com o mal, polo calar:
Não sei que posso fazer,
Nem sei já polo que espero;
Pois que me vejo morrer,

E me não quer bem querer
A quem eu tanto bem quero.
E' tão dôce meu tormento,
E' tão dôce meu cuidar,
Que faço mais em calar
A gloria do bem que sento,
Que o mal de meu penar;
E neste meu padecer,
Que gloria devo chamar,
Por tão justa causa haver,
Não ouso gram pena ter,
Por pena me não faltar.
Porque com muito pezar
A gloria se irá acabando,
E por nunca me leixar
Em a Ribeira cuidando,
Peno por sempre penar:
Mas Agrestes vejo vir,
Segundo sinto, e cantar;
Seus malles quero ouvir,
Que são muito de sentir,
Pera com elles chorar.

AGRESTES. Que malavindos cuidados,
Me tem tomado antre si;
Nunca taes cuidados vi.

VOLTA.

Eu nunca vi tal cuidar;
Ou se o vi, não sei qual é:
E porém a minha fé

Já mais se póde mudar;
E pois com grande penar
Me tem tomado antre si,
Nunca taes cuidados vi.

FALLA.

O' enganada affeição,
Que me queres? ou te quero?
Quero paixões e paixão;
Cuidados, que sempre vão,
Cuidados, que sempre espero·
Pois que vivo mais penado
Em calar e em soffrer,
Tão longe do bem passado,
Passado, sem ser mudado
Agrestes, do seu querer.

Terá a culpa meu sentido,
Se meu mal fôr mal contado,
Que de mim é bem soffrido,
Sem razão, nem causa dado!
Nelle me vejo perdido:
Da terra donde nasci,
Pois nasci pera cuidado,
Foi de tal sorte meu fado,
Que não sei parte de mi,
Nem parte do bem passado.

E se alguem quizer saber
Os malles, que soffro aqui,
Causados por bem querer,
Saberá que me perdi,

Sem me mais poder perder.
Perdida é minha alegria,
Desterrado em terra alheia,
Alheio do que sohia;
Mas o mal que padecia
Seguro que se não creia.

Que posto que em meu penar,
Vejam certo ser assim,
Sóe-me tão mal tratar,
Que se não póde cuidar
Como já não estou na fim:
E' sem ordem meu comer,
E' sem ordem meu sentir,
E' sem ordem meu querer,
E' sem ordem meu viver,
E' sem ordem meu dormir.

E' sem ordem a paixão,
E é sem ordem meu bem,
Que se vai, e nunca vem;
Mas em fim tristezas são,
Que ordem nenhuma tem;
Cá se o mal cabo tivesse
Minha pena lho acharia,
E se de todo não podesse,
Menos mal inda seria
Se algum remedio houvesse.

O qual não tenho, nem quero,
Nem quero nunca ter bem,
Eu se peno, pena espero,
Do remedio desespero
Pois vejo que nunca vem;

Assim que nesse viver
Continuo viver espero,
E de triste vida ter
Contente sou, pois o quer
Quem não crê o que lhe quero.
Já não quero o que desejo,
Pois que já não póde ser,
Porém tenho mal sobejo,
Mal sobejo, porque vejo
O que não quizera vêr:
Mas pois que eu o mereço,
E a causa me condemna,
Por remedio a morte peço,
Pois a vida que padeço
E' paga de minha pena.

RIBEIRO. Quem te trouxe por aqui,
Agrestes, triste pastor?
Dize-me que foi de ti?
Dias ha que te não vi,
Não te vêr fôra melhor:
Vejo-te andar mudado,
Não solias assim ser,
Tu me conta o teu cuidado,
Que um penado a outro penado
O sem mal póde dizer.

AGRESTES. Ribeiro, pastor amigo,
O meu mal é tão sem cura,
Que se o calo é gram perigo,
E perigo mais se o digo
Pera maior desventura;
Tantas estrellas não tem

O Ceó, nem peixes o mar;
Quantos malles vão e vem
Em mim triste, que do bem
Pouco bem posso contar.

RIBEIRO. Agrestes, firme pastor,
Não te deves de queixar;
Eu tenho queixa maior
Pois com a minha gram dôr
Podes consolo tomar;
E pois que vens tão cansado,
Aqui deves descansar;
Desabafa o teu cuidado.
Pois eu, mais desconsolado,
A ti posso consolar.
Já se sabe a tua fé,
E a causa que te condemna;
Tudo bem claro se vê:
Remedio dos tristes é
Companheiros ter na pena;
Teus malles desejo ouvir;
Tu não me queiras negar
O sentir do teu sentir,
Que mal se pode encubrir,
Agrestes, o teu penar,

AGRESTES. Se a força nunca faltára
Na força de meu cuidado,
Meu cuidado te contára,
Porque, Ribeiro, cuidara
Que ficara bem contádo;
Mas é tanta a paixão,
Que mal se pode contar:

As forças tão poucas são
Tiradas do coração,
Que não me pode aturar.
  E querendo-te dizer
As dores do meu tormento,
Nascidas do bem querer,
Houvera triste de ter
Mais livre o meu pensamento;
E pois remedio não vejo
Pera t'as poder contar,
Tomarás o meu desejo,
Que deste mal tão sobejo
Outro não pode ficar.
  Longos tempos ha que vi
Uma fermosa pastora,
Fermosa só pera si;
Fez-se senhora de mi,
Sem me querer ser senhora:
A qual tinha outros amores,
Segundo depois senti:
A outro dava favores,
E a mim todas as dores,
As dores todas a mi.
  No principio do querer
Era livre, e mais izento,
Pera agora triste ser
Com dobradas dores ter,
Porque agora é que as sento;
Pois aquella liberdade,
Aquelle livre sentido,
Aquella livre vontade,

Pago cà a saudade,
Que tenho do bem perdido.
  O meu bem, e mal mudado,
Inda que me desterrei,
Não desterrei o cuidado
Cuidado do bem passado,
Passado, porque o passei;
Mudei terra, mudei lár,
Gloria, descanso, e prazer;
Esta terra vim buscar,
Onde cresce o meu penar
Pera sempre pena ter.
  E sendo longe criado,
Determinaram os fados,
Que viesse desterrado
Nesta terra, onde um cuidado
Traz comsigo outros cuidados:
Porque esta terra é
Alheia ao meu cuidar,
Onde pera mais penar
Nenhuma cousa se vê,
Que me possa gosto dár.
  Nada nella me contenta
Senão só triste o chorar;
Onde mais me descontenta,
Passo continua tormenta,
Tormenta quero passar;
Padeço frio com calma,
Contra toda a natureza,
Não vejo senão tristeza,
E atravessada minha alma

Com as setas da crueza.
  A's agoas não costumado,
Nem me posso acostumar,
Não posso dellas gostar;
Assim mal aventurado,
A sède me quer matar:
O manjar é desgostoso
Alheio do meu comer:
Do tempo vivo queixoso;
Assim, Ribeiro; não posso,
Ter descanso, nem prazer.
  Nada me pode alegrar;
De tudo tenho paixão;
Isto não pode durar,
Cuidados são meu manjar,
Beber as lagrimas são:
Não tenho nenhum amigo,
Que me queira consolar,
Porque tal estremo sigo,
Que de mim mesmo sou inigo
Pera mais me condemnar.
  Toda a pena me é presente,
E a gloria de mim se alheia,
E posto que sou doente
Pera este mal não consente,
Haver arte Apolinea:
Estes ares são mortaes,
E o que mais me desbarata,
E dá dores desiguaes,
E' lembrar-me os sinceiraes
De Coimbra; que me mata.

E vivendo, triste, cego
Não sei mesquinho que faça,
Estou mettido em tal pego,
Que suspiro por Mondego,
E choro por a Regaça;
O meu mal é tão sobejo,
Que parte não sei de mim,
E fingindo no desejo,
Como que a Mondego vejo,
Muitas vezes digo assim:
O' Mondego meu amigo,
E senhor das claras agoas,
A ti sò meus males digo,
Minhas magoas vão comtigo,
Comtigo vão minhas magoas.
Mil vezes lhe estou fallando,
Outras muitas meu mal callo,
Em nada determinando,
Florisendos me lembrando,
Tambem a elle lhe fallo.
O' Florisendos pastor,
Que se tu meu mal soubesses,
Eu seguro que tivesses
De minha dôr grande dôr;
Ainda que não quizesses:
Haverias dó de mi;
Que em barbara terra vivo;
Depois que me apartei de ti,
Florisendos, não me vi
Uma hora sem ser cativo.
Senão te poder fallar,

Se certo que minhas dores
Me não deram esse vagar,
Deves-me de perdoar,
Pois que foi erro de amores,
Os meus amigos passados,
Ribeiro já m'hão leixado,
E por verem que meus fados
Eram neste, mal mudados,
De mim todos se hão mudado.
  Sendo bemaventurado,
Mil amigos te verão;
E porem sendo trocado,
O teu bem em mal passado,
De ti todos fogirão:
E com a fortuna afastar
Verás todos afastados:
Assim que por não errar
Em mim quiz experimentar
O exemplo dos passados.
  Se fôr mudado teu bem,
Não esperes por amigo,
Porque o gorgulho não vem
Em as tulhas, que não tem
Abundosamente trigo,
Mas isto não desbarata
A causa de meu viver,
O ciume é que me mata,
Este só tão mal me trata,
Que o não posso dizer.
  Este é, que me faz sentir;
Este é, que me faz morrer;

Este é, que me faz fugir
As cousas do ledo sér:
E este me faz querer
Muito mal, que mal me quero;
Quero por elle mal ter,
Pois elle me faz perder
A esperança do que espero.
  Este vive arreigado,
E na minha alma mettido,
E nella está sepultado;
Na tristeza foi criado,
E de dòres combatido:
Vês aqui o meu viver
Ganhado por afeição,
Julga tu qual póde ser,
E só o teu padecer
Lhe fará comparação.

RIBEIRO. Se forte é tua paixão,
Mór é muito meu soffrer,
E tu não me queres crer,
Porque te cega a affeição
Nascida do bem querer:
Por sér mal, e por sér teu,
Me peza como è rázão:
E porem triste do meu,
Pois a causa que m'o deu
Fica por satisfação.
  De sorte que meu sentido
Não pode haver outra gloria,
Senão só ficar vencido,
E ganho sendo perdido,

E é assás grande victoria:
Este mal te contaria
Se se podesse contar,
Ditoso eu que o sentia,
E mais ditoso seria
Se podéra estorvar.
O mal de que sou ferido
De ausencia foi gerado,
D'outrem foi elle nascido,
E de mim é só soffrido,
E de mim é só chorado:
Com lagrimas de coração
Me sohia eu sustentar,
Aos olhos dellas vão,
Tantas que já o chorar
Não me dá dôr, nem paixão.
Que por consolo não ter,
Foi nascer minha canceira,
De ausencia de me vêr;
Ausente de uma ribeira
Donde me vinha o prazer:
Donde toda a realeza
De aves vinham beber,
E a mesma natureza
Ribeira, de tal grandeza
Nunca cuidou de fazer.
Alli flôres, alli rosas,
Natura quiz esmaltar;
Alli arvores graciosas,
E agoas mui saudosas,
Que depois vão dár ao mar;

Alli tudo parecia
Paraiso terreal;
E o Sol mui claro luzia,
Que nenhuma cousa havia
Que désse nojo, nem mal.
  Alli arvores, alli flores,
Verdes, brancas, encarnadas,
E de outras muitas côres
Nascidas de minhas dôres;
E com lagrimas agoadas:
Dellas nascem outros ribeiros;
Tanto em abastança são
Sahidas do coração,
Que polos pés dos outeiros
Ruido fazendo vão.
  Com ellas rios cresciam,
Tudo alli estava á vontade;
As ondas, quando batiam
Assim manço, nos faziam
Nos corações saudade:
Era emfim tanta belleza
Com vêr alli tantas flores,
E cantar dos roussinóes,
Que esquecia a tristeza,
Que me davam minhas dôres!
  Um ventosinho corria,
Era o ar sereno, e manso,
Que a mesma agoa trazia;
Nesta ribeira vivia,
Agrestes, todo descanso:
Trutas de muito sabor

A ribeira alli criava,
Criava tambem a dôr
De seu triste guardador,
Que com dôres a guardava:
  Ao pé de um castanheiro
Nubroso me punha eu,
Perto era de um ribeiro,
Que c'o nome verdadeiro
Se mudou no nome meu,
E com quantos olhos olhavam
Não tinha gloria inteira,
Nem com as flores que alli estavam;
Mas já nunca se fartavam
Senão só vendo a Ribeira.
  Este, Agrestes, é meu mal,
Que mal se póde encubrir!
Nunca viste outro tal;
O tormento é desigual,
Que este me faz sentir;
Não posso com minha dôr,
Nem me ella póde suster,
Porque dos malles d'amor
Não é este o menor,
Menos se póde soffrer.

AGRESTES. Bem ouvi tua paixão
Pera mais paixão te dár,
Mas um triste coração
E' tão fóra de razão,
Que não sabe consolar:
Porque eu soffro tambem dôr
Em os ciumes causada,

E segundo quiz amor
Eu cuido foi a maior,
Que nas dôres foi criada.

RIBEIRO. Agrestes, não póde ter
O meu mal comparação,
Porque o mal de ausente ser
Não se póde padecer,
Nem lhe podem ir á mão:
Leixei a minha Ribeira,
Minha rosa, meus amores,
Vim provar esta canseira,
Nem se póde ter maneira
Com que mitigue estas dôres.

Porque eu te digo em verdade,
Que desque não pude ver
Aquella graciosidade
Me faz tanta saudade,
Que em mim não reina prazer;
Lembra-me aquelle cantar,
O correr d'aquellas agoas,
Causa-me isto gram pennar,
E folgo de me entregar
A' magoa das minhas magoas.

Folguei bem de te contar,
Agrestes, o meu viver,
E podeste contentar,
Pois vês que o meu penar
C'o teu não tem que fazer;

AGRESTES. Ribeiro, estás enganado,
Que os ciumes são mortaes;
A quem vires seus sinais

Da-o tu por sepultado,
Não espere remedio mais.
  Porque se ausensia dá pena
Pode ser remediada,
E presente não tens nada;
Mas a mim quem me condena
Em nenhum lugar me agrada,
Que este mal verdadeiro
Com tal extremo se sente
Que quando me acho prezente;
Torno tão triste, Ribeiro,
Que folgo de estar ausente.
  Que sou tão mal recebido
Da causa de meu penar,
E della tão pouco crido;
Que não sabe seu sentido
Que possa determinar;
Assim com pena crescida
Passo minha mocidade;
Assim se vai minha vida,
A qual tenho já perdida;
E perdida a liberdade.
  Acho-me cheio de enganos,
Nelles vejo acabar
O melhor de meus bons annos;
Fui nascido pera danos
Quem m'os poderá tirar:
RIBEIRO. Tu és agalardoado
Como a razão o consente,
Pois que queres ser penado,
E offereces teu cuidado

A quem te é tão diferente.
Mas eu que sei que faria,
Se ante si me tivesse
Ribeira tanta alegria,
E sei quanto sentiria
O meu mal se o soubesse;
Porque não queres que senta
A perda de tanto bem,
E pagar-lhe o que me tem,
Que não é nada izenta,
Nem tem odio a ninguem?

AGRESTES. Já sei que é dôr mortal,
A que te vejo sofrer,
Pois a causa della é tal,
Que faz ser doce teu ver:
Por ausente assim te vêr:
Polo que concedo eu
Que o teu mal é maior,
E diferente do meu,
Pois que perdes o favor,
Que tua dita te deu.
Mas mostras com saudade,
Que valentia não é,
Mas tem mui inteira fé,
Que na mór adversidade
Logo o remedio se vê;
Não chores, mas torna em ti,
Que te vejo mui mudado
Quem te pôz nesse cuidado,
Te mandará ir d'aqui,
E serás remediado.

Ribeiro, tem confiança,
Que Deos dará de seu bem,
E não percas a esperança,
Pois a gloria, que se alcança
Muitas vezes se detém;
Não queiras tão triste ser,
Nem teu inimigo sejas,
Porque assim podes morrer,
Depois não poderás vèr
A Ribeira, que desejas.

RIBEIRO. Agrestes, a esperança
Nunca me fallecerá,
Mas tão firme em mim será,
Que nunca fará mudança,
Nem nada se mudará:
Porque crê que esta sómente
Me dá todo soffrimento,
Esta quer que o meu tormento
Esteja sempre contente
Na força do pensamento,
Porque se esta fallecesse,
Já a morte me daria,
Quando ella não quizesse,
Mas esperar não perderia
Por cousa que me viesse:
Primeiro hão de correr
Pera traz rios e mar,
Nas cousas discordia haver,
Que a mim me fallecer
Desejo de inda a gozar.

AGRESTES. Deos te cumpra teu desejo,

Ribeiro, pastor amigo,
Que o meu já o não vejo:
Eu me vou n'aqueste ensejo,
Paz de Deos fique comtigo:
Mas podes-te aqui ficar,
Pois no Ceo ha já nublados,
Não verás o caminhar,
Recolhamo-nos c'o cantar,
Que mal avindos cuidados.
  Que mal avindos cuidados
Me tem tomado antre si,
Nunca taes cuidados vi:
Uma cousa me pede um,
Outra me pede est'outro,
Não posso tomar nenhum,
Porque um é contrario a outro:
Isto me deram meus fados
Porque nunca veja o fim
Aos mal avindos cuidados
Que me trazem antre si.

ROMANCE.

Ao longo de uma ribeira,
Que vai polo pé da serra,
Onde me a mim fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dôr;
Já era tarde do dia,
E a agoa della corria
Por antre um alto arvoredo,

Onde ás vezes ía quedo
O rio, e ás vezes não.
Entrada era do verão,
Quando começam as aves,
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso;
Ao rugido saudoso
Das agoas cantavam ellas,
Todalas minhas queréllas
Se me pozeram diante;
Alli morrer quizera ante,
Que vêr por onde passei;
Mas eu que digo? passei!
Antes inda hei de passar
Em quanto hi houver pezar,
Que sempre o hi ha de haver.
As agoas, que do correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ao pensamento,
Que assim eram minhas magoas;
Donde sempre correm agoas
Por estes olhos mesquinhos,
Que tem abertos caminhos,
Polo meio do meu rosto;
E já não tenho outro gosto
Na grande desdita minha,
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como;
Donde eu certa crença tomo,
Que pera me leixar veio.
Mas tendo-me assim alheio,

De mim o que alli cuidava;
Da banda donde a agoa estava,
Vi um homem todo cãa
Que lhe dava polo chã,
A barba e o cabello:
Ficando eu pasmado dello,
Olhando elle pera mim,
Fallou-me, e disse-me assim:
Tão bem vai esta agoa ao Tejo.
Nisto olhei, vi meu desejo
Estar detraz triste só,
Todo cuberto de dó
Chorando, sem dizer nada,
A cara em sangue levada,
Na boca posta uma mão,
Como que a grande paixão
Sua falla lhe tolhia.
E o velho que tudo via,
Vendo-me tambem chorar,
Começou assim fallar:
Eu mesmo sou teu cuidado,
Que n'outra terra criado,
Nesta primeiro nasci:
E est'outro que está aqui
E' o teu desejo triste,
Que má hora o tu víste,
Pois nunca te esquecerá;
A terra, e már passará
Traspassando a magoa a ti.
Quando lhe eu aquisto ouvi,
Soltei suspiros ao choro,

Alli claramente o foro
Meus olhos tristes passaram;
De um bem só qu'elles olharam,
Que outro nunca mais tiveram,
Nem o tive; nem mo deram;
Nem o esperei somente;
De só ver fui tão contente;
Que pera mais esperar
Nunca me deram lugar.
E naquisto triste estando,
Com os olhos tristes olhando
Daquellas bandas dálem,
Olhei, e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo até chegar
Acerca de Monte mór,
Com meus malles derredor,
Da banda do meio dia
Alli minha fantesia
Dantre uns medrosos penedos,
Ond'aves que fazem medos
De noite os dias vão ter,
Me sahiu a receber
Com uma mulher polo braço,
Que, ao parecer, de cansaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo: Vês, triste, aqui.
A triste lembrança tua,
Minha vista então na sua
Puz; della todo me enchi,
A primeira cousa que vi,

E a derradeira tambem,
Que no mundo vão, e vem:
Seus olhos verdes rasgados,
De lagrimas carregados
Logo em vendo os pareciam,
Que de lagrimas enchiam
Contino as suas faces,
Que eram gram tempo pazes
Antre mim, e meus cuidados;
Louros cabellos ondados,
Que um negro manto cobria,
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver
Como furtados, tirou;
Depois em cheio me olhou;
Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando,
Disse assim mui só sentida;
Pois que mór dôr na vida,
Pera que houve ahi morrer?
Calou-se sem mais dizer,
E de mim gemidos dando,
Fui-me pera ella chorando
Pera a haver de consolar.
Nisto poz-se o Sol ao ár,
E fez-se noite escura,
E disse mal á ventura,
E á vida, que não morri.
E muito longe d'alli
Ouvi de um alto outeiro

Chamar Bernardim Ribeiro;
E dizer: Olha onde estás.
Olhei diante; e detras,
E vi tudo escuridão,
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que ós perdi
Nunca vi tão grande bem,
Porem inda mal porem,

ROMANCE

DE BELERMÁ, COM SUA GLOSA. (*)

O' Bélerma!* ó Belerma!
Por mi mal foste engẽdrada:
Que siete ãnos te servi
Sin de ti alcançar nada:
Agora que me querias

(*) Este romance, e o seguinte, que principia « Justa fue mi perdicion » assim como a poezia: « Passando el mar Leandro » são as obras de Bernardim Ribeiro, a que nos referimos em a nota a paginas 315 encontradas no folheto impresso em 1536.

Escriptas em hespanhol, não devia-mos alteral-as na ortographia; e por isso a conservámos fielmente.

Muero-me nesta batalha;
No me pesa de mi muerte,
A un que tẽplano me llama;
Mas me pesa que de ver-te,
Y de servirte dexava.
Montesinos, montesinos,
Una cosa os demandava;
Que des que yo sea muerto,
Y el anima arrancada;
Vós llevad mi coraçon
Adonde Belerma estava:
Que tenga de mí memoria
Una vez en la semana;
Dezilde que se se acuerde
Que tan caro me costava;
Y dal de todas mis tierras,
Las que yo señoreava,
Y servilda en mi lugar
Como de vos se esperava.

GLOSA.

Quãdo está con la razon
Ligado el entendimento;
Por mas que viene d'afan
Nunca pudo el coraçon
Quitarle de su assiento:
Mas agora la lengua erma,
Y de razon apartada,
Dizen com sua boz enferma
O' Belerma! ó Belerma!

Por mi mal fuiste engendrada.
Es tã grãde el biẽ q̃ viene
Del mal que por ti sofresce,
Que al q̃ màs pena sostiesce
Mayor gloria le condene;
Pues que por ti la padece,
Y pues es penar por ti,
Justa pena descançada
No me oyran dezir a mi,
Que siete ãnos te servi,
Sin de ti alcançar nada.
  Sabes quãdo me dixera
Quãdo por ti no penara,
Tanto bien no me viniera,
Si madre no te pariera
Y padre no t'engendrarà.
Mas ay q̃ en mis profias
Tal profecia no se halla,
Que diga en fin de mis dias.
Agora que me querias,
Muero-me nesta batalla.
  Lo que nunca me quesiste
Alo menos si lo has hecho,
O si algun amor me tuviste
No io vi que lo escondiste
En lo oculto de tu pecho;
Mas pues mi dichosa suerte
Dexara biva la fama
Que pene por bien quererte
No me pese de mi muerte
Aunque templano me llama.

Mas muero cõ un temor
Que alguno dirá por yerro;
Belerma, tu servidor
No murio de mucho amor;
Y matole poco hierro:
Y aunq̃ este pesar tan fuerte
Pera matar mé sobrava,
Sin las heridas de muerte,
Mas pesa-me que de verté
Y de servirte dexava.
Si agora, Belerma mia;
Aqui te pudiesse ver,
Mi alma no partiria,
Ni la morte llegaria
De pezar de mi plazer.
O' cielos, planetas, signos
Quien dixéra donde estava,
Antes de mis desatinos;
Montesinos, montesinos,
Una cosa os demandava.
Antes que permita Dios
Que el dolor prive el sentido,
Qu'es uno somos los dos
Lo que primero ruego a vos
No lo pongais en olvído.
Primero quel descõcierto
La lengua tenga turbada,
Quedemos com tal concierto,
Que des que yo sea muerto,
Y el anima arrancada,
Vos como quiẽ toda cosa

Sin medo reinar enel,
E nesta carne medrosa,
Con voluntad piadosa
Usad actos de cruel,
Y arrancad sin compassion
Lo q̃ en mi pecho penava;
Y luego, sin dilacion,
Vos llevad mi coraçon
Adonde Belerma estava.

Belerma, culpa de osado
Me dara, en tenelle fe,
Vos harcis me mal culpado
Osar penar lo penado,
Yo mas pues no pene.
Mas, dexada aquesta historia;
Rogad ala mas q̃ humana,
Pera dar gloria á mi gloria,
Que tenga de mi memoria
Una vez en la semana.

Pero no mirais q̃ pido
La razon sale de quicio
Y esto hallo quãdo mido
Cõ las sonbras de su olvido
La falta de mi serviço.
La consciencia me muerde
Delo poco que penava;
Mas pues la vida se pierde,
Dezilde, que se acuerde
Que tan cara me costava.
Ay! ay! no mirais que digo,
Los sentidos se me fueron,

Ella los tiene consigo;
El amor es buen testigo,
Sus ojos me los predieron:
Mas partido destas sierras
Pera do Belerma estava,
Contalde de ñras guerras
Y del de todas mis tierras
Las que yo señoreava.
E si, quando le direis
Como muerto me derais,
Piedad enella vereis
Ruegos primo que os torneis
Y desir me lo vengais.
El dolor solo hablava;
No veis que devanear
Mas yà la primo a buscar
Y seruilda em mi lugar
Como de vos s'esperava.

ROMANCE.

Justa fue mi perdicion
De mis males soy contẽto,
No espero galardon;
Pues uño merescimento
Satisfizo a mi passion

GLOZA.

Bien supo el amor q̃ hizo
En darme tal pensamiento;
Que del primer movimento
A si mismo satisfizo,
Y a mi me dexo contento.
Satisfizo la razon,
Al amor, y el a ella;
Luego supo el coraçon
Que, en tan alta querella,
Justa fue mi perdicion.
Tã cõtento, y tal, me tiene
La congoxa que en mi está,
Que si dolor sobre viene
El mal, que tengo, se va
De gozo daquel que viene;
Y si q̃ da algum tormento
Sufre se co'nel quereros
Que en mi grave pẽsamiento,
Solo en ver q̃ supe veros,
De mis males soi cõtẽto.
Y aunq̃. mal contradiga,
El cuerpo por tener falta
Rompiendo toda la liga,
El alma, como mas alta,
Sentremete em mi fatiga.
E puesto mi coraçon
Ante vos, como juzgado
Atentado en mi passion,

Dize ya pues soy pagado
No espero galardon.
La congoxa que padesco,
De buena me da la vida.
Que ẽ ser vós por q̃ enfenesco.
Mi mal paga lá medida
Delo que por el meresco:
Con este conoscimiento,
Pagado de mi passion,
Dela sobra del tormento
Sin dar cabo ami razon,
Pues vrõ merescimiento:
Acabo el entendimento
Lo que agora aqui se dizé,
Y dixo a mi pensamiento;
Pues por vos mé satisfize;
Tened vos mi régimento,
Tras esto en mi coraçon
Vi sonar esta respuesta:
Ved mi mal sí es con razon
Que la pena en venir prestá
Satisfizo a mi passion.

Passando el mar Leãdro
El animoso,
En amoroso fuego
Todo ardiendo,
Esforçó-se el viento,
Y fuesse embravesciendo.
El agua, con un impetu

Furioso.
Vencido del trabajo,
Presuroso,
Contrastar las ondas
No pudiendo,
Y mas del biẽ q̃ alli perdia
Muriendo;
Que de su propria muerte
Congoxoso.
Como pudo esforço
Su boz cansada,
Y alas ondas hablo
Desta manera,
Mas nunca fue su boz
Dellas, oyda.
Ondas pues no se escusa
Q'yo muera
Dexad-me alla llegar;
Y ala tornada
Vuestro furor executa
En mi vida.

DE BERNARDIM RIBEIRO A UMA MULHER QUE SERVIA. E VÃO TODAS SOBRE *MEMENTO*. (*)

Lembre-v'os, quão sem mudança,
Senhora, é meu querer,

(*) Estas *trovas*, e a seguinte *cantiga*, vem publicadas no *Cancioneiro* de Rezende, desde paginas 192 v. a 193.

Perdida toda esperança,
E de mim vossa lembrança
Nunca se póde perder.
Lembre-v'os quão, sem porque,
Desconhecido me vejo;
E, comtudo, minha fé
Sempre com Vossa mercê,
Com mais crescido desejo.

Lembre-v'os, que se passaram
Muitos tempos, muitos dias;
Todos meus bens s'acabaram;
Comtudo, nunca mudaram
Querer-v'os minhas porfias.
Lembre-v'os, quanta razão
Tive pera esquecer-v'os;
E sempre meu coração,
Quanto menos galardão,
Tanto mais firme em querer-vos.

Lembre-vos; que sem mudar
O querer desta vontade,
M'haveis sempre de lembrar
Té de todo m'acabar
Vós, e vossa saudade:
Lembre-v'os, como pagaes
O tempo que me deveis:
Olhae quão mal me trataes.
Sou o que vos quero mais;
O que menos vós quereis.

Lembre-vos tempo passado,
Não porque de lembrar seja;
Mas vereis quão magoado

Devo de ser, e o cuidado
Do que minh'alma deseja.
Lembre-vos minha firmeza;
De vós tão desconhecida;
Lembro-v'os vossa crueza
Junta com minha tristeza,
Que nunca foi merecida.

Lembre-v'os, que se quizereis;
Assim como consentistes
Nestes meus malles, fizereis;
Com o menos que podereis,
Não serem meus dias tristes.
Lembre-v'os quão mal tratado
Lembranças vossas me trazem;
Eu sempre menos mudado,
Quanto mais desesperado
Vossas mostranças me fazem.

Lembre-v'os a quão má vida
Tenho, por bem vos querer:
Esta dôr faz mais crescida
De m'o assim desconhecer.
Lembre-v'os, minha senhora,
Que, por já me vêrdes vosso;
Mostraes que vos desnamora
Procurar ver-vos cad'hora,
O qu'eu escusar não posso,

Lembre-vos, que nem por isso,
Minha fé vereis mudada;
O que 'stá claro e bem visto,
Pois cousas móres n'aquisto
Tiveram forças de nada.

Lembre-v'os, qu'outra mercê
De mim nunca foi pedida,
Senão só que minha fé,
Pois tinha causa porque,
Fosse de vós conhecida.
Nestes dias dezimados,
Lembre-vos, com quanta pena
Hão de viver meus cuidados,
Sendo já desesperados,
Vendo que nada os condemna.
Lembre-v'os que vida tal
Nunca vol-a mereci;
Olhae bem em quanto mal
Me pagaes o ser leal
Com o tempo que vos servi.

FIM.

Lembre-v'os, que vosso amor
M'ha, Senhora, d'acabar,
Pois com tanto desfavor
Nunca óra minha dôr
De vós me póde apartar.
Lembre-v'os, pois nisto espero
D'acabar, qu'acabo aqui,
Que, com quanto desespèro,
Não menos assim vos quero
Que no dia em que vos vi.

———

CANTIGA SUA.

Nunca foi mal nenhum mór,
Nem n'o ha hi nos amores,
Qu'a lembrança do favor

No tempo dos desfavores.
  Eu, por minha má ventura,
Não ha já mal que não visse;
Mas nunca tanta tristura
Me lembra qu'inda sentisse.
Fui e sou grande amador,
E vai-me bem mal d'amores;
E muitos vi de gran dôr,
Mas este, suma das dôres.

——

DE BERNARDIM RIBEIRO A UMA SENHORA QUE SE VESTIU DE AMARELLO (*).

Té'qui me pud'enganar;
Mas agora que podeis
Trazer a côr do pezar
Pera mim só a trazeis;
Qu'a dôr do desesperár
E' tanto mal de soffrér,
Que não é pera passar,
Quanto mais pera trazer.
  Mas isto vae d'aquel'arte,
Quando s'antre montes brada,
O tom é em uma parte,
Em outro é a pancada.
Assim foi qu'a minha dôr

(*) As seguintes peças poeticas tambem não vêm comprehendidas nas edições das obras de Bernardim Ribeiro, e só no *Cancioneiro* de Rezende, de paginas 211 a 212.

Mostrou em vós o signal,
Porqu'ao menos na côr
Vos lembrasseis do meu mal.

CANTIGA SUA Á SENHORA MARIA QUARESMA.

Uns esperam a quaresma
Pera se nella salvar:
Eu perdi-me n'ella mesma,
Pera nunca me cobrar.
Mas com esta perda tal
Eu m'hei por mui bem ganhado,
Porque o melhor de meu mal
Está todo no cuidado.
Os que cuidam qu'a quaresma
Não é pera condemnar,
Se a virem, nella mesma
Mal se poderão salvar.

OUTRA SUA.

Antre camanhas mudanças
Que cousa terei segura?
Duvidosas esperanças,
Tão certa desaventura.
Venham estes desanganos
Do meu longo engano e vão,

Que já o tempo e os annos
Outros cuidados me dão.
Já não sou pera mudanças,
Mais quero uma dôr segura:
Vá crer as vãas esperanças
Quem não sabe o qu'aventura.

ESPARÇA SUA Á UMAS SUSPEITAS (*).

Suspeitas, vêde-m'aqui;
Levai-m'onde desejaes,
Quanto pôde vos soffri,
Já agora não posso mais.
Sabe Deus bem como eu vou,
Mas não póde aqui ser al,
Que já de triste não sou
Por mim, nem polo meu mal

OUTRA ESPARÇA SUA.

De esperança em esperança,
Pouco a pouco me levou
Grande engano ou confiança,
Que me tão longe leixou.
Se nisto tomára outr'ora

(*) Esparça era uma certa combinação de rimas, que de ordinario tinha doze versos.

Cuidára de vêr-lhe fim,
Mas qu'hei de cuidar já agora,
Sem esperança, sem mim!

OUTRA ESPARÇA SUA.

Chegou a tanto meu mal
Que não sei estar sem elle,
E fujo donde ha hi al
Como se fugisse delle.
Mas vendo-me em tal estado,
Que me vou claro matar,
Não quero mais que cuidar,
Por vêr sem fado um cuidado
Que me não podem fadar.

VILANCETE SEU.

Antre mim mesmo e mim,
Não sei que se alevantou
Que tão meu imigo sou.
  Uns tempos com grand'engano
Vivi eu mesmo comigo;
Agora no mór perigo
Se me descobre o mór damno,
Caro custa um desengano,
E pois m'este não matou,

Quão cáro que me custou.
  De mim me sou feito alheio,
Antr'o cuidado e cuidado
Está um mal derramado
Que por mal grande me veio.
Nova dôr, novo receio
Foi este que me tomou;
Assim me tem, assim estou.

OUTRO SEU.

Com quantas cousas perdi
Ainda me consolára,
Se m'esperança ficára.
  Mas parece que sabia
Desaventura ou mudança,
Se me ficasse esperança
O bem que me ficaria.
Tornou-se-m'em noite o dia;
Quem tanto bem m'outhorgára,
Qu'ao menos eu m'enganara.
  Tudo me desesperou,
Desemparado de mim;
Cuidado que não tem fim
Este só me não leixou.
De mim nada me ficou,
A vida inda me leixára,
Se me lá assim não ficára.
  Fui tanto tempo enganado,

Quanto cumpriu a meus damnos,
Agóra vão-s'os enganos
Que cumpria a meu cuidado.
Tudo do qu'era é mudado:
Se m'eu tambem só mudára
Quantas magoas qu'atalhára.

OUTRO SEU.

Esperança minha hís-vos!
Não sei se vos verei mais
Pois tão triste me leixaes.
N'outro tempo uma partida
Qu'eu não quizera fazer,
Me magoou minha vida
Quanto eu nella viver.
Desta já que posso crêr,
Que pois qu'assim me leixaes
E' pera não tornar mais.
Após camanha mudança,
Ou desaventura minha,
Onde vos m'hís esperança
Vá-se todo o mais qu'eu tinha.
Perca-s'assim tão n'asinha
Tudo, pois que não olhaes
Quão tarde e mal me leixaes.

OUTRO SEU.

Cuidado tão mal cuidado,
Quando m'haveis de leixar,
Pera tanto não cuidar?
Com meu mal vos soffreria
S'antes da vida perdêr
Cuidaes ainda de vêr
Alguma hora d'um dia.
Mas tudo o qu'eu mais quéria
Já se foi pera um logar
Donde não pode tornar.
Fòram bem aventurados,
Não conhecèram mudança,
Os que na mór esperança
Foram da vida levados.
Não tiveram os cuidados
Que se não podem cuidar
E muito menos leixar.
Esta vida que foi minha,
Tal que vêl-a é crueldade,
Um modo de piedade
Seria matar-m'asinha.
De quant'esperança eu tinha
Não pude uma só salvar,
E vivo, e hei de cuidar.

Não sou casado, Senhora (*)
Pois inda que dei a mão
Não casei o coração.

Antes que vos conhecesse
Sem errar contra vós nada,
Uma só mão fiz casada,
Sem que mais nisso metesse.
Dou-lhe que ella se perdesse,
Solteiros os versos são,
Os olhos, e o coração.

Dizem que o bom casamento
Se hade fazer per vontade,
Eu a vós a liberdade
Vos dei, e o pensamento.
Nisto não me achei contento
Que se a outra dei a mão,
Dei a vós o coração.

Como, Senhora, vos vi,
Sem palavras de presente
Na alma vos recebi,
Onde estareis pera sempre.

(*) Só tivemos conhecimento destes versos pelo livro do Snr. José Maria da Costa e Silva, ao qual nos referimos em o nosso prologo.

Procurámos o referido cavalheiro para delle saber-mos onde a encontrára, e teve a bondade de nos indicar a *Historia da Litteratura Portugueza* por Boutler Week.

Não, dei palavra somente
Não fiz mais que dar a mão,
Guardai vós o coração.

Casei-me com meu cuidado
E com vosso desejar,
Senhora, não sou casado,
Não mo queirais acuitar.
Que servir-vos, e amar
Me nasceu do coração
Que tendes em vossa mão.

O casar não faz mudança
Em meu antigo cuidado,
Nem me negou esperança
Do galardão esperado:
Não me engeiteis por casado,
Que se a outra dei a mão,
Dei a vós o coração.

OBSERVAÇÕES

SOBRE AS DIFFERENÇAS ENCONTRADAS NAS EDIÇÕES DE BERNARDIM RIBEIRO.

—

As differenças que encontrámos entre a primeira edição das Obras de Bernardim Ribeiro, e as mais que se lhe seguiram, convence-nos que a Censura, estabelecida na epocha em que este Livro foi prohibido, passou tambem por elle, como por muitos outros de que temos conhecimento, aquella injusta raspadeira, que tantas obras estrupiou tão sem sabor, sob pretexto de serem ou menos decentes ou menos orthodoxas certas passagens desses livros. Com effeito, a nota que em seguida apresentâmos das obliterações, e emendas feitas em diversas edições, é a todos os respeitos curiosa, e merece que o leitor, compulsando as paginas a que nos referimos, examine por si mesmo a ignorancia com que, em certos tempos, que felizmente já vão longe, se exercia o cargo de censor. Nem nos periodos truncados, nem nas orações substituidas, nem nos versos emendados achámos motivos para descul-

par, de alguma fórma, este crime de lesa-nacionalidade, commettido pela censura nas obras de um prosador e poeta, que mais que todos devia ser respeitado pelos serviços que prestou ás letras patrias.

Além de varios erros, que bem se conhecem ser das impressões, ha as seguintes differenças que, com bom fundamento, attribuimos aos censores.

MENINA E MOÇA.

PARTE PRIMEIRA.

Paginas 52, linha 19. *Um pedaço grande estéve então Belisa desagastada.* D'esta frase em diante até: "E olhando pera ella Belisa" etc. falta nas diversas edições que se fizeram deste livro.

Paginas 59, linha 25. Só na primeira Edição encontrámos as linhas seguintes á frase "e dahi tornou per Lamentor," até á pagina 60, linha 8 "e a Senhora Aonia."

Paginas 66, linha 13. Desde: "Mas lembrando-lhe" até linha 23: "engano tambem dos fados" acha-se cortado em diversas edições.

Paginas 89, linha 1.ª a frase: "porque elle era aquelle como Deos é Deos:" está substitui-

da em diversas edições pela seguinte: "porque elle era aquelle sem duvida alguma."

Paginas 99, linha 17. Desde "certo della," até o fim do capitulo, foi cortado em todas as edições que se seguiram á primeira.

Paginas 107, linha 5. Desde: "Assentando-se então" até pág. 108, linha 10 "pois perdia a vista." Só encontrámos na 1.ª edição.

Paginas 108, linha 28. Desde "mas como lhe pareceu,, até "como que houvesse de entender ,, a paginas 109, linha 5, tambem está cortado.

PARTE SEGUNDA.

Paginas 117. Na terceira edição está o titulo desta parte, pela maneira seguinte: "Livro segundo das Saudades de Bernardim Ribeiro. O qual é declaração do Livro primeiro.,,

Paginas 121, linha 13: "até o serem santas e virtuosas.,, acha-se nas posteriores edições escripta pela seguinte fórma: "até o serem virtuosas.,,

Paginas 162, linha 12. Só na 1.ª edição achámos a seguinte frase: "e o beijava muitas vezes.,,

Paginas 176, linha 11. A frase: "que pa-

recia mais divina que humana,, está cortada em todas as edições.

Paginas 190, linha 12. Tambem se encontra só na primeira edição a seguinte oração: "E' valente, e de linhagem de gente soberba.,,

Paginas 218, ultima linha: "como em confissão,, apparece igualmente cortado nas posteriores edições.

POESIAS.

Paginas 269. O 3.º verso que está na 1.ª Edição "Tanto que veio do Ceu,, está nas outras edições substituido pelo seguinte: "Mas foi permissão do Ceo.,,

Paginas 283. Só na 1.ª Edição se encontram os versos desde: "Depois que ellas foram idas,, até na pagina 285: "Mas assim é, seja assi.,,

Paginas 289, linha 14. O seguinte verso da 1.ª Edição: "Viu-lhe a çapata ter,, está trocado nas outras pelo seguinte: "Sem sentido o viu jazer.,,

Paginas 291, linha 5. Os seguintes versos:

> Aos que hão de acaécer
> Não póde homem resistir,

Que o que ha de ser, ha de ser,
Não se lhe póde fugir,
Defender, nem esconder.

Foram substituidos nas outras edições, pelos seguintes:

Não te posso encarecer
A grande dôr que me obriga
A calando padecer,
Porque de minha fadiga
E' só descanço o morrer.

Paginas 296. Os versos desde: "E ponham na sepultura,, até "Ou o que então de mim houver,,, inclusivè, em paginas 297, foram tambem cortados.

Paginas 297. Os seguintes versos da 1.ª edição:

Mas se a alma e entendimento
Não morrem com o corpo, a magoa
Me ficara. Vamon-os que sento
Que é tempo do gado ir á agoa,
Tambem tem tempo o tormento.

Foram substituidos pelos seguintes:

Mas pera poder ámor
Sustentar mais minha magoa
Entre o fogo e seu ardor

Conserva dos olhos a agoa
Eternizando-me a dôr.

Paginas 299, linha 6. O seguinte verso: "Gotas de sangue soavam,, foi substituido tambem pelo seguinte: "Em grande tristura estavam.,,

Paginas 323. Estes versos:

Roguei a Dos, não só um dia,
Que da vida me tirasse:
Pois me dal-a não queria:
Mas com cuidados maiores;
Crê que Deos se não cura

Foram n'outras edições substituidos pelos seguintes:

Roguei a Deos, não só um dia,
Que da vida me tirasse,
E do mal, que padecia:
Mas com cuidados maiores;
Crè que amor se não cura.

Os Editores.

INDEX.

—

——